

Universidade Federal do Rio de Janeiro

CONTOS DE JOAQUIM CARDOZO: UMA ANÁLISE INTERPRETATIVA

Mariana Conde Moraes Arcuri

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



UFRJ

CONTOS DE JOAQUIM CARDOZO: UMA ANÁLISE INTERPRETATIVA

Mariana Conde Moraes Arcuri

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Letras Vernáculas (Literatura Brasileira).

Orientador: Prof. Doutor Godofredo de Oliveira Neto

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2010

CONTOS DE JOAQUIM CARDOZO: UMA ANÁLISE INTERPRETATIVA

Mariana Conde Moraes Arcuri

Orientador: Prof. Doutor Godofredo de Oliveira Neto

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Literatura Brasileira).

Examinada por:

Presidente, Prof. Doutor Godofredo de Oliveira Neto

Prof.^a Doutora Rosa Maria de Carvalho Gens – PPG Letras Vernáculas – UFRJ

Prof. Doutor Paulo Venâncio Filho – PPG Artes Visuais – EBA/UFRJ

Prof. Doutor Alcmene Bastos – PPG Letras Vernáculas – UFRJ, Suplente

Prof.^a Doutora Eleonora Ziller Camenietzki – PPG Ciência da Literatura – UFRJ, Suplente

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2010

Arcuri, Mariana Conde Moraes.

Contos de Joaquim Cardozo: uma análise interpretativa/
Mariana Conde Moraes Arcuri. - Rio de Janeiro: UFRJ/ FL, 2010.
vi, 169f.; 31 cm.

Orientador: Godofredo de Oliveira Neto

Dissertação (mestrado) – UFRJ/ FL/ Programa de Pós-
Graduação em Letras Vernáculas, 2010.

Referências Bibliográficas: f. 97-100.

1. Letras. 2. Literatura Brasileira. 3. Contos. 4. Joaquim
Cardozo. I. Neto, Godofredo de Oliveira. II. Universidade Federal
do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-
Graduação em Letras Vernáculas. III. Título.

RESUMO

CONTOS DE JOAQUIM CARDOZO: UMA ANÁLISE INTERPRETATIVA

Mariana Conde Moraes Arcuri

Orientador: Prof. Doutor Godofredo de Oliveira Neto

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Literatura Brasileira).

Medianamente conhecido como poeta, Joaquim Cardozo é quase absolutamente desconhecido em sua pequena, porém vigorosa e única, produção ficcional. Os doze contos escritos por Cardozo foram reunidos pelo próprio para publicação em volume, a se chamar *Água de chincho*, mas permaneceram inéditos em livro por mais de 25 anos após sua morte, em 1978. Seus contos quase todos indicam relatos de experiências pessoais, respiram uma atmosfera de vivência particular, não apenas por apresentarem uma narrativa de primeira pessoa, mas, sobretudo, por contarem com um narrador que comumente embute no texto um tom de veracidade e incute a idéia de se tratar de um episódio ocorrido de fato. O tratamento essencialmente narrativo conferido a certos contos, além da frequência significativa de trechos assaz descritivos, por vezes os torna semelhantes a simples crônicas sobre paisagens e acontecimentos aleatórios. No entanto, a narrativa escapa ao clima de desenvolvimento de um relato mero – e aí Cardozo se mostra bruxo oportuno, ajuntando sentidos, memória, sonhos, tensão e desarranjos psíquicos. Partindo de uma abordagem vinculada a sua própria terra, sonhos e lembranças pessoais, Cardozo expande o escopo de seus contos e logra atingir o universal. A prosa cardoziana, quase de todo ignorada por estudos sistemáticos e teóricos, ganha análise interpretativa aprofundada neste trabalho, que visa reforçar o conhecimento sobre a produção do autor, ligando-a definitivamente à pesquisa acadêmica.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Contos; Joaquim Cardozo.

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2010

ABSTRACT

SHORT STORIES BY JOAQUIM CARDOZO: AN INTERPRETIVE ANALISYS

Mariana Conde Moraes Arcuri

Orientador: Prof. Doutor Godofredo de Oliveira Neto

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Literatura Brasileira).

Commonly known as a poet, Joaquim Cardozo is almost completely unknown for his short, yet powerful and unique, fictional production. The twelve short stories written by Cardozo have been put together by the author himself for a volume which would be called *Água de chincho*. However, the texts have remained unpublished for more than 25 years after Cardozo's death, in 1978. Almost all his short stories indicate descriptions of personal experiences, breathing from a private atmosphere, not only for presenting a first-person narrative, but mainly for having a narrator who often gives the text a truthful tone and the idea that an episode comes from a fact. The essentially narrative treatment given to certain short stories, as well as the significantly frequency of rather descriptive passages, sometimes makes them similar to simple chronicles about landscapes and random events. However, the narrative escapes the atmosphere of developing a simple picture – and this is when Cardozo shows himself as an opportune wizard, gathering senses, memory, dreams, tension and mental disorders. Starting from an approach connected to his own homeland, dreams and personal memories, Cardozo expands the range of his short stories and reaches universal themes. This project gives Cardozo's prose, which has been almost completely ignored by systematic and theoretical studies, an interpretative and deep analysis in order to reinforce the knowledge of this author's production, conclusively connecting it to academic production.

Key words: Brazilian Literature; Short Stories; Joaquim Cardozo.

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2010

Sumário

1.Introdução: Joaquim Cardozo – a fatura-fagulha.....	1
2.Aspectos teóricos.....	8
2.1.Revisão bibliográfica.....	8
2.2.Metodologia da pesquisa.....	9
3.Voltando de Marcação.....	10
4.Perdidos nos tabuleiros.....	18
5.Tramataia.....	24
6.O rugido.....	31
7.De novo em Cabedelo.....	39
8.Minha tia Dondon.....	45
9.Na estação.....	52
10.Brassávola.....	58
11.O caminho.....	65
12.A pesca de lagostim.....	75
13.Variações sobre uma vida.....	83
14.Em busca do Marco das Balanças.....	90
15.Conclusões.....	96
16.Referências bibliográficas.....	97
17.Apêndice.....	101

1.Introdução: Joaquim Cardozo – a fatura-fagulha

Joaquim Cardozo, nascido em 1897, foi o notável engenheiro calculista de Oscar Niemeyer – tendo trabalhado na construção de Brasília –, topógrafo, brilhante matemático, capaz de pensar e viabilizar as até então impossíveis e incogitadas proezas arquitetônicas da Nova Capital numa concreção de sua extensamente inquieta e ousada chama intelectual. Dele disse o amigo e parceiro Niemeyer:

Em minha vida profissional, tive o privilégio de encontrar na colaboração amiga e superior de Joaquim Cardozo esse complemento essencial. [...] Sua atuação se mantém, invariavelmente, num alto nível de compreensão e otimismo, interessado em fixar para cada problema a solução justa, a solução que preserve a forma plástica em seus mínimos aspectos, indiferente às dificuldades que poderão advir; certo, como eu, de que a arquitetura, para constituir obra de arte, deve antes de tudo ser bela e criadora. Se lhe proponho solução difícil de realizar, ele a estuda com redobrado carinho, desejoso de não lhe reduzir outros detalhes que acentuem essas características. E a tudo isso acresce o trato ameno e simples do homem inteligente – Cardozo é o brasileiro mais culto que conheço – incapaz de impor uma opinião com a intransigência das coisas irrefutáveis, apresentando-as sempre como sugestões pessoais, que julga justas e convenientes (NIEMEYER 1961).

Profundamente chagado no final da vida pelo episódio do desabamento do Pavilhão da Gameleira, em 1971, projetado por Niemeyer e calculado por ele, causando a morte de dezenas de operários, Cardozo abandonou a profissão e recolheu-se, consternado (anos depois foi inocentado de qualquer responsabilidade pelo acidente).

Homem de larguíssima erudição, era capaz de discorrer sobre assuntos os mais variados, além de poliglota conhecedor de quinze idiomas, estudioso incansável da literatura mundial e amigo íntimo de João Cabral de Melo Neto – que, a seu respeito, afirmou:

Joaquim Cardozo foi um dos maiores poetas que conheci. [...] Foi o homem mais culto que conheci na minha vida. [...] E isso dentro da modéstia que lhe foi sempre característica. Cardozo não procurou os ambientes literários, não procurava ninguém. Só procurava quem o procurasse. Uma das honras que tenho na vida é que ele, já de volta ao Recife, disse a um jornalista que os três maiores amigos de sua vida eram Rodrigo Melo Franco de Andrade, Oscar Niemeyer e João Cabral de Melo Neto. Sua obra é extraordinária, embora não tenha sido suficientemente estudada. Cardozo

encontrou o verdadeiro estilo moderno no Brasil, sem ser modernista. [...] É o maior pernambucano que conheci. Encorajei-me a escrever poesia pernambucana por causa do Cardozo (NETO 1997).

Poeta, contista, dramaturgo, ensaísta, crítico literário, de arte, arquitetura e urbanismo, talentoso desenhista, Cardozo era um humanista supremamente dedicado, de inteligência fulgurante, personagem emblemático da buliçosa boêmia literária recifense nos anos 20 e 30. Pernambucano do Recife, nunca chegou a trilhar o caminho do modernismo que então se espalhava em terras brasileiras; palmilhou, contudo, a seara do “modernismo independente”, “mais ausente do que participante” (ANDRADE 1947), entrando em contato com as novidades literárias dos grandes centros culturais e absorvendo-as com parcimônia a partir da leitura de livros e revistas estrangeiros e da amizade com intelectuais e artistas como Vicente do Rego Monteiro, Gilberto Freyre, Ascenso Ferreira, Cícero Dias, entre outros. Pouco a pouco, o homem tímido de inesgotável erudição, introspectivo e dono de curiosidade sempre vasta, ainda que involuntariamente firmou-se na constelação das letras brasileiras, passando a se constituir em nome de peso e consolidado. Criação de um dos mais instigantes e multifacetados autores brasileiros do século XX, a obra cardoziana, límpida, intriga com sua profundidade e complexidade, desdobrada em poesia, contos, dramaturgia, crítica de arte, de arquitetura e urbanismo, além dos projetos matemáticos e de engenharia.

Cardozo traz sempre uma intensa carga de preocupações metafísicas em sua obra e uma manifestação constante do elemento sobrenatural, além de conjurar uma atmosfera onírica que transpassa toda a trama textual, numa conjugação equilibrada de fantasmático e real perfeita e poeticamente equacionados: “Na sua múltipla visão, ele ousou ir a fundo no seu conhecimento das coisas, não apenas através da lógica da ciência, mas seguindo o itinerário de uma metafísica sentida e pressentida” (NORÕES 2008). As questões metafísicas, a compreensão da força da natureza e a assiduidade do fantástico, pontos amplamente explorados por Cardozo em todos os recantos de sua obra, se acordaram no autor quando de sua infância, no bairro do Zumbi, de cajazeiras, cajueiros, nuvens e terra – num “recorte lírico, que parte de sua cidade, de sua região e que se abre para os mistérios do Cosmos” (LUCCHESI 2008) –, como declara ele mesmo: “Sempre tive visões longínquas. Via as coisas lá longe, não sabia o que eram” (CARDOZO 1977). É o seu Recife, “mágico e real”, “centro de sua terra” (LUCCHESI

2009), lúcido e formoso, orgulhoso e teluricamente fabular, o ponto de partida para sua divagação acerca das coisas do mundo, sua fatura-fagulha.

Ao partir das suas coisas mesmas – seu quinhão de terra solar e catedral, chão de argila preta, antiga e açucareira, a colorida flora local, cajazeiras, mangueiras, cajueiros, nuvens as mais diversas e fascinantes, os costumes das gentes do lugar, seu Recife maravilhoso, alvamente caiado, mítico, alinhavado às mais vivas memórias de infância e juventude – Cardozo conversa com elementos que o moldaram e o fizeram homem e, assim, privilegia um enfoque enraizado, mas não por isso restrito a regionalismos marcados; pelo contrário, ele faz de seu cantão um portal de acesso ao grande segredo – humano, cósmico. É no seu Recife, cidade ancestral, “princípio das coisas poéticas” (LUCCHESI 2008), que Cardozo busca seu recorte, construído à base de sonho, afeto, lirismo e lembrança. A claridade do Recife, derramada em praias e relevos exatos, ostensiva em mar, céu e brancuras areníticas, alumia também a memória do autor e incandesce a imaginação. Saindo do Recife, seu cenário particular e entranhado, cidade que abriga sua recordação, seu devaneio e sua vivência, Cardozo ruma para o universal, o aberto, circular e infinito. Nas palavras do poeta Marcus Accioly:

Procurem-no no leite das mangabas, no látex das resinas, na água dos cocos verdes, nos coquinhos redondos da macaíba e compridos do catolé, no hálito das folhas úmidas, no cheiro das plantas, nos pendões de cana. Procurem-no nas flores dos cajus vermelhamarelos, nos cabelos lisos e crespos da chuva-de-vento e da chuva-de-sol, nos pífanos de bambu soprados por cigarras, no pavão de cores líquidas, nos ninhos das cajazeiras sem cajás, nas gaiolas sem pássaros, nos covos sem peixes, no inverno seco e no verão molhado. Procurem-no na primeira mulher com mar no nome. Procurem-no, procurem-no, procurem-no.

Quando for noite, abram uma janela ou um postigo para que entre a sua sombra e – mal-assombrada ou bem-assombrada – baile até a luz. Deixem pelo menos a clarabóia vazada de lua, que ele se estreita longo, se inclina pelo raio oblíquo, esgueirando-se feito um morcego branco – com asas de anjo – que chupa o sangue das frutas e abana o sono das crianças (ACCIOLY 2008).

No conto “Minha tia Dondon”, por exemplo, temos a irrupção de um clima onírico – também encontrado no belo relato memorial de “Na estação” – ao se narrar o fenômeno da premonição da morte da tia-avó Dondon. Em “Variações sobre uma vida”, Cardozo indaga a respeito da existência, dos motivos de nossa presença nesta terra:

Nós estamos aqui, neste mundo, de passagem; pode ser que tenhamos vindo do nada ou da eternidade, isto é, no espaço onde estivemos antes de nascer nada exista ou tudo exista para sempre; entre o nada e a eternidade não há transição ou passagem; entre o que nada existe e a existência total o que existe é uma seqüência de nada, uma travessia consciente, homo-existente. Essa voz que me persegue, o que será dessa consciência? A sua verdade? A sua abstração? Que parte dela revela esse monólogo sonoro que me atormenta? Monólogo ou diálogo (se é diálogo) é uma conversa, através de mim, entre dois mundos – o anterior e o posterior a nós? E Deus, que parte tem nessa entonação que extrapola de mim mesmo para o Antes e o Depois? A vida é um não ser perene? Isso pode ser uma prova de um não ser divino?

Classificado inadequadamente por Manuel Bandeira como “poeta bissexto”, Joaquim Cardozo sobrepõe deveras como mago do entrançamento

num raro equilíbrio de forças – [de] tradição e inovação, ciência e poesia, metafísica e matemática, aspecto quântico e fronteiras do Universo. E não obstante essa noosfera, de temas e proposições, deparamo-nos com um lirismo delicado, longe de propostas científicas redutoras, ou de presumidas lições [...] Trata-se de [...] um atento seguidor de Leonardo da Vinci, usando outros métodos, mas não abandonando, em momento algum, esse olhar plural, essa intuição das coisas, de sua clareza e complexidade (LUCCHESI 2008).

Na interessante visão de Carlos Drummond de Andrade, um altíssimo e dos mais célebres admiradores:

De fato, pode dizer-se de qualquer verdadeiro poeta que a vida inteira ele desenvolverá um tema único, que é o seu próprio, e que se confunde com a sua natureza e o seu entendimento pessoal das coisas humanas. Esse tema sofrerá um sem número de variações, e exposto sob formas diferentes parecerá diverso, tão diverso quanto os sucessivos objetos a que se aplique a visão poética do autor. Tais objetos, é sabido, não interessam em si, senão pelo fundo de valores jacentes que façam subir à tona [...] ou como ponto de referência para a meditação poética que o autor tentará infundavelmente, embora a saiba sincopada, fugitiva, descontínua, evanescente e, quase sempre, irredutível ao vocábulo. [...] é possível, talvez, chegar à concepção de um só tema, identificado com a pessoa mesma do poeta, ou seja, a própria visão física e metafísica do mundo, que cada poeta leva consigo. [...] é o próprio espírito que oferece a Joaquim Cardozo situações de poesia, com o seu exercício cada vez mais desembaraçado sobre o

universo das formas. E essa poesia se constitui menos das coisas poetizadas do que da própria ótica poetizadora de Cardozo (ANDRADE 1947).

Medianamente conhecido como poeta – autor dos volumes *Poemas*, *Signo estrelado*, *Trivium*, *Mundos paralelos*, *O interior da matéria*, *Um livro aceso e nove canções sombrias*, este póstumo –, Joaquim Cardozo é quase absolutamente desconhecido em sua pequena, porém vigorosa e única, produção ficcional. Os doze contos escritos por Cardozo – “Voltando de Marcação”, “Perdidos nos tabuleiros”, “Tramataia”, “O rugido”, “De novo em Cabedelo”, “Minha tia Dondon”, “Na estação”, “Brassávola”, “O caminho”, “A pesca de lagostim”, “Variações sobre uma vida”, “Em busca do Marco das Balanças” –, embora componham um *corpus* pequeno, possuem significativo valor literário, sobretudo se levarmos em consideração a riqueza de sua composição e seu quase ineditismo. Foram reunidos pelo próprio – sem muita diligência, todavia, como convinha a seu temperamento modesto, solitário e reservado, “um aparelho severo de pudor, timidez e autocrítica” (ANDRADE 1947), conforme afirmou Drummond – para publicação em volume, a se chamar *Água de chincho*, mas permaneceram inéditos em livro por mais de 25 anos após sua morte, em 1978. Não à toa, “água de chincho” é aquela da chuva empoçada – “água de chuva contida dentro das folhas de pequenos gravatás”, no dizer do narrador cardoziano no conto “Tramataia”, integrante do volume¹ –, a coisa contida, a corrente abrigada, a diafanidade aquosa que, ao se fixar e avolumar, se faz espelho do que está fora e de si mesma.

Pouco se tentou – talvez por conta da complexidade incontornável e inerente à tarefa – trazer à luz a obra literária de Joaquim Cardozo – sobretudo seu lado contista –, caracterizada por uma admirável, irrequieta e riquíssima multiplicidade de propostas, interesses e temáticas, em que, numa quase inédita e extremamente bem-sucedida fórmula, se combinam elementos freqüentemente vistos como incompatíveis (metafísica e matemática, ciência e poesia, consciente e inconsciente, real e onírico, macrocosmo e quantum) num belo arranjo composicional de vistoso equilíbrio e inúmeras camadas. É essa lacuna que este estudo, absolutamente original, pretende preencher – posto não haver nenhum trabalho acadêmico dedicado a tema similar. Nunca antes os contos

¹ Uma explicação bastante similar pode ser encontrada em um seu depoimento manuscrito, parte do acervo da pesquisadora Maria do Carmo Pontes Lyra, posteriormente transcrito por Maria da Paz Ribeiro Dantas em *Joaquim Cardozo: contemporâneo do futuro*. Recife: ENSOL, 2003.

cardozianos – de todo ignorados por pesquisas sistemáticas e teóricas – foram analisados, interpretativamente, por meios universitários.

Como bem atestou o crítico Mário Hélio Gomes de Lima: “Nesta *Poesia completa e prosa* também está quase todo o contista Cardozo. Alguém ainda precisa escrever um estudo sistemático sobre essa faceta menos conhecida [...] de sua produção, que, como nas semi-novelas de Gilberto Freyre, mescla memorialismo, ficção” (LIMA 2008).

Muito afastado de visões limitadas e limitantes, de segregações vazias e reducionistas do conhecimento, Cardozo engendra uma trama que se afigura como essencialmente lírica, contempladora da grande e universal experiência do humano; nele convivem delicadeza, precisão, ousadia e vigor. O uno é o seu mistério, o sortilégio que o bruxo Cardozo conjura em sua fatura literária. Ao se devotar às coisas todas, plenas, justas na sua inteireza, à variedade do fulgor do homem, claro e concêntrico, Cardozo elege um olhar que se espraia dentro de um fazer literário exemplarmente resolvido e envolvente.

Seus contos quase todos indicam relatos de experiências pessoais, respiram uma atmosfera de vivência particular, não apenas por apresentarem uma narrativa de primeira pessoa, mas, sobretudo, por contarem com um narrador que comumente embute no texto um tom de veracidade e incute a idéia de se tratar de um episódio ocorrido de fato. O tratamento essencialmente narrativo conferido a certos contos, além da freqüência significativa de trechos assaz descritivos, por vezes os torna semelhantes a simples crônicas sobre paisagens e acontecimentos aleatórios. No entanto, a narrativa escapa ao clima de desenvolvimento de um relato mero – e aí Cardozo se mostra mestre da criação de atmosferas, mago oportuno, ajuntando sentidos, memória, sonhos, tensão e desarranjos psíquicos. Assim é que ele dedica às coisas “uma contemplação que não se deliciava na superfície, buscando penetrá-las no seu significado ou no seu mistério” (ANDRADE 1947). São exatamente seus contos, intrigantes, atraentes, chamejantes, profundamente vinculados ao sonho, ao fantástico e ao sobrenatural, que buscamos analisar neste trabalho, bem como a forma pela qual esse mesmo elemento maravilhoso, enigmático, se insere na prosa cardoziana.

A rotina de enraizamento do sujeito, a “raiz firme das coisas”, do desenrolar do universo que lhe é peculiar, é quebrada por um momento intervalar, pela vacância funcional, em que o homem, jogado na soltura de si e do tempo, se encontra à mercê do fortuito, da violência arrebatadora do mundo, que o convoca e cheia de ímpetos pasma-

o completamente, o faz querê-la profundamente, vivamente. Engolido pela beleza pulsante da coisa que o circunda, o homem deixa-se levar, curva-se ao vigor do imponderável, do puro impacto, puro som, pura imagem. O mundo convida-o muito, e ele anula uma cisão antes pensada e estabelecida ao se entregar, devoto, ao paganismo do desmesurado, do furioso, que não permite neutralidades, e assim espedaça o olhar complacente, exato e limpo sobre si e fratura distâncias que o insulam da unidade fundamental.

2.Aspectos teóricos

2.1.Revisão bibliográfica

Como produto de uma longa pesquisa, logamos encontrar os seguintes autores e obras, ensaios e artigos, todos relacionados aos contos cardozianos e ao tema, neles freqüente, da tensão entre real e imaginado, palpável e quimérico, tema este amplamente abordado neste trabalho.

No círculo cardoziano, cabe ressaltar alguns expoentes de sua cada vez mais sólida e vasta fortuna crítica: o jornalista, antropólogo, professor da UFPE, crítico de arte e literatura e editor pernambucano Mário Hélio Gomes de Lima, autor de um vigoroso e extenso ensaio sobre a criação cardoziana recentemente publicado; o poeta e crítico literário Everardo Norões, organizador da *Poesia completa e prosa* do escritor, autor de um belo e acurado texto concernente à produção literária de Cardozo, além de sua cronologia de vida e obra; Sergio Gesteira, autor da pioneira dissertação “De ventos e números: sobre a poesia de Joaquim Cardozo” (Letras/UFRJ); Evaldo Coutinho, dono de estudos vários sobre o desdobramento da arquitetura na prosa e poesia de Cardozo, Carlos Drummond de Andrade e seu lírico “Prefácio” a *Poemas*; Jorge Amado e as homenagens surgidas na revista *Módulo*; Félix de Athayde e artigos na imprensa; Antonio Houaiss e seu clássico *Drummond mais seis poetas e um problema*; Fernando Py e os artigos e estudos críticos dos capítulos consagrados a Cardozo em *Poetas do modernismo* e *Chão da crítica*; Audálio Alves e sua visão precisa da participação de Cardozo no movimento modernista; os textos de Felipe Fortuna, poeta, crítico literário, ensaísta e professor do King’s College.

Há ainda artigos, ensaios e prefácio do jornalista, professor da UFPE, crítico literário e poeta César Leal; Maria da Paz Ribeiro Dantas, poeta, ensaísta e crítica literária, autora de variados artigos e ensaios e da dissertação de mestrado (Letras/UFPE) “O mito e a ciência na poesia de Joaquim Cardozo: uma leitura barthesiana”, principal responsável pelo trabalho de organização e compilação da obra cardoziana, além da concepção e criação de um *site* integralmente dedicado ao escritor. Não devemos tampouco esquecer os textos de José Guilherme Merquior, Gilberto Freyre, Oscar Niemeyer, Rodrigo Melo Franco de Andrade, os depoimentos e homenagens poéticas de João Cabral de Melo Neto, além do erudito ensaio do poeta, ensaísta, crítico literário e professor Marco Lucchesi.

Não podemos, sobretudo, deixar de mencionar o próprio Joaquim Cardozo. Toda a sua poesia e parte significativa do restante de sua obra – incluindo-se todos os doze contos aqui analisados – encontram-se no volume *Poesia completa e prosa*, que traz, além da produção poética integral, os contos e a crítica de arte e literatura e de arquitetura e urbanismo, um bem cuidado e selecionado aparato crítico contendo estudos relevantes feitos por intelectuais e acadêmicos sobre o escritor e aspectos de sua criação literária.

2.2. Metodologia da pesquisa

Este estudo não contou com trabalho de campo nem de laboratório, apoiando-se sobretudo na pesquisa teórica e bibliográfica. Sendo a pesquisa não-quantitativa, baseamo-nos na coleta de dados bibliográficos em bibliotecas universitárias reais e virtuais, na análise desses mesmos dados e em sua interpretação, na leitura/releitura e exegese dos textos literários, teóricos e acadêmicos citados na seção “Bibliografia”, com elaboração de resenhas críticas e interpretativas e notas sobre os documentos lidos. A partir do recolhimento de todo este material buscamos fazer uma apreciação adequada dos documentos amealhados, elaborando um plano esquemático sucinto e preciso seguido na redação da dissertação.

3. Voltando de Marcação

Assim como os posteriores “Tramataia” e “Perdidos nos tabuleiros” (estudados a seguir), “Voltando de Marcação” mais se aproxima de um relato de acontecimentos sucedidos ao próprio Cardozo, sugestão algo reforçada pela abordagem do tema eleita pelo autor, que privilegia o tratamento narrativo, esmerando-se em passagens descritivas pormenorizadas e muito bem-acabadas. Portanto, como nos dois supracitados contos, “Voltando de Marcação” estabelece uma similitude com o aspecto de crônica, isto é, um contar a respeito de eventos e costumes das gentes do lugar, remota região que Cardozo busca fixar e resguardar do olvido ao escolhê-la como personagem última do conto. Trata-se de uma narrativa que retoma a geografia e histórias locais, erigindo-se na primeira pessoa, sem recorrer a toques estilísticos virtuosísticos. A grande eloquência, aqui, passa ao largo.

É interessante ressaltar em “Voltando de Marcação”, à semelhança do ocorrido em “Tramataia” e “Perdidos nos tabuleiros”, a forma como Cardozo recupera eventos acontecidos por volta da década de 1920, época em que atuava como topógrafo e engenheiro demarcador de terras e sítios distantes dos rincões pernambucanos e mesmo os agrestes da Paraíba. Perfazendo tal trabalho, Cardozo amalha elementos locais a partir do contato com os habitantes e as regiões mais pobres desses estados, e assim adquire experiências únicas, que serão desenvolvidas em seus contos e demais relatos, bem como em poemas.

Essa parecença de condição também pode esclarecer algumas marcadas aproximações de tema, estilo, forma e conteúdo entre “Tramataia”, “Perdidos nos tabuleiros” e “Voltando de Marcação”. Neste conto, como em “Tramataia” e “Perdidos nos tabuleiros”, apesar da aparente simplicidade do enredo e da singeleza desfiada na construção do estilo, o elemento insólito, imponderável, misterioso e algo fantasmagórico (quase sobrenatural) volta a irromper na narrativa, por meio da insinuação de climas lúgubres, fechados, enigmáticos e um tanto perturbadores.

Vejamos como se dá a criação de tais climas sombrios. No início do relato, logo no primeiro parágrafo, o narrador menciona que “a manhã daquele dia nasceu como as dos outros dias: um vento sulão soprando sobre os coqueiros da Baía”. Em seguida, comenta que partira para a vila de Marcação, contrariando o hábito adquirido de sair extremamente cedo para o local de trabalho, onde desempenharia as tarefas do dia. Frequentemente, antes mesmo do alvorecer o narrador parte, mas naquela manhã, no

entanto, como um prenúncio dos eventos fantásticos e incomuns que iriam se desenrolar, o narrador põe-se a caminho apenas com o sol já a pino. A vila de Marcação seria seu destino, perto de Mamanguape, e, para alcançar o local, montaria um velho e magro cavalo, que só possuía as “pistas naturais”, isto é, passo, trote e galope”.

No terceiro parágrafo, o narrador descreve as condições e características de cada uma das pistas, “maneiras de andar de um cavalo que não fora forçado a aprender marchas menos ásperas”. Logo, a partir desse ponto começa a se desenvolver um clima de desconforto, mal-estar e profunda angústia para o narrador, aflição que será agudizada no decorrer da narrativa.

Nos parágrafos a seguir, o narrador esmiúça a forma de chegar à vila de Marcação, abordando a técnica encontrada para viajar no velho alazão sem se “molestar”. Cavalgando dessa forma, chega no mesmo dia ao povoado em que iria realizar o trabalho de demarcação de sítios. Já não era cedo, aproximadamente dez horas da manhã, horário pouco comum, visto que muitas vezes, conforme mencionado, o narrador chegava pelo início da manhã para poder retornar antes do cair da noite.

Apeando-se à porta da venda, “a principal casa de negócio da povoação, e, ao mesmo tempo, hospedaria de forasteiros que por lá transitavam”, o narrador logo busca falar com o dono da venda para que este possa lhe dar o contato do proprietário do sítio que devia demarcar e estudar.

Traz o narrador um ajudante “para transportar o instrumento com que iria cumprir a empreitada” e, além disso, lembra-se de que talvez precise de mais alguns operários locais para efetuar a demarcação do sítio. Logo, faz uma primeira análise visual das terras para cujo levantamento topográfico fora contratado; percebe que deve começar imediatamente o trabalho, com apenas dois assistentes e o trabalhador que levava para fazer as medições. Naquele mesmo dia seria iniciada a tarefa, com o auxílio do proprietário, que poderia fornecer-lhe dois operários. No entanto, um acontecimento algo inesperado faz com que o narrador mude rapidamente de planos, pois ao ouvir, com surpresa, que o proprietário não tinha condições financeiras de arcar com os custos da demarcação topográfica, resolve, logo em seguida, retirar-se da vila de Marcação.

Apesar do projeto anterior de permanecer no vilarejo durante duas noites para poder realizar o trabalho, acaba declinando de tais planos e decide, rapidamente, retornar à Baía da Traição ainda naquela noite. Tenta, pois, “obter transporte para a viagem de volta” o mais urgentemente possível, para evitar a noite escura no caminho.

Permanecera com o narrador o cavalo que viera com o acompanhante, o instrumento e as balizas, mas aquele que sabia apenas passo, trote e galope, como mencionado no início do conto, retornara à Baía da Traição. Era necessário, logo, que se conseguisse montaria para o narrador. Daí a pouco logram arrumar um animal e partem, “quase às sete horas da noite com o dia já escuro”, conforme explicitado no início do décimo quarto parágrafo. Saem um tanto receosos, como se pode perceber pelo seguinte trecho: “[...] partimos ao longo daquele caminho deserto.” Deserto é o caminho e tortuosas são as trilhas que os levarão de volta à Baía da Traição. Sentem-se um tanto contrariados ao terem de enfrentar tabuleiros e capoeirões de mato alto, com cavalos não muito bem treinados e cansados pelo árduo trabalho que enfrentaram durante a tarde, mas resolvem prosseguir a viagem.

Vão em marcha lentíssima, pois os cavalos, exaustos, extremamente exigidos ao longo do dia, não conseguem render o suficiente para que cheguem em hora não tão avançada à Baía: o narrador calcula que somente por volta das onze horas, meia-noite, conseguirão atingir seu destino.

O ponto principal da viagem é alcançado logo após, num determinado lugar repleto de grandes declives. A descida é realizada sem maiores obstáculos, ao passo que a trilha de subida se torna praticamente intransponível para sua montaria, fatigada pelo trabalho executado no dia. Rapidamente o narrador percebe que não pode continuar montado, e prefere, por conseguinte, adotar uma solução mista. Chama o auxiliar, que vai um pouco adiante, e pede-lhe que abandone o animal em que ia montado, que, a partir daí, passará a ser do narrador. O animal que viajava com o assistente e os instrumentos é deixado num tabuleiro, junto com as balizas e o material; o auxiliar segue a pé ao encontro do narrador. Certa demora transcorre ao se fazer a mudança de instrumentos de animal para animal e deixar-se a primeira montaria do narrador no tabuleiro.

No décimo oitavo parágrafo, tem-se a primeira nota de que a noite era assaz hostil: “A noite estava um pouco enfarruscada, via-se mal o caminho.” Essa noite, que já desvenda uma série de perigos, irá se tornar portadora de percalços vários no restante da narrativa. Aqui, todavia, não existe ainda nenhum perigo significativo, como o narrador enfatiza ao relatar: “[...] não havendo, entretanto, nenhum perigo em deixar o cavalo e a cangalha dentro de um tabuleiro por onde, mesmo durante o dia, raramente se via passar alguém.”

Depois de realizada a troca de montaria, o narrador retoma o trajeto, montado em outro cavalo. A travessia por tabuleiros múltiplos, capões de mato diversos, “com picadas abertas onde bem se distinguia a folhagem derrubada dos pereiros, que fazia no chão, com a sua cor esbranquiçada, lembrar um lençol estendido”, fazendo o cavalo muitas vezes recuar. Vale ressaltar que a folhagem espalhada instigantemente lembra, nas próprias palavras do narrador, “um lençol estendido”, símbolo tradicionalmente associado à clássica imagem de fantasmas, seres de outros planetas, ou mesmo monstruosos, quiméricos, mistura entre real e imaginado que vem inflamar a fantasia, assombrar a imaginação e a realidade dos vivos. O cavalo retrocede, portanto, diante daquele “branco fantástico”, súbito e amedrontador, “na semi-escureidão da noite”.

A noite inóspita, juntamente com brancos fantasmagóricos e trilhas incertas e perturbadoras, traz um “pressentimento maligno e nefasto”, pressentimento feito ainda mais soturno ao se dar “num animal irracional”, como diz o próprio narrador, um pressentimento “[...] de morte naquele branco de mortalha”. O animal irracional, ele próprio elemento integrante da naturezaafiada, hesita e se assusta, se apavora, diante de indícios fantasmagóricos com que a sinistra noite e os ermos caminhos confrontam o narrador e sua montaria.

As “frondes caídas dos pereiros” insinuam aparições extraordinárias e aterradoras; conseqüentemente, frente a elas, o animal tenta recuar, fugir, e repugna o cenário que ali se constrói.

Novo obstáculo surge em breve, quando o narrador vê-se obrigado a atravessar a lagoa, por ele cruzada tranqüilamente, só, todas as manhãs e tardes “seguindo o caminho para o [...] serviço cotidiano”. Agora, porém, a situação é inteiramente contrária ao esquema habitual. O narrador terá de transpô-la “sozinho, em plena noite densa”, ela própria uma noite aquosa, que tudo desfaz num adensamento de seu intrínseco negrume, numa dissolução absoluta de limites e fronteiras, confusão total dos sentidos e do racional do homem.

Depois de atravessar “o último túnel aberto dentro de um capoeirão” e passar por uma “pequena ponte, na extremidade da lagoa”, o narrador, enfim, entra

[...] nas águas mortas da lagoa [...] entrei realmente na lagoa, procurando os caminhos, cobertos de água, fazendo o cavalo tatear dentro daquelas trilhas inundadas; a vegetação aquática tinha àquela hora da noite um aspecto sinistro. Reinava um silêncio de túmulo

e os grupos de folhagens distantes faziam vultoso conjunto de formas negras dando a impressão de nuvens escuras ali pousadas.

Os caminhos, que mais cedo, à luz do sol, mostravam-se fáceis de serem palmeados, dessa feita estão cobertos de água, e o cavalo, já amedrontado pelas “frondes caídas dos pereiros”, tende a assombrar-se e retroceder ainda mais ao ter de sondar aquelas sendas alagadas. A flora aquática, pouco perceptível à meia-luz ou quase pretume cerrado da noite, encorpa-se, naquele momento, de aspecto funesto, petrificante. O silêncio é íntegro, pesado, tétrico. As longes folhagens também se revelam um tanto medonhas ao uivarem lentamente e tomarem contornos de “formas negras”, assemelhando-se a nuvens vastas, trevosas, descansadas sobre a paisagem.

A impressão de escuridão intransigente, morte, sombras malignas é sublinhada nas seguintes palavras do narrador: “Era lúgubre. Toda a paisagem dava a impressão de estar inteiramente coberta de nuvens tempestuosas.” As pretas “nuvens espaçadas”, que se parecem crescentemente com uma “vegetação ultraterrestre”, desnudam-se aos olhos do narrador pela primeira vez, pois é apenas naquele momento que este trilha – solitário, durante a noite – a lagoa de água morta. É relevante observar que as “nuvens espaçadas”, ao não mais se assimilarem a elementos reconhecíveis e integrantes do cotidiano – solar – do narrador, adquirem a forma de uma “vegetação ultraterrestre”, ou melhor, recebem tal qualificação, como se o sobrenatural – o que não se encaixa na lógica predeterminada do narrador, em seu vocabulário visual preexistente e constatado – forçosamente tivesse de assumir um cunho fantasmagórico, sombroso.

Mais adiante, no vigésimo quarto parágrafo, o narrador prossegue, “com muita precaução, olhando todo o ambiente, mas, sobretudo, cuidadosamente observando por onde pisava o cavalo”. Naquela hora, não havia sinal da vida positiva e animadora de saracuras, jaburus, narcejas, jacutingas, galinhas d’água, jacumins, jaçaranas, aves que traziam, com seu vôo luminoso, vigor e sensação de tranquilidade e calma ao local – agora soando radicalmente inimigo. O seu “bater de asas freqüente e tumultuoso” dava-se sempre no horário da segunda ida do narrador pelas águas, no momento em que atravessava o lugar para chegar a seu destino na Baía, sua casa, pelo crepúsculo vespertino, instante em que as aves tornavam a seus ninhos nas árvores e arbustos circundantes da lagoa.

Em “dias normais”, eram aquelas árvores que saudavam o narrador quando se retirava para sua casa na Baía, que lhe davam boa-noite. Naquele momento, contudo, o

tom amistoso presente no encontro com a fauna da região mostra-se impossível, posto que não há ninguém trilhando o caminho a não ser o narrador e seu cavalo cansado.

O “pequeno curso d’água corrente que ficava na outra extremidade da lagoa”, sinal de que se devia subir um pequeno barranco rumo ao coqueiral, sinônimo de que a trilha pela água acabara, não pode ser encontrado no breu: o narrador percebe que se enganara. A “vereda onde a água morta atingia os pés do cavalo em pontos mais altos” não poderia ser o bom caminho, aquele sempre buscado, em que a água não ultrapassasse certo nível nas patas do cavalo. Ao se deixar entusiasmar pela visão ilusória – “fantástica noturna” – das árvores na água enegrecida, o narrador perde-se mais uma vez e perturba-se com o som emitido por uma ave, o “mugido de um socó-boi que passou no escuro”. As miragens impedem-no de reconhecer a trilha justa, palmilhada de forma lógica, rota racional – racional é a regra de se atravessar a lagoa pelo “caminho molhado mais alto”, que menos inunda e cuja água menos atinge as patas do animal. Conseqüentemente, decide voltar atrás, fazendo-o com extremo cuidado, para melhor verificar “a situação da água em relação aos pés da [...] montaria”.

No parágrafo seguinte, após “pequenas vacilações”, o narrador afirma haver encontrado o riacho que julga ser um afluente do Mirici, que será cruzado para que possa subir o barranco fronteiro e, mais adiante, atravessar uma seara de “coqueiros novos, coqueiros de pouca altura”. Com a imaginação e os sentidos acesos pela lenta, penosa e terrível travessia da lagoa, o coqueiral parece-lhe “deserto”, pouco convidativo, assombrado: decide embrenhar-se, entretanto, nas “alamedas de coqueiros plantados num campo coberto de capim”.

A exemplo do quadro da lagoa à noite – esvaziada da vida buliçosa e colorida da fauna que a povoa durante o dia –, ali o ar é “soturno”, parado, o silêncio é “rígido”, e a impressão geral é de frieza, aridez, negrume e tristeza. A chuva que logo se precipita, “muito fina”, traz maior sensação de mal-estar, desconsolo e inércia. A chuva tudo embaça à frente do personagem; o cavalo exaurido e temeroso também paralisa a travessia do coqueiral. O medo que se entranha naquelas terras, aquela calada amarrada, compacta, a chuva “miúda e mesquinha”, que impede de enxergar adiante, fazem do percorrer o coqueiral – em comparação com a travessia da lagoa – tarefa igualmente árdua.

Com a chuva encobrendo a visão e o céu, é praticamente impossível adivinhar a hora. O narrador avança sem noção de tempo, espaço, de caminho feito, de quanto ainda resta percorrer pelo coqueiral triste, sendo seguido, por vezes, pelo “canto aziago da

coruja”. Os seres que ali se adivinham têm “asas invisíveis e diabólicas”, farfalhantes, abalam a compreensão do narrador e sua relação antes previsível, amansada, com a natureza – a mesma natureza que se mostra traiçoeira e escorregadia, muitas vezes “ultraterrestre”, que pulsa diante dele, desloca-o do caminho previsto e lhe traz surpresas desagradáveis e um brutal desarranjo psíquico.

Apesar dos embaraços e da inquietação que se impõe, o narrador segue e chega ao nicho do Divino Amor. Em tal nicho, nota-se que se encontra um crucifixo, acompanhado por luz, “luz eterna que ali ficava queimando por dias e noites”. O crucifixo é aqui sobretudo sinônimo de luz, tremulante, ofuscante, que afasta qualquer possibilidade espectral e soturna, que triunfa sobre a noite. Em seguida, como continuação simbólica dada a partir do crucifixo – o Divino Amor, que recebe o narrador depois da errância por veredas agressivas –, avista-se a igreja do povoado, templo síntese do processo civilizatório humano, o primeiro edifício que lhe dá as boas-vindas ao finalmente chegar ao vilarejo da Baía.

Afinal, entra em sua “única rua [...] ao longo do seu areal e do seu coqueiral de altos e velhos coqueiros sempre bem carregados de frutos”. Após longamente vagar por caminhos pouco atravessados, insólitos e causadores de extremo transtorno, o narrador consegue alcançar a vila, a civilização, o local por excelência da vitória da lógica, da construção e do ordenamento mental humano. A porta de casa encontra-se aberta. Não à toa o horário é meia-noite, tempo de transição, habitualmente vinculado a fantasmas, a cruzamentos entre mundos, como uma espécie de portal cósmico entre dimensões diferentes, entre real e imaginário. Por fim, à meia-noite, com o casario “fechado e silencioso”, todo ele encoberto por um aspecto de cidade plácida e encerrada, o narrador entra pela porta aberta para se proteger da chuva e da aspereza do trajeto há pouco percorrido.

Esgotado mental e fisicamente pelo trajeto que dele cobrou um preço tão alto, que lhe exigiu o dispêndio de todas as forças, com os nervos ainda bastante descompostos, senta-se numa cadeira e aguarda o assistente, que em breve deveria chegar com os utensílios empregados no trabalho. Mantém nas mãos as rédeas do cavalo, mas, como de praxe acontece nos contos mais elaborados de Cardozo, em que o sobrenatural irrompe por meio do imponderável, adormece. Revisitando um de seus temas favoritos, Cardozo faz do sono um fator de desequilíbrio, de entrada em um universo antes só vislumbrado, fugazmente percebido por meio do misterioso. Adormece segurando as rédeas do cavalo, sem mesmo sentir o barulho do vento –

elemento que também se reveste de notável carga simbólica, visto que o vento, piando, é condutor dos uivos e vozes dos mortos, num “denso rumor convulsionado”.

Ao acordar, compreende que o assistente chegara e que o cavalo que trouxera e cujas rédeas retinha fugira. Entontecido de sono – sono que, em vez de lhe recompor as forças, aguça sobremaneira sua perturbação –, não logra explicar como o cavalo desaparecera, animal, entretanto, encontrado a alguns metros da casa comendo “capim ralo ao pé dos coqueiros”.

Assim o narrador fecha seu contar, sua história de ida e volta a Marcação, o relato de uma aparentemente simples e linear trajetória, mas que, em seus meandros, guarda desarranjos, nauseante mal-estar e um confronto com o sombrio e fantasmagórico. Para que possa se abrigar da chuva e das sombras do lado de fora, fecha-se em casa – espaço de proximidade, de convivência e reconhecimento, do familiar e não do outro, do fora, o que desafia parâmetros e convenções impostas pela razão do homem. Enclausurar-se em casa é resguardar-se do alheio: somente nesse território a chuva não mais ameaça, o vento amaina, a luz do candeeiro crepita, amiga, e pode finalmente o narrador descansar, não num sono agitado e desconcertante, mas acolhedor, que o protege das vicissitudes fantasmáticas que a natureza apresenta.

4. Perdidos nos tabuleiros

Assim como no posterior “Tramataia”, no conto “Perdidos nos tabuleiros” Cardozo relembra, por meio de seu narrador, um episódio ocorrido por volta do início da década de 20, quando trabalhava como engenheiro e topógrafo nas zonas mais agrestes e rurais de Pernambuco e da Paraíba, na Comissão Geodésica de Topografia. Desbravando tais terras ao se empenhar nessa tarefa específica, Cardozo entrou em contato com locais extremamente pobres da região, desses territórios, e seus humildes habitantes, conectando-se ao dia-a-dia assaz castigado das pessoas que ali se haviam fixado, numa experiência sumamente especial e essencial à construção de seus contos e à criação de uma forma narrativa peculiar, muitas vezes assemelhada a um breve relato, como será mencionado na análise do conto “Tramataia”.

Também aqui a narrativa revela-se de primeira pessoa, e o conto emana um clima de profunda experiência pessoal, como se fosse apenas um relato simples. No entanto, há igualmente a execução de uma atmosfera bastante fantasmagórica, quase fantástica, que confere um sentido peculiar, pitoresco, a “Perdidos nos tabuleiros”. A presença do fator onírico emerge no final do conto, quando o narrador cardoziano, já quase adormecido e exausto pelos desarranjos psíquico, emocional e sensorial experimentados ao longo do relato, acaba por recordar seus momentos mais juvenis no Zumbi, sua infância, os festejos locais de juventude e, assim, num misto de sonho e sono, entrega-se deliberadamente ao puro devaneio.

Logo no início do conto, no primeiro parágrafo, o narrador menciona a atividade topográfica exercida no engenho Cumaru, atividade essa que claramente se confunde de maneira intensa com a própria tarefa de engenharia e topografia exercida por Cardozo na década de 1920. É à noite, no engenho Cumaru, que Cardozo e seu ajudante acabam por se despedir dos habitantes locais. Apenas os caseiros (marido, mulher e dois filhos) ocupavam a casa-grande, e todos sofrem de maleitas, doenças outras – traço bastante característico da prosa de Cardozo, em que o desconforto físico tende a ocasionar desregramentos psíquicos.

A noite – figura sempre tão presente, sempre tão evocativa de mistério, enigmas, desenredo – surge mais uma vez forte e prenhe de símbolos em “Perdidos nos tabuleiros”. No início do segundo parágrafo, o narrador menciona de modo significativo que “era noite fechada” quando, acompanhado por seu assistente, se despede do casal que habitava a casa-grande, prestes a empreender a viagem de retorno à Baía da

Traição. A noite, além de fechada, é também “bastante escura”, muito embora pudessem ser vistos uma série de astros, “as constelações e o arco enorme da Via-Láctea”.

O assistente e o narrador saem por fim, sem conhecer os tabuleiros paraibanos, tortuosos, muitas vezes traiçoeiros – uma espécie de planície, de solo tendendo para o arenoso, muitas vezes guarnecido por uma vegetação pouco mais rasteira, ou, como diz o narrador, “arbustiva: muricis, cajueiros brabos, batiputás e mangabeiras”. Os caminhos escondidos pelos tabuleiros são incertos, desorientados (e desorientadores), caminhos que causam angústia, trazem preocupações e grande temor àqueles que os palmilham.

É importante notar sobretudo em “Perdidos nos tabuleiros” a extrema força emprestada à noite – ao símbolo da noite –, que sobressai radicalmente entre vários outros elementos tradicionalmente vinculados à natureza, pois a noite – como de praxe na prosa cardoziana, e aqui em particular – assume caráter de significado e representação, é emblema do retorno ao indeterminado. A noite é tudo aquilo que escapa ao domínio do sol – do sol da razão. A noite é pura imaginação, força impalpável, vontade incontrolável. O símbolo da noite no imaginário coletivo é aquele que fatalmente se liga ao sono e à morte (e mesmo os engendra), a sonhos e angústias, ao engano, desengano, desarranjo. Na noite, momento-chave sinônimo de perturbações, habitam pesadelos e monstros, idéias sombrias, pois é no sono noturno, durante o sonho, que a pujança do inconsciente, com seu caos criativo, se libera – assim, a noite é o símbolo por excelência do inconsciente. O conhecimento distinto, analítico, quantificado, racional, palpável, exprimível desaparece na violência natural e instintiva da noite, que evoca diretamente o universo emocional, sensorial, extrema e violentamente psíquico.

Nessa noite assaz inóspita, mas concomitantemente cheia de mistério e fascinação, uma noite feiticeira, repleta de sortilégios, encantos e lendas, sopra “um vento leve e arisco”, um vento também ele muitas vezes maroto e traiçoeiro, um vento que se mostra “molhado e indeciso”, tortuoso, “destroçado e incerto”, que, embora “contido pelos capoeirões”, pelo mato alto, acaba por perturbar aqueles que andam pelos tabuleiros, dificultando a travessia do narrador e de seu acompanhante.

Depois de muito caminhar dentro da “noite negra e estrelada, escura e iluminada” – trecho contido no quarto parágrafo do conto –, o narrador suspeita que ele e seu ajudante possam estar perdidos. Faz-se essencial ressaltar o fato de que a noite, elemento de perturbação e assédio dos sentidos, é descrita como “negra e estrelada,

escura e iluminada”, num par de antíteses absolutamente significativo. No conto de Cardozo, exatamente no momento em que o narrador e seu acompanhante se encontram perdidos nos tabuleiros – instante sobremaneira angustiante e recheado de ansioso suspense –, a noite convoca medo, desespero e aflitivo acossamento, ao passo que no desfecho da narrativa, quando, dentro do negrume, se dão os festejos de Santana, a noite traz dentro de si o germe do dia, da celebração, da alegria, do entusiasmo, podendo, pois, carregar e fecundar um profundo desabrochar, plenitude confundida com a força amarela e generosa do sol e do dia.

É na noite “negra e estrelada, escura e iluminada” que o narrador olha para o céu, à procura de respostas – tão ansiadas em meio ao desespero experimentado nos tabuleiros. A orientação dada pelas estrelas para os caminhos pelos quais seguem, cujo ponto de chegada é o mar, o porto final, é dificultada pela solidez impermeável da noite fechada; as estrelas parecem diluir-se dentro dessa noite completa e apagada, que tudo absorve, tudo dissolve. Já não é mais noite, é, mesmo, “meia-noite”, conforme afirma o narrador no oitavo parágrafo, “tempo de estarmos na Baía”. Não à toa, a noite configura-se como ainda mais noite, pretume potencializado, à meia-noite, hora-chave, entendida como sinônimo de desarranjos de ordem sobrenatural. A meia-noite indica o âmago difuso do oculto, tudo aquilo que perturba e encerra mistérios inteiramente alheios à explicação racional. A (meia)noite é, logo, o que se situa fora, o outro, enigma que escapa aos cânones da razão.

Intensamente desgastado pela situação alarmante em que se encontra, do nono ao décimo terceiro parágrafo do conto, o narrador elabora longa e minuciosa descrição do penoso processo de descida dos tabuleiros até a praia. Assim:

Precisávamos descer cerca de quinze metros; em todos os lugares em que tentávamos descer víamos a queda abrupta e íngreme da barreira. Depois de várias tentativas, encontramos finalmente, na região do Tambiá, uns sulcos profundos que mergulhavam, de maneira menos abrupta, para a praia; no entanto, ainda era muito difícil a descida, mas tentamos. Precisamos descer dos cavalos e puxá-los pelas rédeas com muito cuidado [...] Fomos assim, pouco a pouco, descendo entre aqueles sulcos profundos, de uma terra pegajosa e escorregadia; fomos indo, pouco a pouco.

A natureza, bem como a noite, revela-se inóspita, hostil, vitimando, encarcerando o pobre homem que desesperadamente se pega à sua racionalidade como

forma de tentar manter-se intacto, ileso, e ter a sanidade preservada da violência endoidecida dessa mesma natureza – dessa mesma noite.

Descendo por sulcos profundos com seus cavalos e prestando atenção a fim de evitar algum grave acidente, depois de muito penar e árduo caminhar, chegam, com cuidado, à praia, trilhando um caminho aberto, sem grandes obstáculos, que permite ao narrador e seu ajudante tornarem a montar.

Agora sem maiores dificuldades, findam por chegar à Baía da Traição. Há que se sublinhar que, na passagem do triunfo final da viagem, chegando ao ponto que sempre pretendeu alcançar, o narrador se utiliza de um campo semântico fortemente vinculado à questão da serenidade: “felizmente”, “vazante”, “tranqüilos”. Em tal momento de alívio, as palavras mostram-se encadeadas, quase sadiamente escolhidas, demonstrando o sucesso de tão complexa e perigosa empreitada.

O caminho aberto, sem dificuldade, sem obstáculo, leva à civilização, ao conhecido, ao já experimentado, palpável, real, verdadeiro, ao que pode ser contemplado pela racionalidade exata e sempre lógica do homem – que se encontra no ambiente daquilo que lhe é familiar, e não no estranho, alheio, o que foge ao entendimento e à razão e que por isso o perturba e o leva a confrontar-se com seu lado obscuro.

O “grande coqueiral” anuncia a chegada à Baía da Traição. É ali, “com segurança sobre o chão batido da praia de areia endurecida pela água do mar”, que o narrador e seu companheiro se aproximam do povoado. No décimo quinto parágrafo, é sugestivo que os vocábulos empregados por Cardozo construam sempre imagens ligadas à questão da segurança, do que não pode de forma alguma ser chacoalhado pelo imponderável: “chão”, “batido”, “endurecida”. Quando da chegada à praia – à civilização –, irrompe na narrativa o elemento monolítico, constituído, sedimentado. Assim, a praia é de “areia endurecida” – imagem que transmite, de novo, a idéia de firmeza, de solidez, de potência contida.

Como no momento em que, durante a noite, procuravam a direção das águas marítimas pelas estrelas, o mar é encarado como desabotoar, um sair do cerne da natureza sombria. O mar é pureza, amplidão, certeza.

Ao se aproximarem do povoado, percebem que há uma festa. À vista das primeiras choupanas, os sentidos são acordados para a música, o batuque, a comemoração: há sons múltiplos, completamente inebriantes, de palmas, tambores, na festa do coco. Rapidamente, o empregado que acompanhava o narrador logo lembra se

tratar dos folguedos de Santana, dia como o de Santo Antônio, São João e São Pedro, largamente celebrado na Baía da Traição, com danças tradicionais e cantos rítmicos já tão usuais naquele povoado: “coco-de-roda, para as mulheres, coco isolado para os homens.” Em meio ao festejo grande, cheio de alegria, de homens e mulheres que, ao cantar, se desfazem do labor e das dificuldades cotidianas, o narrador e seu ajudante são recebidos. Entram ambos no povoado e ouvem, “nítido, o canto do coco, tirado pelos homens”. O som das palmas e ganzás, o batuque dos tambores, homens e mulheres afogueando-se em umbigadas remetem diretamente a um sincero e irreprimível entusiasmo – dia nascedouro das sinuosidades da noite escura, que, embora guarde dentro de si a angústia profunda do invisível, embala consigo a semente de um clarão vivificado, pressagia ela mesma seu término e a chegada de um novo momento, mais solar e exato.

Após escutar tantos múltiplos cantos, o narrador anuncia que a noite está “quase no fim, o céu, de um azul profundo, cobria os coqueiros, que [...] recortavam silhuetas sombrias”. O azul profundo e a noite finalmente despedem-se, evanescem sombras, trevas, momentos não tão enternecidos – enervantes, causadores de grande mal-estar.

A folgança de Santana, enchida de louvores, santos, fogueiras, busca-pés, fogos, limalhas, desperta memórias do narrador, que a partir daí recorda sua infância no Zumbi, com festas coloridas, tempo bom, associado ao dia de Santana, assim como aos já mencionados e juninos Antônio, João e Pedro. É na Baía da Traição, com gentes simples e sem grandes esperanças, que se realiza a festa redentora, remanescente de fogueiras e foguetes da infância do narrador, muito embora na Baía não houvesse condições financeiras para celebrar de maneira tão luxuosa, tão basta e dispendiosa.

Na véspera de Santana, o narrador dá-se conta do quase milagre que lhe ocorreu: ter conseguido achar a saída dos tabuleiros intoxicantes, a praia clara, “de maré alta”, o percurso mais tranquilo até a Baía da Traição. É Santana, na véspera de seu tão aguardado dia, sempre vinculado na lembrança do narrador a instantes de felicidade, contentamento, festejos e celebrações, é Santana quem propicia tal milagre. Mais uma vez, Cardozo insere em sua prosa a questão do místico, do mágico, da ordem situada fora do racional, alheia ao convencionalmente posto em palavras e explicações logicamente concatenadas. Por meio de um enigma, do enveredar pelo caminho da crença, de aceitação natural do espírito de devoção completa a uma santificada figura, Cardozo engendra uma situação que carrega em sua essência a salvação de seu narrador-protagonista. Não é, de forma alguma, a lógica usualmente construída,

sedimentada, impermeável que traz para o narrador a libertação do momento de angústia e de confrontação consigo mesmo, e sim o êxtase místico, a força indomável da memória – que pode tanto desorientar quanto proporcionar um encontro mais direto com o intrínseco, visceral, da natureza humana.

Chegando à sua casa, exausto, o narrador prepara-se para dormir. Ouve o som de ganzás e tambores, trechos da embolada cantada, distante, no povoado. Lembra-se ele, mais adiante:

Aquela música e a emoção por que passei durante aquela viagem noturna me tiravam o sono; olhei, entre as palmas dos coqueiros, a primeira luz da manhã [...]
Parecia que estava mesmo tudo terminado; voltei para o interior da casa.
Deitei-me na rede para dormir, certo que estava tudo acabado; deitei-me e sentia-me satisfeito por ter conseguido vencer as irregularidades e incertezas dos tabuleiros, com os seus caminhos divergentes.

Assim, a música, a emoção revivida de épocas pretéritas, justas, cheias de alegria e regozijo, folguedos e cantos levam o narrador a se afastar definitivamente do que lhe pareceu ser um pesadelo dentro da noite fechada, sombria e hostil.

Recolhido ao interior da casa, deitado na rede, sem sono, expectante e com as forças distendidas, ouve zabumbas, partes de embolada. Abraçado ao dia de Santana pela luz que lhe chega entre os coqueiros da Baía, o narrador finalmente adormece. Num puro átimo, abandona-se ao sono, momento de placidez e quietude. No dia de Santana, por meio do milagre místico de sua santa, adorada por um pio narrador – santa tão amada, que lhe lembra os pedaços mais felizes e graciosos de sua infância –, o personagem pode enfim entregar-se, esquecer a noite escura. O desarranjo causado pela noite é dissipado pela luz solar e pelas lembranças cálidas de uma infância guardada. A memória, a emoção e o sonho, potenciais geradores de extremo desconforto, podem outrossim recuperar instantes de grande beleza e poesia – é o que parece afirmar Cardozo em “Perdidos nos tabuleiros”.

5. Tramataia

Com “Tramataia”, Cardozo mais uma vez se aproxima de um universo – tão presente em seus contos – em que a realidade roça incessantemente o fantasmático, o irreal, o sonho. Trata-se de um ambiente em que não mais se divisam as fronteiras entre real e imaginado, ilusório. Em “Tramataia”, Cardozo desfia uma narrativa em primeira pessoa, que principia com a abordagem realizada pelo narrador, logo no início do conto, da questão geográfica e econômica da vila de Tramataia – o que produzia o lugarejo, como se mantinha financeiramente –, além dos costumes da população local, para, muito depois, já pelo final da narrativa, mencionar o grande mistério que acompanha a localidade.

Portanto, também aqui Cardozo retorna a seu motivo dileto: a conjugação do real, do aqui – mundo tangível – com o fator quimérico, do que se espraia além da compreensão simples, exata, estrita e racional do homem. Interessa sobretudo a Cardozo observar como o imaginado, ou mesmo o imponderável, irrompe na narrativa, e desloca o foco da vida trivial do homem.

O conto de fato divide-se em quatro etapas. Primeiro, há um tipo de introdução (descrição, mais plana e centrada, do universo e do povoado de Tramataia, vinculada ao que se poderia chamar de “realidade”); em seguida, configura-se o sonho com Tramataia, em que o narrador se permite fazer uma longa alegoria a respeito de seu devaneio com o povoado, do vislumbrado no sonho, das imagens verificadas nos cantos do lugarejo, e durante tal fantasia o povoado parece retornar à vida. No terceiro trecho, o leitor depara-se com o segredo de Tramataia, mistério que perturba o narrador: por que Tramataia foi abandonada, por que se tornou uma vila fantasma. Na última parte, significativamente denominada “Tramataia” (assim como o conto de que faz parte), o narrador questiona-se justamente acerca desse nome, de onde terá vindo, qual sua origem e seu significado, o que pode haver de oculto em tal título. Nesse sentido, é revelador que a última frase do conto, contida no trecho homônimo, explicita: “Tramataia! Seu nome é também objeto de seu mistério.”

Logo, a vila de Tramataia finca-se na narrativa como portadora de uma série de enigmas, encerrando possibilidades e delírios vários, o que a leva a constituir-se como espécie de portal para outra dimensão, terra prometida em que o real esbarra no imaginário, o palpável, perfeitamente cabível dentro da razão humana, expande-se, metamorfoseia-se e, nesse novo estado, logra atingir o sobrenatural.

O nome Tramataia provoca a grande dúvida, conforme atesta o primeiro parágrafo do último trecho, em que o narrador pergunta: “De onde teria vindo esse nome? O que significa? Perguntei a muita gente entendida – que não me soube responder – que relação tem essa palavra com a linguagem dos índios que ocupam, há tantos anos, várias localidades da Baía: Mataracá, São Miguel, São Francisco.” Tramataia, vale dizer, é um pequeno povoado, muito próximo à Baía da Traição, na Paraíba, terras contempladas pelas pesquisas empreendidas pelo autor na época de sua participação na Comissão Geodésica do Recife. Nos anos 1920, Cardozo – engenheiro-calculista, topógrafo – foi nomeado pela Comissão para elaborar uma série de levantamentos topográficos na região, fato que o levou a conhecer muitas áreas do interior de Pernambuco, Alagoas e Paraíba, mais especificamente o Nordeste deste estado, onde se localizam a Baía da Traição e a aldeia de Tramataia.

Voltando à narrativa, no primeiro trecho – que serve de introdução ao relato proposto pelo narrador – o conto inicia-se de modo marcante: “Enfim cheguei a Tramataia, pequeno e antigo povoado hoje deserto, esquecido à margem esquerda do Mamanguape, precisamente na curva que este rio faz se dirigindo para a sua foz na praia de Coqueirinhos.” “Enfim cheguei a Tramataia”; o “enfim” tão maliciosamente empregado introduz a idéia de uma trajetória anterior, desgastante, como se o narrador viesse de um longo percurso prévio, cansativo, e pudesse finalmente se encontrar com o agora que tanto ansiava, posto que Tramataia se delineia como nó que une indelevelmente presente e passado. Tramataia é portal entre dois mundos, conjuga o ido e o vindouro, como o narrador, ele próprio oriundo de um antes, testemunha ao chegar à vila após exaustivo percorrer de caminhos: “Era região por mim conhecida de passagem, já a tinha visto, com seus sete ou oito mocambos vazios, e inteiramente inútil, abandonada a sua casa de farinha. Vários coqueiros, sempre carregados, permaneciam ainda entre os casebres, dando ao conjunto um ar de tempo saudoso e longínquo.” Há, reforçada, a noção de tempo transcorrido, da reminiscência das coisas: a casa de farinha como símbolo da energia viva de Tramataia, seus coqueiros, sua topografia, sua geografia muito particular, desdobrada na descrição em inúmeros trechos desenovelados pelo narrador. Os “sete ou oito mocambos vazios” reavivam a lembrança de um vilarejo outrora senhor de um corpo, volume, ritmo, som, e agora relegado a ser nada mais que uma aldeia fantasma, em que o passado é apenas apagamento e o presente denota o total abandono desse mesmo passado.

Adiante, no segundo parágrafo, lemos: “Tramataia. Esse povoado pequeno e morto me surpreendeu vivamente; pelas imagens de vida que revelava; pelas paisagens esquecidas, extintas muito antes de prosperar.” Temos aqui, posta de maneira instigante, a dualidade vida / morte: o povoado pequeno e morto cuja vida pretérita descortina-se por meio de imagens vigorosas, coloridas, atraentes, que sugerem ao narrador a idéia de uma descarga antes constante – hoje extinta – de energia, de efusão, presente nos mocambos, na casa de farinha, na paisagem, nos coqueiros sempre carregados. Simultaneamente, porém, tal robustez parece esmaecer – está impressa em um passado ainda muito próximo, que, no entanto, assume “um ar de tempo saudoso e longínquo”, olvida-se e, nesse esquecimento, esfalece, distancia-se e breca o prosperar do presente.

A natureza local, possante, bela, sinônimo de vida forte, de um girar contínuo e irreprímível, reflete-se no “rio para pescar”, nos “mocambos para habitar”, nos coqueiros, com sua presença que alivia e consola. Naquela povoação, a presença de tais elementos faz da vida algo possível e necessário. O comércio, representado pela casa de farinha – que abrigava o trabalho dos praieiros, habitantes locais – e sua produção, sustentava o dia-a-dia dos simples aldeões. Logo, a vida, em seu fluxo constante, contaminava Tramataia, animava-a, vila cheia de movimento criativo, incansável. Todavia, pouco a seguir, o narrador relata: “Quando a vi, já estava morta; nascida e morta.” Temos, recuperada neste trecho, a tensão vida / morte, entidades que numa relação simbiótica se complementam. A vida – nascida, soberana, ativa, capaz de, pela fertilidade da terra, garantir aos locais o sumo mesmo de sua existência – é logo à frente vista como morta pelo narrador, quando ele, a caminho do sítio do velho Gersino, anda sobre a planície, alagada pelo rio nas grandes marés, e não mais reconhece a paisagem anterior; ali há somente abandono e desconsolo.

No sexto parágrafo, o narrador retoma o mote que abre o conto: “Enfim cheguei a Tramataia.” Vindo de um longo passado, de uma trajetória fatigante, de uma vida que não mais existe, o narrador finalmente chega a Tramataia, “pequeno e antigo povoado hoje deserto”. Chega a Tramataia não de passagem, não para apreciar a vida que ali se tinha esvaído, mas para se demorar, para trabalhar na fenecida povoação, efetuar o levantamento topográfico “de uma grande ilha fluvial limitada pela margem do rio e um seu afluente”, para conhecer os entornos, para se inteirar da geografia local e, a partir dela, formular sua análise técnica.

Os parágrafos seguintes trilham exatamente o percurso palmilhado pelo narrador, em que comenta, com funda precisão e tom absolutamente desafetado, como

se deu o processo de levantamento do contorno da ilha, o trabalho específico por ele desempenhado. Intercala tais observações com descrições da geografia e da flora da região, mencionando salinas, marés, margens, afluentes, manguezais, grossos troncos, árvores, baías, rios: as palavras vestem-se, elas mesmas, da natureza local e erigem diante dos olhos do leitor vistoso cenário. Sobrepuja deveras a incontida beleza da vegetação ao redor de Tramataia, verde irrefreável em tempos idos e mesmo hoje, conquanto bruto, entranhado de força vital – natureza que é capaz de, num átimo, romper e destruir a civilização tão meticulosamente planejada pelo homem. Como de hábito nos contos cardozianos, a natureza sobressai, triunfa sobre o domínio da razão, sobre a lógica normativa estabelecida pelo homem. Com suas ilhas, argilas, areias e pedras, como bem nos conta o narrador de Cardozo, a natureza sempre há de imperar; ela é início e fim (não à toa, é por causa dessa mesma natureza que o narrador é levado a Tramataia).

Depois de labutar arduamente, cruzar com “estranhas jazidas”, se aplicar num trabalho braçal, mecânico e duro, o narrador bebe “água de chuva contida dentro das folhas de pequenos gravatás” (a tal água de chincho que Cardozo pretendia ser o nome do apanhado de seus doze contos); como uma espécie de poção encantada, a água o faz relaxar, o embala e o introduz a um momento de descanso. Enquanto aguarda, bebe também alguns cocos, doces portadores de alívio e entrega; nesse momento de auto-abandono, de vacância funcional, de interrupção no trabalho topográfico, a vastidão do cenário local engolfa-o completamente. Ali, naquele exato instante, os mistérios do meio circundante acabam por vir à tona, pois o narrador, já repousado e não mais em alerta, decide entrar na casa de farinha e percebe que a mesma, um pouco desolada, está abandonada, sem contudo conservar nenhum sinal de incêndio nem destruição por parte de bandidos ou de qualquer outro tipo de agressão externa. A casa de farinha, que durante tanto tempo sustentara os praieiros e representara a vitória da civilização, agora permanece inteiramente deserta, arruinada, o que leva o narrador a se perguntar o porquê de tal solidão, de o tempo ali parecer tão solene, parado, insulado da vida anterior.

No final do primeiro trecho de Tramataia, introdutório, povoado pelas impressões do narrador a respeito do povoado e do trabalho técnico, o mesmo discorre sobre como, após beber a água de coco, descansar e pedir a um ajudante para procurar o cavalo para o regresso à Baía, ao percorrer a casa de farinha abandonada e os casebres da aldeia – os “sete ou oito mocambos vazios” aludidos no primeiro parágrafo –,

verifica que o tempo ali se sedimentara e que a vida, antes tão pulsante, desbotara. Somente pesados utensílios, difíceis de serem transportados, continuam – e é nessa absoluta imobilidade de objetos que a vida perdura, visto que, embora os casebres estejam há muito desocupados, tais utensílios guardam últimas marcas de uso, atividade, cicatrizes testemunhas dessa vida. O tempo é imutável.

Como em outros contos do autor, o homem depara-se com o insólito, o inexplicável. A vida, antes sinônimo da certeza da razão, do previsível, rende-se irremediavelmente ao fortuito, aleatório, e a grande levada do tempo, que não obedece ao ritmo do homem, impõe-se em recônditos.

O trecho subsequente, “Sonho com Tramataia”, inaugura-se com o relato do narrador acerca do sonho com o vilarejo, percorrido e mais estreitamente conhecido naquele dia pela manhã e pela tarde, ao levar a cabo a tarefa de levantamento topográfico. Na mesma noite o narrador sonha com a vida de outrora em Tramataia, pintando um rico quadro: a vila estava animada de gente, os praieiros moravam nos mocambos e casebres, e havia grande agitação e beleza no plantar mandioca, fazer farinha, impulsionar a economia do lugar. A casa de farinha, visitada abandonada, inerte no tempo, funcionava de novo, gerando grande afã, e todas as mulheres, atarefadas, cantando, descascavam mandioca; a casa de farinha produzia sem cessar, a partir da parte branca das raízes da mandioca, riqueza maior do vilarejo. Ali, na azáfama colossal, laborando intensamente, a cidade renascia.

No sonho, o trabalho é bom, abrange empenho, interesse, devoção. A vida reconstituída na fantasia do narrador é recriada por meio do trabalho dos homens, que desse modo a revigoram. Em “Tramataia” (a exemplo do que ocorre em outros contos de Cardozo, como “Na estação”, “Perdidos nos tabuleiros” e “Minha tia Dondon”), o sono e o inerente elemento onírico resgatam a força vital primitiva, retiram-na de um ritmo cotidiano, “natural”, e realçam seu verdadeiro alcance. É a violência da natureza em estado bruto que se mostra afinal no sonho, sem peias. Conforme afirma o próprio narrador: “Enleado naquela visão ilusória, ouvia também um canto que vinha das vozes das mulheres, ocupadas em tirar a casca da mandioca.” Trata-se, portanto, de mulheres quase sirenas, que cantam e chamam o narrador para seu mundo de beleza – talvez ilusório de acordo com lógica mais ortodoxa –, mas, naquele contexto, arrebatador, fascinante, desamarrado.

A vida tal qual imaginada pelo narrador aparece, nítida, no sonho: vida de labuta, dura, da gente que se empenha na casa de farinha, na pesca, nos manguezais,

tentando assim garantir seu sustento, mas também querida e forte, matizada de danças, cantos, cocos-de-roda (como em “Perdidos nos tabuleiros”), do sapateado dos homens, grandes emboladas. Aqui, a vida é sadia, farta; manifesta-se completamente desvinculada da realidade atual, alarga-se e enfim adere ao sonho, revestindo-o de potência e imbuindo-o do caráter de testemunha de um passado.

Na penúltima parcela do conto, “O segredo de Tramataia”, o narrador se inquirir a respeito do grande mistério do povoado. O que acontecera àquela “pequena civilização”, àquele vilarejo perdido nos confins da Paraíba, perto das margens do Mamanguape? Como tanta vida – a casa de farinha, os mocambos, casebres, as ruelas – se desfez num piscar de olhos? O tempo passara e praticamente não deixara vestígios de permanência humana, o que leva o narrador cardoziano a se questionar acerca do tempo de morte do vilarejo: como a rotina da aldeia, agitada pela atividade econômica que a mantinha, “assim tão de súbito” evanesceu, “desde que não houve incêndio, nem destruição por assalto de forasteiros”, nenhum tipo de violência externa, roubo, nada que justificasse o presente estado de triste devastação da vila de Tramataia? Não obstante, “os mocambos, cobertos de palhas de coqueiro, mantinham-se quase intactos, sem indícios de destruição pelo fogo ou pela violência”. Não há respostas para as perguntas do narrador.

Aparentemente, a vida ali se desenrolara da forma mais ou menos usual para um aldeamento de indígenas no interior do Brasil. No entanto, permanecem ignorados pelo narrador os motivos pelos quais os habitantes do vilarejo deixaram seus casebres, mocambos, forçados ou não por circunstâncias misteriosas. É justamente o fator enigmático – a ausência de respostas “cabíveis” – que faz com que, num vislumbre, o narrador perceba algo de influência sobrenatural, sorte de intervenção divina, como explicita no quarto parágrafo do trecho: “Seria como se uma voz viesse do alto, uma ordem divina, à maneira dos antigos avisos aos homens e às cidades atingidas pela maldição de Deus.”

Numa espécie de emulação tropical das pragas do Egito, o narrador depara-se com um quadro perturbador de abandono, de uma natureza enraivecida – posto que desprezada – que engole, ela própria, a civilização antes elaborada, premeditada, pelo homem. Mais uma vez na prosa de Cardozo, a natureza estilhaça a ordem lógica, parâmetros já pensados, calculados, equilibrados e postos em prática pelo homem. Ao ser confrontada, rompe os limites que lhe são convencionalmente estabelecidos, para, endoidecida, pôr abaixo tudo aquilo que a razão do homem construiu. Não é sem

perplexidade que o narrador encara o abandono ao tempo de uma cidadela antes tão bem encaminhada e vivaz.

Como o mesmo aventa no último parágrafo do segmento, o “segredo de Tramataia talvez estivesse contido nas grandes mangueiras distantes e altas, onde voavam bandos de garças brancas, pescando peixes do rio para devorar”; a natureza local, testemunha ela própria da razão pela qual a vila foi esvaziada, guarda o mistério de Tramataia. Vilarejo abandonado de forma totalmente ininteligível para o narrador, Tramataia é uma quase lenda, conectando-se a uma origem sobrenatural, que comandaria o lugar e sua história, como se os habitantes tivessem tudo largado em um único momento – Pompéia encerrada no interior da Paraíba –, deixando seus afazeres de lado, tarefas, prendas domésticas, para repentinamente comparecerem a uma procissão e serem levados num rito absolutamente mágico, inebriante, do qual retornariam dali a anos. Fixa no tempo, a aldeia preserva resquícios de suas vidas, resgatadas por vontade superior – divina – para regressarem lá adiante.

No trecho derradeiro do conto, o nome Tramataia surge como “também objeto de seu mistério”, título que nada significa, tudo significa, cala um grande mistério indecifrável para o narrador, que, diante da vila, não encontra motivos para seu nome, seu desconsolo. Nas mesmas áreas da Baía existem Mataracá, São Miguel, São Francisco, localidades todas com nome palpável, compreensível pelo raciocínio humano, mas não Tramataia, que conserva, no nome, a chave de um enigma que persiste e perturba. Todavia, a especulação permanece, pois, assim como o nome, a vida em Tramataia parece fugir a qualquer tipo de classificação, de ordenamento e de apreensão pela lógica tradicionalmente vinculada ao homem.

Em “Tramataia”, Cardozo esquadrinha a profunda tensão entre real, vivido, e imaginado, sonhado. Tal oposição surge igualmente num célebre poema de Cardozo, não coincidentemente dedicado ao vilarejo, “Recordações de Tramataia”, em que relembra os momentos passados no lugar, garças brancas, bandos de jandaias, o desejo de gente na casa de farinha e nos mocambos vazios. Tramataia: a paisagem célere e infinita a se desdobrar diante de seus olhos, e como, se morresse naquele exato instante, a boa lembrança que levaria, a grande lembrança, seria a saudade da pequena namorada do amigo de Tramataia.

6.O rugido

Como em grande parte dos contos de Cardozo, em “O rugido” sobeja o clima de vivência pessoal, muito dado pela narrativa construída em primeira pessoa, como também pelo estabelecimento de uma atmosfera formal e de conteúdo em que avulta a sugestão de se tratar de um acontecimento real. Na maioria dos doze contos de Cardozo predomina o tom de relato, de simples e direto contar, que, no entanto, tende a ser quebrado pela irrupção do elemento fantasmagórico, beirando o sobrenatural, que desarruma o fluxo ordeiro e mais ou menos calculável da narrativa até então tecida em bases muito ligadas à crônica e que lhe emprestam um caráter peculiar.

“O rugido” é composto pela seqüência de três fragmentos narrados ao longo de uma conversa mera, que se desenrola de forma fluente e previsível, mas que traz algo de desconforto ao apresentar, a partir do canto insólito de um galo, fragmentos recheados do fator lúgubre, desconcertante.

No primeiro parágrafo o narrador comenta se tratar conversa corriqueira e despreziosa. O próprio “Estávamos”, primeira palavra do conto, já confere um sentido de continuidade, como se houvesse um preâmbulo, como se aquele falar desafetado e rotineiro entre amigos na sala de jantar já se desenrolasse há bastante tempo. Elemento-chave no conto, a sala de jantar é onde se dão as conversas, com uso privilegiado para refeições.

No terceiro parágrafo, a quebra no tom ordinário ocorre com a menção a ameaças por parte dos ocupantes das terras nas quais trabalham o narrador e seus camaradas, Holanda e Alencar, a que estavam sujeitos pelo fato de adentrarem terrenos devolutos e ocupados por antigos índios que temiam, com a demarcação do território, que aquelas terras fossem devolvidas a famílias influentes da região. O assédio já estabelece um ambiente de desconfiança e desarranjo.

A ameaça é aqui tratada de forma bastante direta: sob o rótulo de “novidade para contar”, veicula-se a questão de que os habitantes da aldeia, ciosos de suas terras e temendo que fazendeiros próximos pudessem invadi-las, findam por acossar os colegas do narrador, que, em seguida, lhe anunciam que daí em diante trabalhariam “sob a proteção de guarda-costas”. A revelação é feita na “pequena calçada do Divino Amor, onde ardia uma luz contínua, de dia e de noite”. A impressão de dia e de noite gera de antemão uma extrema perturbação e rompe o clima de sobriedade e tranqüilidade, pois

engendra um “ar de preocupação e mistério”. A sensação de perigo iminente prepara o terreno para o surpreendente e o fantástico que virão em seqüência.

Na velha sala de jantar cria-se um lugar de reunião, conversa – e também de cumplicidade, partilha de confidências, suspeitas. Holanda e Alencar, os “dois companheiros de casa e de trabalho” do narrador, ali contam as notícias, abordam fatos cotidianos e trocam idéias. A sala de jantar é vista, por conseguinte, como espaço de troca, místico, como as reuniões ao redor das antigas e lendárias fogueiras em que se contata o outro mundo ao se contar histórias, em que vêm à tona segredos, dúvidas e sobressaltos. Não à toa, no quarto parágrafo, o campo semântico prima pelo negativo, o incerto: há “dúvidas e suspeitas”.

A conversa desenvolve-se na sala, à noite, povoada de segredos e de questionamentos sobre as ameaças, e engendra um ambiente instável, propício à germinação do espanto, do medo. O silêncio reinante, pausado pela troca de falas e idéias, é também quebrado pelos “rumores do mar próximo e o ramalhar dos coqueiros”. Como um ruído desestabilizador, os sons da natureza, assim como o vento uivante, provocam temores, parecem mau agouro. Também o silêncio evoca o som do além, dos mortos, forma de comunicação com o outro, o misterioso.

Proseavam na sala, portanto, o narrador e seus dois assistentes, como de hábito de modo casual, quando são perturbados pelo cantar do galo, que o narrador diz ouvir muito longe. O som estilhaça o negrume compacto da noite, reforça-lhe o caráter sombrio e chacoalha a evolução natural do silêncio. O que causa espanto não é o canto em si, mas o incomum do horário, ainda muito cedo para que o galo cante. Notável é a adjetivação especialmente eleita para o canto: “estranho e misterioso”, “isolado e único” – a essência do canto, por suas características mesmas – marcante, realçada – prende a atenção, desperta os sentidos, provoca o raciocínio de quem o ouve, e desordena o andar espontâneo de uma conversa trivial. O canto parte o silêncio da noite fechada e, ao mesmo tempo, gera outro silêncio – do grupo, da conversa, do desenvolvimento corrente e inócuo do pensamento, da articulação verbal.

Tal canto os faz “silenciar de repente”. O tom misterioso e transtornado destaca-se nas palavras selecionadas pelo narrador para demonstrar o desconforto perante aquele canto tão pouco usual; temos, pois, “surpresa”, “almas”, “coisas fantásticas”, “ilusão”, “magia”. A exemplo da supracitada fogueira em torno da qual se contam histórias fantásticas, muitas vezes lúgubres, que açulam a imaginação dos presentes, os três

participantes da conversa decidem relatar, cada um a seu turno, uma história, incitada pelo maligno e inesperado canto do galo.

Com o mental incendiado pelas múltiplas sugestões evocadas naquele canto do galo, começam. Como na Antiguidade, o esquisito canto é encarado como um mau presságio, anúncio de morte, arauto das trevas, do sinistro. É preciso ressaltar que tais indícios são constantemente vinculados a animais, pela leitura de suas vísceras ou por comportamentos extraordinários. O canto do galo “antes da meia-noite” torna-se forçosamente “sinal de morte”, ensejando a lembrança de evento anterior, em que, “anunciada pelo canto de um galo”, sucede uma morte bastante misteriosa.

No décimo segundo parágrafo um dos integrantes da conversa manifesta-se e principia a contar seu episódio fantástico, associado ao canto do galo, ruído perturbador. Era noite no aldeamento de São Francisco. Na casa do chefe indígena, o caboclo Caetano, o narrador dessa história e tantos outros se sentam e conversam, como no momento atual expresso em “O rugido”. Estão longe da praia e se ouve, muito antes da meia-noite, como agora, o cantar do galo, um canto “único e isolado”, muito antes do costumeiro. Ao comportar o elemento fantástico, desestabilizador, o cantar do galo aproxima-se, por conseguinte, de “revelação de algum acontecimento triste ou milagroso ou macabro”.

Repetindo um motivo bastante freqüente em sua prosa, Cardozo torna o que foge ao ordenamento lógico, ao estabelecimento de um rumo efetivo e linear, fator de desequilíbrio, pois é justamente no tropeço do corriqueiro que se embaralham as fronteiras entre real, habitual e racional, e imaginado, extraordinário e sensorial.

De fato, o canto prenunciara um episódio trágico, fatal, em que dois homens, ao passarem a noite “completamente embriagados, por uma praia de areia movediça”, ali pegam no sono. A areia movediça vai de um lugar a outro, sem deixar a mínima pista. Os homens “deitaram-se naquela areia e adormeceram curtindo a carraspana”. Ao raiar do dia, somente um dos dois é encontrado, tendo o outro sumido, o que leva a polícia a rapidamente agir: prende o que permanecera e interroga-o duramente, torturando-o, na tentativa de fazê-lo confessar que matara o colega.

Apesar das buscas e da severa investigação, não se encontra cadáver ou qualquer prova de que o homem estivesse morto. Entretanto, no dia seguinte, com a mudança de vento, a duna finalmente move-se, muda de lugar, e revela o corpo do homem “soterrado na noite anterior”. A terra chamara para seu seio o corpo vivo e cheio de energia do homem; ele, inteiramente embriagado, se deixara tragar pela força telúrica,

não lograra resistir ao apelo fúnebre dessa mesma terra, que, àquele que se abandona, nega a possibilidade de vida.

A descrição do acontecimento é feita de maneira particularmente detalhada e visual, impactante:

A terra tinha enterrado, ela própria, o corpo vivo de um homem. O homem, o bêbado que faltava, que tinha desaparecido e o próprio companheiro não soube responder pelo seu destino. O soterramento feito pela duna deve ter começado pelos pés e depois, aos poucos, prosseguido pela cabeça. Embriagado, sem forças para se libertar da prisão da grande massa que passava sobre ele, o outro bêbado acabara sendo asfixiado pela areia, sem que o amigo nem mesmo suspeitasse.

Com força brutal, ilimitada e visceral, a terra ignora o andamento lógico do civilizado e suga as energias do homem embriagado, que abre mão de sua exatidão e, entregue ao torpor sensorial provocado pelo álcool, é engolido em suas entranhas.

O amigo nem mesmo suspeita que seu companheiro fora asfixiado pela areia, a começar pelos pés, depois a cabeça. Nesse momento profundamente angustiante criado por Cardozo, imaginamos a agonia do homem que, bêbado, se vê acordar pouco a pouco sem ar, esmagado pelo peso da massa de areia.

Dá-se a ligação com o canto funesto do galo pelo fato de o corpo ter sido notado por pescadores da região que passavam pelo local “por volta de onze horas da noite”, antes da meia-noite, antes da madrugada que antecipa o dia, hora em que o galo costuma cantar. Por esse motivo – pelo estranho daquele canto tão prematuro – um dos participantes da conversa retratada em “O rugido” recorda o evento do homem ébrio afogado pela massa da duna. Aqui, o canto mortífero do galo serve para avivar a memória de um episódio soturno.

Morte enigmática parecida com a do sujeito engolfado pela areia movediça acontece no relato subsequente, história “pelo menos tão misteriosa [...] tão imprevista e quase tão inexplicável” quanto aquela.

A morte logo atiça a curiosidade de todos os membros do grupo e é, em seguida, descrita em pormenores. Assim, é o narrador que agora fala: afirma que quem trabalha no campo sabe quando um dia é de fato “surpreendente”. E é o que ocorre: o dia por ele relatado é deveras “surpreendente”.

Durante dias e meses, tudo se passa no campo sem que haja nada de novo; não se vê “cobra, não encontramos um camaleão, nem mesmo um nambu ou teju”. A vida

segue seu rumo, o campo segue sua tranquilidade, normalidade – organizado e familiar ao homem. No entanto, ao surgir o elemento anormal, o homem é pego de surpresa pela violência da natureza, que o subjuga e o faz arrepender-se de ter acreditado que a domava. De súbito, “dentro das matas, dos canaviais, dos capinzais, surgem pequenas cobras inofensivas, ou cascavéis e urutus, pelo meio das picadas e dos caminhos”. O narrador comenta que, pelas veredas trilhadas, havia jararacas repousadas na água, o que, no entanto, era considerado incomum, não sendo o habitual dos dias de trabalho pelo campo. Um desses momentos é especialmente “raro”, ou mesmo “surpreendente”, “para quem trabalha no mato”. Como não poderia deixar de ser, o “trágico acontecimento” dá-se “num dia assim, muito raro”. A exceção é território por excelência do misterioso, do que escapa à ordem, e é a partir dela que a natureza brota, pujante, e mostra-se soberana e alheia às convenções postas pelo pensamento racional humano.

Ao alcançar o Engenho Curado, o narrador, que ali efetuava para a Comissão Geodésica do Recife um levantamento hipsométrico, verifica nos pés de imbaúba haver vários camaleões, muitos deles capturados pelos moradores para serem comidos. Tal cena causa-lhe surpresa, por não ser exatamente comum. No mesmo dia, outro evento pouco usual chama-lhe a atenção: encontra “uma cobra coral de cauda rombuda, quer dizer, das mais venenosas; e, além disso, deitada dentro de uma levada, uma jararaca com as suas malhas, pretas e brancas”. A jararaca, enraivecida com a chegada do narrador, aproxima-se e quase o atinge com seu bote. Além disso, depois de tantos fatos marcantes e “surpreendentes”, também o narrador vê pelo chão ninhos de nambu e de jaó, numa altaneira exibição da natureza de que, naquele dia, “toda a vida do campo e das matas tinha surgido de repente”.

Até então pacificada, letárgica, resguardada dentro de seus confins, a energia da natureza de repente abre-se com vigor, desvela-se diante dos olhos do homem e o pasma com seu desmesurado, sua violência e sua capacidade mortífera. O homem, que imagina controlá-la, encontra-se, pois, surpreendido e encurralado por essa natureza, na qual se insere e que se lhe revela como a parte obscura de seu próprio eu, o lado que ele pensa guardar, ocultar e dominar – um tanto adormecido –, mas que muitas vezes emerge com impetuosidade e inclemência, bem como a fauna e a flora daquele dia sobretudo “surpreendente”.

No vigésimo primeiro parágrafo, o narrador utiliza uma classificação bastante sugestiva para realçar tal dia, “verdadeiramente espetacular [...] com tantas aparições”

que quase deixar de exercer seu ofício. Após trabalhar no campo por algumas horas, o narrador aproxima-se da estação de regresso, a pé, “dentro de um areal frouxo, o que tornava a marcha difícil”. Tendo completado “uma certa distância”, ouve um grito penetrante na planície arenosa, vazia. As sendas do terreno areento eram cheias de sulcos e escassos trechos de grama pouca espessa e verde. O grito era “agudo, doloroso”, feria os ouvidos e aguçava a curiosidade – o narrador, em consequência, se pergunta o que ocorrera. “Depois de quase dez minutos de caminho e já bem perto da estação de estrada de ferro onde deveria tomar o trem para o Recife”, finalmente encontra um homem lívido, esvaindo-se, sem qualquer tipo de fôlego, voz ou energia, deitado na faixa de areia. Sobre as pernas descobertas havia pequeníssimas cobras, “seis ou sete [...] jararacas” mínimas, filhotes. As pernas, mordidas em inúmeros lugares, sangravam e mostravam as veias já intumescidas, putrefatas, assemelhando-se a “outras pequenas cobras”. O homem, “quase morto”, causa desespero ao narrador, que em vão procura na planície deserta alguém que possa ajudá-lo. Não há condições de levar o homem caído à estação de trem por conta do peso, da distância e do pouco tempo disponível. O narrador resolve, portanto, apressar-se e velozmente alcançar a estação, onde poderia comunicar o ocorrido. Lá chegando, pelo telefone chama a polícia, que, contudo, apanha o homem já morto.

O canto do galo que se associa à história e que engendra o contar do episódio não está de fato presente no caso, mas se avizinha da agonia de um ruído fatal que quebra o silêncio, do desespero do grito absoluto do homem atormentado pelas cobras que se vê acordado apenas para morrer; que, desperto, tem o horror frente a seus olhos e encara a morte certa.

Como o morto embriagado do trecho anterior, o homem desse segmento estava bêbado; inconsciente, entrara na planície durante a madrugada avançada. Sob o efeito entorpecente do álcool, caíra naquelas paragens e ali adormecera. Inebriado, não acordara ao chegarem as pequenas cobras. O terror de acordar e se ver mordido e envenenado causara-lhe o grito derradeiro, ansioso e impotente.

Holanda observa que esse “alarmante e imprevisto [grito], assim dentro de uma charneca deserta” não está relacionado diretamente à morte por asfixia na duna movediça. No entanto, os três trechos – do canto soturno do galo que interrompe a conversa na sala de jantar; do outro canto, que anuncia a morte do bêbado quando da descoberta de seu corpo inerte embaixo do peso esmagador do monte de areia; do uivo de pavor do homem condenado, envenenado e mordido por jararacas – ligam-se

intimamente por meio da presença, em todos, de algum ruído perturbador, prenúncio de morte sofrida.

O comentário de Holanda introduz o último trecho de “O rugido”, contado por Alencar – também o relato de um som surpreendente, misterioso, tenebroso, fugidio. Segundo Alencar, sua história lhe fora narrada por um viajante oriundo de Mamanguape.

Montado num burrinho, o viajante percorre a trilha de forma tranqüila e previsível, quando, a certa altura do trajeto, adentra a mata, num “curso d’água volumoso, e que somente caçadores sabem onde nasce e em que direção [...] corre”. Todos os viajantes, mesmo os habituados ao caminho, suspeitam do traiçoeiro lugar, sinônimo de perigo.

Com os sentidos aflorados, a imaginação excitada pelo cenário hostil e pelas condições agressivas da natureza local, e o psíquico brutalmente descomposto pelo medo irrefreável que dele se apoderara, ao passar pelo sítio Alencar afirma ouvir “um rugido do alto, sem explicação nenhuma”, aterrador, “agudo e prolongado”, sufocante, sem origem, impossível de se rastrear. Um “grito terrível” e lancinante, vindo das entranhas da natureza, que surge de forma espontânea sem se vincular a nenhum tipo de causa real, capaz, por seu poder paralisante, de contagiar até mesmo o burro, que logo começa todo a “tremar e a suar em bica”.

Alencar questiona-se: como pode um rugido alcançar um animal irracional, causar-lhe tanto mal, fazer com que seu corpo mesmo produza uma série de sintomas e perturbações? Chega, por fim, à conclusão de que o rugido deveria ser de “outro mundo”, com algo de “um poder mágico”. Atônito, busca entre os ramos a origem do rugido, espera que se manifeste de novo dentro da “mata misteriosa; porém, nada mais se ouviu; o rugido foi único e retumbante, ganhando todo o espaço deserto daquela região”. O caráter surpreendente do rugido, sua unicidade e potência tornam-no ímpar, destacado; é essa qualidade específica que gera a suspeita de se tratar de fenômeno sobrenatural, inexplicável pela razão.

O consolidado silêncio é despedaçado pelo rugido: “Naquele silêncio dominante, naquele silêncio que fazia parte do universo e da natureza que ali estava implantada como que por uma ordem divina, que envolvia todos os seres e todas as coisas, um rugido como aquele, tão penetrante e avassalador, só poderia vir, magicamente, do próprio silêncio.” Como podemos perceber, o silêncio confunde-se com o universo e a natureza, silêncio que é parte dela, todos instaurados pelo curso natural cósmico. O

silêncio que penetra “todos os seres e todas as coisas” não admitiria um rugido tão potente, profundo e arrebatador; tal fenômeno viria, pois, como por feitiço do próprio silêncio, que se exprime por meio de uma explosão. Sua voz, seu rumor, antes ignorados, fazem-se presentes de forma enérgica e imensurável.

O rugido é a “materialização do silêncio”. Mesmo que não haja explosão, e sim implosão, há ampliação da força vital, corrosão de suas entranhas; o silêncio manifesta-se de modo violento, desconhecendo limites lógicos. Ainda como uma última hipótese levantada por Alencar, o silêncio, por sua presença impressionante, talvez pudesse motivar uma “ilusão de uma voz”, que se metamorfosearia no rugido, “voz de um ser qualquer daquela natureza misteriosa”.

Tal teoria, um tanto fantasiosa segundo Alencar, devia-se à tendência do homem que lhe contara a história “para o devaneio”. Assim se explicariam tais palavras, tão “divagantes, desconstruídas”. Embora o rugido pudesse misturar-se à própria força cósmica do silêncio, três dias depois vem uma explicação para a origem do rugido, “ainda que de um modo duvidoso”, um pouco mais vinculada ao “mundo real”.

Na praia de Coqueirinhos, surge um animal marinho, não “baleia, nem tubarão, nem espadarte”, completamente desconhecido, estranho, quiçá nunca visto no mar, um “peixe enorme, como eram aqueles monstros marinhos”, bíblicos, como toda a lendária fauna de épocas antediluvianas, jurássicas. Surge o animal agonizante, deitado na areia. Ferido, lutara contra alguma força da natureza marítima, no fundo da água, e morria na praia.

Tentando estabelecer uma ligação lógica com o rugido, o viajante logo associa o potente uivo a esse animal, pois tem ele certeza de que não se tratou de sonho ou delírio, chegando mesmo a afirmar que o grito fora de fato ouvido por várias pessoas e que casos semelhantes foram lembrados. Monstros marinhos, habitantes dos grandes mistérios e confins oceânicos, das imensidões insondáveis e profundezas abissais, teriam vindo àquelas paragens para ali soltar seu urro vital.

O bramido, som proveniente dos recônditos da natureza, liga as três histórias de “O rugido” e a conversa inicial do conto. O canto do galo antes da meia-noite, que aviva os três relatos e traz consigo presságios mortíferos, é o ruído que desfaz a aparente serenidade calada da noite e motiva o desenrolar das três lúgubres histórias.

7. De novo em Cabedelo

Depois do clima fantasmagórico e inquietante de “O rugido,” no conto seguinte, “De novo em Cabedelo”, presenciamos uma espécie de volta à narrativa um pouco mais simples, concreta, apaziguada e linear dos três primeiros contos, isto é, “Voltando de Marcação”, “Perdidos nos tabuleiros” e “Tramataia”. “De novo em Cabedelo” notabiliza-se por suas características de conteúdo e forma, com descrições bem-sucedidas do vento, das marés, da luta dos marinheiros contra a força das águas do mar, da maleita que acomete o narrador, dos trâmites da viagem de retorno a Cabedelo partindo da Baía da Traição.

Aqui, embora a narrativa se desenrole de maneira mais ou menos corrente, sem rupturas significativas no tempo e no espaço, vemos mais uma vez o quanto Cardozo se aproxima da temática da pujança incontrolável da natureza, que dobra o homem em suas inglórias tentativas de captá-la, controlá-la. A natureza cardoziana é, além de altiva, inóspita; faz do homem mero brinquedo. Em “De novo em Cabedelo”, ela se mostra em seu esplendor sobretudo sob a forma do vento e do mar, cruéis e aterradores.

O vento é um lobo faminto, predador que busca desarranjar os sentidos do homem, causar-lhe mal-estar, pulverizar qualquer possibilidade de paz, conforto e ordem. É um vento hostil, que não se dobra a regras e muito menos ao domínio da razão e das forças criadoras do homem, um vento que, assim como nas narrativas épicas, gera queda, ruptura e, muitas vezes, morte, um vento que traz consigo a força ancestral dessa mesma natureza da qual faz parte o homem, e que, com ela confrontado, deve deparar-se com suas próprias fraquezas.

O mar, assim como o vento, território imenso, de infinita força, energia, vivacidade, não abriga o entendimento racional, premeditado, previsível do homem. O mar é, antes de tudo, campo de batalha, luta muitas vezes perdida antes mesmo de ser posta em jogo, luta que o homem sabe que deve enfrentar em toda a sua beleza epopéica, gloriosa e ampla, que lhe devolve o sentido do grandioso, do bíblico, de sua condição humana, ao mesmo tempo tão poderosa e tão insuperavelmente frágil.

É no confronto, no atrito com a natureza, com o mar e o vento, que o homem se apercebe de sua debilidade, de sua efemeridade e inconstância. Ao mesmo tempo, é nessa luta com elementos poderosos, incrivelmente viscerais, que ele encontra sua própria grandeza.

“De novo em Cabedelo” traz, portanto, a presença de tais elementos naturais, possantes – vento e mar –, que assustam o homem e simultaneamente o deslumbram. Também a doença é posta como uma espécie de consequência ou, em termos mais técnicos, sintoma do desconforto psíquico e sensorial causado por essa mesma natureza brutal e incontrolável, desmesurada. Embora tente domá-la, o homem sabe que jamais logrará tal intento e, portanto, ao se ver diante da inocuidade de suas ações, tentativamente lógicas, finda por se dilacerar e sucumbir à doença, à febre, à perda completa da razão, entregando-se a delírios e à fraqueza de seu corpo.

O narrador inicia o conto comentando que, na véspera, havia subido o morro de São Miguel para um trabalho de marcação de traçado do divisor de águas por ali. No entanto, os índios locais se opunham a que aquele fosse o limite de seu território e, por isso, gera-se um confronto. Acompanhado por seu assistente, tenta realizar a tarefa, mas percebe que está completamente ilhado, tendo, para sua própria segurança, de andar com vinte homens armados de rifles, contratados nas cercanias para protegê-los. Confrontado com um tipo de trabalho tão perigoso, percebe que aquilo não lhe agrada. Assim, sua condição extrema acaba se impondo e prefere, então, abandonar o trabalho para o qual havia sido contratado.

Depois de algum tempo no local, decide regressar à cidade natal, o Recife. Livre do acerto que havia estabelecido, percebe que deve voltar à cidade, depois de quatro meses na Baía da Traição; contrata, pois, dois pescadores da Baía da Traição e seu transporte, uma espécie de lancha, até o porto de Cabedelo, onde, enfim, junto com seu acompanhante, Holanda, tomaria o trem de regresso à capital pernambucana, Recife.

Às três da madrugada, portanto, partem, e é interessante notar que nesse trecho o narrador comenta que o céu é ainda “apagado e noturno, selado ainda com a sombra do mundo”, como um céu que não pudesse ter seu lacre rompido, que rejeitasse qualquer tipo de abertura e de desbravamento, forasteiros – que repudia a participação do homem ao se impor soberano e autônomo, distante da vontade humana e de sua presença. O céu apagado e noturno, selado, logo irá revelar um mar ainda mais sombrio.

No meio dessa noite monolítica, o narrador e Holanda aproximam-se da lancha dos pescadores e se lançam ao mar, sendo nela embarcados. Partem. Pensam que rapidamente atingirão Cabedelo, pois, na viagem de ida até o porto a partir do Recife, haviam levado apenas três horas na viagem, com maré cheia, impelidos pelo “vento de feição”, camarada, convidativo, mais afeito à própria natureza moderada do homem – ao que essa natureza tem de ordenado, mensurável.

A viagem de regresso, no entanto, revela algumas surpresas não tão positivas. O vento é contrário, “vento sulão, que soprava do sul”, vindo da imensidão preta da noite, insondável, vindo do longe, horizonte perdido entre nuvens grossas e intransponíveis. O vento balança e descompõe a superfície da água, erguendo onda após onda na maré baixa, revolucionando e turbilhando nuvens compactas, negras, que se espalham e tudo envolvem. É um vento “contínuo, batido, metucioso”, que brinca com as forças da natureza, que joga, dança e hostiliza, faz das águas seu cenário de caos, de força vital. Ele se ergue, sobe, volta, se apruma, traz vibração “de asas diluídas, desfeitas, decompostas”, num “ritmo pesado, seguro, constante”; baila, zomba dos homens, vai do sul a leste em variações múltiplas, perdendo-se no horizonte do mar, regressando, enfurecendo as águas, encrespando o topo das ondas, mas sempre contra a vontade e o caminho do homem, contra sua vela aberta, sinônimo de liberdade e altivez.

Com vento tão inimigo e malevolamente brincalhão, os pescadores decidem, para avançar na direção de Cabedelo, bordejar, ou seja, zigzaguear entre a costa e o mais afastado do mar. São forçados a isso, o que fatalmente faz com que a viagem dure ainda muito tempo, superando o limite de três horas conseguido na viagem de ida de Cabedelo até a Baía da Traição. Tal bordejo representa constantes idas e vindas, tropeços, linhas retas *versus* “líquidas e vacilantes”, feitas e desfeitas, como uma grande mortalha de Penélope.

Domado pela força inevitável das águas, pelo temível e traiçoeiro vento sulão, o barco navega, adernado, sujeito às intempéries caprichosas da natureza. Bordeja ao longo de toda a costa da Paraíba, da Baía da Traição até o porto de Cabedelo, num zigzague sem fim. Com a vela inclinada, vão, rasgando o mar e nele se embrenhando, até um ponto muito longe, como se desejassem alcançar o horizonte ou alguma brecha, algum brigo contra o vento cruel e atordoante. Tentam contorná-lo, nele achar uma pequena trilha, aceno de paz, sinal de vento mais ameno. Depois de quase atingirem o horizonte, voltam cambando, molhando a vela, chegando muito próximo da praia, num bordar e desbordar lento, monótono e cansativo.

Entre o longe horizonte marítimo e as proximidades rasas da praia, o barco bordeja penosamente, com muitas longas oscilações, hesitações e reforços, num movimento pendular de avizinhação e distanciamento do vento inclemente, que sopra sem cessar, zune sempre aguda e melancolicamente num uivo vindo da garganta de seu próprio silêncio, que então explode em assobio. Diz o narrador: “um uivo como se viesse de uma matilha de lobos perdidos e famintos naquele mar generoso.” Bordejam

assim, tentando não só vencer o forte vento, como também nele achar uma saída, uma pequena trégua naquele fim de noite, acercando-se da manhã. O barco quase vira, tenso, com todos os tripulantes sentando-se como contrapeso e tentando manter o equilíbrio, mas o vento, impiedoso, continua a adernar e desconcertar os sentidos dos homens que ali se encontram.

Depois de passada uma hora em tal trajeto conturbado, o amanhecer ainda está levemente distante. O narrador, portanto, para tentar se distrair e não se concentrar demasiado na violência do vento e do mar revolto, tenta observar ao longe as praias da costa norte da Paraíba, “com seus coqueirais, os seus pontos de luz vagos e indecisos”, praias que o acolheram durante quatro meses e que ele conhecera de perto, ao trilhá-las. A beleza dessas praias acompanhara seus olhos, sempre tão calmas e convidativas, aparecendo agora dentre os coqueiros quando o barco delas se aproxima. Salina, Boqueirinhos, Tambaú: praias serenas, reconfortantes, não mais possíveis de serem alcançadas.

Tentando ainda fixar a atenção em algum ponto palpável, o narrador procura, quando o barco se distancia do litoral, observar os pescadores que manobram as redes, buscando delas extrair o máximo de peixes e tirar daquela viagem algum proveito financeiro. O balé do pescador é assim descrito pelo narrador: “deixar fugir a linha, que se desenrolava do carretel para dentro d’água, atingindo grande profundidade no mar; nunca tinha visto uma pesca deste gênero; o pescador me explicou que era com a linha de corso que se pescavam os peixes que viviam a grandes profundidades.” A dança, ainda que inglória, do pescador com o mar – que lhe garante o sustento – é, por alguns minutos, contemplada pelo narrador, que acompanha as manobras, os trejeitos, o esmero do pescador em retirar do mar algum fruto.

Porém, torna a se sentir mal, perturbado pelas idas e vindas do bordejar, pelo mar atizado e perigoso, pelo vento atordoante. Seus sentidos estão completamente avassalados, sua razão esfiapou-se de todo. Com mais uma hora de viagem, começa a vomitar em “grande agonia”; é, por conseguinte, levado ao pequeno porão na popa do barco, mas ali seu vômito somente se intensifica, saindo “amarelo, era um vômito que, estando em jejum, quase somente havia bílis; sentia, também, muito fortemente, doer-me a cabeça”. Com a imaginação inflamada pela difícil viagem, não somente o raciocínio do narrador encontra-se prejudicado, mas também seu físico, que sofre seqüelas. O bordejo contínuo leva-o a enjoar de maneira cada vez mais forte. Sentindo-se nauseado, o narrador percebe ainda que o barco veleja, tenta encontrar uma pequena

fenda amiga, mão estendida ao longo da muralha eólica, do desespero agonizante – portal de acesso, quiçá, a um vento mais cortês e pacífico.

Pouco depois, o dia raia, brilhante. O barco bordeja continuamente e a vela procura o rumo de Cabedelo. Ao contrário da viagem de ida, quando em três horas haviam percorrido o trajeto, agora eram necessárias nove horas para que se completasse a viagem. Chegariam em Cabedelo, como afirma o narrador, por volta do meio-dia, “em condições deploráveis”, pois sente-se cada vez pior, com a cabeça tonta, pernas encolhidas no porão, doloridas, o enjôo adensando-se e vômitos constantes.

O narrador compara esta à viagem anterior, quando partiram à tarde, com o mar farto, de maré alta, enormes ondas que sobem e descem na proa do barco, iluminadas pela boa luz da tarde nordestina. Ondas cordiais, que se desfaziam ao erguerem a embarcação até o ponto mais elevado de sua crista, num afável *pas de deux* entre barco e mar. O fundo do abismo, se é que o havia, não engolia o barco, apenas o impulsionava rumo ao topo da onda.

Contudo, o quadro é agora inverso. Embarcaram durante a madrugada, às três da manhã, naquela noite de “um céu apagado e noturno, selado ainda com a sombra do mundo”, um céu vedado, que não admite penetrações. As ondas não mais são luminosas; fazem-se sentir somente pelo barulho forte, compacto, da água volumosa roçando o dorso do barco e pelo ruído incessante fruto do atrito com o vento sulão.

Depois da náusea, o narrador sente frio, “o conhecido frio da maleita”, em circunstâncias tenebrosas: encolhido no fundo do barco, com acessos de vômito, mal-estar, dores de cabeça e pelo corpo que não o abandonam. O frio – quase da alma – manifesta-se no corpo, à semelhança do que já ocorrera outras vezes, quando a moléstia o aprisionara no fundo da rede, muito embora em situação contrária, numa casa confortável na bela e misteriosa Baía da Traição, com sua esplêndida praia.

O ataque de malária vinha-lhe de novo, mas em contexto diferente, no mar. Antes, experimentava os sintomas da doença por volta de uma da tarde, a começar pelo frio intenso que dele se apoderava; agora, entretanto, os sintomas manifestam-se mais cedo, cerca de dez, onze horas da manhã. Padecendo em casa, o frio completo tolhia-o, fazendo-o recolher-se à rede, para depois virem a febre altíssima e suores profundos, e no dia subsequente, a melhora. No barco louco, no entanto, dentro de um mar igualmente endoidecido, assediado por um vento inclemente, já “há sete horas numa luta incessante”, a maleita irrompe mais cedo. Sua situação é no momento mais dura, visto que está abrigado em local inóspito, deslizando de um lado para outro, agachado,

retraído, sentindo frio, enjôo, dor de cabeça, dores – antes de uma da tarde, não é surpresa vir-lhe o frio.

Depois de muito penar, consegue, finalmente, chegar a Cabedelo. Seu corpo e espírito estão em frangalhos após ter viajado durante nove horas. A violência da natureza o põe entregue, amortecido, disforme. O homem cardoziano não resiste à fúria da natureza, sente na pele os sintomas do caos psíquico. Alcançando Cabedelo, é retirado do porão da lancha, levado até a praia, de onde caminha até o hotel. Ali, no processo que já conhece, sente o desenrolar dos sinais da malária: frio, febre, amanhecer serenado.

No dia posterior, o narrador e Holanda partem, enfim, para a capital da Paraíba, lugar de baldeação, onde pegariam outro trem em direção ao Recife. Saem nas primeiras horas da manhã, entram no trem e vão embora, rumo à capital paraibana. Embora protegido no calor do vagão, não demora para que o narrador de novo se sinta acossado pelo frio da maleita, percebendo que a doença não o abandonara. Por volta do meio-dia, encolhe-se no canto do banco e experimenta o frio profundo, quase além-corporal, espiritual, como se ignorasse qualquer explicação racional.

Como o próprio narrador supõe, o frio talvez fosse uma lembrança da Baía da Traição, despedida tristonha, a distância – para ele não mais haveria praias formosas, linda Baía, areia clara e dias triunfantes. Havia, sim, a saudade da Baía da Traição, causadora de frio e tonteira, ele recolhido ao canto do trem que o levaria muito em breve a Pernambuco, sua terra natal, seu carinho, seu destino, o abrigo último, redentor. O Recife é cura, salvação, ninho de conforto em que pode, finalmente, descansar.

Já em Pernambuco, em sua cama sente de novo – pela última vez em sua vida – o ataque de frio, febre, mal-estar, dores. É, sem dúvida, uma lembrança final da Baía da Traição, um derradeiro vínculo com a localidade que durante quatro meses o acolhera, com suas praias, coqueiros e dias radiosos. A encantadora Baía da Traição, que lhe emprestara uma natureza benfazeja, estava agora muito longe. Como um resquício daqueles dias memoráveis, a maleita o acompanhara até o Recife. A natureza impiedosa, que o encurralara durante o trajeto, dá, assim, provas de sua força, prega-se como tatuagem à sua pele; as cercanias da Baía, que tanto o embeveceram, agora mostravam seu vigor ao se colarem a seu corpo e dele fazerem instrumento de seu bel-prazer. É essa natureza, evocada nas paisagens da Baía, que o entorpece, que lhe põe marcada no físico a lembrança do tempo passado na Paraíba.

8.Minha tia Dondon

Em “Minha tia Dondon”, o autor monta uma de suas narrativas mais líricas e fortemente vinculadas à questão da infância, da memória, do sonho, do pensar livre e agitado, que tanto atíça a curiosidade infantil. É nesse conto particularmente que Cardozo se mostra também mestre do afeto e da doçura, ao trazer para a própria atmosfera da narrativa um quê de saudade, beleza e colorido.

O narrador principia contando-nos um pouco de sua rotina familiar, dos tratos da casa, das tarefas ali desempenhadas pelos empregados, da engrenagem que diariamente se movimenta para que tudo fique em seu devido lugar. Partindo de uma narração bastante pormenorizada, mas realizada sempre por um viés imbuído de nostalgia e carinho, como pelos olhos de uma criança, Cardozo atinge a figura-chave, lendária, fascinante, da tia-avó Dondon, velhinha que guardava ainda os faiscantes olhos azuis da juventude. A tia Dondon, uma dessas personagens literárias que logramos gravar intensamente na memória, é dona de hábitos incomuns, quiçá pitorescos. Sai recolhendo uma série de tralhas, bugigangas, coisas espalhadas que os habitantes da casa não mais querem conservar. São carretéis vazios de linha, brinquedos toscos, rotos, ou já antigos e esquecidos, pequenos frascos vazios de perfume, objetos que, em suma, não mais parecem preservar a chama e a utilidade de outrora. A velha Dondon afirma que, ao mantê-los, ela os privilegia, e que em breve deles fará novos brinquedos para alegrar o dia-a-dia das crianças. Na magia e no cuidado que tia Dondon consagra a esses objetos menosprezados Cardozo enxerga uma luz de generosidade e compaixão.

Mesmo se muitas vezes esbarra no que se convencionou chamar de loucura (e talvez por isso), tia Dondon se afasta do senso comum, pragmático, previsível; ao fazê-lo, rompe com a lógica usual. Ao se aproximar de objetos ditos inúteis, vazios de significado, lhes dá, pelo contrário, um novo sentido, revestindo-os da possibilidade de encantamento futuro e do apego ao elemento lúdico.

Mantém-se a tia, conforme nos informa o narrador, fechada em seu quartinho, que dá para a sala. Não se trata nem mesmo de um quartinho, mas de uma alcova, por não apresentar janelas ou qualquer tipo de saída para o exterior da casa. Apenas uma porta comunica seu cômodo com o restante da residência da família. Tia Dondon ali permanece dias a fio, saindo apenas para acompanhar a missa no domingo e os cantos religiosos do culto semanal. Logo, a tia detém uma aura de mistério não só por catar objetos desvalidos pela casa, como também por impedir a entrada em seu quarto.

Somente a empregada ali faz visitas ocasionais, para executar uma limpeza superficial, sem chegar a mexer no conteúdo dos grandes baús, nos quais Dondon encerra seus preciosos brinquedos vindouros, zelando por eles.

Para o narrador, garoto à época em que transcorrem os fatos veiculados na narrativa, com a imaginação incandescente típica da meninice, Dondon representa enigma e arrebatamento; é aquela que se desgarra dos costumes cheios de códigos bem estabelecidos dentro da família. A ela é permitida uma posição na hierarquia familiar muito diferente da dos demais, pois é um tanto extravagante. Tia Dondon mostra ao menino as possibilidades que um comportamento extraordinário pode proporcionar.

A tia assusta-se sobremaneira com a chuva, que parece ameaçar a saúde da casa e dos habitantes que ali se encontram. A chuva, sempre potente e por vezes bela, capaz de regar o solo e dele fazer nascer brotos, incríveis verdes que depois darão fruto a madeiras robustas prontas para virar a lenha benquista das fogueiras juninas, traz, por outro lado, trovoadas, raios, ameaças terríveis que esmigalham os nervos de Dondon, que vê no temporal um mau presságio. A tia acredita no mistério infinito e imponderável da natureza, impressiona-se com fatos vistos como triviais pela maioria das gentes, devota-se inteiramente à sua fé peculiar.

A chuva introduz o conto, logo na primeira frase: “Junho chegara com muita chuva!” As águas são incessantes, cobrem com “uma lama gorda e cinzenta” o curral, o pátio da casa onde mora a família do narrador – lodo que se espalha até a beira da calçada, quase impossibilitando a chegada ao estábulo. É junho uma das épocas preferidas do narrador, que vê no mês a ocasião de festejos, comilanças, fogos de artifício, brincadeiras com meninos da região, folguedos encadeados de Santo Antônio, São João e São Pedro, libertação da rotina tradicional da família, permissões excepcionais para fazer o antes proibido. O menino, “Agarrado às grades de ferro da cozinha”, olha para a chuva, vê a labuta dos empregados que tentam alimentar as vacas, a azáfama daqueles que correm no massapê lamacento; parado, não podendo se molhar, tem “vontade de correr de pé no chão nas poças d’água sobre o capim rasteiro dos cercados, na alegria dos meus dez anos de idade”. Com a criação de imagens tais, torna-se patente o esforço de Cardozo em introduzir neste conto em particular o fator lírico.

Ao assistir ao preparo da pólvora com que se fabricam os foguetes de São João, o narrador lembra-se do milho plantado em março – mês de São José – e constata que estaria no ponto “por Santo Antônio” e daria canjicas deliciosas. Mesmo a chuva não poderia atrapalhar o corte de lenha para as fogueiras de São João e São Pedro, nas quais

seriam assadas espigas de milho verde, ao redor das quais os meninos brincariam de roda, píncaros da felicidade infantil. Há também “caixas de traques, mosquitinhos, busca-pés, foguetes do ar [...] pistolas, estrelinhas”, até mesmo milagres, como o de “andar sobre o fogo com essas brasas amortecidas na cinza”.

A chuva se apossa do mês de junho com rajadas violentas de vento e provoca pânico entre as mulheres da casa, principalmente Dondon, que nos é nesse momento apresentada: uma das idosas irmãs do avô paterno do narrador, mora num quarto contíguo à grande sala de jantar, cuja porta mantém sempre fechada. Os cabelos embranquecidos teriam sido louros em tempos antigos, mas os olhos permaneciam “fielmente azuis”, numa descrição que estabelece um primeiro contato amistoso com a figura de Dondon.

Além das tempestades de junho, o narrador aborda alguns episódios ocorridos no Recife: pestes de bexiga, passagens de cadáveres, transportes de mortos por homens levando nas mãos velas acesas, improvisadas lanternas de papel, até o Cemitério do Barro. São acontecimentos que o marcam profundamente, como as procissões dedicadas a São Sebastião, “padroeiro e protetor dos que estavam ameaçados pela peste das bexigas”. A liturgia católica, com seus cantos, luzes, trajes específicos, imagens piás, padres, a comoção dos homens e mulheres que ali vão, deixando-se levar pela simples fé, inflama o narrador:

Tudo isso me confrangia, tudo me dava, ainda na infância, uma sensação dolorosa. A procissão passava com o seu cortejo de fiéis, com a sua imagem iluminada numa litanía agônica e sofrida, desesperada e ao mesmo tempo cheia da esperança de que o santo acabaria por ouvi-los e atendê-los. Dentro de uma chuva fina e de uma noite densa, a procissão de São Sebastião passava na estrada.

Na seqüência é retomado o tema do pavor de tia Dondon diante de vendavais, que saía então do quarto, endoidecida, “com um rosário na mão e uma campainha”, atenta à sua fé, para rezar o terço e tocar a campainha. Segundo o narrador, esse expediente nada mais era que um “feitiço [...] esconjuro para afastar tempestades [...] magia”. Além de parecer alheia ao bom senso, tia Dondon é, como demonstra o narrador, bruxa, guardiã de sortilégios inalcançáveis para os demais. É ela que conserva a chave do grande enigma capaz de afastar a chuva ameaçadora; é ela a maga suprema

que zela pelo bem-estar da casa, embora muitas vezes incompreendida por seus próprios habitantes.

Como uma espécie de eremita, nos períodos de tormentas Dondon permanece trancada em seu quarto, saindo apenas para assistir à missa de domingo e flanar pelas dependências da casa quando não há ninguém para censurá-la por colher o que encontra pelo chão. São carretéis vazios de linha, de vários tamanhos, “cuja linha tinha sido usada na sala de costura”, caixas de fósforo “deixadas sem uso pelos cantos da casa; caixas de fósforos ou de caraduras, que tinham servido para guardar pequenos foguetes; frascos de perfumes vazios e outros tipos de invólucros, já também em desuso”. Os brinquedos recebidos nos dias de festa e depois largados pelos cantos da casa eram recolhidos por Dondon; entre eles, havia bonecas, pequenos trens e bois, cavalinhos de madeira quebrados,

deixados como lixo, sem préstimo. Pelo Natal, pelo Carnaval, ou pelas festas do mês de junho, era grande a colheita que ela fazia. Pelo Natal e Ano-Bom, ia recolhendo os velhos calendários substituídos pelos do novo ano; as flores que tinham figurado durante o ano, agora substituídas; pelo Carnaval, eram as bisnagas, eram sacos de papel picado, ainda cheios de confetes; eram as bombas de cheiro não arremessadas durante os folguedos dos três dias de Carnaval.

Nas festas juninas, tia Dondon reunia caixas vazias de traques, tabocas vazias de busca-pés, de foguetes do ar, bisnagas com cheiro e coloridas. Assim, vai amealhando os despojos das grandes festas, os resquícios da alegria, dos momentos de confraternização, afeto familiar. Como grande feiticeira, junta em seu baú-caldeirão vestígios de épocas de esplendor, de laços de amizade, de risos e brincadeiras. A tia é aquela que celebra, sobretudo, a beleza da vida, no colorido dos papéis, das embalagens, dos objetos largados sem uso, mas que ainda encerram algum encanto; vela pela felicidade da família, simbolizada nas principais comemorações do ano: Carnaval, Ano Novo, Natal, festas juninas.

Generosa, zela com “piedade pelas coisas mortas e abandonadas”, incapaz de desprezar objetos que “tivessem também uma alma, uma alma dispersa, erradia e que mais tarde viria novamente a eles se incorporar”. Assim como os homens, os brinquedos e objetos, embora alquebrados pelo passar do tempo, mantêm seu espírito, seu vigor. Guardam dentro de si a possibilidade de renascerem, de outra vez trazerem brilho, perfume, explosões de luz e felicidade, “como se existisse um céu eterno para as almas

das coisas inanimadas. Já muito velhinha, minha tia só pensava no céu para ela; desejava também um céu para todos; no seu conceito, todos tinham direito ao paraíso”.

Tia Dondon é, portanto, feiticeira branca, incapaz de fazer (ou desejar) mal a alguém; uma senhora que apenas quer o bem para todos, seus objetos, seus entes queridos, aos quais devota afeição e que, em seu entender, guardam pedaços de alma colorida e vibrante. Com tudo que recolhe, a tia enche malas e baús, conservados no interior de seu quarto. Os habitantes da casa, acostumados a um pensar estreito, se perguntam constantemente o que a tia poderia fazer com “tanta coisa quebrada e imprestável”, ao que ela retruca, dando “vazão a toda a sua fantasia, explicando que tudo aquilo que guardava era para fazer novos brinquedos para os meninos; quando menos esperássemos, veríamos correndo no chão vários carros rodando sobre os carretéis; as bonecas de louça, as de pano também serviriam, renovadas, e até mais bonitas do que foram.” Nesse trecho específico se desenrola um tanto de lirismo, além de carinho e admiração por essa figura enigmática, que traz para o seio da família um entendimento mais amplo das coisas do mundo.

Apegada a santos, promessas, rezas e milagres, a tia é toda envolta em segredo (como seu quartinho), em sonho, “devaneio que ela muito raramente revelava quando descrevia o que iria suceder, isto é, alguma coisa de mágico e de deslumbrante”. Figura que alumia a imaginação do menino, contagia-o, leva-o adiante, fazendo-o considerar a riqueza do outrora visto como imprestável, despertando-o para o mundo, que o deslumbra com suas chuvas e folgedos.

Nesse ponto, narrador retoma o contemplar do trabalho dos empregados debaixo da chuva, atolados no lamaceiro. Começa a escurecer, a chuva pára um pouco, o menino deixa as grades da cozinha e retorna para a sala de jantar. Ali, após observar os movimentos da casa, no jantar, nas conversas entre adultos, permanece na sala, acompanhado pelas velhas que costuram até tarde da noite, ouvindo contos sinistros sobre castelos mal-assombrados, fantasmas, forasteiros que ali se aventuravam e nunca mais retornavam.

Uma história bizarra e angustiante incendeia definitivamente a imaginação do garoto, que afirma ignorar como a história termina, mas declara que “todo aquele ambiente, noturno e deserto [...] toda aquela história me trouxe uma perturbação, um pavor imenso”. Com a mente perturbada pelo conto macabro das velhas no quarto de costura, cheio de fantasmas, rostos e olhos alucinados, bocas abertas, prenúncios de tragédia e morte, o menino fica “num estado de nervos insuportável; antes do fim da

história já me tinha afastado, procurando o meu quarto para dormir; comigo mesmo pensava que não iria dormir naquela noite, e isso, para mim, era uma perturbação que trazia efeitos deploráveis”. O tal conto de terror provoca-lhe palpitações durante o sono, alucinações quando pensa escutar a voz do fantasma, visões sinistras de corpos balançando, sangrentos, mutilados. Tenta afastar-se da história sombria, meditar sobre outras coisas, a chuva no curral, os empregados tentando alimentar as vacas com os pés afundados na lama, o milho que colheria na época de Santo Antônio, os foguetes das festas juninas. Todavia, os pensamentos funéreos retornam. Sem saber se dormia e, portanto, sonhava, ou se estava acordado e tinha visões, levanta-se para tentar se acalmar.

Começa, pois, a caminhar pela casa, no fundo negro da noite, com os sentidos aguçados; olhando para o fim do corredor que dava para a sala de jantar, vê uma luz no lugar onde, teoricamente, em hora tão avançada da madrugada, haveria apenas escuridão. Pensa vir a luz da porta do quarto de tia Dondon, o que lhe parece surpreendente. Continua a andar rumo à sala de jantar, e se posta atrás do guarda-louça para ver o que se passa no quarto da tia, “inesperadamente iluminado”. Não é sem espanto que vê, numa cadeira, “uma jovem loura e de olhos azuis; tinha nos lábios um sorriso indeciso; balançava-se alegre na parede do fundo, atrás de uma janela aberta ilusoriamente”. A velhinha Dondon, com os cabelos embranquecidos pela traição do tempo, mas os olhos fielmente azuis, mostra-se de novo loura e bela como em sua mocidade. Detentora do grande mistério cósmico, faz em seu quarto fechado e insignificante abrir-se uma janela imensa que contempla a “lua em quarto minguante”.

A tia rejuvenescida embala-se na cadeira; em torno, malas e baús abertos, brinquedos trabalhados, lindos, brilhosos, tinindo de novos. Bonecas de pano, de louça, bem cuidadas, arrematadas, sobre a cômoda do quarto. Fabricados a partir dos carretéis reunidos pela tia, correm pelo chão com vida própria, espalhando-se, trens, carros, em sons e alegrias. A tia ria, sabendo que é a causa desse afã; não mais havia “a dentadura de velha, mas belos dentes brancos”.

Dos baús saíam as antigas bisnagas, frascos de perfume, tabocas de foguetes, pipas; tudo que fora amealhado no seu estado mais pobre e arruinado recompõe-se, renova-se. Há pólvora, perfume, cor, magia: “Fiquei deslumbrado”, conta-nos o narrador. Também se encanta a lua, que se achega da janela imaginária do quarto de tia Dondon para contemplar tal espetáculo. Conforme prometido ao menino, Dondon pode

agora distribuir entre as crianças os benfazejos brinquedos; bruxa boa, repartiria o carinho premeditado.

Embevecido atrás do armário, o menino ouve “como que o som de um ronquido, um ruído agudo e arquejante, ruído surdo e ofegante. Tive um aceno de espanto e de medo. Fechei os olhos, senti em mim qualquer coisa de inesperado”. Percebe que despertara, oculto por trás do aparador. A situação voltara ao normal: não havia luz oriunda do quarto da tia, cuja porta estava, como de hábito, fechada. Crê haver dormido, ou tido um acesso de sonambulismo por conta da perturbação dos nervos causada pela história de terror narrada pela velha Gertrudes. Aflito, o menino volta a seu quarto e tenta dormir.

Depois da tempestade, a manhã seguinte nasce clara e serena; após o almoço, no entanto, regressa a chuva fina. Para se proteger, o narrador mantém-se em seu quarto, estudando; ao sair, passa pela porta da alcova de tia Dondon e de novo ouve o rouquido ofegante. Recorda o acesso de sonambulismo da noite anterior e da situação que pôs em dúvida sua própria razão. Estivera sonhando ou acordado? Tivera visões de um passado distante ou de futuro maravilhoso?

Angustiado, vai para o jardim, sobre o qual cai a chuva fina. Em seguida, uma de suas irmãs o manda entrar em casa, pois tia Dondon morrera. Enfim, compreende o prenúncio em seu sonho sonâmbulo: a respiração dificultosa era “o grito do coração da minha tia”. A velha, muito perto de morrer, já se despedia em direção à dissolução no mistério cósmico, junto com seus brinquedos e preces. Em “Minha tia Dondon” Cardozo cria uma engenhosa narrativa repassada de sonho, lirismo e lembrança, conjugados a uma adoração pelas coisas do mundo.

9. Na estação

No conto “Na estação”, notamos, em meio à névoa da memória, um pequeno ponto de luz, que permite iluminar levemente o limite, sempre tênue, entre mundo, consciência e realidade, e imaginação, sonho e fantasmagoria. A propósito disso, afirma Everardo Norões:

[O] destino literário de Joaquim Cardozo: todos os caminhos conduzem à cidade; a cidade dos trajetos de trem e das esperas na velha gare da Great Western Railway, que ele, no conto “Na estação”, conta ter visitado cerca de cinqüenta anos depois. Na estação, Joaquim Cardozo observava as locomotivas a olharem “para a noite, no pátio da noite”. Seu fascínio pelos comboios, no entanto, era diferente [...]

Joaquim Cardozo, mesmo fixado nos elementos do real – as manobras das locomotivas, os seus horários, a bandeira do condutor, os gestos do maquinista, os trabalhos de manutenção dos trilhos ou o barulho os freios –, empreende especulações metafísicas, a partir das quais compõe sua visão do último trem [...] (NORÕES 2008)

Em desenhos e sonhos infantis, bem como na vida e nos sonhos dos adultos, o trem adquiriu importância significativa, penetrando no imaginário e alcançando lugar destacado no universo simbólico. Na experiência onírica, o trem encontra-se entre os símbolos mais presentes, sinônimo de mudança, movimento. A estrada de ferro evoca espontaneamente a imagem de um intenso tráfego de trens, de filas de vagões de passageiros. Metáfora privilegiada no verso cardoziano, o trem, ao garantir o transporte dos viajantes, estabelece uma ligação entre regiões antes desvinculadas e longínquas umas das outras, como real e imaginário, concreto e fantástico, tempo e espaço, permitindo comunicações e intercâmbios até então impensáveis e inexistentes.

No sonho do narrador de “Na estação”, a estrada de ferro estabelece-se como uma força de ligação e coordenação, atuando no bojo do conjunto psíquico e deixando-o contemplar a universalidade da vida – posto que o trem onírico é o sinônimo mesmo da experiência coletiva, incorporada e una, de um mesmo fado que abarca a todos. Ao encarnar a possibilidade de mudança, movimento e integração, o trem encorpa uma tomada de consciência por parte do narrador que desfaz os grilhões do pensamento e liberta a memória do fascismo da razão.

A gare apresenta-se como canal de conexão direta com o mundo dos sonhos, do desejo. Daí o medo de se chegar atrasado para a partida do comboio, perdendo-se o

trem, o que indica que se deixou passar uma oportunidade, o que esta quase foi perdida, o que, justamente pelo confronto com a perda, gera um despertar da consciência, não sem precipitações nervosas, desarranjos e ausência de domínio sobre si mesmo, quebra da confiança em si mesmo.

É na estação que se encontra o ponto de partida do desenvolvimento de atividades psíquicas e (quicá) espirituais. Muitas direções se oferecem, muitas são possíveis, mas é imperioso tomar apenas aquela que convém. A possibilidade de eleição pressupõe a justeza da escolha, o encontro consigo, o conhecimento do seu dentro e a comunicação com ele, seus ímpetos, lembranças e anseios. Na gare erige-se um centro de circulação intensa em todas as direções, e o deparar-se com sua essência mesma torna-se fatal.

Toda a vizinhança simbólica do trem mostra-se também relevante para esse intra-olhar. Signos como a locomotiva (presente no conto) e as bagagens revestem-se de renovada carga psíquica e emocional. A primeira evoca a força – inconsciente – que move o conjunto de vagões – o conjunto psíquico. A energia dinâmica simbolizada pela locomotiva desperta as forças psíquicas – a gigantesca máquina avança e ameaça, atordoia e descentra, mas, em última análise, inflama a potência de devaneio e libertação da pura razão. As bagagens aludem a objetos indispensáveis, não só bens materiais como possibilidades e toda uma gama de elementos fundamentais: forças, capacidades, hábitos, proteções, ligações. Como numa viagem fisicamente real, a bagagem assegura a percepção de que se carrega todo o essencial consigo.

Por excelência, o sonho é, concomitantemente, veículo e criador de símbolos, e manifesta o caráter complexo, emotivo, representativo, vetorial do símbolo. O sonho se subtrai à vontade e à responsabilidade do homem, visto que sua dramaturgia onírica, espontânea, escapa ao controle da razão; o sujeito experimenta o drama sonhado.

O sonho acordado é plenamente comparável ao sonho noturno pelos símbolos que põe em jogo e pelo movimento psíquico que engendra. Estando o indivíduo acordado, o sonho pouco a pouco se impõe e sorrateiramente toma o sujeito, que se vê então mergulhado num estado de esquecimento abandonado, ou de abandono esquecido – ou mesmo de memória translúcida e fugidia, cujo contorno exato é apagado, e que vem à tona num patamar de consciência antes adormecido. O sonho configura-se, pois, como alternativa à realidade, devaneio levemente dirigido, reminescente de universos remotos e quase ignorados. Oscilando entre tensão e distensão psíquica, da mesma forma que a memória, arrefece a pressão do mundo consciente, racional.

Para o sonhador, o sonho traz uma imagem – não raro desconhecida – dele próprio, espelho um tanto confuso (e desorientador) de sua essência. Frequentemente, complementa a situação objetiva experimentada pelo sujeito, entrando no jogo cambiante e conflituoso entre consciente e inconsciente, do qual sai triunfante como peça-chave. Desejos, lembranças, temores, angústias, falhas – o consciente extravasa-se por meio de símbolos e dramas encenados que recuperam experiências descartadas ou apagadas da vida exterior. Ao estabelecer uma ligação entre mundo corpóreo, acordado, consciente, e mundo fluido, dormido, inconsciente, o sonho possibilita uma comunicação criativa entre esses dois domínios, contribuindo para a consolidação da estrutura psíquica do indivíduo.

O conteúdo do sonho do narrador cardoziano vincula-se a uma fantasmagoria, sobretudo descritiva, elaborando-se dados da memória para que estes sejam transmutados em imagens efetivas, construídas; abrangendo-se várias informações em uma única imagem ou em grupos de imagens; estabelecendo-se uma sólida ponte afetiva com o passado com base em cargas de elementos mnemônicos revividos a partir de um determinado conjunto de imagens, dramatizado no roteiro onírico de forma intensa. O conteúdo contemplado pelo sonho de “Na estação” é de tonalidade violentamente emotiva; a memória afetiva do narrador desvela-se em uma estrutura onírica que comporta um local geográfico e cenários específicos (o Recife e sua estação, o salão e a plataforma da gare), uma época e personagens determinados (o passado de juventude do narrador, seus amigos, vizinhos, conhecidos, pessoas ilustres da sociedade), o desenvolvimento da ação e o desfecho da encenação.

A fronteira entre o universo real e o transreal surge vaga, borrada, deixando-se entrever somente aqui e acolá. No conto, o trem cardoziano – ou trens, posto que há vários, de diferentes horários, gentes e percursos – configura-se ele próprio como limite entre mundos, transporte entre o este e o aquele, numa trajetória flexível e recriadora das noções de tempo e espaço. Seu percurso temporal/espacial é novo, ignora os fundamentos do real, amplia-se no domínio do sonho e traz para o narrador uma visão de coisas pretéritas, um anúncio de despedida, uma viagem cósmica.

A despedida, aliás, encharca todo o tecido da trama, nos parágrafos cheios de nostalgia e beleza contida, no sentimento zelosamente desdobrado no decorrer do conto, na saudade, saudade imensa e delicada, das coisas idas, do pretérito vivaz que já se esconde atrás do horizonte, do cenário tão e há tanto visitado – a gare ampla, primeira e última –, das pessoas, amigos, conhecidos, moças formosas, gente antiga e garbosa,

peessoas entrechocando-se em grande azáfama, saudade que se desfia em palavras precisas e cálidas, imagens simples, bonitas:

[...] o dia estava claro e luminoso; ouvi passos no corredor e, aos poucos, iam entrando pelo salão de espera os que estavam acostumados a viajar naquele comboio. Quase todos eu conhecia de vista e estavam como costumavam viajar. Eram normalistas, moças que estudavam para serem professoras, vinham da Escola Normal; eram rapazes saídos há pouco do Ginásio Pernambucano, onde faziam o curso de Madureza; chegavam, sentavam-se nos sofás e ficavam à espera da chamada, da abertura do portão para a gare onde estava o trem que ia partir. Ali vi também chegarem amigos com quem costumava conversar [...] Estavam todos ali parados dentro daquele silêncio, todos; a estação estava repleta de gente e havia um rumor surdo dentro daquela paz, dentro daquele sossego dos anos remotos que eu agora revia e experimentava.

Todos eles, toda essa saudade hão de embarcar em direção ao outro lado, ao lá, ao avesso deste mundo, à profundidade ignorada e perdida nos confins cósmicos, numa viagem caracterizada por uma geometria própria, desvinculada de bases físicas, uma lírica e arrojada navegação. Na obra cardoziana – e especificamente em “Na estação” – abundam passagens que demonstram a habilidade do autor em reelaborar termos da ordem do real e reconfigurar o esquema espaço-tempo. Ainda é Everardo Norões quem melhor traduz a preocupação incessante do autor com essa relação:

O trem, personagem central [...], viajará pelo espaço-tempo. Assim pressentia o poeta ao avistar o comboio de 1h20 de um tempo passado e ver desembarcar amigos, colegas de colégio, usineiros, normalistas, médicos ou despachantes de alfândega. A sensação de inversão do tempo o fez sentir-se observado por aqueles transeuntes que, apesar de já mortos, lhe pareciam moços e vivos. E ele, de repente, sentiu-se como “um velho, muito diferente do que teriam visto em outros tempos longínquos”. O Tempo, em toda sua desmedida, afligirá o poeta até sua Viagem derradeira. (NORÕES 2008)

A figura do trem em “Na estação”, perfeitamente harmonizada com a unidade essencial tão ansiada pela prosa cardoziana, reveste-se de lirismo, beleza e balanço, oscilando entre o real corpóreo do passado e o sonhado nebuloso do agora, o vivido e o maravilhoso, luz, bruma e noite, integrando-os numa linha trançada de forças de fato notável, rumo a um caminho todo. A inabalável aproximação entre elementos antes apartados torna-os especulares, interdependentes, solidários, ecoantes; há “uma

ressonância de tudo em todos [...] Essa unitotalidade, ou esse grau de coalescência, essa vastíssima teia que serve como ponte, passagem, comunicação entre ordens tão diversas da matéria/energia”. (LUCCHESI 2008)

Com o trem de Cardozo, saímos da esfera natural, física, para a esfera cósmica, saciadora do desejo de espaço e plenitude. Não se trata de um horizonte celestial, que ainda se situa no mundo sensível, terreno, real, mas de um lugar outro, fora, novo, ligado a um tempo e um espaço completamente alheios a noções tradicionais. Para preencher seu destino (chegar?) – a eterna e distante solidão dos astros, soltos no sem fim, integrados a um único (uno) fluxo cósmico –, o trem cardoziano parte de uma visão, sonho mítico, reavivamento de momentos de passagem, de ritos de adeus e recomeço, paisagem completa e transitória, para se mover no Universo, “onde tempo e espaço não são dados fixos, neutros, inalteráveis, mas elementos inerentes ao embate das forças do mundo, onde se inclui o trem”. (LUCCHESI 2008) As imagens criadas por Cardozo em “Na estação”, belas e melancólicas, compõem o estrado sobre o qual o trem viajará m direção a um novo mundo.

Transportando passageiros de outras épocas, homens já idos, para o depois da memória, o trem cresce para alcançar o além do céu, em que os tripulantes terão suas vidas desvinculadas da lembrança do narrador e experimentadas autonomamente, numa inversão de pontos de vista: para eles, o narrador é apenas fumaça encontrada em um nó específico do tempo e espaço. Dele separados, desligam-se das raízes do lembrar e afirmam-se como corpos independentes, fantasmas que vagueiam pelo além-sonho, despregados de gravitações.

A viagem notoriamente representa a busca de plenitude, da eternidade, do reencontro consigo mesmo – a viagem realizada dentro de seus próprios domínios, não como fuga. A viagem perpetrada pelos personagens cardozianos em “Na estação” é uma trajetória *post-mortem*, um além do além, uma ascensão para o depois, a viagem no espaço que se quer estranho ao tradicional, que se quer incorpóreo, pura energia. O narrador perfaz sua própria viagem sem se deslocar fisicamente, apenas revisitando os recôncavos de sua memória.

Ao deixar o passado aflorar, exposto nas roupas, personagens, conversas e janelas, o narrador liga-se indelevelmente ao presente. A viagem empreendida em sonho (e fora dele) começa num lugar passado, e por isso nenhum lugar, roçando uma fluida realidade, um cenário enfumaçado, incerto: Inferno, Paraíso, nada, ambos. Fora do aqui e agora, pura exalação, o trem desprende-se da última saudade, e, longe de realidades

conhecidas, embrenha-se, a partir das profundas evocações silenciosas da memória, no remoto. O trem fantasma parte das orlas do sonho, paisagem onírica, indizível, para atingir a pura abstração, o acima do espaço e tempo deste mundo.

10.Brassávola

No dia, solar, que se apaga, que se extingue, a tarde pouco a pouco se fina, se espetala. Espectros, espíritos rondantes cantam suas mortas almas no perfume da pequena orquídea, embaciada e ordinária. É o cheiro desses fantasmas, o aflorar de tantas sensações bruxas, sombras, aromas, silentes – descabidas logicamente –, que atravessa o conto “Brassávola”, ele próprio uma orquídea casta e recolhida que desabrocha num tomar pleno dos sentidos, numa anúncio de tantos encantamentos, sortilégios.

Nos ritos e liturgias os mais variados, das crenças pagãs da Antiguidade ao catolicismo contemporâneo, o perfume aparece continuamente como elemento fortemente simbólico e mágico. Oferecido em sacrifícios para deleitar divindades – no Egito antigo as deusas eram tidas como capazes de ofuscar as mulheres com seu odor inebriante –, fabricado em templos, purificador – sendo por vezes fruto da queima de incensos –, espargido em estátuas de deuses, empregado no embalsamamento de cadáveres, depositado, em pequenos frascos, em túmulos, borrifado em lápides, o perfume remete emblematicamente a uma conexão com um mundo espiritual, que, assim como ele, é inapreensível, incorpóreo, muito embora sensível, real. Ele alude fatalmente, por conta de sua própria natureza, à idéia de *essência* da alma, presença da alma: fragrante, existente, impalpável, perceptível.

A aderência do perfume, mesmo após a partida daquele que o carrega, insinua uma noção de duração e uma insistente e impositiva lembrança. As reminiscências olfativas provocadas pelo perfume ajuntam-se em fragmentos mnemônicos e atizam a chama da recordação:

Quando de um passado muito distante nada subsiste depois das pessoas estarem mortas, depois das coisas estarem quebradas e dispersas, somente sabores e cheiros, mais frágeis, mas mais duradouros, mais não-substanciais, mais persistentes, mais fiéis, permanecem estáveis por um longo tempo, como almas, lembrando, esperando, ansiando, dentre as ruínas de todo o resto; carregam inabaláveis, na minúscula e quase impalpável gota de sua essência, a vasta estrutura da memória (PROUST 1982).

Assim, o perfume simboliza a memória, o vestígio do que um dia já foi, o reavivamento do findo, quase memento – e talvez por isso tenha sido vastamente

utilizado em cerimônias funerárias. Ao despertar o aparelho sensitivo do homem e destrancar o baú das lembranças, o perfume inflama a psique, que se abre em imagens e cenas significativamente evocativas de desejos e emoções.

Em “Brassávola”, Cardozo cria uma expectativa no leitor ao elaborar um conto dramático que se desenrola num crescendo de suspense. Aqui, entremeado à sutil simplicidade de parte do ambiente da narrativa – encorpada por sugestivas e bem-acabadas descrições –, viceja um clima fantasmagórico, abeirando o feiticeiro, que outorga um caráter muito peculiar ao narrado (atmosfera já vividamente presente no desnorteio do eu, no cenário agressivo, soturno e desvairado e nos intangíveis descaminhos de “O caminho”). O que se vê é o acontecimento chão adquirir uma dimensão de extraordinário, insondável – o que ocorre igualmente em “O caminho” –, ao se evoluir do conto mesmo a impressão de sons entreouvidos, presenças furtivas, cheiro extasiante, entardecente.

“Brassávola” incorpora mais um expressivo exemplo de mundos paralelos, que fascinam e tanto mobilizam Joaquim Cardozo, impelindo-o a elaborar universos ficcionais intensamente (extra) sensoriais, base psicológica de sua criação. Do mesmo modo que em “O caminho”, Cardozo convoca o leitor para uma teia narrativa em que se enredam sensações, possibilidades, estímulos, sobressaltos. O perfume delicioso e impregnante e o espanto temeroso que ele produz assediam incansavelmente o narrador, atacado então por calafrios, numa conseqüente e pronta reação psicossomática: o homem desarranja-se, turva-se ao topar repentinamente com determinadas manifestações da natureza, que lhe assaltam sem trégua os sentidos e o mental.

Com suas sugestões e narrativa densamente tramada que se achega do leitor sedutora, bela, enigmática, o conto desprende uma atmosfera misteriosa que se acerca até das lembranças de Cardozo, especialmente ao se referir o narrador à casa e à rua em que morou, à disposição dos cômodos de sua morada, ao trabalho que realizava, à rotina de perambulação por restaurantes, bares e pensões de mulheres, às conversas com amigos, às recordações de outros, já falecidos, às leituras e hábitos domésticos. Em “Brassávola”, assim como em “O caminho”, as metáforas suscitadas reforçam o ingrediente fantástico, inebriante, crepuscular. Combinando descrições planas, mas não desprovidas de beleza, com límpidos efeitos sonoros, cheios, e tessitura de palavras culminando em fartas imagens ricamente erigidas, Cardozo apura um texto liricamente urdido.

Íntimo da morte e dos elementos a ela adjacentes por ter assimilado, desde muito cedo, sua latente ubiqüidade (no caso de alguns membros da família, como o irmão mais velho, o pai, a tia-avó), e afeito a uma solidão contemplativa, Cardozo traslada para este conto tal fascínio pelo perfume das almas: perfume do que já se foi, mas persiste, e que portanto sempre está. Introdução ao anoitecer, despedida da luz, o perfume relaciona-se ao tempo cardoziano, integralmente cósmico; ele é, como o corredor de “Brassávola” e a encruzilhada de “O caminho”, entroncamento, transição entre dois mundos coexistentes, ou mesmo coalescência, passagem para um paraíso possível, Éden terreno, perfeito humano.

Nesse perfume se animam lembranças passadas e revividas, copiosas possibilidades – clarão e noturno –, a das gentes de outras épocas, uma de mulher, incerta, ela mesma flor romanticamente aureolada. Nesse perfume se aninha o crepúsculo, momento lacunar, hora do Angelus, “hora dos corvos”, hora dos mortos (também em “O caminho” a tensão se agudiza com a chegada da noite). Hora da saudade e da melancolia, da nostalgia por um passado que declina, imagem de um sol que se apaga, mas também de anúncio de uma nova aurora, de um novo tempo-espaço, que irromperá de dentro das trevas.

No silêncio expectante de seu retiro poético, Joaquim Cardozo deixou-nos um dos mais importantes legados da cultura brasileira do século XX. Sua obra literária [...] representa apenas parte da construção mental do poeta-engenheiro, cuja genialidade pôde abarcar desde a refinada linguagem literária à compreensão das mais avançadas conquistas da ciência e da arquitetura modernas. Na gênese de sua obra – nas formas dos gestos e da poesia, ou na poesia das formas – havia em Joaquim Cardozo a irreprimível obsessão da beleza aliada à intuição de que o ímpeto criador que dele se apossara, quase como uma doença, resvalaria serenamente rumo a uma dimensão cósmica (NORÕES 2008).

Em “Brassávola”, o leitor se afunda no clima sensorial a partir do qual se constrói a narrativa, na qual sobrepõem sensações que incendeiam e freqüentemente desorientam os sentidos, como o próprio perfume da orquídea – detalhadamente analisado mais à frente –, que sugere algo de sobrenatural ou mesmo mal-assombrado. Medos, angústias, sobressaltos e a visão de eventos inexplicáveis são tópicos que Cardozo ajunta de forma harmoniosa neste conto, espalhando-os ao longo da narrativa, além de elementos com fundo científico, como, por exemplo, nomes técnicos, botânicos, de uma série de espécies de orquídeas. Assim, Cardozo logra atingir efeitos

expressivos a partir de sugestões sonoras, visuais e olfativas propiciadas pelas imagens empregadas ao longo do texto.

Temos em jogo aqui a questão da memória, saudada como capaz de reviver fatos olvidados, guardados. Em “Brassávola”, os sentidos, perturbados ao roçarem suvenires visuais, olfativos, sonoros, acordam a memória e causam certo desequilíbrio e distúrbios psicossomáticos naquele que experimenta tais sensações difusas.

O narrador principia o relato contando como habitava uma rua do Recife chamada 24 de Maio, lugar detentor de poderosa carga significativa, posto que construído sobre o Cemitério do Convento dos Carmelitas – daí seu nome anterior, Rua dos Ossos. Por ali ter havido um cemitério, muitos ossos haviam sido removidos, sepultados, esquecidos. A Rua 24 de Maio, portanto, fora aberta sobre “terra ocupada por gente morta há muito tempo, e de quem não mais se tinha qualquer lembrança dos parentes e amigos”. Por sua peculiaridade, a rua na qual mora o narrador caracteriza-se como misteriosa, algo sombria. Ao descrever as demais casas da rua, afirma serem muito pequenas, quase mausoléus, como a recordar o passado do local, abrigo das gentes mortas, das almas que ali ainda permaneciam. Segundo o narrador, “Era uma rua estreita e triste, indicando, pelo aspecto, a sua origem lúgubre e funérea”. Por sua implicação geográfica e seu passado de morte, tristeza e sofrimento, a rua engendra de antemão um clima soturno.

Mesmo tendo acolhido durante tanto tempo centenas de mortos, a rua não mais guarda seus rastros, visto que com os anos “Apagaram-se os nomes nas pedras das sepulturas, apagando-se, nas memórias, as recordações.” A rua, “estreita e triste”, está sempre impregnada “de uma lembrança vaga e incerta, desconhecida ou indeterminada, impregnada de uma saudade imperceptível e mutilada; de uma nostalgia misteriosa e longínqua”. Já neste ponto Cardozo prepara o terreno para as sugestões de mistério, dúvida e nostalgia que marcarão o conto nos parágrafos a seguir.

Morando sozinho numa das casas da 24 de Maio, o narrador afirma ocupar apenas a sala da frente e o quarto adjacente. O restante da residência permanece completamente abandonado. O longo corredor comunica os cômodos anteriores, habitados, com as dependências posteriores, isto é, a sala de jantar, outro quarto e a cozinha, deixada inteiramente sem uso, morta, esquecida, abandonada. Na parte de trás da casa, somente a sala de jantar é utilizada, no café da manhã. O corredor, espaço mítico de transição entre dois mundos, é passagem entre o aqui, civilizado e habitado, e o além, insondável, bruto. Mais adiante o corredor é lembrado como fator de

indeterminação e gerador de angústia, temor e fascínio, posto que nele se encontram dois universos antes separados. Agora, entretanto, temendo o imponderável, o narrador utiliza-o de forma estrita, unicamente para alcançar o banheiro e o sanitário, situados no extremo da casa.

A memória, aludida no segmento consagrado ao nome anterior da Rua 24 de Maio, é também evocada no trecho em que o narrador fala de seu costume de trabalhar na repartição, almoçar fora, voltar a casa após o expediente, e encontrar-se à noite com amigos em restaurantes da região, com os quais conversa até tarde. Recorda com gosto e vividez de detalhes como bebiam em bares do Recife Velho e freqüentavam “pensões de mulheres”. Antes agregada a elementos lúgubres, nesse momento a memória – embora revestida de certa melancolia – associa-se à alegria de reviver tempos idos com companheiros em aventuras notívagas, completas e animadas.

No trecho subsequente volta o narrador a comentar acerca do corredor: “na sua escura e larga e longa penetração até a sala de jantar, qualquer coisa de esquisito e fantástico, sobretudo porque sabia que ele era uma comunicação quase mutilada para o resto da casa [...] O que mais me impressionava era o corredor.” A parte deficiente e inútil da casa traz para o corredor o caráter de fator de ligação entre um pedaço vivo, mundano, enérgico, e outro, mero apêndice, apagado e esquecido. Do corredor lhe vem “uma sensação de tristeza e isolamento. Ao longo das suas duas paredes sem abertura para os dois quartos da casa reinava sempre um silêncio dentro de uma escuridão, mais espessa quando, com as chuvas, mais cedo anoitecia”. Como usual nos contos de Cardozo, a noite veicula perturbação e silêncio definitivo e traz maus presságios e uma sensação de isolamento e tristeza. O corredor, passagem entre dois mundos, afigura-se ao narrador como desafio, causando-lhe aflição: “representava, para mim, uma aventura [...] era uma passagem forçada [...] habituei-me [...] ao seu mistério e à sua realidade.”

Retornando aos amigos com quem costumava prostrar nos antigos cafés recifenses, lembra-se o narrador do filho de um engenheiro inglês, William Cox. No sítio onde morava, Cox cultivava orquídeas, tema recorrente de suas conversas. Incentivado pelo interesse demonstrado pelo narrador, Cox começa a oferecer a seus amigos o que o orquidário produzia: oncídios, catléias, lélias, vandas, dendróbios, miltonias, epidendros, que em todos despertavam admiração, fascínio pela beleza de seus cachos, de seu colorido intenso. Presenteado com alguns exemplares, o narrador retornava a casa e os punha na sala de jantar, dentro de um copo com água. É uma

dessas encantadoras flores que suscitará no narrador uma impressão suprema, indelével – à semelhança do corredor da casa em que mora, com o qual se relacionará.

Em dado dia recebe de Cox “uma pequena flor, sem o brilho e o colorido das catléias ou das lílias ou dos oncídios e tantas outras que eram belas, brilhantes, com suas pétalas acetinadas; era, sim, uma pequena orquídea de cor branca e medíocre, que o nosso amigo designou como uma brassávola”. A flor, ao contrário das demais, que esgotavam seus encantos à primeira vista, permanece para o narrador fonte de mistério, por não trazer estampada em sua figura nenhuma graça especial – nem formato, nem textura, nada que sobressaísse. No entanto, possuía um tesouro: o dom de, nas primeiras horas da tarde, desprender “um cheiro bom, forte e agradável”. Portanto, a brassávola introduz o entardecer; é ela que “anunciava a noite”, conectada ao vir do crepúsculo, cujo “dom cósmico” informa à natureza a partida do Sol. O perfume da brassávola é, pois, uma despedida, um aceno de adeus ao dia que se extingue. Como o corredor, o odor da orquídea simboliza o processo transitório entre dois mundos: luz e sombra.

Levando a brassávola para casa, faz como de praxe: coloca-a num copo d’água sobre a mesa da sala de jantar. Retoma a rotina, voltando a trabalhar na repartição, almoçando na rua, regressando a casa no final da tarde para ler. Um dia, ao cair da tarde, vê-se confrontado com algo insólito. Lendo um romance, como de costume, sente “um cheiro intenso e agradável [que] invadia a sala onde me achava”. Tal aroma, fortíssimo e extraordinário, parece-lhe vir do corredor, “já escuro”. O corredor, ponte para outro universo, traz também um perfume de outro mundo – perfume que se confunde com a vida que finalmente parece pulsar na parte traseira da casa. Talvez houvesse “uma empregada preparando a mesa para o jantar, ou na cozinha uma cozinheira ativando aquele morto fogão de tijolo que nunca utilizei para coisa alguma”. Logo, o narrador impressiona-se com a presença de algo inesperado, escondido, como se os cômodos posteriores, inúteis e amputados, enfim voltassem à vida, quiçá sob a forma “de uma mulher bonita e perfumada que estivesse se preparando para vir ao meu encontro na sala da frente”.

Nesse momento, entregue a seus sentidos e ao desarranjo que lhe provocam, sente um pânico absoluto, lembrando que a casa fora construída sobre território de defuntos. Assim, talvez o perfume fosse um recado dos mortos, talvez na penumbra do corredor houvesse alguém à espreita – o fantasma da bela mulher, enterrada há anos? Momentaneamente enlouquecido pelo cheiro profundo e inesperado, o narrador chega “a ter a sensação de passos no corredor e uma certa ilusão de ouvir sorrisos abafados”;

ignora o que fazer, acochado pelo misterioso corredor, que lhe traz eflúvios mágicos, alucinações.

Tentando “voltar à realidade” palpável, e para controlar a amplidão soturna da noite, acende a lâmpada da sala. O aroma, no entanto, permanece, cada vez mais penetrante. Conquanto tomado pelo medo, resolve enfrentá-lo e descobrir a origem do perfume; para isso deve atravessar o largo corredor, longo, fechado, corredor “túnel”. O perfume não só provoca seu olfato; desguarnece-o, igualmente, dos demais sentidos, deixando-o à mercê de delírios, como as visões de “uma figura esvanecida, estrangulada, que desapareceu de repente” e de “uma mão muito branca, de dedos crispados, ao longo da ombreira da abertura da passagem para a sala de jantar”.

Apesar das aparições, o narrador persiste, em busca da causa do enigmático cheiro, que faz com que siga pelo portal mágico. A hora é significativa: “seis e meia”, tempo aproximado do Angelus, instante em que o dia vira noite, fundindo-se ambos, em que os mortos revivem e os vivos preparam-se para a escuridão. Percorre o corredor e, atingindo a sala de jantar, a fim de dissolver o pretume da noite, acende a lâmpada. Finalmente dá-se conta da pequena brassávola; vê “então a pequena orquídea! Estava ali, medíocre, esbranquiçada, alvacenta, desbotada [...] era quase nada”. A flor, aparentemente vulgar, é capaz de relembrar-lhe o passado, solapar seus sentidos, desgoverná-los com seu perfume embriagador. A brassávola é, ela mesma, lembrança da “hora das antigas ave-marias das igrejas do Recife”, de Angelus idos, tempos acabados – a brassávola que, com seu perfume, se despede do dia e entra na noite: “Perfume da luz crepuscular, se transformando em noite pura.”

11.O caminho

No conto “O caminho” deparamo-nos mais uma vez com a obsessão do autor em retratar temas já tão amplamente abordados em sua produção ficcional, como o tempo, a morte, a irrupção do elemento sobrenatural, o desarranjo do homem diante da natureza violenta e imprevisível, a condição oscilante do homem no mundo, que ele pensa dominar, mas que o subjuga por completo quando menos esperado.

“O caminho” é, talvez, o conto de Cardozo em que a narrativa se tece de maneira dramática mais destacada, começando como tantas outras, com um aparente relato mero de fatos corriqueiros, para desenrolar-se num crescendo de tensão algo fantasmagórica. Aqui, Cardozo aprofunda a questão do elemento fantástico, desconcertante, que oprime a razão do homem, acossado pela força tentadora dos sentidos que o levam a um universo além do tradicionalmente concebido. O caminho apresenta-se, primordialmente, como uma trajetória sem eira nem beira, embora usualmente entendido como uma linha ligando dois pontos, uma estrada que une origem e destino. Este conto, contudo, mostra-nos a opção de Cardozo pela questão do caminhar em si. Para ele, não importa de onde se sai ou para onde se vai, e, sim, o conteúdo mesmo da trilha percorrida. É um caminho em espiral – fractal –, que vai e volta, que leva o homem a regiões nunca antes exploradas de sua mente, de sua compreensão, ao assombro de seus sentidos. É um caminho que, ao mesmo tempo que o revigora, traz para ele um quê de loucura, questionamento de sua própria razão, pasmado diante do vigor e do sobrenatural encontrados neste mesmo mundo. Andando, o homem esbarra com as grandes questões metafísicas, o porquê de aqui estar, para onde vai – neste caminho que incessantemente se fia e se desfaz.

Em contos como “O caminho” temos um ambiente fantasmagórico que roça o delírio quimérico, e que se desdobra num evento que, embora nasça como aparente prosaico – a volta por um dado caminho –, se desfolha como insólito pelo assombro que origina. Neste conto Cardozo brinda-nos com uma peça da maior densidade, valorizando sobremaneira a matéria literária. O confronto permanente do homem com a natureza inóspita reflete a luta do próprio homem consigo, com o obscuro de sua natureza, suas trevas, seu subterrâneo, o oculto. Assim, a natureza exterior encarna e espelha a hostilidade do mundo recôndito do homem mesmo.

O que deveria ser, a princípio, um simples depoimento de um profissional técnico vai aos poucos se desvelando como um embate do homem com seu próprio eu e

uma reflexão acerca dessa abismada relação: as voltas no caminho, as enervantes idas e vindas pela mesma trilha (que, contudo, se mostra outra a cada percurso, a cada palmear, numa revisita ao mote heraclítico exhaustivamente aplicado) fazem o narrador recordar-se de outros trajetos, percorridos ou não, reais ou fictícios, como o de Santiago de Compostela ou “aquele em que Dante se perdeu”. A alusão religiosa aparece em ambos, absolutamente flagrante no caso do caminho de Santiago, não tão nítida no de Dante, poeta da integralidade da experiência humana – desenovelada em Inferno, Purgatório e Paraíso – assim como Cardozo, em quem “o amor telúrico [...] confunde-se ou deflui do amor da vida e do amor da morte, pois que tudo se integra num só ciclo essencial e natural, cuja aceitação é a mais alta liberdade humana” (HOUAISS 1976).

Em “O caminho”, a narrativa, dramática, é magistralmente conduzida, avivando-se numa irresistível gradação. O universo sensorial alicerça toda a estrutura psicológica da narrativa. O homem açoitado pelo caminho, pelos sentidos, pelo hiperestímulo das sensações, desorientado, descentrado, é assombrado pela perspectiva de um acontecimento inexplicável, por fenômenos naturais que inteiramente lhe escapam. Avassalado por manifestações da natureza – até da sua própria –, o homem mal e pouco resiste à febre dos sentidos, à urgência inclemente que se lhe impõe. A razão e o ordenamento lógico do pensamento são, portanto, solapados pela pujança do excesso.

Refratária à convivência com o que se mostra fora do domínio da lógica, a razão exhibe-se como o exercício de uma faculdade que desconfia da emoção. Assim, encontra esteio na necessidade humana de nomear, posto que designar é a maneira eleita para se trazer o inefável para o domínio da lógica, do controlado. No binarismo estabelecido pelo pensamento ocidental, segregam-se radicalmente razão – da ordem da especulação, cerceada – e emoção – da ordem da natureza desmoderada. “O caminho” reitera a potência dessa natureza auto-enlouquecida, submetida a atipias, que se esquiva de qualquer controle e comedimento, para se extravasar frente ao homem, atingido em cheio pela presença insolente do mundo.

“O caminho” expõe estados psicológicos em que se descortinam os imensos precipícios que o homem traz dentro de si e não raro o subjagam sem que ele os perceba ou possa confrontá-los.

As imagens criadas por Cardozo reiteram sempre o cunho de transição, “de suspeita e de incerteza”, de atmosfera movediça, metamórfica, oscilante: temos levadas (“Araçu, velho engenho que ainda possuía o açude e a levada do tempo em que era engenho d’água”, “levada” aqui podendo ser a corrente de água desviada de um rio para

regar ou mover um engenho – o sentido mais evidente – e o balanço do tempo, imperecível embalo, justo girar, tempo cósmico, afinal, posto que seu movimento existe apenas em função da criação humana), rodas (“restos da calha da roda do velho engenho”; “Era a constatação de que a marcha do homem era o rodar de um fragmento de roda, a material verificação de que os pés, caminhando, descrevem no ar uma roda imaginária”; “Eu rodava assim a minha roda”), estradas (“indo de automóvel, em boa estrada”; “Tomávamos o automóvel muito cedo, percorríamos uma boa parte da estrada”; “dentro da mata que orlava a estrada”; “cajueiros que ficavam à margem da estrada”; “cheguei à estrada que vinha da cidade”), encruzilhadas (“uma encruzilhada de três caminhos”; “cheguei à encruzilhada”; “consegui chegar à encruzilhada dos três caminhos ou de todos os caminhos: os que eu tinha já visto e trilhado e os que outros também seguiram”), caminhos (“íamos a cavalo [...] pelo caminho”; “Sentia [...] alguma coisa de novo para quem voltava a pé por um caminho, por um caminho que percorrera”; “Muita coisa de suspeita e de incerteza aquele caminho me lembrava”; “Caminhando meu caminho e minha lembrança”; “Caminhos que me fazem lembrar e esquecer”; “mas se o caminho já foi caminhado, recoberto por meus passos”; “Recompor, reconstruir o caminho para poder passar”; “Nessa minha volta fui notando como um caminho se desfazia”; “Lembrei-me de outros caminhos, em outros países, trilhados não somente por mim, mas onde me sentia acompanhado, ou apenas tendo sido um viajante posterior a outras passagens. Outros caminhos, outras paisagens”), caminhar (“Caminhava devagar”; “Mas caminhava e refletia, meditava sobre estórias que já tinha lido”; “Caminhando... caminhando, lembrava”; “caminhar... e despedir-se!”), chãos (“Sentia alguma coisa que me vinha do chão”; “Aquele chão me fazia recordar outros chãos por onde passei caminhando a pé. Outros chãos!”; “o chão era de areia frouxa”; “o chão começou a se mover, valas se abriram e todo o dorso do caminho ondulava encachoeirado; me sentia deslizando nas águas de um solo incerto, tinha receio de cair, mas ia acompanhando, com a vista, as margens da trilha por onde viera; vereda, chão que se desfazia, e agora não mais me conduzia, antes me perseguia”), noite e obscuridade (“Começava a escurecer”; “noite fechada”; “minha marcha dentro daquele capão de mata sombria, com a aproximação da noite”; “E a noite conduzia aquele silêncio. A noite era um túnel completo”; “sombria espessura da noite”; “profundidade escura e fechada”; “escura mata”; “Recuei alguns passos e ainda me demorei olhando a noite que agora aparecia, depois da noite dos cajueiros, como a noite da maré, a noite da lama, a noite dos mangues”; “com a noite mais densa”; “O sol [...]

era como se tivesse se extinguido para sempre, e tudo de agora em diante seria noite e caminho”; “dentro daquela noite eterna”; “mas a noite era a mesma e o caminho era o mesmo”), silêncio (“Por toda a parte, no ar, havia um silêncio duro e vazio, apenas quebrado melancolicamente [...] pela voz de um coriambo”; “cheio de silêncio, cheio, quase extravasando. Um mutismo apagado, murcho e mutilado que tivesse sido jogado no ar [...] como um silêncio nascendo”), terra, areia, rocha (“Terras que me revelaram muitas coisas do barro e da areia”; “recordava outras marchas que fiz na areia frouxa”; “O trato da areia frouxa por onde viera desaparecera, se enchera de mato, se alargara de mar. Se apagara. Morrera.”; “Ia pensando em outras veredas [...] outras sendas que me prenderiam pelos pés, agarrando-me com areias ou gramas secas; que me prendiam, que não me deixavam seguir como se na sua atitude houvesse uma voz, um chamado da terra”; “Parecia-me que tudo se modificara, a areia que eu vinha pisando não era a mesma”; “em vez de areia frouxa, se fez rocha dura e, nesse caminho de pedra [...] toda aquela trilha se tornara um descaminho”), água (“observei a estrada mais além: estava toda coberta de água [...] era água de maré crescente”; “Com o subir e descer do seu lombo dava a impressão, não tanto de um rio, e sim de um fragmento de mar, de um refluxo de maré cheia [...] Com aquele resvalar, às vezes rápido, às vezes preguiçoso, o curso d’água em que se transformou o caminho ia aos poucos ondulando, oscilando”; “o caminho que era rio, fragmento de mar, pedaços de ondas”; “uma água também, escorregadia”).

Durante o dia solar, humano, civilizado, reto, o caminho é palmeado. À noite, com a escuridão que envolve as coisas mais triviais, o caminho então se dissolve em areia, água mole, pegadas que vão sumindo aos poucos na lama, descaminho: o homem perdido. É agora noturno, sobre-humano, brutal, tortuoso. Esta é sem dúvida uma das narrativas de Cardozo mais bem tramadas. Ao trilhar as páginas de “O caminho”, o leitor vê-se enredado nessa progressão, que na verdade nunca atinge um clímax, posto que não o há. O ápice, se assim pode ser considerado, é o próprio embrenhar-se neste caminho coleante, que, traiçoeiro e misterioso, leva o leitor a alguns pontos antes incogitados e inexplorados para em seguida mostrar-lhe que aqueles lugares tampouco existem. É obrigado, portanto, o leitor a ir e vir em suas páginas qual o próprio caminhante personagem do conto.

Temos, sobretudo, a questão da natureza hostil, sempre em luta com o homem. O simples depoimento do engenheiro técnico metamorfoseia-se, veste-se de outras roupagens, e mostra ser uma aventura em que o narrador está envolvido, perturbado por

obstáculos que lhe aparecem do nada, na estrada ao entardecer, em meio a silêncios e opressões da noite – noite que é “um túnel completo, cheio de silêncio”. O caminho que se desdobra em caminhos já percorridos pelo narrador também lhe evoca outros, reais, imaginários, alheios, sagrados, caminhos que fizeram da história do homem seu caminho cósmico: de Santiago da Compostela, de Dante, de Jesus, da rota da seda. A narrativa dramática adensa-se num clima de mistério extremamente bem conduzido, o que, conforme já ressaltado, faz de “O caminho” um dos melhores contos de Cardozo.

No princípio do relato, o narrador nos informa que, como ajudante do técnico alemão Von Tilling, trabalhava na ocasião no Engenho Araçu, distante da praia de São José da Coroa Grande, para medição de terrenos e levantamento topográfico da área. Araçu guarda em suas terras algum mistério: tem “o açude e a levada do tempo em que era engenho d’água”. Não à toa, o tempo aparece vinculado à palavra “levada” – corrente de água para mover um engenho –, que sugere um balançar fluido e incontornável, balançar esse que fará, mais adiante, o homem enfrentar um ir e vir contínuo, como o serpentear do tempo.

Para chegar a Araçu, o narrador menciona que deve trilhar um longo caminho – mais exato, porém, do que o que encontraremos páginas à frente – a partir da praia de São José da Coroa Grande, passando pelo Engenho Queimadas, para finalmente alcançar seu destino. Logo no terceiro parágrafo de “O caminho” o narrador menciona a “boa estrada” pela qual ele e seu parceiro de trabalho seguem, diariamente, de automóvel, a fim de alcançar o engenho Araçu, onde desempenham suas tarefas de engenharia. Entrando à esquerda em estrada mais estreita, mais à frente se deparam com uma encruzilhada de três caminhos, símbolo que será analisado mais adiante.

No último dia da história retratada, o Dr. Von Tilling acidenta-se e o narrador, seu acompanhante, tem de prosseguir sozinho na tarefa cotidiana, um nivelamento. Depois de se lesar gravemente, o engenheiro Von Tilling é levado de volta ao Recife, mas o ajudante é instruído a trabalhar até o fim do dia e voltar a São José da Coroa Grande apenas no final da tarde; assim faz. Na Hora do Angelus, toma o cavalo e dirige-se ao Engenho Queimadas, onde deveria encontrar um automóvel, como de praxe, para retornar à praia. No entanto, com as idas e vindas e os obstáculos surgidos com o acidente de Von Tilling, não encontra automóvel algum. Vê-se forçado, pois, a “fazer a pé o trajeto do Engenho Queimadas a São José da Coroa Grande”. Parte, sabendo que andaria por horas, visto estar tarde e ser extenso o caminho.

Após o acidente no caminho que os levava, eles a cavalo, a Araçu, o narrador vê-se obrigado a perfazer o trajeto a pé, sozinho. É nessa caminhada que degradingola o pensar racional e concatenado, usurpado pela natureza que avulta, viola os sentidos e clama o homem para si. No caminho que se faz e desfaz, que é o mesmo e outros, que carrega consigo o espectro de outras trilhas, o narrador percebe-se desamparado, confrontado com a lembrança de percursos vários, pretéritos, realizados ou não; ele é um romeiro da memória, de seu próprio eu, e assim se compara a outros caminhantes: Dante, andarilhos do deserto, Jesus, São Nicolau de Bari, Germain Nouveau, tecelões e mercadores medievais, vendedores viajando pelas rotas da seda da longínqua China. Dante, o poeta do exílio de si, do exílio do amor, ele mesmo exilado perpetuamente de sua dileta cidade natal, Florença, renegado pelos próprios companheiros, itinerante condenado a seguir de Roma para Verona, Sarzana, Lucca e (finalmente) Ravena, peregrino de Inferno, Purgatório e Paraíso – Dante, perdido nos caminhos –; Jesus e seus últimos passos rumo ao Calvário; os caminhheiros espaciais da Via Láctea, os caminhheiros pios de Santiago de Compostela, dos sagrados lugares, São Nicolau de Bari (padroeiro da Rússia, nascido na Turquia no século III, peregrino à Terra Santa, preso por Diocleciano e libertado por Constantino, teve suas relíquias supostamente transportadas para Bari, na Itália, daí seu nome. Segundo consta, distribuía presentes às crianças e às filhas de homens pobres, que, sem dote, sucumbiriam à prostituição, o que o levou a ter sua imagem posteriormente vinculada à do símbolo natalino maior, Papai Noel – o Pai Natal –, o pródigo velhinho), Germain Nouveau (poeta francês do século XIX, amigo de Rimbaud, atingido por crises de loucura mística, foi internado algumas vezes antes de passar a levar uma vida de pedinte e peregrino inspirada em São Benedito Labre, seu conterrâneo, que recupera, no Século das Luzes, as grandes romarias e a rotina de esmolas e pobreza tipicamente medievais); todos são retomados nesse caminho-mortalha de Penélope, que se tece e destece, se trama ao ser palmilhado, se apaga ao ser desfeito.

Com a chegada da noite – fator inóspito causador de mal-estar e palpitação, como de hábito nos contos cardozianos –, o narrador começa a se questionar quando finalmente chegará à praia. Começa a caminhar e sente alguma coisa estranha que lhe vem do chão. “Sentia alguma coisa que me vinha do chão, alguma coisa de novo para quem voltava a pé por um caminho, por um caminho que percorrera [...] Aquele chão me fazia recordar outros chãos por onde passei caminhando a pé”. O caminho já tantas palmilhado revela-lhe sua intimidade, suas profundezas. É em suas entranhas – no que,

nele, é intrinsecamente caminho (e que o aproxima de outros caminhos), ou seja, seu próprio trilhar – que aquela linha faz com que o narrador se recorde de outros chãos, outras terras, que trazem consigo “muitas coisas do barro e da areia, de esforço e de cansaço. Muita coisa de suspeita e de incerteza aquele caminho me lembrava.” O caminho traz-lhe a lembrança de outros caminhos – barro e areia –, mas também “esforço e cansaço”. O percorrer a natureza é visto, indubitavelmente, como desgastante, pois ela é sinônimo de coisa bravia, oblíqua, incerta; não é, absolutamente, a natureza civilizada que o homem imagina domar. Ela é, antes, a pura violência do inesgotável, do impermeável à razão estreita.

O narrador prossegue em seu caminhar, que o leva a meditar e relembrar terras já palmeadas, histórias já lidas. O caminho é história, é a própria leitura; é “a constatação de que a marcha do homem era o rodar de um fragmento de roda, a material verificação de que os pés, caminhando, descrevem no ar uma roda imaginária, com apenas visível um seu fragmento”. O caminho é ele mesmo marcha vital. É a própria roda, que contém em si – em sua perfeita circunferência – o princípio e o fim, que se confundem e se entrelaçam. Logo, o narrador diz que “rodava assim a minha roda”. Sua história é também tecida dentro daquela noite cerrada, num questionamento contínuo de seu início e fim, sua ida e retorno.

A noite traz “um silêncio duro e vazio. [...] E a noite conduzia aquele silêncio. A noite era um túnel completo, cheio de silêncio, cheio, quase extravasando.” Parceira do desassossego, a noite é ela própria um caminho dentro do silêncio completo, uma senda que leva do silêncio ao silêncio – tão repleto que quase arrebenta, “mutismo apagado, murcho e mutilado”. Noite grávida de silêncio ou silêncio grávido de noite, ambos aqui se sobrepõem e fazem do homem seu brinquedo. Andando, o narrador percebe que caminha as histórias que leu, caminha suas grandes questões e segredos, sua própria lembrança.

Atingindo a encruzilhada que marcara sempre um dos pontos principais do caminho, não sabe reconhecer o trajeto que a partir dela deve tomar. Escolhe aleatoriamente seguir pela direita – reta, lógica, perfeita. No entanto, o chão ali “era de areia frouxa”. Não é o que esperava de um caminho à direita: certo, compacto. Tudo ali lembra escuridão e fechamento; está envolvido “na sombria espessura da noite”. Sua memória, que o traiçoa e o leva a escolher o mau caminho na encruzilhada, também recupera outras marchas, trajetórias trilhadas, outras areias frouxas, caatingas, charnecas, carrascais e tabuleiros. Solos aproximados na sensação do pisar que

“deixaram gravados nos meus pés uma história, que não sei bem como começa, nem como termina, e de que também já me esqueci”.

A lembrança é açulada pelo tato, mas, a exemplo do caminho incerto, não sabe fornecer ao narrador pistas de como começa e termina, apenas se esfumaça. São caminhos/descaminhos que “fazem lembrar e esquecer, avançar e me conter, me achar e me perder, chegar e me despedir, me aproximar e me afastar, agitando a mão de adeus; caminhar, e despedir-se!” É um caminho quase morte, de renovação, que, embora tenha um final, retém dentro de si a semente de seu próprio recomeço – a roda mencionada anteriormente. Alude a aventuras e obstáculos enfrentados por homens passados: o caminho de Dante – Inferno, Purgatório, Paraíso –, o caminho desértico das caravanas de outrora, Jesus e seu calvário de cruz, o caminho dos peregrinos, amantes de Deus, do espírito e da comunhão, o caminho de Santiago de Compostela. Caminhos universais, astronômicos, da Via-Láctea. Caminho de homens mortos, mas retomados, ressuscitados nesse novo caminho que refaz a senda do próprio Homem, em busca de seu começo e seu fim, procurando manter dentro de si a chave do cosmo infinito/esférico.

Apesar de achar que vai pelo caminho errado, o narrador prefere continuar na mesma direção. Sente o cheiro dos cajueiros, o perfume de suas flores. A mata escura engana sua visão. O ruído o perturba na extensão da noite. Seus sentidos estão plenamente aguçados: o tato é irritado pela chuva fina que cai continuamente. Continuando a percorrer a vereda, depara-se com cenários inóspitos, cogita agora voltar: tal opção é, todavia, impossível, posto que “o caminho já foi caminhado, recoberto por meus passos, rodado pela minha roda! Voltar! Recompor, reconstruir o caminho para poder passar; talvez até que, assim fazendo, ele se reconstrua, se recupere de outro modo.”

Ao regressar, percebe como o caminho antes palmilhado se destece; para existir, precisa ser trilhado, construído – depende que o caminhante prossiga e jamais recue. Ao ser destramado, o caminho hostiliza o narrador. Portanto, abrem-se “valetas quase intransponíveis, ou surgiam, por toda parte, ervas daninhas, moitas de urtigas e de espinhos, por onde era difícil pisar. Tive a impressão de que o primeiro caminho tinha morrido. O trato da areia frouxa por onde viera desaparecera, se enchera de mato, se alargara de mar. Se apagara. Morrera.” Ao ser desfeito, o caminho fenece, faz-se outro, com outras vegetações, outros tatos, outras durezas de solo. A areia não é a mesma, o cenário modifica-se, o tempo acompanha a transição. As paisagens e caminhos

metamorfoseiam-se nos de outros lugares, perfeitos não somente pelo narrador, mas por tantos andarilhos.

Angustiado pela morte do caminho antes criado, o narrador sente abater-se sobre si uma “noite eterna”: “tudo de agora em diante seria noite e caminho.” O Sol se extinguiu de todo; na noite monolítica, outras sendas que lhe prenderiam os pés fazem-lhe um apelo, “uma voz, um chamado da terra”. Em seguida, comenta que “Bruscamente, o chão começou a se mover, valas se abriram e todo o dorso do caminho ondulava encachoeirado.” O solo – primeiro areia frouxa, depois ervas daninhas, urtigas, espinhos e valetas quase intransponíveis – está agora inundado de água: é incerto, ondeante. O chão por onde viera vai pouco a pouco se apagando, vingança da trilha – que “agora não mais me conduzia, antes me perseguia” – por ter sido desfeita. Na resistência a seu término, e como portadores de sua própria renovação, não à toa “a noite era a mesma e o caminho era o mesmo”. O caminho metamorfoseado em curso d’água vai cada vez mais ondulando, líquido fluido, derramado, incontido, até se tornar ladeira, subida, rocha, dureza – “descaminho”.

A encruzilhada, lugar místico por excelência, não abrange “três caminhos”, mas todos, todas as possibilidades, infinitas alternativas sobrepostas e entrecruzadas. Ao contrário da estrada, que pressupõe uma linha reta, masculina, edificada, triunfo da civilização e do ordenamento (e que por isso serve às maravilhas ao uso do automóvel, ícone da cultura industrial), a encruzilhada caracteriza-se como o lugar por excelência de cruzamento de caminhos, de multiplicidade de perspectivas, portanto, de incerteza, indefinição, desconhecimento. Ao se postar no cerne da encruzilhada, o sujeito avista uma abundância de possibilidades; ele está, pois, no centro do mundo, pronto a fazer escolhas, a privilegiar esta ou aquela direção. Em mitologias várias, a encruzilhada é epifânica por natureza, presta-se como um portal entre dois mundos, à aparição de espíritos maus e bons – numa brotadura do sobrenatural –, à reflexão íntima, daí ser contemplada com a instalação de santuários e marcos de religiões e credos diversos. Por se tratar de um local de abertura, de imprevisibilidade, de passagem, a encruzilhada firmou-se no imaginário das gentes como símbolo de medo, sítio fantasmagórico, sombrio.

Naquele (des)caminho, a partir da encruzilhada de todos os caminhos, era possível ver e trilhar não só um, mas todos, pretéritos e vindouros. É apenas com a chegada à estrada – domínio do firme, fixo, concreto – que o narrador declara que “tudo agora era firme e seguro, definido e imutável, justo e concluído”, sugerindo ser o âmbito

da razão espaço privilegiado de paz e segurança. No entanto, engana-se o homem, posto que o caminho/descaminho – girar contínuo de sua própria roda – o acompanhará não somente em trilhas brutas da natureza agreste, mas também nos momentos em que se julga resguardado.

O caminho constrói-se como oblíquo, à margem da certeza, fimbria, em torno, entorno da razão; atropela o homem em sua jornada pretensamente amarrada, cerrada. A “encruzilhada dos três caminhos ou de todos os caminhos” cristaliza-se como um essencialmente borgiano jardim de veredas que se bifurcam, em que a concepção linear de tempo e espaço presente na física clássica é absolutamente chacoalhada; o tempo, assim como o caminho, é caótico, labiríntico, espiralado, fractal. Abre-se, pois, uma miríade de possibilidades, em que coexistem tempos, caminhos, espaços, direções, em que perspectivas diversas se justapõem, sendo possível saltar aleatoriamente de uma para outra sem perda de nexos, pois todas são apenas uma, e uma se estende em muitas, infinitas – no lugar do quando – quonde –, no tempo do onde – ondo.

12.A pesca de lagostim

Assim como “De novo em Cabedelo”, o conto “A pesca de lagostim” aborda de forma satisfatória o tema da batalha do homem contra a natureza, mais especificamente o bíblico confronto com o mar. Trata-se de um conto dramático que se desenrola numa atmosfera de suspense contínuo. Aqui, Cardozo excita o leitor criando nele ansiedade e expectativa, mas sem muito se aproximar do clima fantástico. O ambiente da narrativa é extremamente bem descrito, assim como os personagens, muito bem alinhavados e explorados.

Como também já acontecera em “O caminho”, temos a sensação inicial de se tratar de um simples depoimento, apenas um relato mero, que, no entanto, aos poucos se metamorfoseia em uma aventura, onde o narrador se vê confrontado com obstáculos e hostilidades que aparecem no meio de sua trajetória: no caso de “O caminho”, a própria estrada; em “A pesca de lagostim”, sua ida em busca do precioso crustáceo e a tentativa de retorno à praia.

A narrativa dramática é excelentemente desenvolvida e faz, assim como em “O caminho”, um dos pontos altos dos contos de Cardozo. Embora pareça, à primeira vista, uma simples narrativa pessoal, de climas, locais, regiões, costumes ou mesmo fatos, como, aliás, acontece em praticamente todos os contos de Cardozo, “A pesca de lagostim” agudiza-se como uma exposição, análise e questionamento de estados psicológicos limites do homem, estados estes que, muitas vezes, revelam o vazio que o ser humano traz dentro de si, grandes abismos, grandes questionamentos internos, aflições, angústias, medos. Esses são estados que freqüentemente o subjagam, sem que o homem possa perceber ou reagir, pois sua natureza interna, muitas vezes considerada por ele lógica, racional, enquadrada, mostra-se rebelde, como aquela que o circunda.

Em seus contos, e sobretudo em “A pesca de lagostim”, Cardozo tem a habilidade necessária para nos chamar atenção para tais desarranjos, momentos críticos de questionamento e percepção da impotência humana frente à violência da natureza.. Logo no primeiro parágrafo, o narrador alerta que a noite estava escura, as nuvens pesadas, “densas”, que não deixam ver as estrelas, são maus agouros, evidentemente, posto que nesse ambiente sinistro, “tempestuoso e fusco”, um vento pequeno sopra. Muito embora, anuncia-se a possibilidade de uma excelente pesca de lagostim, o que, afinal de contas, leva o narrador e seus companheiros a tentar realizá-la. Há que se notar

a sugestão de um clima já um pouco inóspito, com escuridão, ameaça de chuva e uma trajetória um tanto conturbada pela frente.

O narrador e seus companheiros preparam-se para a empreitada. Partem numa jangada, rumo a alguns recifes, distantes no mar, que, no momento da parida, encontram-se em maré vazante. A maré baixa, nos informa o narrador, tornaria muito mais tranquilo descobrir entre os recifes os esconderijos de lagostim. Levando consigo os utensílios indispensáveis a tal projeto – cestos, iscas, forquilha, cestos de folhas secas de bananeira que seriam acesos e que poderiam ofuscar os lagostins e assegurar a tranquilidade e a iluminação do caminho marítimo –, o narrador e seus camaradas partem na jangada.

São apenas quatro: o narrador e três amigos; dos três, dois nunca haviam participado de tal façanha. A maré, descendo, atíça a impaciência dos pouco experientes pescadores, que, por fim, entram na água já sobre a jangada e esperam ser levados aos longínquos recifes, em tal momento praticamente descobertos, posto que a maré desce cada vez mais. O jangadeiro dá afinal o sinal de partida. Ao contrário do início do conto, em que a noite é escura, compacta e monolítica, temos aqui um sinal positivo da natureza, em que o mar é descrito como “macio, manso, de água parada, contida pelos recifes”. Quase como um espelho da natureza externa, que se mostra amigável, convidativa e serena, a natureza interna do homem, especular, também se revela de boa índole. Assim vão o narrador e seus companheiros, além do jangadeiro, “alegres, satisfeitos, esperançosos no bom êxito da nossa atuação como pescadores de lagostim”.

Embora saibam que vão atuar como pescadores improvisados, acham-se confiantes: a natureza não poderá lhes causar mal, não poderá lhes trazer perigo. Rumando para dentro do mar, avistam a praia e, ao poucos, as luzes das casas vão dissolvendo-se na bruma, que, já tarde da noite, às dez horas, encobre o povoado de onde haviam partido. A terra finalmente desfaz-se no negrume da noite. Dentro do mar, o que os companheiros vêem são apenas sombras móveis, muitas vezes tempestuosas. Não tarda e chegam aos recifes, descritos como “um conjunto de pedras eriçadas, surgindo, naquele momento, das águas da maré baixa e que fica, quase sempre, inteiramente coberto nas marés altas”.

Procurando um lugar propício para que saltem sobre as pedras, não encontram grandes dificuldades. Conseguem desembarcar numa das pedras salientes em que o jangadeiro enlaça a jangada. O mar, serenado, mais tranquilo, posto que se encontra em maré baixa, não causa grande desconforto aos pescadores. Para que todos se sintam

mais seguros e tenham uma ajuda suplementar, o jangadeiro vai com o narrador e seus três amigos, para tentar auxiliá-los naquela pesca. Caminham sobre os recifes, pisando com cuidado para não escorregarem nas pedras “lisas, úmidas e musgosas”.

A partir do tempo em que deixam a jangada, trilham uma grande distância, embrenhando-se nos recifes, até chegarem ao local onde, estão certos, haveria bons esconderijos, cheios de lagostins. Acendem, portanto, as folhas secas de bananeira que haviam levado para esse propósito, fazendo delas uma espécie de archote rudimentar. Iluminam as locas dos pequenos crustáceos para encontrá-los e, assim, poderem apanhá-los e colocá-los em seus cestos.

É notável a descrição que Cardozo faz da pesca propriamente dita, com riqueza singular de detalhes e uma capacidade de realização visual pouco vista na literatura brasileira. De forma especialmente cinematográfica, ficamos frente a frente com a cena: vemos os crustáceos apanhados após serem atraídos pela luz fortíssima das tochas, empilhados, presos, jogados dentro dos cestos.

Assim como Cardozo absorve seu leitor ao descrever de forma minuciosa e rica a pesca de lagostim, o narrador e seus companheiros mostram-se envolvidos naquela situação. Empenhados e distraídos, fascinados, pasmos com a beleza da pescaria e o sucesso de sua empreitada junto à natureza, não sentem que sua sensação de controle irá muito em breve se dissipar, posto que em poucos momentos a natureza passará não mais a ser amena e pacificada, mas revolta, hostil e dominadora. A maré subiria certamente e aquelas pedras, agora tão acolhedoras e seguras, daí a pouco estariam completamente tomadas pelas águas. Os recifes que abrigam os pés dos companheiros de pesca e que os convidam a ali permanecer e a, de forma traiçoeira, se embevecer pela pesca de lagostim e perderem muito de seu tempo, esses mesmos recifes não possuiriam mais nenhuma ponta de pedra aflorante acima das águas dentro de alguns instantes.

O termo que o narrador utiliza para descrever a sua situação diante do exercício de pescar é bastante significativo: “estávamos *dominados* realmente por uma verdadeira *fascinação*, uma espécie de *atração*.” Diz ainda que era uma “obsessão permanente” a tarefa de descobrir os pequenos crustáceos, que apareciam à luz das tochas acesas, e prendê-los. Assim como os lagostins se deslumbram e são facilmente apanhados pela mão do homem, que fica fascinado, arrebatado em vê-los na sua vida marítima dentro da noite das águas, também o homem é presa fácil para essa natureza, que se desdobra “dentro da noite tempestuosa”, natureza aquosa, indomável, incerta. O homem cai diante do sortilégio dessa natureza, se vê enfeitiçado, tomado por sua imensidão, pela

beleza da tocha dessa mesma natureza, luz cegante que se desdobra ante seus olhos e que o converte, ele mesmo, numa espécie de lagostim. A noite desdobra-se, atinge seu ápice, e o mar, abaixado, pequeno, contido, avoluma-se para muito em breve alcançar o estado de “escuro e rumoroso aguaceiro”.

Avassalados pela atração incontornável de sua pescaria, nada vêem ou pressentem. Dizem mesmo se tratar de uma festa, que “pudesse se prolongar até alta madrugada”. Pescam à farta, voluptuosamente, entopem os cestos de crustáceos, tontos, facilísimos de apanhar – continuam a arrebatá-las suas presas. Não percebem, tolos, que eles mesmos são presas fáceis, posto que arrogantes, sem sentir receio do surgimento de imprevistos, tão freqüentes numa natureza sempre inconstante, incontornável. Não custa muito e finalmente saem de seu torpor pretensioso e inebriado. Lembram-se de que a maré virara. Logo é necessário, urgente, sair dali o quanto antes. Têm de voltar ao ponto onde haviam deixado a jangada: “foi uma surpresa, e como que um despertar.”

É um torpor, um sonho que envolve os homens, encantados com a possibilidade de, eles próprios, como uma espécie de deuses, domarem a natureza, controlarem-na, fazerem dela seu joguete, trabalharem com ela a seu bel-prazer. No entanto, o preço virá e será alto. Logo em seguida, com muita pressa, juntam os cestos e utensílios utilizados na empresa. Procuram chegar rapidamente ao lugar onde havia ficado amarrada a jangada. Sabem que haviam se distanciado muito nos recifes e estão longe da pedra onde haviam amarrado seu meio de transporte. Caminham depressa, e não é sem angústia que percebem que têm de empregar maior cuidado do que antes, posto que com a maré enchendo as águas já encobriam muitas pedras e o equilíbrio torna-se cada vez mais árduo, visto que, além da quantidade volumosa de água, as ondas criam um balançar constante que desafia o caminhar tranqüilo dos homens sobre os recifes. O jangadeiro, que havia auxiliado o processo, volta com os homens para o local onde haviam desembarcado.

Como o narrador havia dito alguns períodos antes que se tratava de um despertar, não é surpreendente que o tom de acordar mostre-se de novo no seguinte trecho: “saímos como que de um sonho para, aos poucos, entrarmos num verdadeiro pesadelo.” Inebriados, enlevados pela aparente facilidade de sua empreitada, não percebem que haviam se embrenhado num labirinto de dificuldades e incertezas. O caminho de volta, feito sobre os recifes, dá-se com dificuldade crescente. Cheios de peso, com os utensílios da pesca e os cestos agora recheados de lagostins, vêm-se diante de um cenário bastante hostil. As pedras mostram-se levemente cobertas pela

água da maré. Há apenas algumas poucas que ainda se revelam. Em uma série de trechos, os pés estão completamente mergulhados na água e as pedras escorregadias oferecem um obstáculo praticamente intransponível.

Apressados, angustiados, temerosos, prosseguem, muito embora, com rapidez e se amparam em pedras altas e fortes quando escorregam. As águas do mar, cada vez mais inclementes, movem-se, espirram, causando marolas e ondas que molham a todos. As pedras cobertas d'água dificultam o trajeto tranquilo, e os pingos de água levantados pelo movimento incessante do mar fazem com que as tochas de folha de bananeira pouco a pouco se extingam. Confrontam-se agora o narrador e seus companheiros com o pânico de terem de ficar no escuro, posto que, se não achassem muito em breve o ponto onde haviam deixado a jangada, teriam de se confrontar com as trevas da noite pesada e compacta. Os fochos vão se consumindo cada vez mais, e a angústia é crescente.

Logo em seguida, chegam ao local onde haviam amarrado a jangada. Para seu grande desespero, no entanto, ali não encontram a embarcação em que haviam feito o trajeto de ida. Junto ao desespero, soma-se uma grande incerteza, pois se questionam se aquele é, de fato, o local do desembarque. A dúvida a respeito do local permanece. Todavia, o jangadeiro finalmente reconhece a pedra onde havia amarrado a jangada e apercebe-se de que aquela havia se desgarrado e provavelmente havia penetrado no rumo distante do mar.

Cada vez mais o desconforto toma conta dos personagens. Não sabem se a jangada está à deriva no mar, em que direção, a que distância. A ignorância é total, ficam perplexos, perturbados, amedrontados. A dúvida cruel abate-se sobre todos: como voltar ao povoado? “Um certo nervosismo se apoderou de nós todos.” Finalmente, o imponderável da natureza pega-os no contrapé de sua própria certeza. A maré subia, a maré subia. A constatação faz-se cada vez mais cortante, mais incisiva, na medida em que, ao vir das ondas, as pedras são cobertas em nível cada vez mais alto.

Assim, acoçados pela situação inescapável, começam a fazer suas confissões. É nesse momento que o narrador se apercebe do grande drama que está prestes a se abater sobre eles. Dois de seus amigos simplesmente não sabiam nadar e “quase alucinados [...] estavam prevendo um fim desesperado”. A maré crescia, crescia, desenrolava-se, a tensão crescia, crescia, desenvolvia-se, a água cada vez mais alta, as pedras cada vez mais cobertas. O afogamento era praticamente certo. O nível de angústia exacerba-se. Num beco sem saída, tendem a entregar-se ao desespero. O narrador e o amigo que sabe

nadar sentem-se presas de um conflito íntimo terrível, pois pensam como podem deixar naqueles recifes em breve completamente alagados seus companheiros que não sabem nadar e como, mesmo assim, podem vencer a distância enorme entre recifes e praia.

A tensão torna-se insuportável. O leitor é envolvido num desconcerto cada vez mais profundo e agonizante. A onda, bem como o nervosismo dentro do leitor e no próprio clima da narrativa, torna-se violenta. A onda bate cada vez mais alto nas pedras, cada vez mais avança, cada vez mais se arrasta de volta “em curvas caprichosas. A maré subia!” Tudo contribui para a criação de um clima de desespero, de desconsolo, de angústia e ausência de saída possível. A luz se extingue, a maré cresce, o mar avoluma-se, as pedras se encobrem, e não há saída possível e distinguível em quadro tão terrível.

A jangada, já estão certos os companheiros, está afastada dos recifes. Finalmente, numa solução desesperada, o jangadeiro busca atirar-se à água e procurá-la. Tenta amainar os ânimos, diz que não deve estar muito longe. Lança-se na noite “escura, marítima” e começa a nadar, engolfando-se no pretume do mar tempestuoso.

Com os fachos quase todos consumidos, esperam pela volta do jangadeiro, que se aproxima, enfim, nadando, cabisbaixo. Diz que não consegue ver nada e que a jangada provavelmente perdeu-se no mar. A aflição subia “no mesmo compasso da maré, com a mesma ondulação, as mesmas súbitas pancadas”. É o sinal agonizante do fim próximo, de que não há escapatória possível, não há como resistir. É necessário dobrar-se à vontade impiedosa da natureza, à qual sucumbe o homem, que o envolve, o engloba e faz dele uma parte insignificante de sua potência.

Todos sentem a morte bater às suas portas. O narrador, no entanto, pensa encontrar uma solução. Pede ao jangadeiro que volte a nadar, em volta do local em que se encontram, e que levasse na mão um dos últimos fachos que ainda restavam para iluminar as águas escuras e profundas, já grossas e compactas pela água que chega do mar distante. Na densa escuridão, carregando o luzeiro, o jangadeiro embrenha-se na “treva espessa” e, muito em breve, torna-se apenas “um ponto luminoso”. Até mesmo esse sinal de luz, de ordenação, desaparece ao ser engolido pela imensidão trevosa do mar inquieto e crescente. A maré subia, subia. A água revela sinais de que não daria trégua. Os fachos de luz, pouco a pouco, frente àquela umidade gradativa, pujante e violenta, morrem.

Quase como um milagre, o jangadeiro enfim diz que achou a jangada. Todos se sentem aliviados, certos de que havia cessado seu grande desespero. No entanto, muito pouco em seguida, o jangadeiro desfaz todas as esperanças ao comentar que não,

tratava-se apenas de um tronco boiando no breu do mar. Naquele momento, sabem que vão morrer. O narrador e o companheiro que sabe nadar, antes diante de um dilema insolúvel, finalmente encontram saída. Resignados, decidem morrer ao lado de seus amigos que não sabem nadar. Não seriam capazes de cometer tal deslealdade. O máximo que poderiam fazer seria tentar levá-los, os dois, nas costas até a praia, desbravando um mar revolto, encapelado, mar esse que atrairá uma chuvarada forte em seguida.

Tentariam vencer a nado o trajeto até a praia, batalhando contra a água da maré cheia, contra um vento cada vez mais perturbado e perturbador, um vento temível, turbilhonado. Dentro da noite escura, selada, as nuvens se espessam, tornam-se cada vez mais pretas. A chuva se aproxima, para piorar a situação dos cinco homens. O jangadeiro, tragado pelo profundo do mar, não mais aparece com seu pequeno ponto de luz. Todos os feixes já esgotados, consumidos. A maré, no entanto, inclemente e alheia à vontade do homem, sobe, majestosamente.

Com os pés totalmente dentro d'água e as pernas também mergulhadas em mais de um palmo, com o equilíbrio cada vez mais comprometido pelas pedras traiçoeiras, os quatro homens que permanecem sobre os recifes vêm-se acuados, entregues, amortecidos. Na escuridão, sabem que, dentro em pouco, terão de se lançar ao mar e nadar o mais que podem, carregando os amigos nas costas, rumo à praia. Contudo, enfim, quase como uma aparição bendita, divina, uma voz “longínqua, quase apagada [...] falou da noite do mar, como uma revelação misteriosa; como uma voz vinda do além, uma voz distante, vinda do outro lado do mundo, vinda da morte de alguém”.

Em Cardozo, em momentos extremos, de entrega, desconsolo, do terrível, o que salva o homem não é a sua lógica ou sua capacidade de raciocínio, de ordenação; é, sim, o impalpável, o sobrenatural, o além.

É essa voz mítica, bíblica, de um ser distante, Deus, sabe-se lá, olímpico, que os salva e que vem, da noite da água, trazer as boas novas, uma voz vinda do além, distante, misteriosa: “Achei a jangada!” Era a voz do jangadeiro, sem dúvida, “ou a voz de além-túmulo”. Já perturbados, com os sentidos à flor da pele e o psíquico em frangalhos, diante da possibilidade de uma morte iminente, costumam a crer que seja a voz de um homem, tão homem quanto eles, abandonado, desfeito em pedaços, vítima da violência da natureza, desprotegido contra o imponderável do mundo. Não podem acreditar no corpóreo daquela voz, uma voz que parece, sobretudo, “uma ressonância, dentro de nós mesmos, da outra que já tínhamos ouvido, pronunciando as mesmas

palavras; ou como canto ilusório de uma sereia”. É como uma miragem auditiva que apenas traga para o seu profundo o coitado que pensa encontrar uma solução para o trágico que se desenrola.

Não querem acreditar na realidade, no palpável daquela voz, no sereno daquela voz. Preferem entregar-se a seu desespero, mas a própria existência de tal voz os traz de volta à realidade, e percebem que dentro daquela bruma espessa há ainda uma esperança. “Achei a jangada!” De fato, agora ouvem, mesmo que distante, no rumoroso da onda farta, a jangada que se aproxima, que desliza na superfície do mar. Gritando, alegres, vivos, sangüíneos, todos esperam que ela se aproxime. Para serem encontrados, no meio do negrume aquoso, o narrador tira sua camisa, ainda seca, enrola-a num pedaço de pau e gasta os poucos fósforos remanescentes em acendê-la. A camisa logo se torna um archote tosco e, enfim ilumina os quatro companheiros. Assim, o jangadeiro pode chegar até eles e trazê-los para cima de seu meio de transporte.

Tudo, todo o fruto daquela pesca larga, ampla, pujante e tão afeita a devaneios é largado ali mesmo, cestos repletos de lagostins, aparelhos de pesca e todo o resto. Assim, apenas com aqueles quatro homens abatidos e esperançosos, já com maré alta, o jangadeiro toca a jangada para a praia. O céu de chumbo, quase num alívio, num momento de distensão, abre sobre os cinco seu peso. Cai a chuva, forte, lençóis d’água profundos, cortinas d’água grossas, brancas, cantantes. É uma chuva “completa, amargurada”.

13. Variações sobre uma vida

“Variações sobre uma vida” é a única narrativa em terceira pessoa entre os doze contos redigidos por Cardozo. Aqui, mais uma vez, o fator fantástico encontra tratamento privilegiado, juntamente com o elemento de inação diante de fenômenos e eventos naturais e sensoriais, ou extra-sensoriais. O personagem do conto é, de forma consecutiva, vítima da sombra de uma nuvem, de uma luz fria, de uma voz lívida, de um cheiro fétido, de um vento perturbador e de dores por todo o corpo.

Neste conto, vemos a expressão de uma série de perturbações psicossomáticas ser levada a graus variáveis, mas quase sempre desestabilizadores. Prova disso é que o personagem mal resiste, ou, mais tarde, absolutamente não resiste, a manifestações violentíssimas da natureza que atacam seus sentidos, sua capacidade de julgamento, seu cérebro, seus órgãos, suas funções vitais. Tais manifestações, sobretudo quando se trata de eventos meramente virtuais, dão ao personagem e, mais amplamente, ao ser humano uma sensação de impotência frente à fortaleza bruta da natureza.

Aqui, explicita-se certa diferença em relação a peças anteriores, posto não se tratar de uma descrição pormenorizada de eventos aparentemente triviais que, ao fim, se desenrola e deságua numa narrativa culminante de tensão e, muitas vezes, enigma.

Indo contra a tendência dominante em seus outros contos de trazer à tona o elemento fantástico apenas no decorrer da narrativa, em “Variações sobre uma vida”, logo no início nos vemos frente a frente com os elementos que se tornarão a tônica deste conto, isto é, o imaginado que se torna real pela sua palpabilidade, o mistério, o suspense e a sensação de que algo terrível está prestes a acontecer.

Estamos diante de um conto que se debruça, primordialmente, sobre a questão dos sentidos do homem acossado por acontecimentos que ele ignora e que não consegue abarcar em sua lógica, acontecimentos estes que podem ser fruto da sua imaginação, de seu pensamento delirante, mas que, no entanto, reverberam em desconsolo, mal-estar e um aflorar de sintomas físicos e psíquicos.

Assim é que, no princípio da narrativa, o narrador menciona a presença da sombra de uma nuvem, que passa a atormentar o personagem central. Toda vez que abre a janela, a sombra, à espreita, se posta defronte para lhe dizer alguma coisa, para lhe revelar uma espécie de segredo. No entanto, essa mesma sombra, que procura comunicar algo ao personagem, ao mesmo tempo o acossa, o tortura, posto que dela nada se sabe. De onde teria vindo? O que desejava saber? Qual o seu propósito em

vigiá-lo constantemente? Por que sua presença sempre tão constante tornava-se, pois, desagradável, importuna? Uma presença “que só lhe trazia infelicidade e desgosto”.

Não se trata nem mesmo de nuvem plena em sua brancura de algodão, na sua incorporalidade, na sua multiplicidade de perspectivas e interpretações possíveis, uma nuvem que, mesmo gás, transforma-se aos olhos do homem num objeto palpável. É somente a sombra de uma nuvem, um espectro. E, como fantasma que é, está incessantemente à sua espera, vigiando, quase como uma fera tentando dar o bote em sua presa. A sombra de uma nuvem, “fragmento de noite”, o persegue durante o dia, é noite que adentra o dia e o perturba; a luz solar inclemente é violentada por esse pedaço insolente de noite, que o lembra das noites muito antigas e distantes em bairros da cidade onde se divertia quando jovem. É uma “sombra noturna”, como se em seu negrume trouxesse a lembrança de tempos idos, não mais recuperáveis.

Ao sair na rua, a sombra o acompanha. Tudo que o personagem deseja dele se aproxima, mas, ao se deparar com a presença funesta da nuvem, vai embora. A própria sombra da nuvem, traiçoeira e incorpórea, muitas vezes sentindo-se espreitada, some, vai por outros lugares, e a sensação de angústia e abatimento é então substituída por alívio, o que leva o personagem a considerar estar finalmente liberto da presença incômoda. Assim, prossegue feliz seu passeio, seu flunar pelas ruas da cidade, na esperança de que jamais tornará a vê-la, a se sentir acuado e perplexo. Tolo personagem, posto que mais adiante se defronta com a existência da sombra. Nas esquinas, nos esconderijos da cidade, mostra-se de novo, ainda mais sombria. Para tentar se libertar de tal presença desagradável, viaja para o interior do estado, para lugares longínquos, e pensa ter driblado sua companheira malquista. Não logra êxito, posto que “lá estava, a cobrir sua cabeça, a sombra da nuvem”. Uma presença encarnada, que o persegue e o encurrala, dele se avizinha e, sabendo que está longe, longe vai para acompanhá-lo. O personagem vê-se, pois, estupefato diante de tal situação absurda, em que, a despeito de sua própria ignorância a respeito dos motivos da sombra, encontra-se em questionamento profundo por não saber como ela consegue encontrá-lo e reconhecê-lo.

A sombra de nuvem é, a seguir, substituída por uma “luz fria, gelada, que batia na sua cabeça e penetrava no seu pensamento”. É uma luz torturada, profunda, que penetra pela janela ao amanhecer e fere sua testa quando ainda está adormecido. Luz-mau agouro, aviso, uma luz como um instrumento cirúrgico que corta, penetra fundo em

seu cérebro e o fere, levando-o a se machucar psiquicamente, numa angústia circular, rumo a uma especulação dolorida sobre o porquê de tal luz.

A exemplo da sombra da nuvem, que se reporta a tempos idos, a cantos longínquos da cidade, a luz desperta na mente do personagem idéias difusas, indeterminadas. Diz o narrador que “era a luz de uma estrela longínqua que se refratava no vidro da janela; era a luz, talvez, de um fósforo riscado no escuro por mão invisível”. É notável a construção de uma imagem em que o fósforo ilumina a escuridão, cuja chama provém, entretanto, de uma mão invisível, isto é, do incorpóreo, do nada. A partir do nada é gerada a fagulha que alumia a escuridão, mas essa fagulha tem sua causa indefinida.

A luz busca, portanto, adentrar a consciência do personagem, investigar sua mente, esquadrihar o cérebro à procura de uma lembrança, de algum ato, de algum acontecimento que o personagem houvesse praticado e não mais lembrasse. À semelhança da sombra de nuvem, a luz o assedia. Vem, indomável, penetrar seu cérebro, acosar seus pensamentos, medi-los, influenciá-los. Dentro de sua cabeça, a luz é tão potente e infinita que, em dados momentos, o faz simplesmente perder a memória; em outros, pensa de forma clara, exata, matemática.

O psíquico perturbado mostra-se refletido no corpo perturbado. Logo, a dor de cabeça é conseqüência da força dessa luz fria, gelada, e evolui para enxaquecas, tonteiras, que, declara o narrador a respeito do personagem, “pensava ser qualquer perturbação no labirinto”, mas este, consultando um médico, é convencido de seus ouvidos estão sãos. Aqui, Cardozo faz questão de ressaltar o fato de que o homem tem de conviver, não importa como, com tais perturbações físicas e psíquicas e que essa luz, a exemplo de uma série de outras perturbações, constitui algo de “magia e de real”, quase como se o homem estivesse possuído por um espírito ou entes incorpóreos, como uma espécie de obsessão. Essa presença funesta, assim como a sombra da nuvem, maus agouros e espíritos, manifesta-se por meio de espécies de enfermidades, gripes, tuberculoses, enxaquecas. Não se trata de moléstias do corpo pura e simplesmente, ou mesmo moléstias psíquicas. São, antes, moléstias inteiras que, ao afetarem o espírito, a alma, ao se mostrarem sintomas de sortilégio, desconcertam o corpo e a mente. Isso significa, pois, que tal doença é curável “com apenas um esconjuro”, assim como havia acontecido com a nuvem, desaparecida após um longuíssimo banho de sol, como se a luz forte e cortante do dia pudesse queimar más energias e agouros; somente com um exorcismo do espírito o corpo poderia estar livre dos males que o acometem.

No caso da luz, seria necessário tentar sanar o problema com um banho de escuridão? O protagonista vê mesmo que a presença da nuvem talvez não fosse tão ruim quanto imaginava, mais branda que a ação dolorida da luz. Pensa em ir de novo ao médico para curar sua enfermidade – não haveria, no entanto, nenhum tipo de tratamento para moléstia tão insondável. Afinal, “quando não era a sombra ou a luz, era a voz; uma voz lívida, partida, voz que vibrava dentro dele, repentinamente”. Depois de pensar esconjurar a luz, vê-se mais uma vez diante do grande espectro, dessa feita enformado pela voz. É voz, “lívida”, “partida”, subjetiva, voluntariosa, onipotente.

Em suas andanças pela cidade, a voz interior o estrangula, apresenta-se soberana, imperiosa. Sufocado, ignora de onde vem o som incerto que aperta sua garganta, que, à luz do dia e no meio da multidão, ou seja, em lugar tão não propício a acontecimentos misteriosos, o oprime. Como a sombra de nuvem e a luz, a voz o segue, o surpreende e o aprisiona.

É instigante verificar descrição proposta por Cardozo: “ora aguda, penetrante, como se ferisse a garganta, e, ferindo-a, fosse também uma ferida; voz, punhal, ferimento, causa da dor e dor ela mesma; ora era grave, mole, lânguida, perdida em qualquer parte do corpo ou do pescoço, sem posição certa; ora quase sem tom, nem som, agia em qualquer parte.” É uma voz, portanto, causadora de dor, mas também dor em si, contaminada, incessante e espraiada, que abarca seu próprio penar e irradia para o restante do corpo os tentáculos de seu sofrer. É uma dor que fere e se fere, punhal, dor incisiva, focada e difusa, concentrada e espalhada.

A voz, além de possuir várias tonalidades, trepidante, tagarela e, às vezes, lhe dá trégua, o que o faz alimentar falsas esperanças de se ter livrado de presença tão perturbadora. Os intervalos são os instantes de maior aflição, visto que representam apenas um breve *intermezzo* entre um mal-estar e o seguinte.

Em “Variações sobre uma via”, há um parágrafo em que, a partir do questionamento acerca da existência e dos porquês de tal voz misteriosa, Cardozo prossegue rumo a uma investigação sobre os motivos de se estar no mundo, uma especulação metafísica a respeito das razões da presença do homem:

Por que sucedem esses fatos comigo? Por que essa invasão odienta contra mim, para que serve o ódio? Nós estamos aqui, neste mundo, de passagem; pode ser que tenhamos vindo do nada ou da eternidade, isto é, no espaço em que estivemos antes de nascer nada exista ou tudo exista para sempre; entre o nada e a eternidade não há transição ou

passagem; entre o que nada existe e a existência total o que existe é uma seqüência de nada, uma travessia consciente, homo-existente. Essa voz que me persegue, o que será dessa consciência? A sua verdade? A sua abstração? Que parte dela revela esse monólogo sonoro que me atormenta? Monólogo ou diálogo (se é diálogo) é uma conversa, através de mim, entre dois mundos – o anterior e o posterior a nós? E Deus, que parte tem nessa entonação que extrapola de mim mesmo para o Antes e o Depois? A vida é um não ser perene? Isso pode ser uma prova de um não ser divino?

Tal parágrafo constitui-se como súmula dos grandes questionamentos ventilados por Cardozo em sua prosa e sua poética. As causas da presença do homem no mundo, em que consiste esse mundo, em que consiste o universo, há um antes, há um depois? E Deus, que papel desempenha em tal cenário? Por que a voz persegue o personagem no conto “Variações sobre uma vida”? De onde vem a voz, da eternidade, do tudo ou do nada?

Tal especulação confunde o personagem sobremaneira, porque permite uma série de divagações inexatas e problemáticas. Desarranjado, tentando encontrar saídas para aquela voz, o narrador embrenha-se em minúcias acerca de suas sonoridades, tons e contra-tons, que se desdobram em soprano ligeiro, baixo profundo, gamas múltiplas de voz humana, pura, imprevista, chegando mesmo a alcançar “o campo dos ruídos tenebrosos e doentios”.

Essa voz, que o escolta *malgré lui*, apenas o visita, não sendo sua, contudo. É uma voz que se exercita em ruídos “explosivos e implosivos como os dos rumores vertiginosos de uma catástrofe”. A voz, como o absurdo e o imediato da catástrofe, passa, portanto, e deixa-o livre, mas seu momento de serenidade é, em seqüência, chacoalhado, porque, de maneira inexprimível, lhe vem uma sensação de vento perfumado, desdobrado depois em vento brando associado a um cheiro fétido.

Acredita tratar-se de um fenômeno passageiro, pois, ao andar pela rua, perfumes, maus cheiros estão por toda parte, misturam-se de forma indistinguível. Depois, vinculando a insistência do cheiro aos mesmos fatores relativos à sombra, à luz e à voz, percebe ser um prosseguimento, uma outra manifestação do mal que já o acometera três vezes.

Agora é seu olfato que se mostra desarranjado por um fenômeno externo. O cheiro mau e o perfume vêm em ondas, casam-se e o perseguem, entram dentro de casa, confusamente. No parágrafo seguinte, na descrição do cheiro, volta-se a mencionar a voz, “violenta e extravagante”. O distúrbio da voz é curado, por assim dizer, em um

sonho, em que, dormindo o personagem, se sente asfixiado por mãos enormes, fortes, “como as de um carrasco”. As mãos sufocam a voz, estrangulam o ruído perturbador; não é de impressionar, pois, que, ao acordar, o personagem tenha se livrado da voz que o afogava.

Após algum tempo sem experimentar nenhum tipo de moléstia, sentindo-se bem, já idoso e convencido de que tais imprevistos eram apenas fruto de alucinações da juventude, pensa estar livre de tais desacertos: “Estava assim tranqüilo.” O delírio causara-lhe desconforto psíquico e sintomas físicos, como é freqüente na obra de Cardozo, em que o ordenado, estável, é perturbado pelo imponderável do mundo, que encurrala o homem e o faz atritar-se com sua própria debilidade. Atormentado por sombras, vozes, luzes, cheiros, manifestações de uma natureza estrangeira a ele, o homem vê-se fragmentado, chagado em sua territorialidade física. Crê tratar-se, portanto, de alucinações, pensa haver encontrado um motivo mais ou menos lógico para enquadrar e explicar o que o apossara durante anos.

Quando acredita estar enfim curado, um vento forte vibra sobre sua cabeça e causa-lhe “desgosto, uma angústia”; como as expressões anteriores, o vento é inexplicável, continua a soprar, ferino, ruidoso, apressado, dentro do quarto de dormir no qual se enclausura o protagonista. Sente “no ouvido o sopro do vento como se o seu crânio fosse uma bola que alguém invisível quisesse encher de ar e depois arremessá-la para cima, jogá-la no teto e apará-la embaixo novamente”. O vento troça do homem, faz dele mero peão num jogo ganho de antemão.

Como se libertar da moléstia? “Depois de tanto tempo perdera a experiência em procurar meios e motivos que fossem capazes de corrigir o seu mal”. Percebemos que Cardozo sublinha a questão da aparente vitória do homem sobre o imponderável, levando-o a incrementar sua confiança, avolumar seu ego, crente em haver triunfado sobre problemas que antes lhe pareciam incontornáveis. Contudo, vencido pela reincidência de tais questões, mostra-se, pois, amortecido, cansado.

Em “Variações sobre uma vida”, o vento é um mal ancestral, rumor que relembra os grandes tufões arrasadores do sul da França, com seu mistral atrevido e impiedoso, ou o terrível minuano, devastador, dos pampas do Rio Grande, ventania forte que ignora limites e se afunda no seio do raciocínio humano.

Já certo de que não escaparia do acesso, pois o ar ventoso lhe tirara a audição e a memória, o homem sente-se “desolado e só, quase morto”. Abatido pela percepção de sua derrota para o mistério, o homem nada mais cogita a não ser se resignar e se

recolher frente à perspectiva de uma morte próxima e dolorosa. No entanto, como de praxe, a esperança volta a brilhar quando o mal arrefece de leve. Ao tornar-se tênue o vento que zune no ouvido do personagem, a esperança acorda em seu íntimo. “Como dopado”, o personagem dorme, esfalfado pela luta contra os sintomas corpóreos, manifestações de sinais intangíveis.

Consumido até as últimas forças, o protagonista deita-se fatigado, doído, convencido de que jamais se recuperará. Entrega-se às dores que colhem seu corpo, “obtusas e agudas, lentas e instantâneas”, fusão de dores pequenas e grandes, sempre se espalhando, constantes, feridas. “Era uma fluência de dores; todo o seu corpo se transformou em dores puras, sutis, devorantes; foram, aos poucos, comendo-o.” O homem, vitimado pela sombra de nuvens, pela luz, pela voz, pelo cheiro, pelo sonho, pelo vento, é, finalmente, vencido pelas dores, que o sugam e o fazem extinguir-se.

Por consequência, não consegue resistir e fina-se, minado pela exaustão da dor que se transforma, ela própria, no corpo do homem. Não há mais corpo, não há alma, há apenas dores, que se tornam a essência mesma da vida do homem, transformada em morte quando do triunfo dessas dores infinitas, vindas não se sabe de onde. O personagem central, doente, morre asfíxiado. As dores o acompanham até seu fim e o fazem sucumbir, ao mesmo tempo em que se mostram vivas, visto que, após a morte do homem, continuam a reinar, sinônimos de uma natureza agressiva, sobrenatural, acasteladas num terreno livre de lógica e pormenores racionais.

“Variações sobre uma vida” trilha um caminho assaz intrigante ao não oferecer explicações para os nefastos fenômenos que sucedem ao personagem. A narrativa é distanciada; o narrador põe-se como observador atento ao descrever, detalhadamente, as situações descabidas que se encadeiam. Não há explanação – nem desejo de explanação – para a série de acontecimentos abruptos e previsivelmente terríveis que se dá ao longo da narrativa. Cardozo não investe em soluções, quer apenas a especulação, semeando a dúvida a respeito de moléstias que vão e vêm, perturbações do espírito e da carne, que jamais encontrarão, como ele parece querer afirmar, uma explicação vinculada à razão.

14. Em busca do Marco das Balanças

O conto “Em busca do Marco das Balanças”, de Joaquim Cardozo, apresenta-se como um relato, assim como já presenciado anteriormente, das experiências de Joaquim como topógrafo e engenheiro, nos confins dos territórios nordestinos, particularmente na Paraíba. Tal conto remete sutilmente ao ambiente fantástico presente em peças já analisadas, como, por exemplo, “O rugido”, posto que todas as histórias contadas pelos trabalhadores que povoam o conto (causos estes indefinidos, bastante vagos, beirando a lenda, todos impregnados por um clima romântico, de devaneio), se não ombreiam em dramaticidade, tensão e suspense com os elementos presentes em “O rugido”, por outro lado levam o narrador a pensar com saudade, afeto e certo delírio a respeito das mulheres fortes e belas de sua vida.

Essas mulheres — possíveis namoradas, amantes, primeiros amores, prostitutas, mulheres com um veio dramático abundante, mulheres que se distinguem por sua beleza, seu poder de sedução, como sereias homéricas, que levam o narrador a devanear e perder-se em pensamentos fluidos —, neste conto, apresentam-se, pois, como o próprio marco aos olhos do narrador, trazendo, colado ao peito, algo de misterioso e diáfano, fatores presentes nas balanças oscilantes, e nunca encontradas, do marco buscado em vão.

Cheio de incertezas, de sugestões que nunca se concretizam, de possibilidades abertas num leque infinito, “Em busca do Marco das Balanças” submete-se a essa atmosfera de mistério, dos próprios olhos ciganos da mulher, do oblíquo feminino, mestre em esconder, revelar, em atrair o homem para sua fantasia, semelhante à da natureza, feroz e meiga, hostil e arrebatadora.

É essa qualidade de enigma que também reveste as lembranças de Cardozo, em suas reminiscências dos vagares da juventude, quando este alude às mulheres benquistas. Em outros relatos, Cardozo menciona essas meninas e mulheres que lhe marcaram a experiência, que se fizeram presentes em suas andanças pelo Recife, que lhe trouxeram mágoas, amores, fulgor de carne. São essas mulheres, nas suas idas e vindas, na sua beleza ondulante, que servem de guia e, ao mesmo tempo, de desnor-teio, a exemplo do Marco das Balanças, buscado e ansiado, mas que parece perder-se em sua oscilação e, até mesmo, não existência.

Neste conto, o foco, como normalmente ocorre nos textos de Cardozo, é o do narrador, e a narrativa se desenrola, portanto, de forma afinada, em primeira pessoa. O

narrador menciona que ele e Neco, seu guarda-costas e parceiro de empreitada topográfica, devem partir, certa manhã, em busca do Marco das Balanças, e é notável que, logo no início do conto, o narrador se pergunte “Por que das Balanças?”. Tal nome engendra um questionamento difuso, que parece bater-se em paredes intransponíveis. As Balanças estão lá, para serem encontradas, mas, independentemente, permanecem impermeáveis à compreensão do sentido oculto em seu nome. O narrador e Neco partem, portanto, sem saber muito bem aonde devem chegar, como errantes, peregrinos cegados, sem mapa, sem norte, sem direção, andarilhos apenas, que fazem do próprio palmilhar o rumo final de sua trajetória.

Guiado por uma forte intuição, mas sem nada saber de fato, alheio a motivos lógicos, o narrador escolhe tomar o caminho ao norte, próximo a um forte construído há centenas de anos, durante a guerra contra os holandeses. Afirma:

Íamos assim, como D. Quixote e Sancho Pança; eu, magro e alto, e Neco, homem baixo, atarracado e forte, que usava chapéu de couro e alpercatas, roupa branca, de algodãozinho, e curtas a blusa e as calças; íamos assim, à procura, não de moinhos de vento, nem em defesa de donzelas perseguidas, nem a salvar vidas ofendidas, mas à procura de um marco que se chamava das Balanças.

É estabelecida, nesse trecho, a questão do resultado da busca ao Marco das Balanças, não apenas um nome integrado a seu próprio objeto, mas que, em realidade, dele se destaca por sua peculiaridade. O objetivo da busca é encontrar o marco em si, e não defender pobres e incautos, não tentar abrigar donzelas perseguidas, não combater moinhos de vento, muito embora ao final do conto irrompa, como veremos a seguir, a idéia de desdobramento de um caminho certo que leva a uma mulher precisa, a uma Dulcinéia quixotesca, por assim dizer.

O narrador, a seguir, se pergunta a respeito do equilíbrio dos pratos da balança, impossível de ser alcançado neste caso específico devido à própria oscilação do marco, que indica direções diferentes. Os marcos daquela região, faz questão de frisar, eram deveras incertos, posto que dependiam da vontade dos grileiros locais. Aparentemente de forma paradoxal e, no entanto, de maneira bastante conclusiva, o marco, quanto mais oscilante, mais certo e preciso se mostra. As balanças reverberam as idéias de rotação e transição, mas, por outro lado, as de retidão, integridade e caminho longilíneo, essas

balanças que “vibravam como instrumentos musicais e os seus sons repercutiam ao longo de laranjeiras e cajueiros”.

Havia também, segundo o folclore local, um marco misterioso que se atolara num lamaçal, do qual nunca mais se tivera notícia ou indícios e que se afundara no lodo para além do aldeamento de São Francisco. Seria possível, portanto, haver algum tipo de relação entre esse marco, há tanto tempo afogado, e o outro, das Balanças, que o narrador e Neco procuram? Jamais se chegará a uma conclusão enfática a esse respeito no conto “Em busca do Marco das Balanças”.

Apenas sabiam, o narrador e seu assistente, tratar-se de um marco antiqüíssimo, estagnado no lodaçal, e, como D. Quixote e Sancho Pança, para lá seguiam. As orientações e as informações locais eram incertas, a exemplo, como reforça o narrador, da existência do próprio Marco das Balanças, situado em local olvidado, oculto por moitas, espinheiros selvagens, um lugar perdido no meio do nada, envolto em brumas, em aventuras, nas lendas dos habitantes locais.

O marco, assim como seu antecessor, é trespassado por fantasia, uma espécie de memorial, monumento que se erguesse das fumaças apenas para seu eleito, e que estivesse oculto aos olhos daqueles que não merecessem enxergá-lo. Marco das Balanças, à feição do enigmático marco anterior, que se teria “perdido por efeitos de magia”, cheio de encanto e sortilégio, marcos bruxos, que, ao limitarem regiões e revelarem caminhos, igualmente confundem e desorientam os mais incautos em seu percalço.

De fato, a única relação que permanece entre os dois marcos é a certeza de que ambos se solaparam no tremedal, obviamente em períodos distintos. Esperam, o narrador e seu companheiro, encontrar, nos povoados circundantes, um indivíduo mais velho que ainda mantivesse na memória a primeira demarcação, sinônimo de busca finda ao Marco das Balanças. Procuram, todavia, e nada encontram, nem rumo, nem direção, nem habitantes antigos da região, nem mesmo a certeza de que tal marco exista.

Objeto perturbador, é também sinônimo da vegetação do lugar, cheia de tabuleiros, de capim ralo, região vizinha a outras não tão pobres, prenhes de verde mais denso, hostil, difícil de penetrar, verde esse que talvez pudesse, encantado, ocultar o enigmático e incerto lamaçal. Cansados pela procura inglória do marco, o narrador e Neco apeiam seus cavalos, sentam-se à sombra de uma árvore e ficam ali, matutando sobre o porquê de andarem e nada descobrirem. Nem mesmo os moradores, caboclos locais da Bahia, tinham conhecimento de tal local. Não à toa, o palpável e, ao mesmo

tempo, mágico de tal objeto encetam a discussão e o pensamento de que pudessem ter sido ludibriados por essa espécie de monumento às avessas, que faz questão de se ocultar e de evitar visitantes desagradáveis e incômodos que lhe perturbem a paz enlameada e silenciosa.

Sentindo-se tolos, perdidos e abandonados, os dois esperam que seus ajudantes os alcancem para que possam, enfim, almoçar. Ficam por perto, na expectativa de se depararem subitamente com o marco. Entregam-se à comida e ao desânimo, e é por meio dos trabalhadores locais, seus ajudantes, que tentam conseguir alguma informação, mesmo ínfima, “sobre uma possível verdade, ou mesmo uma lenda que envolvesse a aliança entre o marco mágico e o das Balanças”. Toda vez que pensam aproximar-se daquele símbolo de fronteira, este se esvai, fantasma que acena com o estrondo de sua existência mítica para depois dissipar-se em névoa.

Tal investigação é em vão, pois nenhum ajudante possuía sequer a mais vaga noção da localização de qualquer um dos dois marcos. Apenas um, entretanto, faz um breve comentário a respeito de um outro, nem o mágico, nem o das Balanças, que havia visto esmagado na lama, mas do qual não se recordava exatamente. É desta forma que se consolida cada vez mais a noção de que o Marco das Balanças – assim como o anterior, fantástico e incerto, existente talvez somente no falar de um povo remoto, no pensar de pessoas idas, não mais presentes naquela terra – é parte de uma lenda criada e difundida, mas, ao mesmo tempo, desconhecida, inspirada na do marco arcaico diluído em pântanos, em matos cerrados, alagadiços.

A partir daí, o narrador, acossado por perguntas não respondidas, passa a levantar uma série de explicações que poderiam ser fornecidas a respeito de tal marco. Há a possibilidade de um grileiro, demasiado perto de seus vizinhos e tentando sanar lutas com ladrões de terras, ter atirado um dos meliantes junto com o marco num pântano para que ambos fossem sugados pelas profundidades da lama, tornando a linha limítrofe das propriedades para sempre manipulável. Neste trecho, a balança caracteriza-se como símbolo que mede as virtudes, honestidade e passos em falso do homem. É uma história cujo viés melancólico remete a um tempo em que qualidades e integridade aludiam à balança da justiça.

A outra história cogitada pelo narrador — que poderia ter saído da boca de um contador de histórias, figura presente, mas também folclórica, fortemente ligada à tradição oral da Baía da Traição e paragens próximas — seria um mito criado e reproduzido por pajés, mágicos xamãs dos aldeamentos caboclos vizinhos, uma versão

romântica, mística e fascinante que pudesse talvez explicar o porquê das balanças do marco nunca encontrado.

Depois de muito meditar acerca do Marco das Balanças e seu simbolismo, já presa da atração exercida pelo mesmo, de seu feitiço, o narrador desperta de seu delírio pela voz de Neco e toma consciência de que está na hora de partir. A luz descamba, são duas horas da tarde, tempo de voltar para chegar antes do jantar. O propósito de seguir até o Marco das Balanças e finalmente desvendá-lo desfaz-se, posto que nem o mistério de seu nome fora resolvido. No entanto, é o anseio pela descoberta que traga o narrador, entontecido por seu perfume. Iniciam, portanto, a marcha de retorno, vêm acompanhados pela luz já “branda, macia, dourada”, uma luz igualmente misteriosa e encantadora, a exemplo das balanças e das mulheres que mais tarde se relacionarão àquelas.

Como um D. Quixote à procura de sua Dulcinéia impossível, o narrador vem desmanchando-se sobre o lombo do cavalo, passando por um belo crepúsculo, atmosfera propícia de canto, luz esfumada, natureza preguiçosa e estendida, momento perfeito para que passe, em seguida, a sonhar com o Marco das Balanças – inatingível e inexplicável –, que, num átimo, se transforma em clarão mulher, Julieta, “a morena que tinha sempre nos olhos um pouco de noite e de chuva, um pouco de sombra e de saudade”. Julieta é, neste momento, o Marco das Balanças, é aquela que assinala o passado bonito, debruçado na janela de uma casa no Zumbi, na Estrada Nova de Caxangá, Julieta bela, fascinante, que não sabia quem escolher e por isso deixara todos da várzea do Capibaribe perdidos na luz de seu olhar, como perdidos estão o narrador e Neco à procura do marco cujas balanças devem orientar, mas que apenas desconcertam, à semelhança do sorriso e da doçura da voz de Julieta. A jovem é uma Capitu cardoziana, “de olhos molhados de chuva noturna [...] de voz dolorida de aguaceiros n’água parada de um pântano perdido que eu mesmo não sabia onde estava, naquele dia”.

Julieta é o próprio marco, perdida na chuva, com a voz cheia d’água parada, pantanosa, plena de bruma, fumaça, Julieta que se distancia nos próprios eflúvios da lembrança e que, logo em seguida, não é mais Julieta, e sim Ester, gloriosa, rindo no trem que vai para Jabotão, de vestido carmesim, “com uma blusa de rendas brancas cobertas por um bolero da mesma cor do vestido”. Ester, não mais Julieta, reminiscência dos dias claros e bem-vindos dos quatorze anos do narrador, dias que se transformavam prontamente naqueles dos seus atuais vinte e dois anos, as balanças do marco de Ester,

seu sorriso, sua graça, seu corpo, cuja harmonia, num pêndulo todo próprio, já estaria desfeita pela “angústia do tempo que não pára”. Ester é o marco neste instante, normalista, bela, viajante sempre do trem de 01:20, “tinha qualquer coisa em si ligada a um mistério, pois tinha, além de mim, muitos outros admiradores”. Como o marco, ela é bruxa, faz os homens se apaixonarem, mas nunca serem aceitos, aproxima-os e rejeita-os, descobre-se e esconde-se. Seus encantos despertam histórias, comentários, lendas, dúvidas, mas jamais se desvelam plenamente. Deste modo, “Tinha oscilações assim na sua vida, tinha consigo qualquer coisa de desconhecido como as balanças do marco que não encontrei”.

A dúvida, à maneira de Julieta e Ester, permanecerá oculta e velada, como Tereza, mulher do Recife, sua amante, das “noites de brincadeira na feira do Bacurau”, que acompanhava o narrador em suas comilanças e festas e noites acordadas, de corpo macio, “mulher de vida airada, professora de amor”. Tereza, ela própria o corpo um oscilar, “marcando as horas da noite na Pensão Bohemia”. Tereza é aquela que aguarda o narrador em vão, assim como ele espera encontrar, também inutilmente, o Marco das Balanças. As horas do relógio hesitam, de um lado para o outro, em movimento pendular, medidas por Tereza, como os pratos da balança e o pranto da mulher que espera o amado. Os pratos da balança do marco estão presentes nas lágrimas vertidas, de maneira compassada, pelos olhos de Tereza. Aqui, não é Tereza o marco, e sim o próprio narrador, posto que é ela quem espera, quem procura, a mulher que busca descobrir e desvendar o lugar oculto de seu homem, seu esconderijo, aproximar-se de sua verdade, seu fundo. Há uma inversão nesse caso: “Agora chego a pensar; para Tereza, se tivesse conhecido as ilusões em torno desses marcos, tudo se inverteria.

“– Para ela, sou eu mesmo o Marco das Balanças.” Tereza é a mulher que aguarda e tenta livrar do sortilégio alheio o homem que busca, que vai e volta; jamais será aprisionado e desvelado.

Finalmente, depois de muito refletir sobre essas mulheres, que trazem em si o germe de uma descoberta impossível, mistério insolúvel, o narrador se entrega à vida palpável, chega à porta de casa na vila da Baía da Traição à hora do jantar; desiste de sua busca pelo Marco das Balanças. São as mulheres, amadas, amantes, queridas, enamoradas, que fazem de sua vida a busca de uma verdade maior – que, todavia, jamais findará, procura vã de uma certeza grande, justa, absorta em si mesmo, porém evitada, encoberta e ignorada pelo próprio marco: o homem.

15. Conclusões

Neste trabalho estudamos como Cardozo revela sempre um fundo questionamento acerca do elemento fantástico em sua prosa – composta por doze contos, “Voltando de Marcação”, “Perdidos nos tabuleiros”, “Tramataia”, “O rugido”, “De novo em Cabedelo”, “Minha tia Dondon”, “Na estação”, “Brassávola”, “O caminho”, “A pesca de lagostim”, “Variações sobre uma vida”, “Em busca do Marco das Balanças” – e provoca uma irrupção sistemática do fator sobrenatural, além de construir um clima onírico, ou mesmo quimérico, que perpassa sua ficção, numa combinação exemplarmente intrigante de maravilhoso e real minuciosamente dosados.

A preocupação com temas de fundo metafísico, a constância e o vigor do onírico, o entendimento, humilde, da violência arrebatada (e arrebatadora) da natureza, aspectos imensamente privilegiados por Cardozo na tecedura de seus contos, ligam-se de maneira indelével à sua mocidade, nas cercanias do bairro do Zumbi, repleto de majestosos exemplares da flora local, terreno propício para a germinação da fértil imaginação do menino. Seu Recife, todo ele nuvens e terra, cajueiros, mar e rio, frondoso de verdes, é a base para sua contemplação enleada do mundo, numa busca incessante do significado das coisas, do grande mistério cósmico. Ao eleger sua terra mesma como ponto de partida da construção de sua prosa e das imagens que a povoam – prosa devotada a sondar o mais recôndito do humano –, Cardozo alarga os horizontes de sua ficção e consegue, assim, tocar o universal.

Com este trabalho esperamos ter reforçado e aprofundado o conhecimento e os estudos sobre a prosa cardoziana, ligando-a definitivamente à pesquisa acadêmica, e demonstrado a peculiar visão ficcional de Joaquim Cardozo sobre a questão do imponderável, do extraordinário, do que foge ao entendimento racional do homem e o surpreende, fazendo-o confrontar-se com seu próprio lado obscuro.

16.Referências bibliográficas

- ALVES, Audálio. “Cardozo e a memória do Recife”. *Jornal do Commercio*, Recife, nov. 1980.
- _____. “Cardozo e o ‘espectralismo’”. *Revista da Academia Pernambucana de Letras*, Recife, n. 29, maio/jun. 1980, p. 74.
- _____. “Cardozo: nível da poesia brasileira”. *Jornal do Commercio*, Recife, maio 1974.
- _____. “Cardozo: vértice atual da poesia brasileira”. *Jornal do Commercio*, Recife, ago. 1977.
- _____. “Joaquim Cardozo: dínamo do pós-modernismo”. *Jornal do Commercio*, Recife, fev. 1976.
- _____. “Joaquim Cardozo e o Canto da Serra dos Órgãos”. *Jornal do Commercio*, Recife, jul. 1978.
- _____. “Nota introdutória”. In CARDOZO, Joaquim. *Um livro aceso e nove canções sombrias*. Rio de Janeiro; São Paulo; Recife: Civilização Brasileira; Massao Ohno; FUNDARPE, 1981.
- _____. “Prefácio”. In DANTAS, Maria da Paz Ribeiro. *O mito e a ciência na poesia de Joaquim Cardozo: uma leitura barthesiana*. Rio de Janeiro; Recife: José Olympio; FUNDARPE, 1985.
- AMADO, Jorge. “Mestre Cardozo”. *Módulo*, Rio de Janeiro, n. 26, dez. 1961, p. 8-10.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. “O mel apurado”. In CARDOZO, Joaquim. *Poemas*. Rio de Janeiro: Agir, 1947.
- _____. *Passeios na ilha: divagações sobre a vida literária e outras matérias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.
- ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. “Joaquim Cardozo”. *Módulo*, Rio de Janeiro, n. 26, dez. 1961, p. 3.
- ATHAYDE, Félix de. “As nove canções sombrias”. In CARDOZO, Joaquim. *Um livro aceso e nove canções sombrias*. Rio de Janeiro; São Paulo; Recife: Civilização Brasileira; Massao Ohno; FUNDARPE, 1981.
- _____. “Elegia de uma despedida”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, nov. 1978.
- _____. “Um alto vôo de despedida”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, nov. 1981.
- BANDEIRA, Manuel. *Antologia dos poetas bissextos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1946.

- _____. *Apresentação da poesia brasileira: seguida de uma pequena antologia*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1946.
- CARDOZO, Joaquim Moreira. *Poemas*. Rio de Janeiro: Agir, 1947.
- _____. “Poesia caligráfica”. *Jornal do Commercio*, Recife, set. 1996, p. 10.
- _____. “Poesia dos processos estocásticos (aleatórios)”. *José*, Rio de Janeiro, n. 5-6, nov./dez. 1976, p. 2-3.
- _____. *Poemas selecionados*. Recife: Edições Bagaço, 1996.
- _____. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.
- _____. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- _____. *Prelúdio e elegia de uma despedida*. Niterói: Hipocampo, 1952.
- _____. *Signo estrelado*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1960.
- _____. *Um livro aceso e nove canções sombrias*. Rio de Janeiro; São Paulo; Recife: Civilização Brasileira; Massao Ohno; FUNDARPE, 1981.
- _____; MARX, Roberto Burle. *O interior da matéria: desenhos, poemas*. Rio de Janeiro: Fontana, 1975.
- COUTINHO, Evaldo. “Depoimento”. *Jornal do Commercio*, Recife, ago. 1977.
- _____. “Os dois Joaquins”. *Revista da Academia Pernambucana de Letras*, Recife, n. 29, maio/jun. 1980, p. 73.
- _____. “Perfil de Joaquim Cardozo”. *Revista Arte e Comunicação*, Recife, n. 3, dez. 1995, p. 25-27.
- D’ANDREA, Moema Selma. “A cidade poética de Joaquim Cardozo (elegia de uma modernidade)”. 1993. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.
- DANTAS, Maria da Paz Ribeiro. “Casa para Cardozo”. *Suplemento Cultural*, Recife, out. 1991.
- _____. *Joaquim Cardozo: contemporâneo do futuro*. Recife: ENSOL, 2003.
- _____. “Joaquim Cardozo e a química poética...” *Jornal da Tarde*, São Paulo, ago. 1997.
- _____. *Joaquim Cardozo: ensaio biográfico*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985.
- _____. “Joaquim Cardozo e sua poesia de luz e sombra: apresentando Joaquim Cardozo”. *Boletim Cultural do Recife*, Recife, v. 1, ago. 1983, p. 1-4.
- _____. “Modernidade além dos ismos”. *Correio das Artes*, João Pessoa, n. 398, set. 1997.

- _____. *O mito e a ciência na poesia de Joaquim Cardozo: uma leitura barthesiana*. Rio de Janeiro; Recife: José Olympio; FUNDARPE, 1985.
- _____. “Uma conjectura dramática”. *Estado de Pernambuco*, Recife, ago. 1997.
- FORTUNA, Felipe. *A próxima leitura*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2002.
- _____. “Cardozo, a equação do lirismo”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, mar. 1987.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- FREYRE, Gilberto. “Joaquim Cardozo”. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*, Rio de Janeiro, n. 33, v. 8, out./dez. 1978, p. 108-109.
- _____. “Joaquim Cardozo e o Recife”. *Jornal do Commercio*, Recife, set. 1967.
- GESTEIRA, Sergio Fuzeira Martagão. “De ventos e números: sobre a poesia de Joaquim Cardozo”. Rio de Janeiro: UFRJ, 1982.
- HOUAISS, Antonio. *Drummond mais seis poetas e um problema*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- JUNG, Carl Gustav. *Arquétipos e inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____. *Memórias sonhos reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d.
- LEAL, César. “Dimensões temporais na poesia”. In *Entre o leão e o tigre*. Recife: FUNDAJ; Massangana, 1988.
- _____. “Prefácio”. In CARDOZO, Joaquim. *Poemas selecionados*. Recife: Edições Bagaço, 1996.
- _____. “Trivium: uma visão planetária do poema”. *Diário de Pernambuco*, Recife, ago. 1997.
- LEITE, João Denys Araújo. *Um teatro da morte: transfiguração poética do bumba-meu-boi e desvelamento sociocultural na dramaturgia de Joaquim Cardozo*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2003.
- LIMA, Mário Hélio Gomes de. “Engenharia, arquitetura, teatro, poesia”. *Estado de Pernambuco*, Recife, ago. 1997.
- _____. “Nota editorial”. In CARDOZO, Joaquim. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.
- _____. “O poeta ‘engenheiro’ fala do engenheiro poeta – Entrevista com o poeta João Cabral de Melo Neto”. *Estado de Pernambuco*, Recife, ago. 1997.
- LUCCHESI, Marco. “A mais longa viagem”. In CARDOZO, Joaquim. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

- MELO NETO, João Cabral de. “A luz em Joaquim Cardozo”. In CARDOZO, Joaquim. *Um livro aceso e nove canções sombrias*. Rio de Janeiro; São Paulo; Recife: Civilização Brasileira; Massao Ohno; FUNDARPE, 1981.
- _____. “Honras à amizade”. *Correio das Artes*, João Pessoa, set. 1997.
- _____. *Poemas pernambucanos*. Rio de Janeiro; Recife: Editora Nova; Centro Cultural José Mariano, 1988.
- _____. “Todos os poemas de João Cabral sobre Joaquim Cardozo”. *Estado de Pernambuco*, Recife, 1997.
- MERQUIOR, José Guilherme. *Razão do poema: ensaios de crítica e de estética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- NIEMEYER, Oscar. “Agora vou falar de um velho e querido amigo”. *Jornal do Commercio*, Recife, ago. 1997.
- _____. “Joaquim Cardozo”. *Módulo*, Rio de Janeiro, mar. 1955.
- _____. “Meu amigo Joaquim Cardozo”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, dez. 1981.
- _____. “Quase de vidro”. *O Povo*, Fortaleza, ago. 1997.
- NORÕES, Everardo. “Joaquim Cardozo: o homem-universo”. In CARDOZO, Joaquim. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.
- PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido – No caminho de Swann*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- PY, Fernando. “A claridade poética de Joaquim Cardozo”. *Jornal da Tarde*, São Paulo, jul. 1982.
- _____. “A poesia de Joaquim Cardozo”. *Poiésis: literatura*, Petrópolis, ago. 1997.
- _____. “Cardozo contista: ensaio crítico”. *Poiésis: literatura*, Petrópolis, ago. 1997.
- _____. “Fala dos poetas (Joaquim Cardozo)”. *Poiésis: literatura*, Petrópolis, ago. 1997.
- _____. “Joaquim Cardozo”. In *Chão da crítica*. Rio de Janeiro; Brasília: Francisco Alves; INL/Pró-Memória, 1984.
- _____. “Joaquim Cardozo: estudo crítico, antologia e notas”. In *Poetas do modernismo*. Brasília: INL, 1972.

17. Apêndice

Voltando de Marcação

A manhã daquele dia nasceu como as dos outros dias: um vento sulão soprando sobre os coqueiros da Baía, e fazendo correr a areia das dunas em direção da lagoa.

Naquela manhã tinha partido para a vila de Marcação, contrariamente ao que eu vinha fazendo freqüentemente, quando saía logo muito cedo para a ponta do caminhamento onde fazia o meu trabalho habitual. Desta vez fui para a vila de Marcação, a meio caminho de Mamanguape, montado num velho e magro alazão que só possuía as “pistas naturais”, isto é, passo, trote e galope, como diria se o visse o meu amigo Dr. José Tavares, técnico abalizado em andaduras de cavalos, animal que considerava “o pedestal do homem”.

O passo, o trote e o galope, maneiras de andar de um cavalo que não fora forçado a aprender marchas menos ásperas, eram para mim quase um suplício em todas as minhas caminhadas para chegar ao local do meu serviço; isto porque as duas primeiras marchas eram muito incômodas para o cavaleiro e a terceira muito cansativa para o cavalo.

Achei, entretanto, um meio conciliatório para viajar sem me molestar em semelhante alimária: primeiro chicoteava-a para seguir a galope, andadura que não me enfadava, mas fatigava o animal, forçando-o a passar pouco depois a trotar – trote que era mais um chouto –; então, freava-o, e continuava a viagem num simples passo muito demorado; depois de algum tempo, de novo animando-o a galopar, sucedia que, outra vez, voltasse ao chouto terrivelmente incômodo. Assim, sucessivamente, conseguia vencer a distância de quase uma légua sem me cansar, a mim e ao cavalo.

Nessa maneira de cavalgar, cheguei, naquele dia, ao povoado de Marcação, onde ia contratar e executar o trabalho de demarcação de um sítio.

Eram dez horas, aproximadamente, quando me apeei na porta da venda, a principal casa de negócio da povoação, e, ao mesmo tempo, hospedaria de forasteiros que por lá transitavam.

Encaminhei-me diretamente ao dono da venda e lhe pedi para me fazer o obséquo de comunicar ao proprietário do sítio em que eu havia chegado com a intenção de ver o terreno e executar, logo após, os serviços de demarcação; ao mesmo tempo,

como precisaria de dois dias, pelo menos, para a sua realização, pedi-lhe que me reservasse uma rede para dormir.

Chegando o sitiante, disse-lhe a que vinha, isto é, que tinha trazido comigo o trabalhador para transportar o instrumento com que iria cumprir a empreitada, mas precisava de mais alguns operários, no intuito de completar a minha turma; lembrei-lhe, no entanto, que seria melhor ver o sítio em primeiro lugar, para, conhecendo a natureza do terreno, poder fixar o número de foiceiros.

Sáímos, então, os dois, em direção à propriedade, que percorri totalmente: era um terreno plano e fácil de demarcar, não tinha elevações, e os trabalhos de foice eram muito reduzidos.

Os limites do sítio tinham sido feitos de grandes cercas nativas compostas de altos cafezeiros, que, naquela época, estavam frutificando; as cercas facilitavam muito o levantamento topográfico. No sítio não havia casas de moradores, nem matagais, não havia plantações ou outros quaisquer acidentes, como pequenos cursos d'água ou pequenos alagados, que precisavam ser detalhados com caminhamentos especialmente feitos para isso.

Resolvi, portanto, começar ali imediatamente, com apenas dois ajudantes, para fazer as medições. Começaria naquele mesmo dia, se o proprietário me fornecesse dois auxiliares.

Depois de percorrido o sítio e constatada a facilidade do levantamento, entrei em entendimento com o sitiante sobre o preço do trabalho, perguntei-lhe se possuía outras partes de terra semelhante e se todas foram também demarcadas e desenhadas. Ele ouviu-me com surpresa e me disse que o Dr. Manuel Dantas estava equivocado; ele somente tinha o dinheiro necessário para comprar aquela terra e não possuía meios para pagar salários de engenheiros; da conversa que manteve com o Dr. Manuel tirou a conclusão que o levantamento seria gratuito.

Surpreso também fiquei, e lhe pedi desculpas por tê-lo tirado dos seus afazeres e, de viva voz, solicitei que me ajudasse a obter condução para podermos, eu e meu empregado, regressar à Baía, àquela noite. Voltamos juntos à venda onde iria jantar e tomar as providências no sentido de obter transporte para a viagem de volta, ao cair da tarde.

O cavalo em que viera tinha voltado à Baía, ficara o que trouxera o trabalhador, meu acompanhante, com o instrumento e as balizas: precisava, portanto, arranjar uma montaria para mim; consegui com o dono da venda. Íamos partir, dentro em breve, a

demora estava apenas na vinda desse cavalo e no tempo de comermos alguma coisa como jantar.

Partimos afinal quase às sete horas da noite com o dia já escuro; partimos ao longo daquele caminho deserto, a princípio subindo e descendo ladeiras; somente depois desses declives entraríamos nos tabuleiros e capoeirões que precediam a chegada à Baía da Traição; a pouca distância da vila, notei que o cavalo em que eu viajava estava cansado, pois se movia com muita dificuldade nas subidas, precisando juntar-lhe as esporas para poder galgá-las.

Disse-me o trabalhador, meu companheiro de viagem, que o cavalo que me deram para viajar tinha trabalhado durante o dia todo, por isso estava cansado. Na marcha em que íamos, em hora muito avançada chegaríamos à Baía; talvez onze horas; meia-noite, talvez.

Alcançamos o ponto principal da viagem: o lugar onde estavam os grandes declives da estrada; a parte da descida foi feita sem dificuldade; na subida oposta, porém, a minha montaria já se arrastava – arrastava era o termo – para galgá-la; por mais que eu o animasse, que usasse as esporas, que o chicoteasse, não progredia no acesso à colina.

Dessa experiência resultou a conclusão que ele não poderia prosseguir: chegou quase derreado no alto da ladeira. Procurei encontrar uma solução; chamei o meu auxiliar, que ia um pouco na frente, e lhe propus a troca de cavalos, ou melhor, lhe comuniquei que era forçado a abandonar aquele em que vinha montado e que ele me cederia o dele; com o animal no qual o auxiliar vinha trazendo o instrumento eu viajaria sozinho até a Baía. Ele deixaria no primeiro tabuleiro que encontrássemos o animal cansado, amarrado num murici, ou numa mangabeira, e ele seguiria a pé ao meu encontro.

Houve uma certa demora em fazer a mudança, era preciso tirar a cangalha do cavalo que trazia o instrumento e deixá-la também no tabuleiro, passando para ele a sela daquele em que eu vinha. A noite estava um pouco enfarruscada, via-se mal o caminho, não havendo, entretanto, nenhum perigo em deixar o cavalo e a cangalha dentro de um tabuleiro por onde, mesmo durante o dia, raramente se via passar alguém.

Feita por fim a mudança saí montado no outro cavalo. Tive ainda que atravessar vários tabuleiros, vários capões de mato, estes às vezes com picadas abertas onde bem se distinguia a folhagem derrubada dos pereiros, que fazia no chão com a sua cor esbranquiçada lembrar um lençol estendido. O cavalo recuava, quando via aquele

branco fantástico surgir, de repente, na semi-escuridão da noite; espantado, recuava, recusava às vezes mesmo avançar, num pressentimento maligno e nefasto, inesperado num animal irracional, pressentimento de morte naquele branco de mortalha.

O animal dançava uma dança de lado, repugnando, fugindo àquela aparição sugerida pelas frondes caídas dos pereiros.

Dentro de algum tempo, estava próximo da lagoa, que tinha agora de atravessar sozinho, em plena noite densa; aquela mesma lagoa por onde eu passava, todas as manhãs e todas as tardes, seguindo o caminho para o meu serviço cotidiano. Atravessei o último túnel aberto dentro de um capoeirão; passei sobre a pequena ponte, na extremidade da lagoa, pequena ponte sobre o rio Mirici, que contornava as águas mortas da lagoa até a sua foz perto da Baía.

Por fim, entrei realmente na lagoa, procurando os caminhos, cobertos de água, fazendo o cavalo tatear dentro daquelas trilhas inundadas; a vegetação aquática tinha àquela hora da noite um aspecto sinistro. Reinava um silêncio de túmulo e os grupos de folhagens distantes faziam vultoso conjunto de formas negras dando a impressão de nuvens escuras ali pousadas. Era lúgubre. Toda a paisagem dava a impressão de estar inteiramente coberta de nuvens tempestuosas. De grupos de nuvens espaçadas tomando o aspecto de uma vegetação ultraterrestre, fenômeno que pela primeira vez percebi, pois até então não tinha tido oportunidade de viajar de noite através daquela lagoa de água morta.

Continuei a seguir com muita precaução, olhando todo o ambiente, mas, sobretudo, cuidadosamente observando por onde pisava o cavalo. Olhando todo o ambiente, àquela hora vazio das jacutingas, das galinhas d'água, das jaçaranas, das saracuras, das narcejas, dos jacumins, dos jaburus e outras aves pernaltas que, ao entardecer, o invadiam, num bater de asas freqüente e tumultuoso. Era justamente ao primeiro crepúsculo que essas aves voltavam a se recolher nos seus ninhos entre as árvores e os arbustos da lagoa. Assim, as via voando, chegando de outros lugares para se abrigarem pela noite; as via voltando, voando sobre a minha cabeça, quando eu também voltava, nos meus dias normais, para também me recolher em nossa residência na Baía.

Com surpresa, porém, à medida que caminhava não tinha chance de avistar o pequeno curso d'água corrente que ficava na outra extremidade da lagoa e onde se subia um pequeno barranco para o coqueiral novo; de repente senti que me tinha enganado; estava percorrendo uma vereda onde a água morta atingia os pés do cavalo em pontos

mais altos; esse desvio poderia ter sido motivado por eu me ter empolgado pela visão fantástica noturna das árvores aquáticas, ou talvez pelo mugido de um socó-boi que passou no escuro. A regra geral na travessia da lagoa era seguir o caminho molhado mais alto, e isso se obtinha olhando a altura d'água nos pés do cavalo. Resolvi retroceder, o que fiz com muita precaução, e fui melhor observando a situação da água em relação aos pés da minha montaria.

Por fim, depois de pequenas vacilações, encontrei o riacho que sempre supus ser um raso afluente do Mirici, apesar de ser mais profundo que as outras vias alagadas. Atravessei-o e galguei a barranca oposta.

Dessa barranca em diante, estendia-se uma plantação de coqueiros novos, coqueiros de pouca altura, muito menores que os da Baía; maneira de plantar, parece, porém, que prejudicou o seu crescimento e a sua produção de cocos. Era um coqueiral deserto onde no capinzal perto das suas raízes pastava apenas o gado que eu via pela manhã com os anuns voando em torno dele em busca de carrapatos.

Naquelas alamedas de coqueiros plantados num campo coberto de capim, penetrei; o ar era soturno, tudo ali comunicava uma tristeza árida e sombria que se tornou maior quando começou a chover; era uma chuva muito fina que embrumava tudo na minha frente. Instiguei o cavalo já um pouco cansado, senti um certo medo provindo daquela colina, daquele rígido silêncio, daquela chuva miúda e mesquinha.

Como as nuvens de chuva cobriam o céu, não deixando ver, não pude avaliar a hora; avancei, porém, ao longo desse coqueiral triste, de onde, de vez em quando, vinha o canto aziago da coruja, acompanhado de um bater de asas invisíveis e diabólicas; fui avançando assim mesmo, cheguei perto do nicho do Divino Amor, de que me aproximei, freei o cavalo e olhei para dentro, onde estavam o crucifixo e a luz; a luz eterna que ali ficava queimando por dias e noites.

Depois prossegui, vi a igreja do povoado, aonde raramente um padre vinha dizer missa e que ficava bem no limite do casario da Baía; na sua única rua entrei ao longo do seu areal e do seu coqueiral de altos e velhos coqueiros sempre bem carregados de frutos, coqueiros abertos em grandes folhagens de palmas rumorejantes; aproximei-me da casa onde morávamos: a porta estava aberta.

Era, aproximadamente, meia-noite. Todo o casario estava fechado e silencioso; entrei pela porta aberta, sem desmontar, para me abrigar da chuva que caía e mais densa se tornara. No quarto onde dormia Holanda ardia um alcoviteiro de querosene, junto à

rede do meu companheiro de empreitada, que tranqüilamente continuava a dormir, sem ter percebido a minha chegada inesperada.

Logo depois dessa irrupção pela casa adentro, apeei, sentei-me numa cadeira próxima e, segurando as rédeas do cavalo, fiquei esperando o trabalhador que trazia os apetrechos com que trabalhávamos e que ainda ia demorar um pouco a chegar, pois vinha caminhando a pé.

Sem querer, adormeci, sentado e segurando as rédeas do cavalo; as próprias rédeas caíam-me das mãos; não ouvi mais o rumor dos coqueiros que, defronte da nossa casa, acordados pelo vento, faziam um denso rumor convulsionado.

De repente, senti que alguém penetrava pela porta e dizia:

– Seu Doutô!

Abri os olhos, não vi o cavalo, que, sem saber, fugira das minhas mãos; diante de mim, estava o rapaz que trazia o instrumento e todo o restante do material de trabalho; colocou-os no canto da parede e indagou onde estava o cavalo, que devia voltar à vila de Marcação.

Mas, surpreso, meio tonto de sono, não soube explicar-lhe como o mesmo tinha desaparecido; a ele expliquei: disse-lhe que conservava nas mãos as rédeas quando adormeci, mas que não devia andar longe; de fato, a alguns metros da casa, babujando o capim ralo ao pé dos coqueiros, foi encontrado.

Assim termina a história de minha ida e da minha volta de Marcação, onde viajei no dorso de três cavalos, que raramente possuíam as pistas naturais e científicas que o meu amigo costumava anunciar nos seus cartões, no Recife, onde se rifava sempre: “Rifa-se, pelas três finais da Loteria Federal, um hípico nobre, russo-pombo, possuindo as pistas científicas e naturais.” As pistas científicas. Baixo, baixo e meio, galope pisado, ele, e nenhum cavalo da Baía, possuía.

Assim terminou a minha volta de Marcação; fechei a porta, estendi-me na rede para dormir; a chuva arrefeceu e parou; o vento lá fora amainou; no quarto de Holanda o candeeiro de querosene começou a crepitar e se apagou.

Perdidos nos tabuleiros

Já era noite quando deixei o engenho Cumaru, onde passei duas semanas ocupado em tirar a linha entre dois marcos que, do lado norte, limitavam aquele engenho. Os proprietários estavam ausentes. Apenas os caseiros – constituídos de

marido, mulher e dois filhos – ocupavam a casa-grande. Todos os membros da família sofriam de maleitas; esforçavam-se para me prestar serviços, sem aquele cansaço que habitualmente têm os doentes dessa moléstia.

Era noite fechada quando me despedi do casal que me hospedara e comecei, com um empregado que me acompanhava, a viagem de retorno à Baía da Traição; era uma noite bastante escura. Apesar disso, podiam-se ver, nitidamente, as constelações e o grande arco da Via Láctea. Saímos sem conhecer muito bem o caminho através dos tabuleiros paraibanos; à frente, montado num cavalo com dois caçuás, ia o empregado, com o instrumento metido num deles e as balizas no outro. Atrás, ia eu cavalgando, como sempre, um mau cavalo. Assim, sucessivamente, íamos percorrendo os caminhos incertos e desorientados dos tabuleiros, sempre com a mesma vegetação arbustiva: muricis, cajueiros brabos, batiputás e mangabeiras; os batiputás, com os seus frutos vermelhos que davam muito bom óleo de mesa; as mangabeiras ainda carregadas naquele mês de junho, com os seus frutos saborosos.

Soprava um vento leve e arisco, que vinha certamente do mar. Um vento molhado e indeciso; um vento já àquela hora a serviço, destroçado e incerto. Um vento... Um vento contido pelos capoeirões, pois os caminhos não prosseguiram apenas sobre tabuleiros. De vez em quando um desses capões de mato surgia, atrapalhando a passagem para outros tabuleiros.

Tínhamos caminhado já por bastante tempo. Eu seguira, enlevado pela beleza da noite negra e estrelada, escura e iluminada, quando, de súbito, pensei que já era tempo de estarmos bem próximos da Baía, e dela não havia sinal. Suspeitei que estivéssemos perdidos. Parei, então, e gritei para o empregado, que ia na frente:

– Pare aí, seu João, parece que vamos errados!

O empregado, João, puxando as rédeas conteve o seu cavalo; ficamos os dois a olhar o céu. Por fim, disse:

– Não tenho nenhuma orientação sobre os caminhos por onde vamos, o único meio que possuímos agora é nós seguirmos em direção do mar, orientados pelas estrelas.

Olhei-as, vi que Orion estava muito alta, devia ser quase meia-noite; já era tempo de estarmos na Baía.

Informei o empregado que d’agora em diante iríamos nos orientar pelas estrelas; eu iria lhe indicando a trilha em direção à praia, e acrescentei:

– Se atingirmos o mar e estiver baixa a maré poderemos passar facilmente entre o mar e as barreiras e assim atingimos facilmente a Baía.

Foi como procedemos. No entanto, estávamos num plano mais alto do que o da praia, estávamos por cima das barreiras que orlam o litoral paraibano, naquele local. Precisávamos descer cerca de quinze metros; em todos os lugares que tentávamos descer víamos a queda abrupta e íngreme da barreira. Depois de várias tentativas, encontramos finalmente, na região do Tambiá, uns sulcos profundos que mergulhavam, de maneira menos abrupta, para a praia; no entanto, ainda era muito difícil a descida, mas tentamos. Precisamos descer dos cavalos e puxá-los pelas rédeas com muito cuidado, sobretudo o que ia carregado com os apetrechos usados em nossos serviços. Todo o cuidado era pouco, pois os cavalos resistiam, se amedrontavam, recuavam, e nós procurávamos uma nova linha de descida, um outro declive mais suave, menos perigoso, para evitar uma queda onde se desse possível fratura nas patas dos animais. Fomos assim, pouco a pouco, descendo entre aqueles sulcos profundos, de uma terra pegajosa e escorregadia; fomos indo, pouco a pouco.

Com muito cuidado, conseguimos descer até a praia e tornamos a montar. Felizmente a maré estava em vazante, tudo levava a crer que quando chegássemos às pedras já houvesse uma passagem fácil entre elas e as barreiras, podíamos ir tranquilos. Mesmo que encontrássemos ainda a passagem difícil, podíamos esperar pouco tempo, teríamos sorte; se fosse de enchente a situação da maré, teríamos que esperar que a enchente se completasse e depois começasse a vazar.

Dentro de alguns minutos chegamos aos pedregulhos, ainda com água nas proximidades das barreiras, esperamos um pouco e, depois, passamos fácil pela pequena faixa de praia que separava as pedras dos barrancos.

Agora estava o caminho aberto, sem empecilhos, sem dificuldades, para o povoado onde morávamos; já se via de longe o grande coqueiral da Baía da Traição.

Caminhávamos agora com segurança sobre o chão batido da praia de areia endurecida pela água do mar.

Aproximava-se o povoado, já avistávamos as primeiras choupanas. Começávamos, porém, ao mesmo tempo, a ouvir uma música, com um som de batuque anunciando que era noite de festa na Baía. Com efeito, ao aproximarmo-nos ouvimos mais agudos os sons das palmas e dos tambores usuais na dança do coco.

Disse eu:

– É dia de festa na Baía.

O empregado que me acompanhava explicou:

– Hoje é dia de Sant’Ana. Esse dia, como por Santo Antônio, São João e São Pedro, é também festejado na Baía da Traição, com as mesmas danças: coco de roda, para as mulheres, coco isolado, para os homens.

Entramos no povoado e ouvimos, agora nítido, o canto do coco, tirado pelos homens:

Todo mundo teve sorte

– *O que é, minha comadre?*

Lá na pesca do Tavu

– *O que é, minha comadre?*

Só o pobre do teu compadre.

– *O que é, minha comadre?*

Só pescou Sambararu

Passa pra qui, Tavu

Passa pra qui, Sabararu (repetido)

Penetramos mais ainda na única rua do povoado e ouvimos além do canto também o ruído do palmeado, dos ganzás e o batuque dos tambores:

Todo mundo teve sorte etc.

Passamos pela casa de Sinhá Josefa, que possuía um coco de roda somente de moças, e ouvimos a sua música e vimos os seus corpos gingando nas umbigadas. Sua música era assim:

Pisei, saltei,

Na barra de Coqueirinhos.

Meninas, vamos

À praia pescar peixinhos.

Pisei, saltei

Na barra do Miriri.

Meninas, vamos

À praia pescar siris.

E assim prosseguia.

Eu e meu empregado continuamos a cavalgar ao longo da única rua que existia naquela vila e notamos que a festa prosseguia com alegria e entusiasmo; era tarde, porém, os festejos de Sant’Ana estavam praticamente no fim. As moças que dançavam

aquele coco de roda giravam ainda, dando as umbigadas que caracterizam a dança, muitas, entretanto, cansadas, já se tinham retirado.

A noite estava quase no fim, o céu, de um azul profundo, cobria os coqueiros, que, neste céu, recortavam silhuetas sombrias.

Sant'Ana! Louvei Sant'Ana, na véspera do seu dia, como era costume festejar-se Santo Antônio, São João e São Pedro. Lembrei-me de que, na minha infância, no grande sítio em que morávamos no Zumbi, no meu subúrbio do Zumbi, para louvar estes santos fazíamos fogueiras, procurávamos fogueteiros para comprar foguetes: os busca-pés, os fogos do ar, as limalhas! Lembrei-me que sempre se falava, todos os anos, no fim da noite da véspera de São Pedro, na possibilidade de se festejar Sant'Ana. Na Baía da Traição, essas festas não tinham fogueiras, nem foguetes; aquela gente pobre não possuía dinheiro para festejar com tantas despesas, mas com muitos cantos e alegria festejavam esses santos do cristianismo, inclusive Sant'Ana.

Sant'Ana! Foi na véspera de Sant'Ana que nos perdemos nos tabuleiros, com o risco de passarmos a noite perdidos ou talvez em resultados mais graves na descida do Tambiá, com a perda de um dos cavalos pelo menos, naquela descida perigosa.

Sant'Ana! Foi Sant'Ana quem nos apresentou a praia limpa de maré alta? Que nos possibilitou viagem fácil até a Baía? Foi Sant'Ana, na véspera de seu dia?

Cheguei à porta da casa onde morava; o empregado tirou o instrumento e as balizas e guardou-os, depois levou os dois cavalos, trôpegos e cansados.

Olhei a praia próxima; estava ainda vazia de pescadores.

Preparei-me para me estender na rede e dormir; de uma casa perto da nossa, chegou-me, porém, o som dos batuques dos ganzás e dos tambores; detive-me e fiquei a ouvir os trechos de embolada que cantavam:

E Santa Cruz grita: fogos!

Não deixa o rifle esfriar, Helena

Ai! Helena

Onde vai, morena Helena?

Logo depois, uma voz grita: “Viva! Viva!” E o canto prosseguiu, agora cantando outra história; agora não era mais a história do assalto do bacharel Santa Cruz a Alagoa do Monteiro; o canto de novo vinha, numa outra voz:

Eu entrei na academia

Pra estudar preparatório.

Helena, ai, Helena!

Onde vai, morena Helena?

Estudei tanto de tudo

Que fiquei sem saber nada, Helena

Ai! Helena

Onde vai, morena Helena?

Uma outra voz meio alcoolizada, mais rouca e esquiva, se fez soar:

– Muda! Muda!

Houve um silêncio, pensei que tinha cessado o brinquedo, mas logo uma voz, exigindo outra embolada, se ouviu:

– Outra! Outra!

Levantei-me, fui até a porta. Aquela música e a emoção por que passei durante aquela viagem noturna me tiravam o sono; olhei entre as palmas dos coqueiros a primeira luz da manhã; mas a voz continuava:

– Outra! Outra!

Parecia que estava mesmo tudo terminado; voltei para o interior da casa.

Deitei-me na rede para dormir, certo que estava tudo acabado; deitei-me e sentia-me satisfeito por ter conseguido vencer as irregularidades e incertezas dos tabuleiros, com os seus caminhos divergentes; ter conseguido reduzir as suas linhas vacilantes à linha firme das ribanceiras que vão da Baía da Traição à foz do Camunupi, rio que limita a Paraíba com o Rio Grande do Norte.

Deitado na rede, fiquei ainda sem sono, creio que poucos minutos; de repente ouvi de novo os zabumbas e um canto de embolada:

Balão, balão bateu

No alto da barra se perdeu.

Balão que veio

Além da serra se escondeu.

Adormeci. No horizonte longínquo, uma fimbria de luz já aparecia entre os coqueiros da Baía; amanhecia.

Naquela praia formosa, paraibana, o dia de Sant'Ana amanhecia.

Amanhecia!

Tramataia

Enfim cheguei a Tramataia, pequeno e antigo povoado hoje deserto, esquecido à margem esquerda do Mamanguape, precisamente na curva que este rio faz se dirigindo para a sua foz na praia de Coqueirinhos. Era região por mim conhecida de passagem, já a tinha visto, com os seus sete ou oito mocambos vazios, e inteiramente inútil, abandonada a sua casa de farinha. Vários coqueiros, sempre carregados, permaneciam ainda entre os casebres, dando ao conjunto um ar de tempo saudoso e longínquo.

Tramataia. Esse povoado pequeno e morto me surpreendeu vivamente; pelas imagens de vida que revelava; pelas paisagens esquecidas, extintas muito antes de prosperar.

Seus habitantes tiveram o rio para pescar, os mocambos para habitar; e os coqueiros, com sua necessária presença civilizadora, eram, naquela pequena região, um dos elementos principais de comércio; o outro era, sem dúvida, a casa de farinha.

Aqueles praiheiros, modestos e sem recursos, construíram ali uma casa de farinha, cujo produto servia não somente para uso próprio e doméstico, como também para ser vendido em outros povoados.

Tramataia. Quando a vi, já estava morta; nascida e morta. Por ela passei muitas vezes, para alcançar o sítio do velho Gersino. Ia por sobre a planície que o rio ainda alagava nas grandes marés, mas onde não havia mais o manguezal, que somente aparecia muito distante, junto à margem do rio, sobrevoado pelas garças e colhereiros, em grandes bandos; sítio carinhosamente cultivado por seu Gersino, com plantações de milho, com latadas de uvas e de maracujás. (Para proteger as espigas de seu milharal contra a invasão dos periquitos e jandaias que viviam em bandos por toda aquela região, o velho Gersino pagava a um menino para gritar dentro da plantação, durante todo o dia.)

Enfim cheguei a Tramataia. Não mais para simplesmente passar, e sim para me demorar por um dia, pois chegava para trabalhar na abandonada povoação, fazendo o levantamento de uma grande ilha fluvial limitada pela margem do rio e um seu afluente; e, por outro lado, pelas salinas cobertas de um capim duro, que se estendia numa vasta planície alagadiça nas marés crescentes e que nela depunham o sal das águas do mar.

Grande parte dessa ilha era ocupada por uma densa capoeira que se juntava, na margem do afluente do Mamanguape, ao mangueiral que o envolvia. Mangueiral de

grossos troncos e frondes largas, constituídos de mangues canvês. Debaixo dessas árvores almocei nesse dia; ali me entregaram o almoço que chegara da Baía.

Num só dia levantei todo o contorno da ilha. Já ao entardecer tinha passado pelas salinas e conduzi o caminhamento pela margem esquerda do rio. Precisei tirar os sapatos mais de uma vez (somente com os pés descalços era possível parar nas partes alagadas). Fui, por isso, duas vezes mordido pelas mutucas, que eram muito freqüentes nessas regiões; às vezes, mutucas negras, cujas mordeduras faziam sangrar.

Um pouco mais além, quase ao chegar de volta à estaca de onde comecei, encontrei uma grande extensão de terreno formado de uma substância desconhecida para mim. Não era nem argila, nem areia – não me parecia também pedra –, parecia mais vastos depósitos de uma matéria de consistência mais aproximada à da madeira, pelo menos da madeira fossilizada. Tirei um fragmento para levar comigo e examinar melhor.

Passei por cima dessas estranhas jazidas e liguei logo depois a linha que vinha tirando à estaca inicial, depois a um marco que instalei no alto da ribanceira e que amarrei a duas pedras firmemente cravadas no chão. Tirei o instrumento do tripé, coloquei-o dentro da caixa e, como estava com muita sede, pedi a um trabalhador que me tirasse uns cocos verdes, dos coqueiros de Tramataia. Foi um regozijo, para quem vinha bebendo água de chuva contida dentro das folhas de pequenos gravatás (água de chincho, como por ali era comum se chamar). A outro trabalhador, pedi que fosse apanhar o cavalo, que estava pastando ali perto. Enquanto esperava os cocos, que estavam sendo colhidos, abriguei-me na casa de farinha. Vi que estava um pouco destruída. No caititu e na prensa faltavam peças. O lajeado de tijolo do forno e o próprio forno de torrefação mantinham-se em bom estado. Por ali não passara nenhum sinal de incêndio nem de destruição por assalto ou roubo.

Depois que bebi a água de coco, pedi aos meus ajudantes que fossem procurar o cavalo em que viajara pela manhã, pois, ao cair da tarde, deveria regressar à Baía. Enquanto esperava, percorri alguns casebres abandonados; entrei em mais de um deles e verifiquei que, apesar de estarem desocupados por muito tempo, guardavam ainda uma certa ordem naqueles utensílios mais pesados e, portanto, difíceis de serem facilmente removidos. Em tudo, porém, transparecia um ar de mistério e indecisão, qualquer coisa de insólito e inexplicável. As choças, cobertas de palha de coqueiro, permaneciam ainda com essa cobertura, embora um pouco destruída. Com o tempo, que se supunha ser o do seu abandono, davam a sensação de poderem ainda ser habitadas.

Sonho com Tramataia

Nessa noite, sonhei com a pequena vila de Tramataia; sonhei que a localidade estava de novo animada de gente; de novo os seus habitantes morando nos mocambos; de novo na faina de plantar mandioca e de fazer farinha.

A casa de farinha estava novamente funcionando: mulheres, sentadas num pequeno adro, descascavam as mandiocas; o caititu, com o seu rodete, triturava a parte branca interior das raízes dessa euforbiácea, depois levada à prensa, que, atuada pelo parafuso, expelia uma gosma espessa (a manipueira, isto é, a parte mais venenosa dos tubérculos comprimidos). A massa, depois de bem esmagada na prensa, era lançada no forno de torrefação, que estava aceso, e dois homens, com ancinhos, procuravam espalhá-la sobre os lisos e quentes tijolos, para que a farinha saísse bem torrada.

Via, no meu sonho, toda essa labuta em fazer farinha, trabalho em que todos se empenhavam com dedicação e interesse, para conseguir um bom produto (que seria vendido em Marcação, ou Mamanguape).

Enleado naquela visão ilusória, ouvia também um canto que vinha das vozes das mulheres, ocupadas em tirar a casca da mandioca:

O que é, o que é?

– Mastiga mas não engole.

– Engolir não pode sê.

Mas soprando como fole

É caititu, já se vê.

Nessa minha paisagem sonhada, além das roças de mandioca, havia milharais, e as espigas de milho colhidas apareciam suspensas sobre o forno de torrefação; suspensas do telhado, para secar. E havia o sofrido trabalho da pesca, sobretudo a apanha de caranguejos, executada com muita dificuldade dentro de um manguezal enorme, de lama espessa, de lama profunda, em que o apanhador corria o risco de se afogar naquela massa negra e untuosa; de se espetar nas hastes partidas dos mangues.

Via também, no meu sonho, não apenas o fatigado trabalho, mas a alegria cantada e dançada, como na Baía, nos cocos de roda e no sapateado dos homens batendo o compasso das emboladas. Havia mesmo, entre aquela gente, mais saúde do que na que habitava no litoral. Ali havia menos maleitas, menos febres, pois o povoado

não possuía lagoa de água estagnada onde se criam os mosquitos causadores desses males.

O segredo de Tramataia

Quando terá terminado a pequena civilização da vila de Tramataia? E como morreu, assim tão de súbito, essa atividade, desde que não houve incêndio, nem destruição por assalto de forasteiros? Os mocambos, cobertos de palhas de coqueiro, mantinham-se quase intactos, sem indícios de destruição pelo fogo ou pela violência. Essas perguntas ninguém me soube responder. Mas tudo revelava que o povoado evoluiu normalmente, como evoluíram o aldeamento de São Francisco e a vila de Marcação. Teria então sido criado pelos caboclos da mesma tribo que fundou o aldeamento; ou surgido da mesma consequência que deu lugar a Marcação – a qual resultou da demarcação de terras devolutas do Estado (isso ainda no tempo da monarquia).

Mas os habitantes dessas vilas quando e por que abandonaram os seus casebres? Forçados por que circunstâncias? É provável que o abandono tenha sido feito lentamente, até que o último habitante o tivesse deixado.

Uma série de insucessos teria sido causa inesperada da interrupção do bom andamento no curso da vida que vinha sucedendo em Tramataia, daí a evasão, daí o abandono do próprio lar; mas em busca de quê? Não se sabe.

Seria como se uma voz viesse do alto, uma ordem divina, à maneira dos antigos avisos aos homens e às cidades atingidas pela maldição de Deus.

Nunca, confesso, tinha visto um povoado ou uma aldeia assim abandonada pelos seus habitantes; praticamente intacta, como se todos tivessem saído para assistir a alguma festa distante, e até hoje não tivessem voltado; como se todos tivessem ido acompanhar uma procissão, numa outra aldeia longínqua, e a qualquer momento voltassem às suas casas.

Tramataia guardava consigo um segredo que era impossível desvendar, como muitos outros segredos que, naquelas terras, há séculos habitadas por índios, surgiam, para surpresa minha, de vez em quando. Esse povoado, sempre que por lá passava, dava-me a impressão de manter um mesmo semblante: aquele de quem espera; de quem está sequioso da presença de alguém; de quem conserva um íntimo silêncio no qual uma alta voz deseja se revelar.

O segredo de Tramataia talvez estivesse contido nas grandes mangueiras distantes e altas, onde voavam bandos de garças brancas, pescando peixes do rio para devorar e sendo elas mesmas caçadas pelos homens que tinham, pelas suas níveas plumas, a obsessão de consegui-las e vendê-las.

Tramataia

De onde teria vindo esse nome? O que significa? Perguntei a muita gente entendida – que não me soube responder – que relação tem essa palavra com a linguagem dos índios que ocupam, há tantos anos, várias localidades da Baía: Mataracá, São Miguel, São Francisco. Tinham contato com Tramataia?

O fato de existir a casa de farinha não indica a presença do índio nesse antigo povoado? Sabe-se que a indústria do indígena incorporou a fabricação da farinha de mandioca na sua técnica primitiva; basta dizer que entre os índios o caititu chamava-se tipiti e tinha caráter rudimentar e *sui generis*.

Toda esta especulação aqui fica, para investigações que possam resolver não só essa incerteza, como muitas outras que ainda hoje existem nas localidades de nome indígena em nosso país.

Tramataia! Seu nome é também objeto de seu mistério.

O rugido

Estávamos conversando na sala de jantar da casa onde morávamos – lugar onde nunca nos encontrávamos para fazer refeições, que eram feitas todos os dias na sala da frente. A comida (sempre peixe cozido, peixes pescados pelos jangadeiros, que saíam todas as manhãs para pescar) era preparada na casa do engenheiro Manuel Dantas, que morava perto de nós.

Assim, na sala da frente, recebíamos e tomávamos o café, pela manhã, com cuscuz de milho; almoçávamos e jantávamos. As nossas reuniões na sala de jantar aconteciam apenas para podermos nos entreter em conversas que giravam, quase sempre, sobre as ameaças a que estávamos sujeitos; nós, que trabalhávamos numa demarcação de terrenos devolutos e ocupados pelos antigos índios que se instalaram, há séculos, naquele recanto da Baía da Traição.

Meus dois companheiros de casa e de trabalho, o Holanda e o Alencar, tinham sempre uma novidade para contar: uma vez, se aproximaram de mim e, envolvidos num ar de preocupação e mistério, me levaram até a pequena calçada do Divino Amor, onde ardia uma luz contínua, de dia e de noite; ali me revelaram que estávamos seriamente ameaçados pelos caboclos do aldeamento de São Francisco, principal reduto dos índios da Baía. Os habitantes dessa aldeia, que era o núcleo principal dos seus encontros, estavam ciosos de suas terras e temiam que os Dantas do engenho Barro Branco, sendo seus vizinhos, procurassem nelas penetrar. Os meus dois companheiros me anunciaram que, daquela data em diante, iríamos trabalhar sob a proteção de guarda-costas, o que efetivamente se deu.

Tinha-se, quando as coisas eram mesmo graves, o recurso da velha sala de jantar para contarmos entre nós as nossas dúvidas e suspeitas.

Estávamos, assim, conversando uma noite nessa sala quando, entre os rumores do mar, próximo, e o ramalhar dos coqueiros, ouvimos um galo cantar muito longe. O estranho e misterioso canto, isolado e único, naquela hora pouco avançada da noite, nos fez silenciar de repente. Passada a surpresa, as nossas almas, já povoadas de coisas fantásticas, se deixaram arrastar para o domínio da ilusão, da magia, e cada um de nós contou uma história que, de certo modo, se prendia àquele canto de galo.

– Que canto esquisito! – disse um.

– Alguém morreu! Um canto como este eu já ouvi e foi um anúncio de morte, disse outro.

– Anúncio de morte? Como se explica isto?

– É fácil de explicar, disse o segundo.

E começou a contar como, anunciada pelo canto de um galo, se deu uma morte distante; daí lhe veio a idéia de que o canto de um galo, antes da meia-noite, era sinal de morte.

E assim falou:

– Isto se deu numa noite em que visitei o aldeamento de São Francisco. Tínhamos acabado de jantar boa feijoada em casa do morubixaba, o caboclo Caetano, e ficamos como estamos agora, conversando; estávamos, como sabem, muito longe da praia – quando se ouviu, também como agora, cantar o galo, antes da meia-noite.

“Aquilo nos confrangeu, aquele canto único e isolado, muito antes das horas em que é comum o canto do galo: nos entristeceu como revelação de algum acontecimento triste ou milagroso ou macabro.

“Na manhã seguinte soubemos, de fato, o que tinha acontecido: dois homens passaram a noite anterior, completamente embriagados, por uma praia de areia movediça, aliás, por essa mesma duna de areia que é habitual se encontrar por toda essa costa que nós todos conhecemos; praia como esta aqui temos, e está sempre a se mover de um lugar para outro. Deitaram-se naquela areia e adormecerem curtindo a carraspana. Ao amanhecer, dos dois foi encontrado apenas um, o outro tinha desaparecido. A polícia prendeu o que restara e submeteu-o a interrogatório e torturas, sem que pudesse chegar à conclusão de que ele tinha eliminado o companheiro. Tampouco, não obstante as buscas, foi encontrado o seu cadáver ou qualquer indício de ter sido assassinado. Mas, no dia seguinte, com a mudança da direção do vento, a duna começou a desfazer o que tinha feito na véspera e começou a aparecer um cadáver – que teria sido soterrado na noite anterior.

“A terra tinha enterrado, ela própria, o corpo vivo de um homem. O homem, o bêbado que faltava, que tinha desaparecido e o próprio companheiro não soube responder pelo seu destino. O soterramento feito pela duna deve ter começado pelos pés e depois, aos poucos, prosseguido pela cabeça. Embriagado, sem forças para se libertar da prisão da grande massa que passava sobre ele, o outro bêbado acabara sendo asfixiado pela areia, sem que o amigo nem mesmo suspeitasse. O aparecimento do corpo só foi notado por alguns pescadores que, por volta de onze horas da noite, passaram no local. Foi exatamente a esta hora que o galo cantou...”

Alguém conjecturou:

– Este galo teria também visto o cadáver?

– Não sei – respondi –, trata-se de um mistério, sobretudo porque ele devia estar nas proximidades do aldeamento, e este, como vocês sabem, está muito longe da praia. Uma morte um pouco parecida com esta eu também assisti; uma história, pelo menos tão misteriosa como esta, eu poderia contar – tão imprevista e quase tão inexplicável como esta –, provocada pelo deslocamento de uma duna.

– Agora vamos lá, como se deu essa morte? – perguntaram todos.

– Para quem trabalha no campo – como nós todos que estamos aqui – o dia em que aconteceu esse fato que vou descrever era um dia surpreendente. Todos nós sabemos que durante dias, durante meses, as coisas se passam no campo sem nada de novo: não vemos uma cobra, não encontramos um camaleão, nem mesmo um nambu ou teju; mas, de repente, dentro das matas, dos canaviais, dos capinzais, surgem pequenas cobras inofensivas, ou cascavéis e urutus, pelo meio das picadas e dos caminhos. Por

onde andávamos, jararacas apareciam deitadas dentro d'água. Foi num dia assim, muito raro para quem trabalha no mato, um dia que gosto de chamar surpreendente, que se deu o trágico acontecimento: logo ao chegar às terras do engenho Curado, que fica um pouco depois do velho engenho São Paulo, na época reduzido à bela casa-grande que lá existia. No Curado, fazia eu, para a Comissão Geodésica do Recife, um levantamento hipsométrico. Logo ao chegar às terras do engenho Curado, encontrei os pés de imbaúba cobertos de camaleões; vários moradores do local os prendiam e levavam para casa, com a intenção de comê-los. Vocês sabem que os camaleões se comem, e são de sabor agradável. Além desse inesperado espetáculo nas imbaúbas, encontrei no mesmo dia uma cobra coral de cauda rombuda, quer dizer, das mais venenosas; e, além disso, deitada dentro de uma levada, uma jararaca com as suas malhas, pretas e brancas; aproximei-me e olhei-a de perto; a cobra deu uma rabanada e teria me atingido com o seu bote, se não estivesse meio tolhida pela água. E, para mostrar que aquele dia era dos mais surpreendentes, achei no chão dois ninhos de nambu e um de jaó. Toda a vida do campo e das matas tinha surgido de repente.

“Foi um dia, como acabo de descrever, verdadeiramente espetacular, e, com tantas aparições, quase deixei de trabalhar. Depois que cobri poucas estações, chegou a hora de regressar, e logo me fiz a caminho, a pé, dentro de um areal frouxo, o que tornava a marcha difícil. Já tinha percorrido uma certa distância, quando, imprevisivelmente, ouvi um grito agudo naquela planície arenosa e deserta; os caminhos eram marcados no chão por alguns sulcos na areia e pequenas faixas de grama verde e rala.

“Ouvi um grito agudo, doloroso. Que teria sido? – pensei comigo. Depois de quase dez minutos de caminho e já bem perto da estação da estrada de ferro onde deveria tomar o trem para o Recife, encontrei um homem deitado, quase sem voz e sem fôlego. Sobre suas pernas desnudas, várias pequenas cobras; seis ou sete cobrinhas jararacas – apenas saídas dos ovos. As pernas do homem estavam mordidas em vários lugares e sangravam. Ele parecia quase morto. Tinha as veias tumefactas parecendo outras pequenas cobras. Procurei, naquele deserto, alguém que pudesse ajudar com o homem caído. Ajudar a levantá-lo e conduzi-lo até a estação, não foi possível. Apressei então a minha marcha para a estação, onde comuniquei a ocorrência. De lá, pelo telefone, foi a mesma comunicada à polícia, que o recolheu já morto.

“Desta vez, não houve canto de galo anunciando a morte, mas houve o próprio grito do homem que morrera.

“Soube, no dia seguinte, que o morto estava bêbado, e penetrara inconscientemente, já madrugada, naquela planície; caíra e adormecera ali sobre a grama rala. Não sentira a presença das pequenas cobras que estariam lá, quando ele adormeceu – ou chegaram ainda quando dormia. Quando veio a si, já estava todo mordido e envenenado. Apavorado, dera o grito angustiado que eu ouvi.”

– É alarmante e imprevisto esse grito, assim dentro de uma charneca deserta – disse Holanda –, mas não há nenhuma relação entre essa morte e a morte por afogamento numa duna solta.

– Essa história parece mais – disse Alencar – com a que ouvi quando aqui estive pela primeira vez; mas não se trata propriamente de um grito, e, sim, de um rugido. A história me foi contada por um viajante que por aqui passou naquele tempo: contou que vinha de Mamanguape, pelo caminho deserto que se segue dessa cidade à Baía da Traição; vinha montado num pequeno burro, bom andador dos caminhos; tudo ia muito bem, muito certo, tudo na paz do Senhor, como se diz, quando cheguei, disse ele, na altura daquela passagem por dentro da mata, que encobre um curso d’água volumoso, e que somente caçadores sabem onde nasce e em que direção ele corre. Senti que o burro andava meio trôpego; aquele lugar era mais ou menos suspeito para todos que viajam sozinhos. Eu e meu burro passávamos por esse local quando ouvimos um rugido. Era um rugido do alto, sem explicação nenhuma, porque não havia animal, que eu conheça, capaz de emitir um som tão agudo e prolongado. De onde vinha aquele rugido, aquele grito terrível?

“O viajante disse exatamente esta palavra: terrível; porque, como ele acrescentou, o burro parou de repente, começou todo a tremer e a suar em bica. De que natureza era o rugido que atingia um animal inconsciente como um burro, a ponto de ele sentir no corpo uma espécie de comunicação, talvez de outro mundo, talvez ligada a um poder mágico que o atingia? Não é possível saber-se. Fiquei muito tempo perplexo esperando que outro rugido igual viesse, através, ou entre os ramos daquela mata misteriosa; porém, nada mais se ouviu; o rugido foi único e retumbante, ganhando todo o espaço deserto daquela região que, como sabemos, raramente é visitada por viajantes. Naquele silêncio dominante, naquele silêncio que fazia parte do universo e da natureza que ali estava implantada como que por uma ordem divina, que envolvia todos os seres e todas as coisas, um rugido como aquele, tão penetrante e tão avassalador, só poderia vir, magicamente, do próprio silêncio. Era o rumor, a voz do próprio silêncio, ou, melhor dizendo, era a explosão do silêncio. Ninguém se lembrou que o silêncio pode ser

uma energia ainda desconhecida e que sua concentração pode ou se abafar inteiramente ou explodir; ou ainda, o rugido talvez fosse a ilusão de uma voz motivada pela presença do silêncio, voz de um ser qualquer daquela natureza misteriosa – de uma árvore, de uma folha, de uma cotia, de um peixe. Ou mesmo, quem sabe, fora a própria materialização do silêncio. Se não a explosão, a implosão do silêncio.”

Essas últimas palavras, divagantes, desencontradas, Alencar atribuía à tendência do homem que contou a história para a poesia, para o devaneio. O certo é que, três dias depois, explicou-se: apareceu, ainda que de um modo duvidoso, a origem do rugido: na praia de Coqueirinhos, viu-se um animal marinho, que não era baleia, nem tubarão, nem espadarte, mas um ser completamente desconhecido, um ser estranho, talvez nunca visto – ou raramente visto – no mar. Forma de um peixe enorme, como eram aqueles monstros marinhos que freqüentavam a fauna marítima da época antediluviana. Apareceu em Coqueirinhos, na praia, ainda agonizante, estendido na areia. O animal estava ferido, tinha se empenhado em alguma luta nas profundidades do oceano onde vivia e... veio morrer na praia.

A esse animal, com o tempo, se associou o rugido de que falou o viajante, pois esse uivo não foi um sonho, nem um devaneio de viajante. Foi realmente ouvido por diversas pessoas; houve mesmo quem se lembrasse de outros casos semelhantes – certamente pessoas já idosas, ligadas, desde o nascimento, àquelas paragens –, casos de aparecimento de monstros marinhos nunca vistos, desde que o mar, na sua imensidão, ainda tinha mistérios insondáveis.

Depois dessa última, ninguém mais falou, e o que tenha motivado o canto do galo antes da meia-noite – canto que fez surgir essas três histórias e anunciou realmente a morte de alguém – é possível que se venha a saber algum dia.

De novo em Cabedelo

Na véspera tinha subido o morro de São Miguel. Região elevada onde, em tempos atrás, tinha existido, também, um aldeamento de caboclos, e, naquele momento, estava localizado o cemitério do lugar. Tinha subido o morro de São Miguel para marcar o traçado do seu divisor de águas, que os índios de São Francisco se opunham que fosse o limite de suas terras.

Fui, e me acompanhou nessa empresa o capitão Neiva, chefe dos serviços em que estávamos empenhados; caminhava na frente, armado de mosquetão e, logo após,

vinte homens armados de rifles, que foram contratados, nas vizinhanças, justamente para esse mister.

Esse gênero de trabalho, de aspecto tão belicoso, não me agradou; aliás, a nossa condição, a minha e a de Holanda, foi-se complicando muito desde a nossa chegada; assim, resolvemos deixar os trabalhos para os quais estávamos contratados; falamos aos chefes, que sorriram complacentes e acederam em nos dispensar e, porque naquela hora não podiam nos pagar dois meses atrasados, fizeram com que assinássemos documentos, nos quais se comprometiam a nos pagar, dentro de um prazo determinado, a quantia devida.

Ficamos, portanto, livres do contrato que tínhamos assinado no Recife, de onde viemos; resolvemos portanto voltar, depois de quatro meses de permanência na Baía da Traição; da Traição porque os caboclos de lá ficaram do lado dos holandeses contra os portugueses; contratamos com dois pescadores da Baía o nosso transporte, na sua lancha, até o porto de Cabedelo, onde tomaríamos o trem para a capital pernambucana.

Às três horas da madrugada, com um céu ainda apagado e noturno, selado ainda com a sombra do mundo, nos aproximamos, eu e Holanda, da lancha dos pescadores e que era um tipo de barco fechado com o qual se faziam as pescas no mar alto; a lancha foi lançada ao mar e, depois, por meio de uma jangada, fomos nela embarcados e partimos. Seguimos com o intuito de, o mais breve possível, alcançarmos Cabedelo. Tínhamos vindo deste porto, fazendo um trajeto de apenas três horas de viagem, em maré cheia, impelidos por um bom vento de feição.

Agora, de volta, viajamos com vento contrário, o vento sulão, que soprava do sul, do fundo escuro da noite, de um longe sul de um horizonte que se perdia entre nuvens espessas; um vento que vinha, lambendo a superfície das águas, erguendo as ondas da maré baixa, impulsionando as nuvens escuras e fragmentadas.

O vento era um vento contínuo, batido, meticoloso; jogava, oscilava, dançava sobre as águas; se erguia, aprumava-se, subia; e de novo, do sul, nos trazia uma vibração de asas diluídas, desfeitas, decompostas, um ritmo pesado, seguro, constante; com ritmos, ora permanentemente do sul, ora ligeiramente variando para leste, para o horizonte do mar; mas sempre contra, contra a nossa vela aberta naquela noite incompleta, naquela noite que, dentro em pouco, iria concluir-se.

Para avançarmos na direção de Cabedelo, precisávamos bordejar, éramos forçados a bordejar, o que iria prolongar a viagem em muitas horas. E os tropeços que

iria dar esse bordejo em ziguezague de linhas retas, de linhas líquidas e vacilantes? A que horas avistaríamos Cabedelo? Bordejamos.

O barco navegava penso de um lado.

Bordejamos, assim, ao longo de toda a costa da Paraíba, desde a Baía da Traição até o porto de Cabedelo: penetrávamos com a vela inclinada, até um ponto muito avançado, no mar, como procurando contornar o vento, ou descobrir dentro dele uma passagem; depois cambando e molhando a vela, voltamos até bem perto da praia, num ziguezague lento e monótono. Depois, puxando de novo as escotas da vela latina da lancha e cambando-a, dirigimos de novo o barco para o longínquo horizonte marítimo. Era um bordo difícil, de oscilações muito longas, um movimento como de negaças diante do sulão, que continuava a soprar sem cessar. A assobiar e a zumbir num assobio agudo e melancólico, um uivo como se viesse de uma matilha de lobos perdidos e famintos naquele mar generoso. Fomos assim bordejando, procurando vencer o forte vento que não nos dava trégua, que continuamente soprava naquele fim de noite, naquela vindoura madrugada; o barco ia adernado de um lado; por isso, ficávamos sentados do outro lado como contrapeso; junto a nós estava o tauaçu – a âncora da lancha – para manter melhor o equilíbrio, mas o vento forte continuava a adernar o barco.

Era noite ainda: quatro horas da manhã; estava longe o amanhecer; distraía-me em observar de longe as praias da costa norte da Paraíba; eu, que as vi de perto, agora olhava-as de longe, com seus coqueirais, os seus pontos de luz vagos e indecisos que surgiam dentre os coqueiros, quando o barco se aproximava da terra, luzes que esmoreciam naquele fim de noite, naquele fim de sono mal compensado. Lá estavam, Salina, Boqueirinhos, Tambaú?

Quando a lancha se apartava do litoral e quase nada se via das praias, para me distrair, ficava a observar um dos pescadores, manobrando a linha de corso; a técnica era a seguinte: deixar fugir a linha, que se desenrolava do carretel para dentro d'água, atingindo grande profundidade no mar; nunca tinha visto uma pesca deste gênero; o pescador me explicou que era com a linha de corso que se pescavam os peixes que viviam a grandes profundidades, como as cavalas, os galos-do-alto etc.

Fiquei, assim, por algum tempo acompanhando as manobras de bordo, e o empenho do pescador em aproveitar a viagem para pescar.

Com o passar das horas comecei a me sentir mal, um enjôo se apossava de mim, à medida que o céu clareava no nascente e, agora, me parecia que o bordejar da lancha

procurava, de quando em vez, ir ao encontro da aurora. Já viajávamos há três horas desde a partida e ainda estávamos muito longe de Cabedelo.

Com mais uma hora comecei a vomitar, numa grande agonia; fizeram-me sentar no pequeno porão que o barco possuía na popa, onde os pescadores guardavam os seus utensílios de pesca; o meu vômito saía amarelo, era um vômito que, estando em jejum, quase somente havia bÍlis; sentia, também, muito fortemente, doer-me a cabeça.

Com aquele bordejão contÍnuo comecei a enjoar de maneira intensa, mas o bordo continuava. A lancha velejava sempre ao longo da muralha do vento, à procura de uma fresta, de uma fenda, na ventania desesperada, de uma abertura para poder passar e, do outro lado, encontrar outro vento mais amigo, suave e leal.

Por fim o dia raiou com todo o seu fulgor. Continuava-se a cambar de vez em quando, a vela da lancha procurando sempre a direção de Cabedelo, aonde somente chegaríamos por volta do meio-dia, e ainda eram oito horas da manhã. Sentia-me cada vez mais amargurado, doía-me a cabeça, as pernas encolhidas, no porão, também me doíam, e o enjoão não diminuía; os vômitos prosseguiam. Que diferença com a viagem de Cabedelo à Baía da Traição feita há quatro meses atrás!

Na viagem anterior partimos à tarde com mar grosso e maré alta, grandes ondas subindo e descendo na proa do barco em que íamos; às vezes parecia que a pequena lancha iria naufragar por uma grande onda clara, iluminada pela luz da tarde do Nordeste, mas a onda se desfazia, e ia erguendo a embarcação até a sua crista mais alta; dava a impressão de um buraco onde não se caía, pelo contrário, o fundo do abismo se erguia e ajudava o barco a galgar a colina das ondas.

Na viagem de regresso as coisas mudaram totalmente; embarcamos às três da manhã em plena escuridão, não víamos, diante de nós, ondas iluminadas, mas ouvíamos um grosso rumor de água espessa... e o assobio do vento sulão.

Comecei a sentir frio, o conhecido frio da maleita que voltava, agora em circunstância muito mais penosa para mim, encolhido naquele momento no fundo do barco e sofrendo acessos de vômito a todo o momento.

Comecei a sentir frio, frio que já duas vezes me tinha acometido e que me prendeu no fundo de uma rede, na casa que acabávamos de deixar na Baía da Traição – Baía formosa – com sua esplêndida praia, e tão difícil de nela se morar.

Era mais um ataque de sezões que me vinha agora, em plena viagem, no mar. Isto sucedeu, creio, às dez ou às onze horas.

Esses insultos de malária já me tinham acometido por duas vezes, sempre nas mesmas circunstâncias: a uma hora da tarde chegava um frio intenso que me tolhia e fazia recolher à rede, depois, mais tarde, vinha a febre alta, depois o suor. Amanhecia bom, com muita fome.

Agora, ao léu desse barco, divagando já há sete horas numa luta incessante, num tempo de vento louco, para alcançar Cabedelo, a minha situação em relação à doença, que já conhecia, era muito outra; estava ali, no barco, em condições deploráveis; agachado, praticamente agachado no pequeno porão da popa, com as pernas encolhidas e ainda, além disso, enjoando e vomitando por quase toda a viagem. Chegou-me o frio, antes de uma hora da tarde, e nessa situação precária.

Consegui, de qualquer modo, vencer as dificuldades e ainda com resistência de corpo e de espírito chegar a Cabedelo. Era meio-dia. Precisamente, viajamos durante nove horas. Ao aportarmos em Cabedelo, fui retirado do porão da lancha, carregado e conduzido até a praia, de onde caminhei até o hotel, me recolhi a um quarto e me deitei numa rede. Ali senti, sucessivamente, passar o frio, começar a febre, terminar a noite. Amanheci bom, com muita fome. No céu brilhava um azul frio.

Nesse hotel em que nos hospedamos, eu e Holanda, passamos a noite e logo na manhã seguinte nos preparamos para tomar o trem que nos levaria à capital da Paraíba, onde faríamos baldeação para um outro que, enfim, nos conduziria ao Recife.

Assim, depois de tomarmos café, saímos apressados para apanhar o trem, já na hora da partida.

Viajamos então para a capital da Paraíba, que se chamava, por aquele então, de Paraíba. Ali fizemos baldeação para o trem do Recife.

O trem partiu cedo, às oito horas da manhã, e devia chegar ao Recife às oito horas da noite; era, assim, uma viagem de doze horas, portanto mais três do que gastamos na travessia marítima. Íamos, agora, com um pouco mais de conforto. Senti-me bem, a princípio, no vagão onde ia; não era ainda tempo do frio da maleita me atingir novamente; almocei com apetite no restaurante do comboio e voltei a me sentar no mesmo lugar do vagão de onde tinha saído.

Às doze horas senti de novo, encolhi-me todo no canto do banco e fiquei ali a sofrer aquele frio, que não sabia mesmo de onde vinha; que vinha, talvez, ainda, da Baía da Traição, como uma despedida; agora não era mais no porão do barco que eu sofria, não era tão-pouco na rede da Baía; era num banco de trem que ia percorrer ainda muitas léguas para chegarmos à capital de Pernambuco.

Pernambuco era o destino, a cura, a salvação!

Encolhia-me. Encolhia-me cada vez mais no banco. Passadas algumas horas o frio foi abrandando, se dissolvendo dentro de mim mesmo, se convertendo no calor da febre que sentia já no rosto ardente.

Passei a mão no rosto, senti, acompanhei o calor da febre nele se propagando; tinha vontade de me deitar, mas, ali, no trem, só poderia estar sentado; sofria a vontade de dormir sem poder, como sucedera nos outros acessos que tive, e estava recolhido numa rede; no banco do trem era impossível dormir, era impossível descansar o corpo cansado da febre, de febre violenta e invencível.

Por fim, ao entardecer, quando o crepúsculo pairava sobre a serra da Borborema, a febre foi se extinguindo e eu, sentindo o alívio, tive vontade de comer.

Holanda trouxe-me uns sanduíches do restaurante, comi-os, e esperei tranqüilo que o trem chegasse à estação do Brum; desembarcamos e partimos de táxi para as nossas casas.

Em casa, dormi toda a noite em sossego; porém, no dia seguinte, me veio inesperadamente novo ataque de frio e febre; agora não era mais na rede da Baía da Traição, não era também no porão do barco – da lancha a vela – em que viajei até Cabedelo, nem tampouco no banco do trem Paraíba-Recife; agora era na minha cama, que não usava há mais de quatro meses; foi o último acesso que tive de sezões em minha vida; depois disso nunca mais tive maleita.

Tudo que era da Baía formosa deixei, deixei os barcos a vela, o vento sulão, a aldeia de Marcação, as belas praias da Paraíba; somente as sezões me acompanharam, amorosamente me acompanharam, até Pernambuco, até o Recife, até a rua da Estância, onde eu morava.

Minha tia Dondon

Junho chegara com muita chuva! As águas do céu desciam incessantes por dias inteiros, cobrindo de uma lama gorda e cinzenta todo o curral, todo o pátio interno da casa onde morávamos; uma lama que ondulava, refluía até a beira da calçada que contornava a casa e era o único espaço por onde se podia passar. No entanto, para se chegar ao estábulo onde as vacas leiteiras iam receber as rações da tarde, era possível seguir a pé enxuto sobre pedras de um único caminho, ali colocadas para esse fim. Do contrário, só se poderia chegar enfrentando lama até o meio da perna.

Agarrado às grades de ferro da cozinha, eu olhava para a chuva que caía e para os empregados ocupados em preparar as rações das vacas naquela tarde, correndo, sob a chuva, atrás do gado, com os pés atolados na lama. Vinha-me também a vontade de correr descalço naquele massapê lamacento, vontade de correr de pé no chão nas poças d'água sobre o capim rasteiro dos cercados, na alegria dos meus dez anos de idade. Às vezes desviava a vista dessas cenas mais próximas, e olhava para mais longe, para além das mangueiras de Seu João e Sinhá Ricarda, para além do Zumbi regurgitando de água. Lá estava o Manuel Fogueteiro socando num pilão, debaixo de um telhado de zinco, o carvão, o enxofre e o salitre para fazer a pólvora com que fabricava os foguetes de São João.

Junho chegara com muita chuva! O milharal que plantei por São José pendoava e me daria, por Santo Antônio, uma boa mão de milho verde. Eu pensava nas canjicas que com ela haveria de fazer; além disso, considerava que, com tanta chuva, Sr. Antônio não cortara ainda a lenha para as fogueiras de São João e São Pedro. No entanto, já lhe tinha indicado que nas mangueiras do caminho e nas da frente havia galhos secos que poderiam ser usados nas fogueiras que iam ser queimadas nas vésperas de São João e São Pedro. Era preciso cortá-los e a eles, juntando-se mais alguns gravetos, fazer duas grandes fogueiras para, em torno delas, podermos brincar de roda; ou assarmos na brasa espigas de milho verde; ou tirarmos tições para acender caixas de traques, mosquitinhos, busca-pés, foguetes do ar. Podíamos também usar o fogo de lenha para acender pistolas ou queimar estrelinhas; era também possível atirar com bacamartes. E até fazíamos o milagre de andar sobre o fogo, com essas brasas amortecidas na cinza.

Aquele mês de junho estava muito chovido. Às vezes, à noite, rajadas violentas de vento açoitavam os galhos molhados do oitizeiro grande, fazendo um surdo, um profundo rumor; os galhos do oitizeiro batiam nas janelas do sobrado, na última parte da casa, lugar onde dormiam as minhas irmãs e as empregadas; isto despertava grande pânico entre as mulheres, que temiam, supunham que a árvore pudesse pôr a casa abaixo.

Nesse mês de junho, as noites de chuva eram às vezes tempestuosas; pelo espaço, estalava o estrondo dos trovões e logo a luz dos relâmpagos cortava o céu; ficávamos com medo da queda de um raio, principalmente a minha tia Dondon. Era muito velhinha a minha tia-avó, a quem chamávamos Dondon; era uma das irmãs do meu avô paterno e, como ele, preferiu morar com meu pai, não com as irmãs, com as quais não se dava bem. Morava num quarto da grande sala de jantar, quarto que era uma

alcova, isto é, não tinha janela; e conservava também, sempre fechada, a única porta de entrada. Os seus cabelos estavam embranquecidos – teriam sido louros –, embranquecidos pela traição do tempo que passa; mas, por outro lado, conservava ainda os olhos fielmente azuis.

Nos poucos momentos de estiagem, podiam-se ver, nos casebres e mocambos distantes, pequenas luzes na escuridão da noite. Era o velório de um bexiguento. A peste de bexigas assolava, naquela época, quase todos os subúrbios do Recife. De repente, via-se sair, de um mocambo, uma rede, com um cadáver transportado por dois homens; outros o acompanhavam, levando nas mãos velas acesas, envolvidas em improvisadas lanternas de papel; levavam o morto, que conservavam escondido até a noite, para o cemitério do Barro, um cemitério que eu não sabia bem onde ficava.

O que, no entanto, mais me impressionava eram as procissões que a gente do povo fazia, em louvor de São Sebastião, padroeiro e protetor dos que estavam ameaçados pela peste das bexigas. Das janelas da sala da frente, via-se passar a procissão: luzes desfilavam na noite negra, na noite espessa. Pela estrada nova da Caxangá, ouviam-se vozes cantando, pedindo ao santo que cessasse a peste, implorando perdão pelos pecados. Cantos cheios de arrependimento e de gratidão pela intervenção do padroeiro, na sorte deles. A imagem do santo também se avistava, iluminada por uma luz que se esbatia na sombra profunda da noite densa, molhada por uma chuva fina. Tudo isso me confrangia, tudo me dava, ainda na infância, uma sensação dolorosa. A procissão passava com o seu cortejo de fiéis, com a sua imagem iluminada numa litania agônica e sofrida, desesperada e ao mesmo tempo cheia da esperança de que o santo acabaria por ouvi-los e atendê-los. Dentro de uma chuva fina e de uma noite densa, a procissão de São Sebastião passava na estrada.

Principalmente a minha tia Dondon temia as tempestades quando elas apareciam no horizonte, sempre do lado do nascente, sobre a cajazeira grande. Ela saía nervosa do quarto, com um rosário na mão e uma campainha, dirigia-se para a janela que ficava na sala, bem à frente do seu quarto e, por detrás das reixas, ficava rezando o terço e tocando, de vez em quando, a campainha; não sei onde aprendeu esse feitiço, esse esconjuro para afastar tempestades; o fato é que sua magia parecia afastar da nossa casa o perigo da queda de um raio. Também era, nesses períodos de tormentas, o único motivo que a fazia sair do seu quarto, durante a noite; durante o dia, saía aos domingos para ouvir missa, apenas nos dias em que não chovia. Além disso, andava pelas dependências da casa, nos momentos em que ninguém se encontrava, apanhava o que

achava no chão, abandonado; aliás, esperava que essas coisas desprezadas não fossem mais de uso; não pudessem, de qualquer maneira, ser procuradas: eram carretéis vazios de linha, que ficavam largados no chão, pelos cantos, sem préstimo; carretéis de vários tamanhos, cuja linha tinha sido usada na sala de costura, e rolavam pelo chão; recolhia-os, guardava-os, sobretudo os de madeira, pela sua forma ainda firme e segura, bem-feitos, bem contornados, podendo, no seu entender, ser utilizados. Eram caixas de fósforo de vários tamanhos, também deixadas sem uso pelos cantos da casa; caixas de fósforos ou de caraduras, que tinham servido para guardar pequenos foguetes; frascos de perfumes vazios e outros tipos de invólucros, já também em desuso. Tia Dondon tinha preferência pelos brinquedos; os brinquedos que nós, meninos, recebíamos nos dias de festa; além das bonecas das meninas, pequenos trens, carrocinhas, pequenos bois, cavalinhos de madeira que, logo depois de quebrados, são deixados como lixo, sem préstimo. Pelo Natal, pelo Carnaval, ou pelas festas do mês de junho, era grande a colheita que ela fazia. Pelo Natal e Ano-Bom, ia recolhendo os velhos calendários substituídos pelos do novo ano, as flores que tinham figurado durante o ano, agora substituídas; pelo Carnaval, eram as bisnagas, eram sacos de papel picado, ainda cheios de confetes; eram as bombas de cheiro não arremessadas durante os folguedos dos três dias de Carnaval. Pelas festas do mês de junho, guardava as caixas vazias de traques, as tabocas vazias atiradas, as tabocas dos busca-pés, dos foguetes do ar; bisnagas com cheiro e coloridas (destas, aliás, sempre envolvidas em papéis coloridos, deve ter feito uma grande coleção); mês de agosto, mês de muito vento; mês em que se usava, naquele nosso subúrbio, empinar papagaio; também os velhos gamelos, os buzamar, os jarros, as pipas, os livros eram também guardados por minha tia.

Havia na sua atitude, nesse seu movimento, um gesto de compaixão, de piedade pelas coisas mortas e abandonadas; recolhia-as assim, carinhosamente, como se aqueles objetos tivessem também uma alma, uma alma dispersa, erradia e que mais tarde viria novamente a eles se incorporar: de novo os brinquedos se refariam, suas cores voltariam ao brilho primitivo, as bisnagas vazias se encheriam outra vez de água perfumada para serem usadas em futuros carnavais; as tabocas, por sua vez, também ficariam cheias de pólvora e depois voltariam a fazer curvas no ar, explodindo em outros vindouros festejos de São João; em outros meses de agosto, os gamelos, as pipas, os lírios voariam; e assim sucessivamente, como se existisse um céu eterno para as almas das coisas inanimadas. Já muito velhinha, minha tia só pensava no céu para ela; desejava

também um céu para todos; no seu conceito, todos tinham direito ao paraíso, que era prefigurado como uma reprodução perpétua.

Com tudo que já tinha recolhido, encheu e guardava no seu quarto duas ou três malas ou baús; sobre isso não se podia saber muito bem, pois em seu quarto só entrava a empregada para fazer a limpeza, e esta apenas suspeitava do que havia no interior de vários baús lá conservados; perguntando-lhe para que reunia tanta coisa quebrada e imprestável, nesses momentos minha tia dava vazão a toda a sua fantasia, explicando que tudo aquilo que guardava era para fazer novos brinquedos para os meninos; quando menos esperássemos, veríamos correndo no chão vários carros rodando sobre os carretéis; as bonecas de louça, as de pano, também serviriam, renovadas, e até mais bonitas do que foram.

Vivendo assim, por vários anos sucessivos, dormindo na sua cama de solteira, num quarto que era uma alcova, minha tia possuía muitos santos, a eles fazia promessas e pedia milagres. Seu quarto estava sempre fechado, e nele ninguém podia entrar. Sua vida naquela alcova era quase segredo, era também um sonho; devaneio que ela muito raramente revelava quando descrevia o que iria suceder, isto é, alguma coisa de mágico e de deslumbrante.

Naquele dia fiquei contemplando os trabalhos dos empregados debaixo da chuva, os pés atolados no lamaceiro: contemplava-os, com as mãos presas às grades da cozinha. Começava lentamente a escurecer e a chuva parou um pouco. Com o anoitecer já o fogueteiro Manuel abandonara a sua mão de pilão e se tinha recolhido; decerto estaria trabalhando dentro de casa, nos seus foguetes.

Deixei as grades da cozinha, fui para a sala de jantar e me sentei à mesa, onde toda a família já estava reunida numa grande mesa para a refeição da tarde; sentava-me num dos lugares mais afastados, pois era um dos menores da família e a colocação na mesa era segundo o nascimento.

Logo após o jantar saí, numa estiada da chuva, e me dirigi para o jardim, que era na frente da casa; de lá se via quem passava pela estrada nova.

Naquela noite fora dormir muito tarde, pois fiquei na sala de costuras até quase dez horas a ouvir histórias macabras, contadas pela velha Gertrudes, histórias que falavam de um castelo mal-assombrado onde as pessoas que o visitavam não mais voltavam, e ninguém se animava a procurá-las; no entanto Gertrudes contava que aparecera, vindo de longas terras, um homem que não acreditou nos fantasmas anunciados pelos habitantes da localidade; diziam que ocupavam o castelo. Corajoso,

decidido, o forasteiro animou-se em lá passar a noite, e afirmou que na manhã seguinte estaria certo de voltar e contar o que com ele sucedera. Partiu já à noitinha para o morro onde estava situado o castelo, penetrou no terraço, entrou por uma das portas escancaradas e, na escuridão, foi tateando até que chegou a uma das dependências, onde encontrou um leito qualquer onde pôde repousar; nele deitou-se para dormir; até então não o surpreendeu nada que pudesse lembrar fantasmas, deitou-se e logo adormeceu num sono tranqüilo.

De repente, em pleno sono, o caminhante ouviu um agoniado grito; surpreso abriu os olhos e viu que do teto pendia uma perna, apenas uma perna pendurada falava, dizia:

– Eu caio? Eu caio?

O hóspede, valente e temerário, respondeu resolutivo:

– Ora, caia se quiser.

Depois apareceu no mesmo lugar uma outra perna pendurada.

– Eu caio? Eu caio?

O homem repetiu:

– Já disse que pode cair!

Assim foram caindo no chão todas as partes de um corpo humano. E a narração continuou dentro de uma atmosfera da mais lúgubre encenação. Não sei ao certo como a história terminou; mas todo aquele ambiente, noturno e deserto, visitado já tarde da noite por fragmentos de um corpo que do telhado caíam no chão, se reuniam e se recompunham, na forma de um demônio; toda aquela história me trouxe uma perturbação, um pavor imenso.

Lembro que o conto prosseguia com a queda de outros corpos que não sei se eram demônios ou se eram homens já mortos há muito tempo naquele castelo agora abandonado; caíam sempre do telhado aos pés da cama onde estava deitado o forasteiro, e sempre perguntando, com uma repetição macabra, se podiam cair; lembro que caíam diversos fantasmas. De repente, na escuridão do quarto, um grupo de rostos apareceram com os olhos alucinados, e as bocas abertas, como a querer devorar o visitante, que, com o fogo que luzia naqueles rostos, notava, admirado, que repousava num leito majestoso e num quarto também muito bonito, contrastando com o castelo em ruínas que ele pressentiu quando entrou.

Como disse, não sei ao certo como a história terminou, não me lembro se o forasteiro chegou a voltar ao povoado ou se foi devorado pelos fantasmas; sei apenas

que o que foi narrado me deixou num estado de nervos insuportável; antes do fim da história já me tinha afastado, procurando o meu quarto para dormir; comigo mesmo pensava que não iria dormir naquela noite, e isso, para mim, era uma perturbação que trazia efeitos deploráveis.

Deitado na cama estava eu procurando conciliar o sono, procurando esquecer tudo que tinha ouvido da história que Sinhá Gertrudes tinha contado, mas em vão; chegava, de vez em quando, a voz do fantasma:

– Eu caio? Eu caio?

E ao mesmo tempo aparecia no telhado do meu quarto uma perna pendurada, uma perna sem corpo, oscilando, sangrenta e mutilada; fechava os olhos, procurava esquecer, começava a rezar uma ave-maria, mas era inútil, a obsessão voltava; às vezes tinha a impressão de que já perto do meu leito os fragmentos do corpo mutilado estavam reunidos e prontos para me enforcar; às vezes tinha a impressão de que cochilara e aquilo era apenas um sonho, me acalmava um pouco, me tranquilizava, era possível que viesse a esquecer a história. Procurava pensar em outras coisas que tinham acontecido naquele dia; a chuva caindo no curral, os empregados correndo atrás das vacas e dos bezerros, com os pés atolados na lama, as calças regaçadas; a alegria que teria quando por Santo Antônio colhesse milho do meu milharal ou comprasse a Manuel Fogueteiro alguns maços de mosquitinhos. Esses pensamentos, porém, se perdiam e a voz do fantasma voltava aterradora:

– Eu caio? Eu caio?

E a visão da perna mutilada aparecia.

Por fim, depois de muito esforço, veio-me a impressão de que tinha perdido a razão, ou melhor, a faculdade de pensar em coisas boas e ruins cessada, dormia... Estava adormecido.

Dormia? Não. Estava desperto e tudo o que havia sucedido foi um terrível pesadelo; levantei-me da cama para procurar debaixo dela o meu carneiro; era com ele que corria montado no prado de corridas de carneiros que mantínhamos; não o encontrei, pensei que estivesse no corredor e saí pela porta do quarto para ver se o achava; fui caminhando vagarosamente pelo corredor, olhando para os lados, para as paredes, ainda pensando no meu carneiro. De repente, olhando para diante, isto é, olhando para o fim do corredor que dava para a sala de jantar, vi uma luz, no local onde devia, àquelas horas, apenas existir escuridão; avancei resolutamente, notei que a luz vinha da porta do quarto da minha tia Dondon, achei aquilo inesperado; continuei a caminhar na

direção da sala de jantar, onde penetrei e, me esgueirando, me coloquei por trás de um guarda-louça, ao pé da mesa grande que ficava bem em frente do quarto da minha tia; de lá comecei a olhar para dentro daquele lugar inesperadamente iluminado.

Com a maior curiosidade, escondido por trás do aparador, olhei para dentro do quarto e vi sentada, numa cadeira, uma jovem loura e de olhos azuis; tinha nos lábios um sorriso indeciso; balançava-se alegre na parede do fundo, atrás de uma janela aberta ilusoriamente; via-se, no céu distante, a lua em quarto minguante.

A jovem loura era minha tia como teria sido na mocidade; o que, porém, mais me surpreendia era a janela, naquele quarto que era uma alcova; e o quarto minguante? Que significava tudo isso? Me aconcheguei cada vez mais por trás do armário e, embevecido, surpreso, continuei a observar minha tia, agora rejuvenescida, se balançando na cadeira.

Tirei, por fim, a vista, e olhei para o que estava em torno da cadeira; as malas e os baús abertos. Tinham acabado de se abrir e começavam a descer deles vários brinquedos perfeitamente trabalhados; outros, as bonecas de pano e de louça, em estado perfeito, já tinham se colocado sobre a cômoda do outro lado.

Grandes brinquedos armados sobre carretéis corriam pelo chão, os pequenos trens, os pequenos carros também, sem que ninguém neles tocasse, moviam-se livremente em todos os sentidos. E a minha tia começou a rir com alegria, mostrando não mais a dentadura de velha, mas belos dentes brancos.

De dentro dos baús tinham também saído as bisnagas, as tabocas de foguetes, os papagaios de papel, tudo no mais perfeito estado de conservação, ali prontos para serem novamente usados. As tabocas e as bisnagas estavam agora cheias respectivamente de pólvora e de perfume, como eram no tempo em que foram usadas. E os papagaios, os gamelos, os baldes e bujarronas estavam também com armação de frechas novas, também prontos para serem empinados. Estavam ali todos, sobre a cômoda, com os respectivos cabinhos.

Fiquei deslumbrado.

Longe, através da janela esquisita que apareceu na parede do fundo, também o quarto minguante da lua parece que contemplava aquele espetáculo.

Tia Dondon sorria. Estava no auge da sua satisfação, agora rodeada dos seus brinquedos. Na manhã seguinte iríamos nós, meninos, nos surpreender com eles, e assim provar que tinha cumprido sua promessa.

Estava por trás do armário, ainda espreitando, quando, de repente, ouvi como que o som de um rouquido, um ruído agudo e arquejante, ruído surdo e ofegante. Tive um aceno de espanto e de medo. Fechei os olhos, senti em mim qualquer coisa de inesperado. Despertei e, com surpresa, me encontrei escondido por trás do aparador. Olhei para a porta do quarto de minha tia; estava fechada como sempre.

Vi que estava fechado através de uma pequena claridade que era mantida toda a noite no quarto dos santos, e que vinha de uma luz de lamparina.

Tive que voltar para o meu quarto, percorri tateando o corredor até a porta. Na minha cama me deitei e esperei, desperto e espantado, até amanhecer. Tinha sofrido um acesso de sonambulismo em consequência da perturbação sofrida com a história de trancoso contada pela velha Gertrudes. Acesso que não era em mim freqüente, apesar de sofrer bastante dos nervos, que, por qualquer coisa, me faziam passar noites em claro.

Depois da chuva da véspera, a manhã surgira muito clara e serena, parecendo não chover naquele novo dia. Saí para o pátio onde estava o grande oitizeiro. Passei tranqüilamente, todo o dia, procurando avisar a Seu Antônio que ele, com aquele dia, podia ir cortar a lenha para fazer a fogueira. Não o encontrei. Agora, com o sol, ele estava empenhado com outros serviços mais prementes, estava empenhado em mover a bomba para encher as caixas d'água que alimentavam o encanamento do banheiro e da lavagem de roupa.

Depois do almoço, porém, às duas horas da tarde, começou a chover uma chuva fina; até essa hora fiquei no meu quarto estudando as minhas lições do dia seguinte. Ao sair do meu quarto e passando pela porta da alcova da minha tia, ouvi, de repente, inesperadamente, o mesmo grito, o mesmo rouquido ofegante que tinha ouvido em sonho: desorientado, nervoso, amedrontado, fugi para o jardim à frente da casa; caía uma chuva fina; pouco demorei no jardim, pois uma das minhas irmãs, meio perturbada, chegara até lá perguntando por mim:

– Menino! Saia da chuva, volte para casa; tia Dondon morreu.

Compreendi: o grito que ouvira no meu sonho de sonâmbulo era a previsão do sino, do ruído, da respiração estertorosa das cardíacas; aquele ruído ouvido, vendo sentada no seu quarto a minha tia, me avisava da sua morte; era o anúncio sonhado, era o sarrido comatoso, era a voz, o grito do coração da minha tia.

Na estação

Numa das vezes em que estive no Recife, fui visitar a estação da Great Western Railway, a chamada Estação Central. Era ali, nessa estação, que, em tempos muito passados e distantes, esperava o trem para Jaboatão, onde residia.

Fui revê-la justamente às dez horas da noite, hora em que partia o último trem para aquela cidade e no qual, em certo período da minha vida, eu viajava de regresso a casa; pois, precisando estudar na biblioteca pública, permanecia todo o dia no Recife, e somente podia voltar já tarde da noite.

Entrei no salão de espera: estava deserto; os grandes sofás lá ainda se achavam como antigamente quando, muito moço ainda, utilizei-os para esperar vários trens; sobretudo os de 1h20 e de 4h10 – chamado trem da serra –, o que seguia para além de Jaboatão, para além da serra das Russas, atingindo a cidade de Caruaru.

Entrei no salão, depois de tanto tempo de ausência – cinqüenta anos, creio eu. Estava vazio, remoto e sombrio; nada tinha se conservado do antigo e saudável ambiente que nele reinava nos minutos próximos da partida daquele último trem com destino a Jaboatão – comboio em que viajava quase todos os dias e que, em quarenta minutos, lá me deixava – durante a época em que me preparava para fazer exames na Escola de Engenharia. Chegava ao Recife sempre pelo trem das onze horas, de Jaboatão, no qual vinha sempre conversando com Reinaldo, um pianista que tocava na orquestra do Cinema Royal. (Naquele tempo os filmes eram mudos e se faziam acompanhar com piano e orquestra.) Reinaldo era um homem muito gordo, de roupas muito ligadas ao corpo; falava com entusiasmo sobre a sua profissão de pianista, aludindo sempre às músicas que levava debaixo do braço e iam ser tocadas no cinema onde ele exercia a sua atividade, aliás, uma orquestra reduzida a cinco instrumentos. Reinaldo voltava também no último trem, das 10h20; chegava quase sempre esbaforido, a locomotiva tendo já apitado os dez minutos que antecipavam e anunciavam a próxima partida. Voltávamos, assim, de novo conversando sobre cinema, sobre músicas e musicistas.

Entrei no antigo salão deserto, sentei-me num daqueles sofás que ainda restavam, sofás de alto espaldar que, como o assento, era também revestido de palhinha; sentei-me num dos grandes que tinham um mesmo encosto para dois assentos, ambos empalhados e largos; e fiquei a meditar nas coisas que por ali passaram há muitos anos.

Nessa minha recordação surgiram as viagens que eu fazia em trens de horários diferentes, sempre acompanhado pelos passageiros que neles eram freqüentes, que a eles estavam habituados por várias circunstâncias.

A princípio lembrava, de maneira vaga e indecisa, as diferentes pessoas que viajavam, os que desciam nas diversas estações, em Areias, em Tejipió, em Socorro, em Jaboatão. Essas figuras quase apagadas de pessoas iam, aos poucos, aparecendo do fundo de minha memória; gente que eu evocava e ia reconhecendo, como também as paisagens onde passava o trem, com árvores altas nas colinas, com pequenos rios correndo embaixo nos profundos vales, com morros de pedras de onde a água límpida escorria. Nessa lembrança – eu ainda muito jovem e inexperiente – eu aparecia, como agora, sentado naquele grande sofá esperando ou conversando com um companheiro de trem; com Reinaldo, por exemplo, o pianista que voltava do cinema onde era chefe da pequena orquestra do, na época, mais importante cinema do Recife.

Mergulhado nessa meditação – não sei quanto tempo passei – veio-me a vontade de abandonar aquele lugar deserto, sem sopro sequer do vento mais leve, sem o som mais ligeiro de uma voz ou choro de criança. Por que estava ali dentro daquele silêncio? Senti um certo impulso de sair da estação, daquela estação em hora tão tarde e sem movimento e rumor; parada no mais absoluto silêncio. Mas naquela serenidade que me penetrava havia qualquer coisa de vivo e sutil se transformando; vinham, pareceu-me enfim, chegando os passageiros do trem de 1h20, o dia estava claro e luminoso; ouvi passos no corredor e, aos poucos, iam entrando pelo salão de espera os que estavam acostumados a viajar naquele comboio. Quase todos eu conhecia de vista e estavam como costumavam viajar. Eram normalistas, moças que estudavam para serem professoras, vinham da Escola Normal; eram rapazes saídos há pouco do Ginásio Pernambucano, onde faziam o curso de Madureza; chegavam, sentavam-se nos sofás e ficavam à espera da chamada, da abertura do portão para a gare onde estava o trem que ia partir. Ali vi também chegar amigos com quem costumava conversar; chegava Antenor, meu colega no Curso de Preparatórios do Dr. Joaquim Pimenta, chegava Olivério, sempre risonho, que morava em Tejipió, irmão de uma moça muito bonita, que raramente vinha ao Recife; Antenor, que morava em Afogados, portanto na primeira estação, e que era meu colega de aula, pois fazíamos os mesmos preparatórios; Olivério, que viajava na plataforma do vagão em que íamos, tirava sempre brincadeiras com os vendedores e bilhetes de loteria, se dirigia às pessoas que moravam à margem da via férrea, quando apareciam e olhavam a passagem do trem:

– Oh! Seu malandro – dizia ele –, por que não vai trabalhar, vagabundo?! Isto é hora de estar em casa na janela, bandido?!

Ou quando via uma moça na janela começava a atirar beijos; o que quase sempre trazia complicações muito sérias.

Estavam todos ali parados dentro daquele silêncio, todos; a estação estava repleta de gente e havia um rumor surdo dentro daquela paz, dentro daquele sossego dos anos remotos que eu agora revia e experimentava.

Olhava para toda aquela gente como se fosse um renascimento, em grande parte gente moça: estudantes e normalistas. De vez em quando passava um vendedor de confeitos, de roletes de cana ou de mendubi, e havia os que compravam, ou faziam pilhéria; ou estava também pela porta do salão um vendedor de bilhetes de loteria gritando:

– Quem quer tirar a sorte grande?

Tive a impressão exata de ter ouvido esse grito: alguém, como antigamente, passara por ali vendendo bilhetes de loteria. Teria despertado? Senti-me assustado como se acordasse. Notei que o salão estava deserto. Como uma fumaça, toda aquela gente desaparecera; o dia claro em que no trem de 1h20 iríamos viajar tornara-se fechado.

Voltei a pensar no sonho que teria tido, e em que não me lembrava de outros amigos que às vezes viajavam naquele trem: Oswaldo Antunes, Otávio, seu irmão; Otávio Paes Barreto, o que, tendo adoecido em Sanharó, fazia um estágio para curar-se da tuberculose.

Pensei que tudo fosse um sonho ou uma alucinação, ou um entorpecimento, uma tonteira, pois o que se desfez para mim como fumo logo depois se reuniu como nuvens no teto.

Mas o dia claro tinha desaparecido... era noite... e estava realmente deserto o salão; o trem que ia partir era realmente o último, o das 10h20, pois a hora tinha chegado e imediatamente outras pessoas que eu conhecia de vê-las, naqueles dias antigos, começaram a penetrar no salão, ocupando os seus lugares nos sofás e ficando à espera da partida do último trem. Eram empregados no comércio, que moravam em Tejiipió e Jaboatão, porteiros de cinemas do Recife, que regressavam aos seus parentes, e sobretudo o pianista Reinaldo, sobraçando as suas músicas, e chegando sempre atrasado. Formou-se então uma roda em torno do salão de espera, todos os passageiros aguardando o sinal para, transpondo o portão da grade de ferro, penetrar no ancoradouro onde se achava o trem já composto e pronto para partir.

Estava agora, realmente, assistindo à repetição de uma das minhas antigas viagens para Jaboatão no último trem. Preparei-me para acompanhar os viajantes, cheguei a me levantar e me dirigir para o cais onde estava à espera o comboio. Mas ouvi, de súbito, o apito do trem que partia, senti no meu corpo uma sacudidela, olhei, meio assombrado, em torno de mim, surpreso de me achar ali, sozinho, no salão deserto de uma velha estação. Pensei que, de fato, tinha partido um trem, todos os passageiros teriam embarcado, mesmo os retardatários e somente eu teria sido deixado, esquecido e em devaneio, esquecido há muitos anos.

No entanto não era verdade; não tinha, da estação, saído àquela hora trem algum, muito menos o que deixava a gare à 10h20. Não se tinha ouvido nenhum apito, nenhum rumor de rodas e de freios... E depois, não era noite ainda, eram precisamente três horas da tarde... de uma tarde de verão e sol ainda brilhando no céu, e a sua luz se vendo bater no chão do adro por onde se passava, para atingir a gare – eu tinha vindo pela rua da Concórdia e não pela margem do Capibaribe, com a intenção de ver uma morena que ficava sempre à tarde debruçada na janela e que estava ali todas as tardes à espera de um namorado. Tinha chegado cedo à estação; ninguém ainda tinha aparecido, era muito cedo ainda para o trem das 4h10 sair com destino a Caruaru – o famoso trem da serra, que, em Jaboatão, todo mundo ia ver chegar, e conversar com amigos que viajavam para estações aquém de Caruaru: velhos amigos que se encarregavam de levar encomendas e presentes para os que moravam em engenhos localizados além de Jaboatão e que não iam naquele trem.

No cais da estação passeavam moças; era mesmo um costume, há muito tempo conservado, esse passeio, esse assistir à chegada do trem da serra; era isso um hábito e uma tradição: passear pelo ancoradouro enquanto se faziam as manobras necessárias para reduzir o número de vagões que iriam prosseguir a viagem; manobras que demoravam bastante tempo.

Tinha chegado cedo à estação, estava sentado num dos sofás, um dos que ficavam encostados à parede, que era o que eu sempre escolhia para ver melhor os passageiros que iam entrando. Sentado no sofá daquele salão ainda vazio, aguardava a chegada dos que iam viajar; nem sempre eram os mesmos. Nem sempre os que moravam em engenhos para além da serra das Russas podiam vir todos os dias, ou mesmo todas as semanas, ao Recife. Tinha chegado cedo e já estava desanimado de esperar por tanto tempo; fiquei, no entanto, convencido de que em breve chegariam.

O tempo avançava, já estava quase na hora de o trem partir e ninguém aparecia; por quê? Ninguém aparecia.

Suponho que dei um cochilo... Perdi a consciência por alguns segundos. Segundos? Quem poderá dizer o tempo que dura um cochilo? Quando não se sabe medir o tempo de um sonho, como se poderá conhecer o tempo que se passa num cochilo? A verdade é que cochilei: estavam chegando os que iam viajar no trem das 4h10. (Que chegavam, às vezes, isoladamente, às vezes em grupo, às vezes entravam logo na sala de espera, às vezes iam tomar um refresco no pequeno bar que ficava defrente.) Estavam chegando e era um esplendor, um encanto de luxo e riqueza. O usineiro João Lopes, a mulher e os filhos, entre estes, uma jovem muito bonita, de dezoito anos; logo após, o Dr. Alberto Paes Barreto, residente em Jaboatão e advogado no Recife, entrou de fraque e colete, sempre fumando um cigarrinho e falando ou pigarreando; conversava animadamente com os amigos, os seus colegas de Caruaru; em seguida entraram os filhos dos proprietários da usina Jaboatão: Guilherme e Joaquim Martins; depois, Domingos Ferreira e Caminha Franco, trocando idéias sobre engenharia, e, ao lado de Domingos, o seu pai, que ainda usava barba e suíças; todos vinham voltando de afazeres na capital do estado. Surgem, logo depois, alguns alunos e professores da Escola de Agronomia de Socorro e que voltavam das férias; traziam sempre bolsas e embrulhos, pois residiam na Escola de Agronomia, que era um internato. Iam chegando em dias diferentes, de cidades diversas de Pernambuco; de Limoeiro, de Barreiros, de Garanhuns; alguns mesmo de Alagoas. Sentavam-se tranqüilos, à espera do trem.

De novo, outra onda de gente, *habitués* daquela viagem: médicos e despachantes da alfândega, às vezes com suas mulheres e filhos, voltavam naquele trem que ia partir dentro em breve e subir a serra, para além de Jaboatão. Ali estavam alguns sentados, alguns de pé, pois não havia mais lugares nos sofás; ali estavam os estudantes: Zé Luís, Alcides, Targino, Américo Brito, Cícero Araújo, sobrinho do proprietário da usina Cachoeira Lisa, Alberto Wucherer, alagoano, João Gomes, de Barreiros, e muitos outros.

Chegaram os poetas Samuel Capelo e Enéas Alves, que eram assíduos colaboradores de uma revista jaboatonense; ambos trabalhavam como empregados públicos no Recife. Vi chegarem os filhos do Dr. Nobre de Lacerda, senhor de engenho, os filhos de Dona Marieta, senhora do engenho Entre Rios. Entraram logo depois, no salão já apinhado de gente, alguns membros de famílias que apenas veraneavam em

Jaboatão: os Paula Lopes, os Médicis, os Bithencourt, os que moravam no morro da Saúde – quase que também meus vizinhos –, os Baltar, os Bezerra. Vi chegar também, atrasado, o escritor Manuel Arão e o seu genro, o agrônomo Oscar Campos, e o pai dos meus amigos Camerino, Toninho e Edésio, com os quais jogava pelada em Tejiipió; ambos moravam no Sancho, bairro desse subúrbio.

O mais estranho era que naquele dia estavam na estação os passageiros de vários trens de 4h10, pessoas que só e muito raramente viajavam até o Recife; viviam quase todos os dias do ano nos subúrbios e nas cidades do interior; estavam lá Sidrônio, Teobaldo, Amélia e Dulce Brandão, filhos e filhas de negociante de Jaboaatão, estavam Austregésilo e Herculano, que eram meus vizinhos na mesma cidade, Simeão e Orlando Cabral, que se formou em medicina.

Estavam todos à espera da partida; imprevistamente, devagar, todos foram se erguendo de seus lugares, de mim se aproximaram, e começaram a me olhar, olhar com uma curiosidade invulgar, inesperada, a me olhar como se vissem, na minha presença ali, qualquer coisa de anormal, de irregular e absurdo. Fitaram-me por algum tempo de modo agressivo, uns como que me considerando um intruso naquela sala, outros por nunca me terem visto, não me terem conhecido muito bem na minha primeira mocidade, em Jaboaatão.

Detiveram-se um instante a olhar, diante da minha pessoa; eles, que eram moços e vivos, encontravam em mim um velho, muito diferente do que teriam visto em outros tempos longínquos; fitavam-se todos e cada qual mais se aproximava; olhavam por cima dos ombros uns dos outros, e os seus rostos, eu vi, se iam deformando, os seus corpos iam fundindo-se uns nos outros, se amalgamando, se diluindo.

De súbito ouvi, na gare, o apito do condutor, que deveria ter na mão uma bandeira, que estaria, ao apitar, acenando para o maquinista ligar as alavancas e conduzir o trem; ouvi os freios dos vagões se esticarem e o rolar das rodas pelos trilhos, indicando que o trem partira.

Aquela nuvem de gente, que se ia tornando cada vez mais densa, foi aos poucos se erguendo no ar, atravessando as portas do salão que davam para o embarcadouro; foram... foram, passando, se elevando, fugindo em seguimento do trem que partira e que os deixara, que partira e por eles não esperou; deles se esqueceu.

Tive a impressão de que adormeci e tudo aquilo era apenas um sonho; mas, no meu lugar, continuei olhando para as portas, para o lado da gare; e vi que, depois da saída nebulosa dos passageiros, voltara a fumaça da locomotiva e penetrou no salão,

como à procura de alguém. Então compreendi que, naquela multidão de passageiros que se foram acompanhando o trem, não tinham seguido os dois últimos que vi entrar na sala – que só depois disso ficou totalmente deserta. Era Maria de Lourdes, acompanhada por seu pai muito velhinho. Maria de Lourdes, alta, elegante e formosa, Maria de Lourdes! Divina! Vestida de vestido branco, a pele alva, os olhos pretos. Maria de Lourdes! Olhou-me de leve e de manso. Uma palavra falou, uma palavra que por ali andava, e me disse:

– Boa tarde, Joaquim!

E logo depois:

– Boa noite, Joaquim!

Despertei; de novo me vi sozinho naquela sala para onde tinha vindo, a olhar como estava, depois de cinquenta anos, depois de tantos anos cansados e consumidos.

Brassávola

Uma das ruas em que morei, por algum tempo, no Recife, tinha o nome de 24 de Maio; era uma rua que há vários anos foi aberta sobre o cemitério do Convento dos Carmelitas, por isso se chamou primeiramente rua dos Ossos; a razão deste nome provinha de terem sido revolvidos, por ocasião dos trabalhos com a sua construção, vários túmulos e valas comuns, exumando-se os esqueletos de muitos mortos que ali foram sepultados.

A atual rua 24 de Maio foi, assim, traçada sobre terra ocupada por gente morta há muito tempo, e de quem não mais se tinha qualquer lembrança dos parentes e amigos. Nas catacumbas demolidas, nos túmulos desmoronados, foram, em dias muito remotos, encerrados os corpos de frades do convento; irmãos membros da ordem terceira, das irmandades e confrarias: homens, mulheres e crianças que teriam morado naquele bairro ou nas suas proximidades; como de hábito naquele então, teriam sido ali inumados.

As pequenas casas daquela rua, quase todas de porta e janela, tinham dependências mal distribuídas, e de dimensões exíguas; faziam lembrar, essas pequenas casas, verdadeiros mausoléus para gente viva; ou talvez, quem sabe, para darem acolhimento às almas dos que morreram e ali ficaram como defuntos; as almas que, depois de tanto tempo, muita gente ainda acreditava que visitassem aquele local e se comprovessem em vagar pelas vizinhanças.

Era uma rua estreita e triste, indicando, pelo aspecto, a sua origem lúgubre e funérea; naquele mesmo lugar gente chorou; em épocas já muito antigas, diversas famílias rezaram diante dos cadáveres dos seus parentes mais íntimos, e cobriram de flores, e acenderam velas, e rezaram terços; nos dias de finados, voltavam, todos os anos, para repartir as mesmas cerimônias, que foram aos poucos desaparecendo, pois se desfizeram, com o tempo, as próprias famílias. Apagaram-se os nomes nas pedras das sepulturas, apagando-se, nas memórias, as recordações. E toda a saudade se perdeu no meio daqueles ossos revolvidos; ossos que teriam sido sementes plantadas, das quais nada cresceu; sementeira que nada produziu.

Era uma rua estreita e triste que, apesar de tudo, estava impregnada de uma lembrança vaga e incerta, desconhecida ou indeterminada, impregnada de uma saudade imperceptível e mutilada; de uma nostalgia misteriosa e longínqua. Era uma rua estreita e triste!

Eu morava sozinho numa das casas da rua 24 de Maio; ocupava dessa casa apenas a sala da frente e o quarto que dava para essa mesma sala. Nela estavam a minha espreguiçadeira, os meus livros, os meus desenhos; nessa cadeira, lia todas as tardes, antes de sair para jantar; lia todas as noites antes de dormir.

No quarto estava a cama em que eu dormia, deixando inteiramente abandonado o restante da casa: o longo corredor, a sala de jantar e o quarto que com ela se comunicava. A cozinha ficou inteiramente sem uso; sem uso o seu fogão de vários borralhos e com forno de assar bolos e pennis; fogão todo de tijolo de barro, ao jeito antigo das velhas casas. Na sala de jantar pus, entretanto, uma larga mesa de madeira tosca, onde fazia e tomava o meu café pela manhã.

E o corredor? O corredor somente usava pela manhã, para alcançar o banheiro e o sanitário, localizados no extremo da casa, depois de um pequeno quintal.

Naquele tempo eu vivia sempre na rua. Trabalhava numa repartição pública, almoçava sempre em restaurantes e só voltava para casa à tarde, depois dos serviços prestados na repartição. Das quatro e meia da tarde às seis horas ficava lendo, na espreguiçadeira, à espera da hora do jantar, e para isso ia aos restaurantes Gambrino ou 32.

Logo após o jantar, ia à procura de um grupo de amigos que se reunia todas as noites no Café Continental, na rua do Imperador; em companhia desses amigos, ficava eu conversando até tarde da noite. Como a maior parte deles voltava cedo para casa, costumava eu, quase sempre, em companhia dos mais retardatários, atravessar a ponte

para o Recife velho – aonde íamos beber num bar na rua da Guia – ou procurávamos o Bar Alemão, que existia ao lado do *Diário de Pernambuco*; ali ceávamos, bebíamos chope e comíamos frios sortidos. Às vezes, andávamos até um outro bar, o Pergentino, à rua de Santo Amaro, onde também ceávamos; depois íamos visitar as pensões de mulheres: Pensão Bohemia, Pensão Monte Carlo ou Pensão Mimi. Não era, entretanto, todos os dias que me demorava por tanto tempo nessas excursões noctívagas. Eram também freqüentes os dias da semana em que voltava cedo para casa, onde, na minha espreguiçadeira, ficava lendo até tarde da noite.

Dessa casa em que morei, na rua 24 de Maio, o que mais me impressionava era o corredor; não sei por que descobria, na sua escura e larga e longa penetração até a sala de jantar, qualquer coisa de esquisito e fantástico, sobretudo porque sabia que ele era uma comunicação quase mutilada para o resto da casa, sobretudo para a cozinha e o outro quarto. O que mais me impressionava era o corredor. Quando levantava os olhos da leitura que estava fazendo, era sempre do corredor que me vinha uma sensação de tristeza e isolamento. Ao longo das suas duas paredes sem abertura para os dois quartos da casa reinava sempre um silêncio dentro de uma escuridão, mais espessa quando, com as chuvas, mais cedo anoitecia, e quando procurava ir ao banheiro, à noite, era uma aflição que me vinha ao penetrar naquele túnel, pois representava, para mim, uma aventura percorrê-lo. De qualquer modo, aquele corredor era uma passagem forçada para alcançar a sala de jantar e o banheiro; habituei-me, portanto, ao seu mistério e à sua realidade.

Entre os amigos com quem costumava conversar, sentado tranqüilamente numa das pequenas mesas do Café Continental, mesas que estavam todas as noites espalhadas nas largas calçadas da rua do Imperador, entre esses amigos estava, todas as noites, um descendente de inglês, funcionário do London Bank. Era filho de um engenheiro que veio da Inglaterra trabalhar na Great Western, companhia inglesa de estradas de ferro. Chamava-se Walter Williams Cox, mas, camaradescamente, todos nós lhe chamávamos de “o velho Cox”. Morava na estrada de Dois Irmãos, num grande sítio muito arborizado, numa velha e grande casa, no subúrbio de Casa Forte. “O velho Cox” era um dos primeiros a deixar a tertúlia, preocupado com a entrada no banco onde trabalhava, no dia seguinte, pela manhã muito cedo.

No sítio onde morava, junto à grande arborização que mantinha, Cox cultivava orquídeas. Cultivar esse tipo de flores era o seu *hobby*. Nas conversas que tínhamos,

falava-se às vezes de orquídeas raras, do hibridismo que se usava procurando obter novas espécies não existentes na natureza, que importam em quase vinte mil espécies.

Dessas conversas que mantínhamos sobre as orquidáceas resultou que, nos meses em que floriam essas plantas espífitas – os meses de março e abril –, Cox começou a nos trazer e nos oferecer o que o seu orquidário produzia. Eram Oncídios (as *Regenere* e *Lancianus*); eram *Catléias* e *Lélias*; eram *Wandas* e *Dendróbios*; eram *Miltonias* e *Epidendros*; todas de belos coloridos; todas de labelos de formas diversas; algumas em cachos de flores amarelas ou vermelhas.

Nos dias em que recebíamos os presentes das orquídeas, depois que todos nós as contemplávamos, eu costumava levá-las para casa, onde as colocava na sala de jantar, em cima da mesa, dentro de um copo com água; voltava nesses dias mais cedo para casa, com o fim de guardá-las e conservá-las por mais tempo.

Na manhã seguinte, quando passava para o banheiro ou me sentava à mesa para tomar café, elas sempre me surpreendiam; sempre chamavam a minha atenção, essas belas flores. Contemplava-as então à luz do dia, observando-lhes o seu encanto. Assim, fui conhecendo, aos poucos, grande parte do orquidário do meu amigo Walter Cox, e fiquei familiarizado com essas plantas, de tanta riqueza formal e tão caprichosas linhas e admiráveis contornos. Essas mesmas plantas, que muitos anos depois voltei a apreciar no orquidário de um outro amigo, o notável escritor carioca Gastão Cruls, também descendente de estrangeiros, e que possui uma casa no Alto da Boa Vista, onde passava o verão e às vezes me recebia, a mim e a Rodrigo M. F. de Andrade, para com ele jantarmos. Gostava, nessas mesmas ocasiões, de olhar as suas orquídeas, naqueles dias de verão carioca, áspero e quente, e do qual ficávamos abrigados pelo bom clima do Alto da Boa Vista; olhava a coleção das suas flores e lembrava-me das do velho Cox; Gastão era também apaixonado por esse tipo de flor. Hoje, Gastão e Rodrigo vivem ainda na lembrança dos seus parentes e amigos; portanto, também na minha recordação.

Da influência que em mim exerceram as orquídeas de Cox basta contar o seguinte episódio: uma noite o meu amigo trouxe-nos uma pequena flor, sem o brilho e o colorido das *Catléias* ou das *Lélias* ou dos *Oncídios* e tantas outras que eram belas, brilhantes, com suas pétalas acetinadas; era, sim, uma pequena orquídea de cor branca e medíocre, que o nosso amigo designou como uma *Brassávola*. Quase sem graça e sem valor para ser vista, mas tinha uma propriedade que as outras não possuíam: aquela *Brassávola* era perfumada, emitia um cheiro bom, forte e agradável; a partir das primeiras horas da tarde, a flor, com o seu perfume, anunciava a noite; o crepúsculo

tinha o dom cósmico, universal, de comunicar ao mundo terrestre, à natureza, que o sol distante desaparecera; havia entre a flor e a luz solar uma espécie de simbiose ou de despedida qualquer, que justificava o seu perfume como uma manifestação da vida vegetal, caracterizada pela clorofila; o seu perfume era uma parte do crepúsculo, era a transformação da luz em sombra.

Quando me entregou esse exemplar do seu orquidário, já eram quase oito horas da noite e a flor não tinha mais perfume, pelo que não acreditei no que disse o meu amigo, pois nunca tinha visto uma orquídea com hábito tão raro na sua vida de flor.

Cox costumava ir cedo para casa e, dentro de pouco tempo, se despediu e foi embora no seu bonde de Dois Irmãos.

Fiquei com a Brassávola e resolvi voltar também para casa; demorei-me, apesar disso, bastante tempo para que, ainda com a flor na mão, fosse aos poucos esquecendo o sortilégio. Na minha hora quase habitual de ir para casa, levei comigo a orquídea, assim esquecido das suas virtudes quase milagrosas; cheguei em casa e lá, na sala de jantar, fiz o gesto quase automático dos outros dias: coloquei num copo com água a Brassávola.

Voltei à sala da frente, já quase esquecido de sua existência e, como em todos os dias, comecei a ler na minha espreguiçadeira.

No dia seguinte, pela manhã, como todos os dias, passei pela sala de jantar para o banheiro. Depois, sentei-me na mesa para fazer o café e logo após tomei-o com o pão, trazido pela velha empregada, que chegava cedo; não prestei a mínima atenção à Brassávola, orquídea pequena e sem brilho, ali esquecida, abandonada para murchar.

Sem mais me lembrar dela, vesti-me e saí para o expediente da manhã na repartição a que pertencia. Às onze e meia deixei a repartição, para ir almoçar, o que fiz no Gambrino, como usualmente fazia; dei depois uma aula na Escola de Engenharia e voltei ao trabalho no horário da tarde. Da repartição, saí às quatro horas e regressei a casa, onde, como era meu costume, estendi-me na velha cadeira e continuei a ler o romance de Alexis Tolstoi *Dietsvo Hikita* – a infância de Nikita, primeiro livro que li em língua russa, aliás com muita dificuldade; devia sair logo mais, às sete horas, para jantar e depois dirigir-me ao Continental, para a conversinha costumeira.

Estava assim a ler, me valendo do auxílio de uma gramática e de um dicionário russo, aquela história de uma infância, empenhado em bem compreender como Nikita conseguira deslizar na neve, montando um escabelo transformado em trenó, quando comecei a sentir que escurecia e, com a escuridão, um cheiro intenso e agradável invadia a sala onde me achava. Era esquisito aquele cheiro intenso que vinha, pareceu-

me, da boca do corredor já escuro; era como se alguém estivesse àquela hora vivendo, ocupando o resto da casa e talvez se preparasse para sair, usando um perfume; talvez, na sala de trás, uma empregada preparando a mesa para o jantar, ou na cozinha uma cozinheira ativando aquele morto fogão de tijolo que nunca utilizei para coisa alguma; era como se uma gente inesperada, ou escondida naquele resto de casa, tivesse ressurgido das cinzas para viver ali; para aparecer, sobretudo na personagem de uma mulher bonita e perfumada que estivesse se preparando para vir ao meu encontro na sala da frente.

Nesse ponto, senti um calafrio; um pânico me invadiu, lembrando os mortos que, no lugar daquela casa onde morava, tinham sido, há muito tempo, sepultados. O fantasma de uma mulher formosa e perfumada talvez tivesse agora vindo me ver, me espiar; talvez estivesse mesmo na sombra do corredor, me espreitando, procurando saber como eu era; o fantasma de uma bela moça; de uma formosa mulher, naquele lugar enterrada há muitos anos. Cheguei a ter a sensação de passos no corredor e uma certa ilusão de ouvir sorrisos abafados.

Fiquei sem saber o que fazer. Era o corredor, aquele misterioso corredor, que voltava a assumir a sua condição de mágica influência sobre mim, como há meses passados; transido de medo, pensei em me esgueirar pela porta da rua, mas me veio ao pensamento que alguém iria pôr a mão no meu ombro. Meio alucinado, supus até que algum desconhecido estava diante de mim.

Tomado pelo medo, comecei a me arrepender de ter vindo morar em semelhante rua, construída sobre o terreno de um cemitério; e cemitério de convento, com muitos anos de existência e onde, sucessivamente, muitas pessoas foram inumadas.

Por fim, com um esforço inesperado, procurei voltar à realidade: levantei-me e acendi a lâmpada da sala; o aroma que vinha pelo corredor era cada vez mais forte. Animado por essa decisão, quis me aproximar da abertura do corredor de onde vinha aquele perfume fantástico. Receei; havia como que um tremor no ar daquela passagem larga e comprida, que se prolongava até a sala de jantar, e não tinha contato com os quartos da casa; como se fosse um túnel.

Quando ergui os olhos da leitura, sentindo o perfume que inundava a sala inteiramente fechada, tive a impressão de ver, na abertura do corredor, uma figura esvanecida, estrangulada, que desapareceu de repente.

Vi depois, mais devagar, passar uma mão muito branca, de dedos crispados, ao longo da ombreira da abertura da passagem para a sala de jantar.

Apesar dessas visões que me freqüentavam, fui me habituando ao cheiro agradável que invadiu a sala, procurei me refazer de todas aquelas suposições e tomei uma deliberação definitiva: iria atravessar o corredor até a outra sala.

Eram aproximadamente seis e meia; todas as perturbações que sentia se amorteceram. Apesar de não compreender, de não poder explicar de onde vinha aquele perfume, me expliquei, como possibilidade longínqua, que viria da casa vizinha; de qualquer modo, fiquei um pouco tranqüilo e abatido.

Resolvi penetrar pelo corredor até o fim do mesmo.

Angustiadamente, atravessando o escuro corredor, cheguei à sala de jantar, onde também acendi a lâmpada; olhei em torno da sala, estendi a vista pela porta aberta da cozinha; não havia sinal nenhum de ter, por ali, ter andado alguém. Até então não tinha ainda percebido a Brassávola, que ali pusera na véspera, dentro de um copo cheio de água, em cima da mesa.

Aproximei-me mais da mesa e vi... vi então a pequena orquídea! Estava ali, medíocre, esbranquiçada, alvacenta, desbotada, que à simples vista era quase nada... De repente lembrei-me que ela emitia perfume às seis da tarde. Cheguei-me mais para perto.

Aproximei-me então da orquídea; tomei o copo de cima da mesa; era ela, era a orquídea, que intensamente perfumava o ambiente, àquela hora da tarde.

Era o aroma da Brassávola, que começava às seis, hora das antigas ave-marias das igrejas do Recife, que ainda hoje soam e ninguém mais ouve, ninguém mais escuta, ninguém mesmo as conta como fazendo parte do folclore; e os serviços de cultura nunca incluíram a sua música na tradição nacional.

Era o perfume da Brassávola e, ao mesmo tempo, o perfume da tarde, da luz vibrando no metal da tarde.

Perfume da luz crepuscular, se transformando em noite pura.

O caminho

Isto se passou quando eu estava trabalhando como ajudante do técnico alemão, o Dr. Von Tilling, que, na sua ocupação habitual de fazer pequenas barragens e de econômicas irrigações de várzeas, se achava então no Recife, depois de ter exercido a mesma atividade na África Oriental alemã e na China.

Trabalhávamos, naquela ocasião, no engenho Araçu, muito distante da praia de São José da Coroa Grande, onde, na casa de Dona Lulu, nos hospedamos; tínhamos já feito trabalhos semelhantes no engenho Tentugal, que era muito mais perto dessa praia e para lá nos transportávamos, fácil e rapidamente, de automóvel.

Araçu, velho engenho que ainda possuía o açude e a levada do tempo em que era engenho d'água, que possuía ainda restos da calha da roda do velho engenho banhado pelo rio Persinunga: limite entre Pernambuco e Alagoas; Araçu atingíamos todos os dias, indo de automóvel, em boa estrada, até o engenho Queimadas, do Dr. Júlio Belo, e, de lá, a cavalo, até a casa-grande do engenho para onde nos dirigíamos e que ficava a pouca distância da igreja, pois era uma igreja e não uma simples capela, uma igreja com torre e com sinos, e não com sineira, como aparece nas capelas dos antigos engenhos. Tomávamos o automóvel muito cedo, percorríamos uma boa parte da estrada que vai da praia até a cidade de Barreiros, depois entrávamos à esquerda, em estrada mais estreita, para chegarmos a um ponto onde havia uma encruzilhada de três caminhos; tomávamos um deles e chegávamos ao cercado do engenho Queimadas; ali já estavam nos esperando os cavalos que iam nos levar a Araçu.

O assunto dessa história se encontra exatamente no último dia, que, aliás, se determinou por ter sido nele que se deu o acidente de que foi vítima o Dr. Von Tilling.

O acidente que motivou o último dia de nossos afazeres em Araçu sucedeu logo depois que saímos do engenho Queimadas; íamos a cavalo, como nos dias anteriores, pelo caminho que nos levava ao trabalho. Ia eu sempre na frente, usando a montaria mais usual entre nós; Von Tilling vinha sempre atrás, montando em estilo inglês; fazia o cavalo ir a trote e acompanhava a sua marcha apoiando-se nos estribos, subindo e descendo sobre a sela.

O Dr. Von Tilling montava, como eu, um cavalo xucro, que não possuía o trote inglês adequado a esse tipo de montaria; as dificuldades aparecidas em pôr o cavalo em andadura conveniente e a sua avançada idade (Von Tilling tinha quase setenta anos) fizeram-lhe perder o equilíbrio e ser atirado ao chão; aos seus gritos, deixei de prosseguir, apeei-me e fui ao seu encontro; ajudei-o a se acomodar novamente à sela e acompanhei-o de perto até a casa-grande do engenho, onde ficou repousando e gemendo. Deu-me ordem, entretanto, para que fosse continuar no campo o nivelamento que estava fazendo; ainda bem comecei a trabalhar quando me veio um aviso para voltar a casa e novamente ouvir o que queria de mim o engenheiro Von Tilling: encontrei-o com terríveis dores e pronto para voltar ao Recife, pois havia suspeita de fratura da

clavícula. Iria num *trolley* de estrada de ferro que estava próximo a chegar; disse-me, porém, que continuasse a trabalhar até o fim do dia e voltasse a São José da Coroa Grande, de onde devia viajar, no dia seguinte, de volta ao escritório. Assim fiz. Às seis horas da tarde tomei o cavalo e dirigi-me a Queimadas, onde esperava encontrar o automóvel, como nos outros dias. Mas o automóvel, com o atrapalho que surgiu, oriundo da queda do engenheiro, não foi enviado; pensei ir a cavalo até a praia, mas, indeciso se devia levá-lo tão distante, resolvi fazer a pé o trajeto do engenho Queimadas a São José da Coroa Grande.

Juntei a marmita em que levava o almoço ao lugar de trabalho, as cadernetas de levantamento topográfico, o copo em que bebia mate, e outras coisas que desejava levar comigo; meti tudo dentro de um saco, fazendo assim um matolão que pus às costas e parti em direção à porteira do cercado do engenho.

Atravessei a porteira, e continuei a caminhar ao longo do renque de grandes bambus que limitavam o cercado, e penetrei na estrada que devia me conduzir a São José.

Caminhava devagar, segurando a ponta do saco onde levava a marmita.

Começava a escurecer. Dentro da mata que orlava a estrada por onde ia, fui pensando: quando chegarei à praia? Certamente já com a noite fechada. Caminhava. Sentia alguma coisa que me vinha do chão, alguma coisa de novo para quem voltava a pé por um caminho, por um caminho que percorrera, de manhã, sentado num automóvel. Aquele chão me fazia recordar outros chãos por onde passei caminhando a pé. Outros chãos! Terras que me revelaram muitas coisas do barro e da areia, de esforço e de cansaço. Muita coisa de suspeita e de incerteza aquele caminho me lembrava. Mas caminhava e refletia, meditava sobre estórias que já tinha lido; pensei que estava ali vivendo o que algures já tinha lido. Já tinha lido! Era a constatação de que a marcha do homem era o rodar de um fragmento de roda, a material verificação de que os pés, caminhando, descrevem no ar uma roda imaginária, com apenas visível um seu fragmento.

Eu rodava assim a minha roda, a minha marcha dentro daquele capão de mata sombria, com a aproximação da noite.

Por toda parte, no ar, havia um silêncio duro e vazio, apenas quebrado melancolicamente, de vez em quando, pela voz de um coriambo. E a noite conduzia aquele silêncio. A noite era um túnel completo, cheio de silêncio, cheio, quase extravasando. Um mutismo apagado, murcho e mutilado que tivesse sido jogado no ar

depois do canto de uma ária, como um silêncio nascendo, como uma gramínea crescendo no campo das últimas notas de um piano, das últimas notas, por exemplo, da “Marcha dos Confederados de David”, no *Carnaval* de Schumann.

Caminhando meu caminho e minha lembrança, cheguei à encruzilhada a que já aludi; não sei por quê, talvez por ali ter passado sempre de automóvel, não pude reconhecer o trajeto que por ele seguira todos os dias. Resolvi tomar agora à direita: assim avancei nessa direção para ver se acertava; notei, porém, que o chão era de areia frouxa, e de um lado e de outro surgiam grandes cajueiros, no momento já envolvidos na sombria espessura da noite; mas, na escassa luz que descia das estrelas, vi que era uma floresta dessas árvores frutíferas; via-se, através dos cajueiros que ficavam à margem da estrada, uma profundidade escura e fechada que penetrava no longe interior daquela floresta.

Caminhando... caminhando, lembrava, lembrava de outros caminhos, recordava outras marchas que fiz na areia frouxa, palmilhando ao longo de caatingas, ao longo de charnecas, ao longo de carrascais e tabuleiros, todos deixaram gravados nos meus pés uma história, que não sei bem como começa, nem como termina, e de que também já me esqueci, como esqueci os nomes dos rios que vi passar, as cobras que vi correr, as névoas que vi navegando entre colinas.

Caminhos que me fazem lembrar e esquecer, avançar e me conter, me achar e me perder, chegar e me despedir, me aproximar e me afastar, agitando a mão de adeus; caminhar, e despedir-se!

Ia naquela floresta como se percorresse o caminho em que Dante se perdeu; como se, no deserto, seguisse o passo das Caravanas; como se acompanhasse Jesus de Nazaré carregando a sua cruz para o Calvário. Ia, como se estivesse a caminho de Santiago de Compostela, caminho da Via Láctea – ou seguisse a senda de São Nicolau de Bari, como se eu mesmo fosse um peregrino, que trouxesse em mim o espírito de Germain Nouveau; ou seguisse o roteiro dos tecelões e dos mercadores da Idade Média, que vinham do Oriente, ou o roteiro dos caminhantes que vinham da China pelas longas estradas da seda, trazendo para os senhores feudais a beleza das artes chinesas. Os cajueiros, decerto, estavam já florindo, porque sentia o perfume das suas flores, que emanava da escura mata onde os galhos roçavam entre si, e um ruído propagava-se em toda a extensão da noite nela escondida e desconhecida. Procurei ajeitar melhor o meu matolão, porque começara a chover fininho; estava convencido de que ia por um caminho errado, mas insistia na mesma direção. À minha frente saltava um curiango ou

noitibó, o pássaro que somente sai à noite, e ficava à beira das estradas olhando quem passava; em vez do pássaro poderia ser um sapo, poderia ser uma paca, poderia... Poderia ser uma onça. Veio-me um calafrio. A chuva fina continuava.

Depois de algum tempo de marcha, os cajueiros desapareceram, abriu-se no céu uma noite mais clara; notei, então, que no centro dessa claridade, a mais alguns metros de distância, estava uma porteira, uma cancela feita de paus rústicos, como se usava nos cercados, nos velhos engenhos de antigamente.

O aparecimento daquela porteira me surpreendeu, uma vez que nunca a tinha visto antes; dela me aproximei e observei a estrada mais além: estava toda coberta de água e cortava-a um manguezal; era água de maré crescente; era impossível prosseguir; não sabia eu, do lugar onde estava, a altura daquela água, pelo que afastei o meu primeiro pensamento de tirar o sapato; era possível que em algum ponto mais afastado da estrada não houvesse vau.

Recuei alguns passos e ainda me demorei olhando a noite que agora aparecia, depois da noite dos cajueiros, como a noite da maré, a noite da lama, a noite dos mangues.

O pensamento que me veio era a volta imediata; mas se o caminho já foi caminhado, recoberto por meus passos, rodado pela minha roda! Voltar! Recompôr, reconstruir o caminho para poder passar; talvez até que, assim fazendo, ele se reconstrua, se recupere de outro modo, agora com a noite mais densa. Nessa minha volta fui notando como um caminho se desfazia, eu que o tinha construído na vinda estava assistindo como, pouco a pouco, se ia emaranhando sob meus pés; por toda parte se abriam valetas quase intransponíveis, ou surgiam, por toda parte, ervas daninhas, moitas de urtigas e de espinhos, por onde era difícil pisar. Tive a impressão de que o primeiro caminho tinha morrido. O trato da areia frouxa por onde viera desaparecera, se enchera de mato, se alargara de mar. Se apagara. Morrera. Os cajueiros agitados por fortes ventanias espalhavam sobre o morto caminho suas folhas secas.

O sol, que descera no horizonte, era como se tivesse se extinguido para sempre, e tudo de agora em diante seria noite e caminho. Ia pensando em outras veredas, dentro daquela noite eterna, outras sendas que me prenderiam pelos pés, agarrando-me com areias ou gramas secas; que me prendiam, que não me deixavam seguir como se na sua atitude houvesse uma voz, um chamado da terra. E em mim sobrevinha uma vontade de dormir. Mas neste por onde eu seguia havia coisas mais estranhas, era como se o espaço ali estivesse agora invertido e o tempo o acompanhasse nessa descida. Parecia-me que

tudo se modificara, a areia que eu vinha pisando não era a mesma, dos cajueiros me chegava um murmúrio surdo de qualquer segredo mantido por alguém que vinha, sem que eu soubesse, me acompanhando. Não tinha outro meio: era continuar e voltar, continuar e descer. Lembrei-me de outros caminhos, em outros países, trilhados não somente por mim, mas onde me sentia acompanhado, ou apenas tendo sido um viajante posterior a outras passagens. Outros caminhos, outras paisagens. Nesse em que ia, tudo se modificara, tudo tinha se transformado, não somente o campo em que pisava, como a paisagem, reproduziam os que já foram vistos e vividos.

Bruscamente, o chão começou a se mover, valas se abriram e todo o dorso do caminho ondulava encachoeirado; me sentia deslizando nas águas de um solo incerto, tinha receio de cair, mas ia acompanhando, com a vista, as margens da trilha por onde viera; vereda, chão que se desfazia, e agora não mais me conduzia, antes me perseguia; não havia mais cajueiros nas suas margens, e, assim, sucessivas paisagens se iam reproduzindo: partidos de canas, charnecas, carrascais, viveiros, manguezais; mas a noite era a mesma e o caminho era o mesmo. Com o subir e descer do seu lombo dava a impressão, não tanto de um rio, e sim de um fragmento de mar, de um refluxo de maré cheia como o que se via da porteira de onde tinha voltado.

Com aquele resvalar, às vezes rápido, às vezes preguiçoso, o curso d'água em que se transformou o caminho ia aos poucos ondulando, oscilando.

Subitamente o caminho que era rio, fragmento de mar, pedaços de ondas, evoluindo numa paisagem irreal, se transformara numa ladeira que subia, me arrastando, e voltava a ser planície, para novamente ser ladeira, descendo.

Além disso, em vez de areia frouxa, se fez rocha dura e, nesse caminho de pedra, uma água também, escorregadia, toda aquela trilha se tornara um descaminho. Por fim, consegui chegar à encruzilhada dos três caminhos ou de todos os caminhos; os que eu tinha já visto e trilhado e os que outros também seguiram; consegui livrar-me daquele misterioso descaminho e cheguei à estrada que vinha da cidade de Barreiros em direção do mar; tudo agora era firme e seguro, definido e imutável, justo e concluído. Cheguei à estrada que me levou, já tarde da noite, à casa em que eu e o meu chefe Von Tilling nos hospedamos, na praia de São José da Coroa Grande.

A pesca de lagostim

A noite estava escura, com nuvens pesadas ameaçando chuva, nuvens densas não deixando ver as estrelas, e um vento pequeno soprava; esse ambiente tempestuoso e fusco anunciava a possibilidade de uma boa pesca de lagostim. Por isso resolvemos fazê-la. Estávamos, para isso, preparados na praia; dispostos a partir numa jangada, em demanda de uns recifes de pedras, distantes, no mar àquela hora em maré vazante.

Ótimo! A maré baixa facilitaria descobrir nas pedras as melhores locas desse apreciado crustáceo. Equipados com os utensílios indispensáveis à pescaria – os cestos, as iscas, as forquilhas, os feixes de folhas secas de bananeira que acenderíamos e com eles ofuscaríamos os lagostins –, com tudo isso, ficamos aguardando a vinda da jangada. Éramos quatro: eu e mais três amigos, dois dos quais nunca tinham participado de semelhante proeza.

A maré continuava a descer. Estávamos já impacientes com a espera, um pouco longa; por fim a jangada, com a sua doce pancada, o seu choque uniforme na água levemente intranquã, chegou bem perto da praia. Entramos n'água e alcançamos aqueles paus flutuantes, que nos levariam aos recifes distantes e, a essa hora, já quase inteiramente descobertos; nos aconchegamos, o melhor que pudemos, no seu dorso, e logo depois o jangadeiro deu sinal de partida.

Atravessamos aquele mar macio, manso, de água parada, contida pelos recifes. Íamos alegres, satisfeitos, esperançosos no bom êxito da nossa atuação como pescadores de lagostim. Era mais uma experiência que realizávamos como pescadores improvisados. De longe ainda avistávamos a praia, e as luzes das casas iam, aos poucos, se envolvendo na bruma que cobria, àquela hora – quase dez horas da noite –, o povoado de onde partimos. Por fim, tudo do lado da terra desaparecera. Daquele lado, tudo eram sombras tempestuosas. Navegamos por pouco tempo e chegamos afinal aos recifes. Era um conjunto de pedras eriçadas, surgindo, naquele momento, das águas da maré baixa, e que fica, quase sempre, inteiramente coberto nas marés altas.

Chegamos, derivamos um pouco à procura de um bom lugar para saltarmos sobre as pedras; não foi muito fácil encontrá-lo, no entanto conseguimos desembarcar, e, numa pedra das mais salientes, o jangadeiro amarrou a jangada. Do lado do mar aberto vinham, no sopro de um vento forte, alguns golpes de ressaca.

Sáimos depois os cinco, pois o jangadeiro ia conosco – pescador experimentado que era nos ajudaria naquela pesca. Sáimos a caminhar sobre os recifes, pisando com

precaução para não escorregar nas pedras lisas, úmidas e musgosas. Percorremos, nos afastando do ponto em que desembarcamos, uma grande distância, até que deparamos com um lugar onde, por certo, existiam boas locas de lagostim. Acendemos os feixes de folhas secas de bananeira; empunhamos o archote, iluminando a região, dirigindo-o para as locas, agora visíveis, dos lagostins, que iam aos poucos saindo dos seus esconderijos, que eram muitos.

Atraídos pela luz cegante das tochas, os crustáceos ficavam fascinados e se deixavam facilmente apanhar. Usamos então as forquilhas sobre o dorso de cada um, prendendo-os, um após outro, sem grande dificuldade. Presos nas forquilhas os jogávamos depois dentro dos cestos. Cada um de nós se ocupava de uma loca, fazendo descer a isca na ponta de um pau, como chamariz; fazendo saírem da toca os mais recalcitrantes.

Estávamos tão empenhados naquela distração e tão embevecidos com o sucesso da pescaria que não tínhamos o sentimento de que tudo aquilo devia se passar em poucos momentos, pois era certo que aquelas pedras, dentro de pouco tempo, estariam cobertas totalmente pelas águas. Daqueles recifes não mais se veria daí a pouco uma ponta de pedra aflorante.

Estávamos dominados realmente por uma verdadeira fascinação, uma espécie de atração que nos provocava aquele exercício de pescar. Era uma obsessão permanente aquela de querer desvendar e prender os pequenos seres que apareciam à luz dos fochos acesos. Os lagostins se deslumbravam e nós ficávamos enlevados em vê-los evoluir dentro da noite das águas; noite dentro da noite tempestuosa e que se converteria muito em breve no mais escuro e rumoroso aguaceiro.

Pescávamos e nada mais víamos ou pressentíamos, como se toda aquela festa pudesse se prolongar até alta madrugada. Pescamos, de qualquer modo, ainda por algum tempo, e estávamos já com os nossos cestos repletos de crustáceos, mas eram tantos e tão fáceis de apanhar que continuávamos sem o menor receio do surgimento de qualquer imprevisto. De repente, porém, alguém lembrou que a maré tinha virado. Precisávamos bater em retirada quanto antes; precisávamos voltar com urgência ao ponto onde desembarcamos da jangada; foi uma surpresa, e como que um despertar. Com toda a pressa, começamos a juntar os cestos e todos os outros utensílios usados na pesca, e logo procuramos chegar, o mais breve possível, ao local onde tínhamos deixado amarrada a jangada. Estávamos bastante longe do local. Devíamos caminhar depressa e com maior precaução do que tivemos antes, pois as águas agora cobriam grande parte

das pedras, e era difícil manter o equilíbrio sobre elas, dado o jogo de ondas da maré crescente. Conosco, voltava também o jangadeiro, que conhecia bem o local onde tínhamos desembarcado. Saímos como que de um sonho, para, aos poucos, entrarmos num verdadeiro pesadelo. A marcha de volta, que sobre os recifes fazíamos, se realizava com dificuldade crescente. Carregados com os apetrechos da pesca, sobretudo o cesto com os lagostins, enfrentávamos uma situação muito diferente daquela em que nos encontramos em nossa vinda: as pedras, mais do que pensávamos, estavam quase todas levemente cobertas pelas águas da maré. Algumas pontas, entretanto, ainda afloravam; em muitos lugares caminhávamos com os pés já mergulhados e o perigo de escorregar era mais freqüente.

Prosseguimos, apesar de tudo, com rapidez, e, quando escorregávamos, tínhamos o cuidado de nos amparar nas pedras mais altas e agudas. As águas do mar, cada vez mais fortes, espadavam, fazendo mesmo pequenas ressacas, que molhavam a todos nós; íamos, cautelosamente, sobre as pedras alagadas, mantendo acesos os fochos de folhas de bananeira; restavam, porém, poucos luzeiros desse tipo e, se não alcançássemos em tempo o ponto onde deixamos a jangada, teríamos que ficar no escuro, e enfrentar as trevas daquela noite fechada; de vez em quando, atirávamos na água uma tocha quase inteiramente consumida; acendíamos outra e, aos poucos, chegamos ao ponto onde devíamos ter amarrado a jangada. Digo devíamos ter porque, no referido local, a situação das pedras, com o crescimento da maré, modificou-se por completo; e a ausência da embarcação em que viéramos nos dava uma incerteza se era realmente aquele o lugar do nosso desembarque.

Havia dúvida a respeito do local, até que o jangadeiro reconheceu a pedra onde amarrara a jangada, constatando realmente que a mesma se tinha desprendido e devia estar à deriva, perdida na escuridão da noite. O jangadeiro pensava em lançar sobre as pedras o tauaçu, mas depois achou que ele não daria uma ancoragem suficiente, e desistira. Aqueles paus flutuantes estariam, agora, à deriva no mar; mas em que direção? A que distância das pedras do recife? Não se podia saber. Talvez estivesse na direção da praia, talvez se afastando mar adentro. Estávamos perplexos e confusos. E agora, como voltar ao povoado de onde viéramos? Um certo nervosismo se apoderou de nós todos. Ficamos ainda comentando o que tinha acontecido e esquecemos por um momento que a maré subia. A maré subia! De cada vez que a onda vinha, atingia as pedras ainda descobertas num ponto mais alto. De repente, tivemos que fazer as nossas confissões.

Soube então que dois dos que estavam comigo não sabiam nadar; numa atitude nervosa, quase alucinados, eles estavam prevendo um fim desesperado: se a maré, crescendo, chegasse a cobrir totalmente as pedras e, sobre estas, as águas atingissem, como de habitual, a altura de um metro, decerto morreríamos afogados.

Eu e o meu amigo, que sabíamos nadar, ficamos também dominados por uma angústia terrível, que era pensar como íamos deixar ali, sobre as pedras, os dois que não sabiam nadar; e pensar de que maneira poderíamos vencer a nado a distância, agora mais longa, e num mar muito agitado; distância dos recifes até a praia.

E a maré subia! Subia! Ouvíamos a onda bater cada vez mais alto nas pedras, cada vez mais avançava e se arrastava de volta, em curvas caprichosas. A maré subia! Os fachos que ainda nos iluminavam iam, pouco a pouco, acabando. A luz não dava para distinguir cinco metros de noite sobre o mar, e, na área, nada se via que pudesse ser uma jangada. Certamente ela estava bastante afastada dos recifes.

Foi então que o jangadeiro tomou uma resolução: atirar-se à água e procurar a jangada. Não devia estar muito longe, dizia ele. E assim fez; lançou-se na água e começou a nadar; logo perdemo-lo de vista, penetrou na noite escura, marítima. Perguntamos aos berros:

– Jangadeiro! Algum sinal da jangada?

Ouvíamos, vindo da distância escura, a sua resposta:

– Nenhum! A escuridão não me deixa distinguir coisa alguma!

A aflição entre nós prosseguia, ou melhor, subia, como subia a maré, no mesmo compasso da maré, com a mesma ondulação, as mesmas súbitas pancadas. Os amigos que não sabiam nadar começaram a chorar, desolados, perdidos na ausência de tomarem uma decisão.

Depois de algum tempo, todos os fachos quase queimados, ficamos à espera de qualquer sinal do jangadeiro; por fim, vimo-lo aproximar-se, nadando, para o local onde estávamos; chegava cansado e desanimado.

– Então? – dissemos todos. Já com a água no meio da canela, respondeu:

– Nada! Está muito escuro, é impossível ver dois metros adiante.

Tomei então a deliberação seguinte: disse-lhe que voltasse a nadar em torno daquele ponto onde estávamos, mas agora levaria um facho na mão, um dos que ainda restavam, para melhor iluminar aquelas águas escuras.

E ele voltou a investigar a densa escuridão, agora erguendo numa das mãos um luzeiro; nadando somente com os pés e o braço livre, avançou mar adentro; em breve

saiu daquela treva espessa, tornou-se apenas um ponto luminoso que, de repente, desaparecera. Ficamos aflitos. Cada vez mais os que não sabiam nadar não davam pausa ao seu desespero, choravam, gemiam, arrancavam os cabelos. E a maré subia! Subia! Subia; as águas do mar subiam, e os fochos de luz morriam. De repente, ouvimos um grito distante:

– Achei a jangada!

Foi um alívio. Aos lábios de todos voltou um sorriso de alegria, houve um desafogo, até os que choravam criaram novo ânimo, convictos de que o seu terrível dilema tinha cessado. Mas logo, para destruir toda esperança, veio outro grito:

– Não! Não é; é um tronco boiando.

De novo, e agora mais profunda, a decepção; um desânimo total apoderou-se de todos nós; naquele momento, pensamos e decidimos morrer todos. Nunca deixaríamos ali, abandonados, os que estavam fadados a perder a vida sob as águas de maré cheia; tínhamos determinado. Faríamos, entretanto, o máximo que pudéssemos. Tentaríamos levá-los, os dois em nossas costas, até a praia, enfrentando aquele mar já encapelado pela crescente ameaça de próximos aguaceiros, procurando vencer a nado a distância até a praia; lutando contra as águas da maré cheia e os açoites do vento cada vez mais constantes e violentos.

As nuvens se espessavam, se escureciam cada vez mais; ameaçava chover dentro em breve. O jangadeiro não dava mais sinal de vida, os feixes de folhas secas de bananeira tinham-se esgotado; e a maré subia, subia sempre. A água cobria agora todas as pedras; estávamos com os pés inteiramente dentro d'água, e em muitos lugares também as pernas mergulhadas mais de um palmo. O equilíbrio sobre as pedras tornava-se cada vez mais difícil. Sobre elas, as águas passavam com um movimento vivo e oscilante, numa dança de avanços e recuos, de giros e rodopios, confirmando que a maré continuava subindo.

Já estávamos preparados, na escuridão, para lançarmo-nos ao mar e nadarmos, levando os nossos companheiros em direção à praia, quando uma voz longínqua, quase apagada, falou da noite do mar, como uma revelação misteriosa; como uma voz vinda do além, uma voz distante, vinda do outro lado do mundo, vinda da morte de alguém.

E a voz dizia, ao mesmo tempo que a água subia:

– Achei a jangada! Achei a jangada!

Parecia a voz do jangadeiro, ou a voz de além-túmulo. Estacamos, paramos, a escutar, não acreditando na realidade daquela voz, que parecia uma ressonância, dentro

de nós mesmos, da outra que já tínhamos ouvido, pronunciando as mesmas palavras; ou como o canto ilusório de uma sereia:

– Achei a jangada!

Era de fato a jangada que se aproximava: ouvíamos ainda distante, dentro do clamor das ondas, o seu resvalar sobre a superfície do mar. Com um grito de júbilo, todos nós o esperamos no escuro, uma vez que não havia mais um facho para acender: o que o jangadeiro levava consigo tinha se apagado.

Tirei a minha camisa, que estava ainda seca; enrolei-a em torno de um pau que ainda restava, tirei fósforos e com dificuldade consegui inflamá-la, aliás quase depois de gastar todos os fósforos; empenhei-me vivamente nesse trabalho, único meio de indicarmos onde nós estávamos. O pano afinal pegou fogo e se tornou o último archote; dirigida por essa luz, a jangada encontrada chegou enfim até nós; à sua aproximação, atiramo-nos os quatro de braços sobre os seus paus flutuantes.

Abandonamos tudo: os cestos com lagostins e todos os aparelhos de pesca; o jangadeiro, sem mais nada, impeliu a jangada em direção à praia, com a maré já alta.

O céu continuava enfarruscado. De súbito, sobre nós, começou a cair uma chuva intensa e pesada: uma chuva cantante, completa, amargurada.

Variações sobre uma vida

No princípio, contra ele sempre aparecia a sombra de uma nuvem; toda vez que ele abria a janela e olhava para fora, aquela sombra estava à sua espera, e ficava ali defronte, como que a querer dizer alguma coisa, a lhe contar a revelação de um segredo que somente ela possuía e a ele é que devia comunicar; a presença daquela sombra o torturava; de onde teria vindo aquela nuvem acompanhada da sua sombra, o que desejava saber dele aquela sombra sempre a vigiá-lo, tornando-se uma presença importuna e desagradável? Uma presença que a vida lhe amargurava e que só lhe trazia infelicidade e desgosto! Retirava-se, fechava a janela.

Era a sombra de uma nuvem, menos mesmo que uma nuvem que estava constantemente à sua espera, do outro lado da rua e que, com uma inexplicável insistência, o impedia de olhar o céu, de olhar mesmo outras nuvens.

Era a sombra de uma nuvem, um fragmento de noite que ficava durante o dia a persegui-lo, um fragmento de noite, de uma daquelas noites em que vivia perdido nos

bairros longínquos das cidades onde em seu tempo de moço se divertia; era um fragmento de sombra noturna.

Quando ele saía, na rua, a sombra o acompanhava; e os objetos que ele desejava, ou esperava que lhe viessem às mãos, vinham, mas fugiam sentindo próxima a sombra escura; esta, por sua vez, também sumia de repente, andava por outros lugares; sentia então um alívio, pensava que da nuvem enfim estava livre; prosseguia, feliz, o seu passeio pelas ruas da cidade, supondo que não mais a veria; e, subitamente, lá estava a nuvem de novo, na esquina de uma rua, e mais sombria ainda.

Assim se passaram os dias; às vezes ia para o interior do estado; às vezes viajava para lugares mais longes e, quando julgava estar livre, observava que a nuvem teimava em persegui-lo; no hotel, no jardim, nas praças da cidade por onde passava em viagem, lá estava, a cobrir a sua cabeça, a sombra da nuvem; não sabia dizer como a nuvem poderia saber da sua ausência, como conseguia encontrá-lo e reconhecê-lo.

No princípio foi uma sombra de nuvem, depois foi uma luz, luz fria, gelada, que batia na sua cabeça e penetrava no seu pensamento; vinha de longe, através da janela, ao amanhecer, e feria a sua testa quando estava ainda adormecido; aquilo lhe parecia um aviso; aquela luz lembrava-lhe uma sonda que penetrava no seu cérebro, numa especulação angustiada e dolorida...

Aquela luz despertava, na sua lembrança, idéias vagas, imprecisas, imperfeitas, indeterminadas; era a luz de uma estrela longínqua que se refratava no vidro da janela; era a luz, talvez, de um fósforo riscado no escuro por mão invisível.

De estrela ou fósforo, a luz procurava penetrar na sua consciência, a descobrir algum sinal que lá estivesse e que ele próprio não sabia em que consistia; procurava a lembrança de qualquer ato que ele tivesse praticado e, do qual, não mais se lembrasse. A luz, como a nuvem que o deixara em paz, também o perseguia; vinha, penetrava no seu cérebro; e para onde ele ia, ia com a luz no interior da sua cabeça, talvez mesmo do seu espírito, medindo os seus pensamentos e, às vezes, esses próprios pensamentos corrigindo. Certos momentos perdia a memória pela influência da luz no seu cérebro e, às vezes, era ao contrário, tudo quanto pensava tinha uma acuidade maravilhosa, uma clareza espontânea e perfeita.

A presença da luz dava-lhe dor de cabeça; uma espécie de enxaqueca, provocando-lhe tonteiras que a princípio pensava ser qualquer perturbação no labirinto, mas, consultando um médico, este o convenceu de que os seus ouvidos estavam sãos.

Viveu assim vários meses dominado por essa luz, que possuía qualquer coisa de magia e de real, qualquer efeito que se fizesse uma obsessão, que o tivesse possuído, apanhado; pois essa luz, como a sombra da nuvem, era uma espécie de enfermidade que de súbito o afetou como se fosse uma gripe ou, pior, uma tuberculose; uma doença curável com apenas um esconjuro; como sucedeu com a nuvem, que desapareceu, depois que, na praia, tomou por muito tempo um banho de sol.

E agora, como iria ele se livrar da luz? Passar quantos dias na escuridão? E que escuridão? Se perguntava e refletia: “Se me curei da sombra usando a luz, poderia me livrar da luz usando uma sombra?” Aqui se lembrou da sombra da nuvem; era preferível sofrer a presença da nuvem do que a ação dolorida da luz; ficou perplexo, esperando. Lembrou-se novamente de consultar um médico, mas de que especialidade? Não acreditava que houvesse uma especialidade médica para essa moléstia, se era mesmo uma moléstia. Quando não era a sombra ou a luz, era a voz; uma voz lívida, partida, voz que vibrava dentro dele, repentinamente. Às vezes, andando pela cidade, gostava de olhar as vitrinas das casas de comércio e, inesperadamente, ouvia a voz interior que o estrangulava; ficava sufocado, sem saber de onde vinha aquele som incerto que lhe apertava a garganta, sufocando-o, em lugar tão impróprio e tão à luz do dia; supunha que estava localizado nas cordas vocais, na sua laringe, ou aninhado no seu ouvido; uma voz, como a sombra e como a luz, agora o seguia, o impossibilitava de andar, de falar; prendia-o.

A voz ora era aguda, penetrante, como se ferisse a garganta, e, ferindo-a, fosse também uma ferida; voz, punhal, ferimento, causa da dor e dor ela mesma; ora era grave, mole, lânguida, perdida em qualquer parte do corpo ou do pescoço, sem posição certa; ora quase sem tom, nem som, agia em qualquer parte.

O que mais o afligia, entretanto, eram os intervalos, os momentos de tranqüila e normal consciência de que nada o perturbava, e logo imprevistamente surgia aquele som sem timbre, sem razão, incompreensível; uma voz que ao mesmo tempo tagarelava, possuía várias tonalidades, trepidava.

Às vezes ele meditava assim: “Por que sucedem esses fatos comigo? Por que essa invasão odienta contra mim, para que serve o ódio? Nós estamos aqui, neste mundo, de passagem; pode ser que tenhamos vindo do nada ou da eternidade, isto é, no espaço onde estivemos antes de nascer nada exista ou tudo exista para sempre; entre o nada e a eternidade não há transição ou passagem; entre o que nada existe e a existência total o que existe é uma seqüência de nada, uma travessia consciente, homo-existente.

Essa voz que me persegue, o que será dessa consciência? A sua verdade? A sua abstração? Que parte dela revela esse monólogo sonoro que me atormenta? Monólogo ou diálogo (se é diálogo) é uma conversa, através de mim, entre dois mundos – o anterior e o posterior a nós? E Deus, que parte tem nessa entonação que extrapola de mim mesmo para o Antes e o Depois? A vida é um não ser perene? Isso pode ser uma prova de um não ser divino?”

Essa meditativa especulação ainda mais o confundia porque lhe dava margem a divagações incertas e inexatas, fazia-o penetrar em minúcias sobre as sonoridades daquela voz; chegava assim a uma fonologia *sui generis*, que até então poucas pessoas teriam sentido ou alcançado: uma fonologia que especulava sobre a qualidade e a intensidade da voz, desde o soprano ligeiro ao baixo profundo; essa gama da voz humana que era pura, e não aquela perturbadora e ofensiva, uma vez que era sempre imprevista e até, às vezes, raiando o campo dos ruídos tenebrosos e doentios. Chegou a consultar um foniatra, que nada pôde fazer por ele, uma vez que a voz apenas o visitava, não era sua; chegou a consultar numa escola de linguagem um quimógrafo, mas, do mesmo modo por que as indicações oferecidas pelo instrumento não tinham um sentido certo, apareciam mais confusas do que se se tratasse de ruídos; os diagramas daquela voz, ou vozes, eram mais loucos do que os dos mais absurdos ruídos: eram explosivos e implosivos como os dos rumores vertiginosos de uma catástrofe.

Por fim passou um certo tempo mais aliviado, passou um certo tempo mais tranqüilo, quando novamente lhe surgiu, de maneira inexprimível, uma sensação de um vento perfumado, mas, de perfume, só de vez em quando, pois que um pequeno vento lhe trazia, muitas vezes, um cheiro fétido; pensou, de antemão, que era um fenômeno passageiro, não ligou muita importância, já que esses perfumes e maus cheiros são freqüentes por toda parte, são como expressões de bom ou mau agouro; com o andar dos tempos compreendeu que havia uma ordem no seu aparecimento; sentia-se agora ofendido por um cheiro, que poderia ser perfumado ou malcheiroso; chegou mesmo a observar que havia várias gradações desse cheiro; havia perfumes que, a princípio, eram agradáveis ao olfato e logo depois provocavam uma repulsa pelo acentuado tom que às vezes atingiam.

Esse cheiro lhe veio de repente, ao passar junto de um cano de esgoto ou de uma sarjeta, não se lembrava muito bem. Achou natural aquele mau cheiro, numa cidade em confusão, cheia de buracos, onde as ruas não mais eram lavadas; notou também que esse mau cheiro lhe veio confundido com um forte perfume que trazia uma senhora que

passava na ocasião pelo local. Daí a confusão entre os cheiros, o mau e o perfumado. O que o surpreendeu, porém, foi, ao chegar a casa, os dois, confusamente, não o abandonavam; começou, uma vez que desde o primeiro dia havia uma ordem no seu aparecimento, começou, disse, a desconfiar ser esta mais uma forma da moléstia de que fora acometido, como as outras três, de que, felizmente, já se livrara; neste caso seria uma enfermidade de que deveria estar atacada toda a população, uma espécie de epidemia, permanente e insolúvel; uma verdadeira peste de mau cheiro, embora com certos efeitos perfumados.

Da perturbação que antes dessa o dominou, provocada por uma voz violenta e extravagante, salvou-o, sem que ele esperasse, um sonho; um sonho em que ele, dormindo, se sentiu estrangulado por duas grandes mãos, duas mãos poderosas, como as de um carrasco. Ao acordar, impressionado, contrariado, lembrou-se daquela voz que lhe afogava freqüentemente a garganta; desde esse sonho sentiu-se inteiramente sarado da doença que a voz lhe dera.

Por fim, passou um certo tempo quase aliviado dessas perturbações doentias, estava por fim se sentindo bem, chegou a supor que dessa vez não mais lhe viria qualquer constrangimento, já estava idoso e convicto de que todos esses imprevistos que lhe sucederam lhe vinham de uma alucinação que, com a idade, foi aos poucos se desfazendo. Estava convencido de que esses acontecimentos eram simples moléstias para as quais o remédio era sempre inesperado e de natureza a mais exótica que se possa pensar.

Estava assim tranqüilo.

Passaram-se vários anos. Já estava convencido de que tinha sarado daquela alucinação que por tanto tempo o atormentava. Estava idoso, mas recuperado, sentindo-se bem no corpo e na alma, fazia projetos ousados, participava das distrações em países distantes e em viagens penosas; na própria cidade onde morava tinha um programa de visitas aos amigos e conhecidos que o deixava esfalfado antes da noite.

Passaram-se vários anos e, para ele, se encontrava completamente sanado daquela neurose, quando, uma vez, depois de passar a noite numa boate localizada em rua escura e estreita, sentiu, inesperadamente, um pouco de vento vibrar sobre a sua cabeça; fazia-lhe mal, dava-lhe um desgosto, uma angústia, julgou ser mesmo um vento, àquela hora da noite, através da rua estreita, um vento encanado, que lhe fazia doer todos os membros. Caminhou serenamente, alcançou um táxi, regressou a casa; entrou, foi para o seu quarto de dormir, notou, porém, que o vento não cessava; dentro do seu

quarto todo fechado continuava a soprar um vento encanado como sucedia na rua onde se achava a boate; disso lhe veio a pensar nos outros acontecimentos congêneres que tanto o molestaram passados já tantos anos; o vento batia, soprava nos seus ouvidos, num batimento apressado repetido que o entontecia.

Não pôde dormir, sentiu no ouvido o sopro do vento como se o seu crânio fosse uma bola que alguém invisível quisesse encher de ar e depois arremessá-la para cima, jogá-la no teto e apará-la embaixo novamente.

Também pensou que aquele sopro fazia parte de uma atmosfera que se criara ali dentro, atmosfera trazida por ele da rua escura e enoitecida, da rua estreita onde se achava a boate que ele tinha freqüentado e atraído sobre si aquele vento exótico e noturno.

Agora, tarde da noite, estava convencido de que a sua doença, a sua neurose, voltara, depois de tantos anos. Que fazer? Como iria proceder para se libertar da doença? Depois de tanto tempo perdera a experiência em procurar meios e motivos que fossem capazes de corrigir o seu mal.

Há seis dias que o vento assobiava no seu ouvido como o mistral assobia no sul da França, como, nos pampas do Rio Grande, assobia o minuano: como essa ventania pudera, tão forte e violenta, se esconder num beco quase sem saída, que era onde estava a boate?

Isso era uma impertinência; parecia-lhe impossível ficar de novo bom e saudável; certamente desse acesso não escaparia; aquele ar ventoso tirara-lhe a audição, lhe apagara a memória; com pessoa alguma podia mais conversar; sentia-se só, desolado e só, quase morto.

Pôde, no entanto, fazendo grande esforço, sair de casa e ir para pedir conselhos a um amigo; este em nada pôde lhe ajudar; voltou para casa transido de frio, quase certo de que iria morrer dentro de poucos dias.

Recolheu-se a casa e não mais saiu; com o tempo, o vento que soprava no seu ouvido começou a amainar; sentiu uma leve esperança, um ligeiro alívio, adormecia mais ou menos tranqüilo; sentia-se quase como dopado; dormia de uma maneira cansada, dando a impressão de que caminhava léguas em vez de dormir. Esse cansaço fez parar o vento, mas prostrou-o no leito de maneira fatal e última; deitado e fatigado, deitado e doído, não mais se levantaria.

Foi quando começou a sentir, no corpo, várias dores: obtusas e agudas, lentas e instantâneas; um conjunto de dores invadiu o seu corpo; ele percebeu naquele conjunto

como que uma orquestração de grandes e pequenas dores; cada uma tinha um fundo dolorido e sonoro, seguia uma escala dolorosa: umas eram dores constantes e espalhadas por todo o corpo, e iam, aos poucos, diminuindo; havia as pequenas dores superficiais, às vezes uma só, isoladamente, atuava fria e funda num lugar e fazia repercutir em outro ponto do corpo; algumas propriamente não doíam, apenas pesavam; umas que raspavam nas costelas, outras que mordiam nos seus músculos, outras que escorriam no seu sangue; umas eram como se apertassem, como se partissem ou fizessem furos muito finos.

Era uma afluência de dores; todo o seu corpo se transformou em dores puras, sutis, devorantes; foram, aos poucos, comendo-o.

Até que um dia, um amigo, visitando-o, nada mais viu do seu corpo e da sua alma; nele somente existiam dores e foram ainda essas dores levadas com ele ao cemitério.

Foi difícil ao médico dar o atestado de óbito, pois o doente morrera asfíxiado, sufocado, afogado num mar de dores, e morreu antes mesmo que elas terminassem. Como um náufrago morrera, como um náufrago em torno de quem as águas ondulam, e que, mesmo depois de morto, as águas do mar, navegando, continuam.

Em busca do Marco das Balanças

A ordem daquela noite era partir na manhã do dia seguinte, com a rede no arção da sela, em busca do Marco das Balanças. Por que das Balanças? E por que sair com rede no arção da sela? Para dormir aonde chegasse ao anoitecer? Não compreendi até hoje.

Na manhã do dia seguinte, equipado de acordo com as instruções da véspera, eu e Neco – pois nessa altura já trabalhava sob proteção de um guarda-costas – partimos, não sabíamos muito bem a que destino, mas partimos. Por uma intuição que me veio – nada sabendo ao certo – deliberei que tomássemos a orientação da pequena colina, ao norte, onde foi construído um forte, há muitos anos, creio que na guerra contra os holandeses, e onde se viam ainda, lançados no chão, alguns canhões antigos.

Íamos assim, como D. Quixote e Sancho Pança; eu, magro e alto, e Neco, homem baixo, atarracado e forte, que usava chapéu de couro e alpercatas, roupa branca, de algodãozinho, e curtas a blusa e as calças; íamos assim, à procura, não de moinhos de

vento, nem em defesa de donzelas perseguidas, nem a salvar vidas ofendidas, mas à procura de um marco que se chamava das Balanças.

Que equilíbrio se arranjará entre os pratos dessa balança? Diziam Balanças porque o marco era por si mesmo oscilante, indicando direções diversas? Se assim era, talvez fosse designação exata, uma vez que, naquelas terras, os marcos eram muito inseguros, oscilavam de acordo com a vontade dos grileiros.

Marco das Balanças! Balanças que vibravam como instrumentos musicais e os seus sons repercutiam ao longo de laranjeiras e cajueiros. Marco talvez aquele que ficou perdido num atoleiro e nunca mais se soube dele – misteriosamente afundado num tremedal que corre além do aldeamento de São Francisco.

Que relação haveria entre esse marco, há tanto tempo perdido, e este outro do qual íamos à procura e nos foi indicado como pertencendo à primeira demarcação das terras devolutas do estado onde moravam os caboclos de São Francisco?

Como não houve outra indicação do que aquela de um marco muito antigo num tremedal, era para lá que nos dirigíamos como D. Quixote e Sancho Pança, ao longo dos caminhos. Chegamos primeiramente ao sítio de Seu Gregório, onde comemos tapioca e chupamos laranjas e continuamos na mesma orientação seguinte, tão imprecisa e tão incerta como era incerta e imprecisa a existência de um Marco das Balanças.

Esse lodaçal do qual íamos à procura, onde estaria um marco que se perdera definitivamente, era um local muito vagamente indicado, como ficando por trás de grandes moitas de espinheiros selvagens, um lugar do qual nunca se dava uma posição certa, e, sim, sempre envolto em aventuras e ilusões. Com todas as coisas veladas que surgiam quando se falava nesse tremedal, estava sempre presente a alusão a um marco misterioso que se teria perdido por efeitos de magia. Era desse misterioso marco que provinha a designação Marco das Balanças? A única relação que havia entre os dois era que ambos estavam atolados no tremedal; em épocas diversas, certamente. Que história poderia ligá-los não se conhece, história que talvez explicasse a designação estranha daquele de que estávamos à procura.

Devia haver, no povoado da Baía, ou de Mataracá, ou mesmo no aldeamento de São Francisco, alguém bastante velho, mas ainda guardando a recordação da primeira demarcação, que poderia desfazer toda a injunção e para quem tudo era fácil de explicar.

Não seria melhor procurar esse alguém, informante eficaz e prestimoso, que tudo podia elucidar, antes de começarmos a busca súbita e sem razão que, por ordem

superior, encetamos essa manhã? Que resultado poderíamos obter de tão insensata procura?

Enfim, já tínhamos atravessado vários tabuleiros, seguindo à toa por aquelas regiões de vegetação rala, mas bem próximos, sentíamos, de uma outra mais densa, mais difícil de penetrar, que contornava, talvez, o tremedal misterioso. Chegamos, inesperadamente, à margem de um capão de mato, já meio destruído, vendo-se dele apenas algumas árvores, uma delas, porventura uma oiticica, ficava à beira da estrada deserta, que sua sombra totalmente cobria; pela posição da sombra era mais de meio-dia, uma hora da tarde, talvez.

Resolvemos parar e desmontamos, eu e Neco, dos nossos cavalos e nos sentamos à sombra da árvore como se tivesse chegado o nosso almoço, cujo aparecimento era bastante problemático porque ninguém sabia por onde andávamos, e não poderíamos recebê-lo nem da Baía, nem do aldeamento dos caboclos; teríamos sido encantados pelo Marco das Balanças; encantados, perdidos ou abandonados; esperávamos, pelo menos esperávamos os nossos ajudantes, que vinham a pé em nosso encalço, e que iam demorar; no entanto, depois de curta espera, ei-los que aparecem numa curva do caminho, conduzindo o teodolito, as balizas e as foices; aproximaram-se de nós, debaixo da sombra da árvore e sentaram-se muito fatigados.

Perguntei-lhes sobre o que traziam para almoçar, mostraram-me os seus pequenos sacos, cheios de farinha seca, conjuntamente com alguns voadores e pequenos pedaços de carne do Ceará; concordaram em dividir conosco todo aquele lauto almoço.

Neco arranjou os meios para preparar a comida de modo aceitável: colocou no meio da estrada deserta, coberta de sombra, três pedras; entre elas fez um fogo. De um galho de mato preparou um espeto, e, estendido no chão, foi assando um por um, seguros pelo espeto, os voadores e os pedaços de carne do Ceará.

Depois de tudo assado na brasa ou no fogo, em folhas de papel como pratos, Neco procedeu à distribuição daquele parco almoço.

Depois de nos alimentar, ali, em contato com os trabalhadores tentei obter deles quaisquer informações sobre uma possível verdade, ou mesmo uma lenda que envolvesse a aliança entre o marco mágico e o das Balanças, mas foi em vão, ninguém ali tinha a menor noção de qualquer desses dois marcos. Um deles chegou, entretanto, a aludir a um outro que ele teria visto atolado na lama, mas não se lembrava mais em que lugar.

O Marco das Balanças, como o outro, o que faz parte de uma lenda que também ninguém conhece, estariam ambos envolvidos em velhas lendas de marcos perdidos em matagais encharcados, em regiões alagadas, pantanosas, mais difíceis de penetrar do que na lama dos mangues, esta sendo, de qualquer modo, mais acessível, nela sendo possível apanhar caranguejos.

Eram lendas, certamente muito remotas, ligando a vida de um proprietário de terra e grileiro em contato com os seus vizinhos, uma verdadeira luta com ladrões de terras, que, na impossibilidade de volver de outro modo, um deles atirou um dos marcos num pântano, para que não fosse mais possível encontrá-lo, assim ficando para sempre indecisa a linha limítrofe das propriedades; e por que Balanças? Balanças. Talvez tenha sido apenas a Balança em que se teriam pesado as virtudes e a honestidade do grileiro, que ficou vivo quando o seu inimigo foi encontrado morto no pantanal, abraçado ao marco ali atirado; era ainda história romântica, uma história do tempo em que se pesavam as suas virtudes com uma balança e a sua verdade se garantia com um fio da barba.

Uma outra história poderia ser também relativamente admitida, história inventada por algum contador de histórias, como naquela época existia na Baía e outras localidades: uma lenda também poderia ter sido forjada por algum pajé ou mágico dos aldeamentos caboclos, tendo assim a sua origem na tradição indígena. Esta versão talvez seja a mais razoável, pois ainda ali se notava a influência índia em certos nomes de pássaros e de peixes, como aparecem nas emboladas cantadas em dias de festa.

Fui, de repente, surpreendido, despertado, pela voz de Neco, que me chamou a atenção: já estava entardecendo.

– Seu doutor, o sol está descambando.

Realmente, já eram mais de duas horas da tarde. Duas horas da tarde: a luz daquela hora já anunciava tudo, anunciava o ar, anunciava os caminhos; era hora de voltar se quiséssemos chegar antes do jantar. Era a hora de voltar; era bom voltar. Mas, pensei, que direi eu na volta, eu que não consegui encontrar o Marco das Balanças, não consegui, mesmo, desvendar o seu mistério, não sabia bem que magia me tomava, me confundia.

Duas horas! Duas e meia da tarde!

O jeito era mesmo regressar... Comuniquei aos trabalhadores que podiam voltar à Baía, não era mais possível, naquele dia, pensar em encontrar o marco que nos foi indicado. Duas e meia, três horas da tarde!

A luz já estava branda, macia, dourada, como é costume estar a luz às três horas da tarde, no Nordeste; voltamos pelo mesmo caminho, tornamos a comer tapiocas e a chupar laranjas no sítio de Seu Gregório, e, pela mesma estrada por onde viemos, voltávamos com destino à Baía da Traição.

Eu vinha na frente como um D. Quixote, e atrás de mim vinha Neco, o meu guarda-costas: vinha aboiando; um aboio triste, naquela tarde já se desmanchando num belo crepúsculo, por detrás do alto cemitério de São Miguel. Neco cantava e eu sonhava com o Marco das Balanças; naquele momento, para mim, esse marco misterioso era Julieta, a morena que tinha sempre nos olhos um pouco de noite e de chuva, um pouco de sombra e de saudade... Julieta, que passava o dia namorando, debruçada na janela de uma casa no Zumbi, terra que foi o país onde nasci, na Estrada Nova de Caxangá, ocupação a que tinha direito por ser muito bonita.

O Marco das Balanças era Julieta, que não sabia bem a quem escolher e em dúvida ficava, porque todos a queriam; e por isso deixou perdida na várzea do Capibaribe, até aquele dia, a luz do seu olhar, o símbolo do seu sorriso, a doçura de sua voz...

Julieta... a de olhos molhados de chuva noturna, a de voz dolorida de aguaceiros n'água parada de um pântano perdido que eu mesmo não sabia onde estava, naquele dia... naquele dia:

Julieta era o Marco das Balanças!

Ou era Ester?

A que pela primeira vez vi sorrindo num trem que partia para Jaboatão; quando a vi trazia um vestido carmesim, com uma blusa de rendas brancas cobertas por um bolero da mesma cor do vestido.

Ester, que vi naquele trem, na manhã dos meus quatorze anos e que recordava ali, naquele instante do meu dia de vinte e dois anos. Ester: o Marco das Balanças: a graça do seu sorriso, a harmonia do seu corpo àquela hora já desfeita ou já deformada pela angústia do tempo que não pára.

Ester estudava para professora: era normalista e todo dia viajava naquele trem de uma hora e vinte minutos, sempre acompanhada por uma colega, sua amiga e certamente sua vizinha. Ester tinha qualquer coisa em si ligada a um mistério, pois tinha, além de mim, muitos outros admiradores: o meu amigo Antenor, o meu colega Oliveira e ainda um outro que chegou a se apaixonar e a ela se declarou, não sendo aceito. Com os seus encantos femininos, ela era objeto, assunto de histórias e

comentários dos passageiros do trem, que lhe atribuíam um namorado de pouco merecimento para ela.

Tinha oscilações assim na sua vida, tinha consigo qualquer coisa de desconhecido como as balanças do marco que não encontrei.

Talvez esse marco oculto e velado não fosse nem Ester, nem Julieta, era talvez Tereza. Tereza, a que tinha deixado no Recife, onde era a minha amante, que àquela hora me esperava em vão nas noites de brincadeira na feira do Bacurau, onde com ela comia sarapatel e bebia cerveja; Tereza, a que tinha o corpo macio, mulher de vida airada, professora de amor, a que tinha o corpo como um pêndulo, marcando as horas da noite na Pensão Bohemia. Tereza era a mulher que àquela hora me esperava em vão como esperei encontrar, descobrir, o Marco das Balanças. Tereza media as horas da noite como o pêndulo de um relógio, como os pratos de uma balança.

Tereza está, apesar de tudo, à minha espera, à minha procura e é possível que acabe me encontrando, que acabe desvendando o meu esconderijo, descobrindo a minha verdade: no dia em que eu voltar de um regresso mais longo.

Agora chego a pensar; para Tereza, se tivesse conhecido as ilusões em torno desses marcos, tudo se inverteria.

– Para ela sou eu mesmo o Marco das Balanças!

Vamos chegando à vila, a vila onde não se come carne, somente se tem como comida o peixe fresco quando as jangadas saem em dias de sol; ou nos dias de chuvas, na impossibilidade de pescarias, comia-se bagre com azeite fabricado com as frutas do batiputá.

Entramos na vila da Baía da Traição, chegamos à porta de casa, justamente à hora do jantar, que era de peixe fresco; logo o nosso jantar não seria mais de voadores ressequidos, seria talvez de peixe cozido, recém-pescado: um galo-do-alto recém-trazido do alto-mar por uma jangada recém-chegada, uma jangada, das últimas que entraram na tarde da Baía.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)